



COLECCIÓN IBEROAMERICANA
DE HISTORIA DE ENFERMERÍA

A LMA CARRASCO

História de vida de Enfermeiras Brasileiras

contribuição para o desenvolvimento da enfermagem

*Anayde Corrêa de Carvalho
Teda de Alencar Barreira*

Lygia Paim

Malva Perereira Caldas

Weide Maria Freire Ferraz

Vilma de Carvalho



História de vida de Enfermeiras Brasileiras

contribuição para o desenvolvimento da enfermagem

Organizadores

Antônio José Almeida Filho

Maria Angélica de Almeida Peres

Regina Garcia Lima

Eliete Maria Silva

Maria Ligia dos Reis Bellaguarda

Sônia Maria Alves

Regina Maria dos Santos



Associação Brasileira de Enfermagem

Brasília
2016

H6739

História de vida de enfermeiras brasileiras: contribuição para o desenvolvimento da enfermagem[livro eletrônico] / Antonio José de Almeida Filho...[et all], (Orgs). – Brasília : ABEn, 2016.
182 p. Coleção Iberoamericana de História da la Enfermería Alma Carrasco – Brasil, il.

ePub

Associação Brasileira de Enfermagem. Departamento Científico de História/ Red Iberoamericana de História da la Enfermería.

Inclui ilustrações, fotografias e referências
ISBN 978-85-87582-57-7

1. Enfermagem - Brasil. 2. Enfermagem - História. I. Título. I- Antônio José Almeida Filho. II- Maria Angélica de Almeida Peres. III- Regina Garcia Lima. IV- Eliete Maria Silva. V- Maria Lígia dos Reis Bellaguarda. VI- Sônia Maria Alves. VII- Regina Maria dos Santos

CDD 610.7309

COMO CITAR:

Almeida Filho AJ, Peres MAA, Lima RG, et al. História de vida de enfermeiras brasileiras: contribuição para o desenvolvimento da enfermagem. Brasília: ABEn; 2016. 182 p. Coleção Iberoamericana de História da la Enfermería Alma Carrasco. <https://doi.org/10.51234/aben.22.e14>

Autores

Ana Rosete Camargo Rodrigues Maia

Enfermeira. Doutora em Enfermagem Filosofia Saúde e Sociedade. Docente Associada Departamento de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Pesquisadora do Grupo de Estudos História e Conhecimento Enfermagem e Saúde- GEHCES/PEN/UFSC. Membro Efetivo Departamento de História ABEn - Nacional.

Antonio José de Almeida Filho

Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Associado da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Líder do Grupo de Pesquisa Trajetória do cuidado de enfermagem nos espaços especializados. Coordenador do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem.

Angela Aparecida Peters Rodrigues

Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Membro do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Membro do Grupo de Pesquisa Trajetória do cuidado de enfermagem nos espaços especializados.

Camila Pureza Guimarães da Silva

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Ministério da Saúde. Membro da 21ª Diretoria do Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Membro do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

Cleide Maria Pontes

Enfermeira. Doutora em Nutrição. Professora Titular do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem/CEPEen da Associação Brasileira de Enfermagem-PE.

Eliete Maria Silva

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Livre Docente. Professora Associada na Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas. Membro da Associação Brasileira de Enfermagem.

Fabiola Lisboa da Silveira Fortes

Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Salgado de Oliveira de Juiz de Fora/Minas Gerais. Membro do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Membro do Grupo de Pesquisa Trajetória do cuidado de enfermagem nos espaços especializados.

Fátima Maria da Silva Abrão

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) de Pernambuco (Gestão) 2007-2010. Tesoureira e Representante no Departamento de História ABEn-Nacional, 2010-2013. Representante da ABEn-Nacional na CNAIDS/MS, 2013-2015. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UPE/UEPB. Membro NUPHEBRÁS/EEAN/UFRJ.

Francisca Márcia Pereira Linhares

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenadora do Curso de Enfermagem/CCS/UFPE.

Gertrudes Teixeira Lopes

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Livre Docente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Enfermagem. Coordenadora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Álcool e Drogas (GEPAD/UERJ/UNISUAM); Membro do Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS/EEAN/UFRJ). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Letramento e Cidadania do Centro Universitário Augusto Motta. Diretora de Educação da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio de Janeiro. Membro da Câmara Técnica de Educação e Pesquisa do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro.

Gizele da Conceição Soares Martins

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Professora Auxiliar do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé Professor Aloísio Teixeira. Membro do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Membro do Grupo de Pesquisa Trajetória do cuidado de enfermagem nos espaços especializados.

Ieda de Alencar Barreira

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular aposentada do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro Fundador do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Sanitarista do Ministério da Saúde do Brasil. Supervisora e consultora de programas de controle da Tuberculose. Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (1976-1980). Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq).

Lais de Miranda Crispim Costa

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente da Escola de Enfermagem e Farmácia (ESENFAR) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do Grupo de Pesquisa D. Isabel Macintyre (GEDIM). Primeira tesoureira da Associação Brasileira de Enfermagem Seção Alagoas gestão 2013-2016. Membro do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

Margarete Bernardo Tavares da Silva

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociência e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Professora da Escola de Ciência da Saúde da Universidade do Grande Rio (Unigranrio). Membro suplente da Coordenação do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

Maria Angélica de Almeida Peres

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Membro da 21ª Diretoria do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Coordenadora Acadêmica do Centro de Documentação da EEAN/UFRJ. Membro do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

Maria Cristina Sanna

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Pesquisadora independente. Orientadora credenciada no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo. Professora afiliada da Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Administração em Saúde e Gerenciamento de Enfermagem (GEPAG) da UNIFESP.

Maria da Penha Carlos de Sá

Enfermeira. Mestre em Nutrição. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestrado em Nutrição/UFPE. Coordenadora do Curso de Bacharelado em Enfermagem/UFPE, (2008-2012). Chefe da Divisão de Enfermagem do Hospital das Clínicas UFPE/EBSERH e Presidente da ABEN-PE (2013-2016).

Maria Itayra Padilha

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente Associado Departamento de Enfermagem/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (DE/PEN/UFSC). Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq). Líder Grupo de Estudos em História Conhecimento de Enfermagem e Saúde – GEHCES/PEN/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Maria Ligia dos Reis Bella guarda

Enfermeira Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente do Centro Universitário Estácio de Sá. Membro do Grupo de Estudos em História Conhecimento de Enfermagem e Saúde – GEHCES/PEN/UFSC. Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem-Seção Santa Catarina (Gestão 2013-2016).

Mariana Vieira Vilarinho

Enfermeira Doutora em Filosofia da Enfermagem. Enfermeira do Trabalho da Secretaria de Estado da Administração/SC. Membro do Grupo de Estudos em História Conhecimento de Enfermagem e Saúde – GEHCES/PEN/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Mariangela Aparecida Gonçalves Figueiredo

Enfermeira. Doutora em História da Enfermagem Brasileira. Enfermeira do Hospital Universitário da UFJF. Professora e Coordenadora do Curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde SUPREMA/JF/MG. Membro do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS). Membro do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

Miriam Susskind Borenstein

Enfermeira Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Pesquisadora do CNPq. Santa Catarina, Brasil. Vice-líder Grupo de Estudos em História Conhecimento de Enfermagem e Saúde – GEHCES/PEN/UFSC

Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Professor Adjunto Mestre I da Escola de Ciência da Saúde da Universidade do Grande Rio (Unigranrio). Membro efetivo do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Membro do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

Raquel Josefina de Oliveira Lima

Enfermeira. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Administração em Saúde e Gerenciamento de Enfermagem (GEPAG) da UNIFESP. Professora Assistente I, Coordenadora do Núcleo Clínico de Enfermagem e do Curso Técnico de Enfermagem (PRONATEC) da Universidade Cruzeiro do Sul.

Regina Aparecida Garcia de Lima

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Titular do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo/Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem. Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq). Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem- CEPEn da Associação Brasileira de Enfermagem- ABEn Nacional (Gestão 2013-2016).

Suely de Souza Baptista

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular aposentada do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro Fundador do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras).

Tânia Cristina Franco Santos

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Fundamental/Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro-Fundador do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira. Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio de Janeiro (Gestão 2013-2016). Líder do Grupo de Pesquisa “História da Enfermagem nas Instituições Brasileira do Século XX”. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Vânia Pinheiro Ramos

Enfermeira. Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. Professora Titular do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Vice-Diretora do CCS/UFPE.

Prefácio

Uma história, uma profissão e vidas de luta!

Este livro, publicado pela Associação Brasileira de Enfermagem em parceria com a Rede Iberoamericana de História em Enfermagem, relata de forma emocionante as biografias de seis personalidades da enfermagem brasileira: Anayde Corrêa, Ieda Barreira, Lygia Paim, Nalva Pereira, Neide Ferraz e Vilma de Carvalho, enfermeiras que teceram, com seus corações e mentes, vidas vividas e vidas por viver, atuando como protagonistas no cenário da saúde no Brasil.

Anayde, nascida em 1916, e as demais participantes desta obra, que nasceram na década de trinta, contam em seus depoimentos a própria História da Enfermagem brasileira. A biografia de cada uma dessas destacadas personalidades representa a geração de profissionais de enfermagem que viveu as transformações da sociedade e da saúde em nosso país durante todo o século vinte.

As narrativas sobre as suas origens familiares, as tradições e o estímulo para a vocação, juntamente com a vida de estudantes nos internatos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, da Escola de Enfermagem Anna Nery no Rio de Janeiro e da Escola de Enfermagem do Recife, compõem um enredo fascinante.

A história de cada personalidade foi bem captada pelos autores das respectivas biografias, os quais, com zelo e perspicácia, conseguiram garimpar aspectos profissionais e pessoais que, da forma vibrante como aqui são lembrados, chegam a emocionar o leitor. Os pesquisadores souberam apurar das entrevistas a essência do que significou para essas profissionais “ser e fazer enfermagem”, ao mesmo tempo em que foram transformando realidades da saúde da população e da constituição do conhecimento e da formação em enfermagem no Brasil.

Todas as enfermeiras retratadas nesta obra expressaram preocupação com o registro histórico e a visibilidade da enfermagem, sempre articuladas com a organização profissional e comprometidas com as escolas e instituições de saúde, além de programas e projetos em que atuaram, contribuindo para construí-los.

Ao assinalar a passagem de seus 98 anos de idade, Anayde brinda a enfermagem brasileira de forma magnânima, com seu contributo na produção de conteúdo histórico numa entrevista que enriquece a obra com momentos grandiosos da enfermagem no estado de São Paulo, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e da Associação Brasileira de Enfermagem.

A impressionante trajetória profissional de Ieda de Alencar Barreira nos conduz a uma viagem pela história do Brasil, com recortes sobre as políticas de saúde e a atenção à saúde

pública durante o século XX, enfatizando a importância da Escola de Enfermagem Anna Nery na sua formação e vida profissional como enfermeira, docente e pesquisadora na área de história. Celebramos sua atuação na Associação Brasileira de Enfermagem denotando o que é “Ser ABEn” e ter contribuído na edificação da enfermagem brasileira.

A biografia de Lygia Paim mostra a trajetória de uma mulher que, juntamente com outras de sua geração, foi capaz de pensar a enfermagem e contribuir decisivamente para o desenvolvimento da profissão na área da formação e da pesquisa em enfermagem. Neste livro, é evidenciada por sua atuação de vanguarda e vínculo com grupos de pesquisa de diferentes instituições por todo o país.

A professora emérita Nalva Pereira Caldas é enfermeira reconhecida pela dedicação em sua intensa vida profissional e pelo comprometimento nos cargos assumidos em várias instituições de saúde, além de sua preocupação com a formação em enfermagem e qualidade da assistência prestada às pessoas. Sua contribuição à enfermagem do estado do Rio de Janeiro se complementa como docente da Universidade do Rio de Janeiro e pela atuação na Associação Brasileira de Enfermagem e no Conselho Regional de Enfermagem.

Neide Maria Freire Ferraz, pioneira que bravamente contribuiu com o desenvolvimento da enfermagem na Região Nordeste, é mais uma biografada que ilumina a História da Enfermagem brasileira ao ilustrar de forma tocante suas realizações e sua confiança na importância da enfermagem para a população. Como sócia honorária da ABEn, professora Neide é merecedora dos nossos agradecimentos por muitos motivos, mormente porque continua a contribuir com a reflexão de valores para o exercício profissional, os quais transcendem a própria escolha pela profissão num processo de inserção significativa na sociedade.

E por fim, a estimulante história da professora emérita Vilma de Carvalho, enfermeira que reflete sobre a prática de cuidar em toda a sua obra, na qual idealiza a enfermagem como um esforço para a felicidade do outro, na atenção às suas necessidades. Sua contínua produção científica condiz com a sua sabedoria e generosidade por continuar participando dos espaços de debate sobre a saúde e enfermagem, e ao defender o papel social do enfermeiro na responsabilidade pelo cuidar de pessoas.

É um livro de beleza ímpar que registra para a posteridade o feito de tão importantes personalidades da enfermagem. Seus autores foram muito felizes na forma como relatam cada contribuição e episódio com palavras e frases tão harmônicas e delicadamente colocadas. São profissionais de projeção nacional e cujas expertises e vivências deram a estas páginas cores, sons e emoções que traduziram os sentimentos que essas mulheres – enfermeiras, filhas, mães e avós – trazem na memória.

A leitura deste livro é um deleite e se aplica tanto a docentes como a estudantes das escolas de enfermagem, para alimentar os debates, a produção científica, a divulgação do conhecimento e a formação fundamentada sobre a história de enfermagem. Um livro que não deixará apagar a chama do entusiasmo pela profissão!

Agradecemos às ilustres senhoras enfermeiras pelas narrativas e, de modo extensivo, a todos aqueles que trabalharam na sua organização e na redação da obra, “abenistas” que trazem à luz tão relevantes histórias pessoais e profissionais para dar visibilidade aos pilares que conformam a enfermagem brasileira atual.

Angela Maria Alvarez

Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem

Sumário

Introdução | **15**

Capítulo 1 | **19**

Anayde Corrêa de Carvalho

Capítulo 2 | **35**

Teda de Alencar Barreira

Capítulo 3 | **75**

Luzia Paiva

Capítulo 4 | **97**

Malva Perereira Caldas

Capítulo 5 | **115**

Neide Maria Freire Ferraz

Capítulo 6 | **143**

Vilva de Carvalho

Posfácio | **167**

Introdução

Antonio José de Almeida Filho
Maria Angélica de Almeida Peres

Do ponto de vista histórico, a Enfermagem é uma área de conhecimento em crescente desenvolvimento nacional e internacional, em virtude da abrangência e interdisciplinaridade dos estudos históricos a ela inerentes. Assim, discorrer sobre suas origens permite um passeio por diferentes abordagens históricas e por todas as especialidades que constituem as Ciências da Saúde.

Este livro recorreu a biografias de notáveis enfermeiras, escolhidas por suas distintas contribuições ao desenvolvimento profissional no Brasil, para historicizar a enfermagem brasileira em diferentes aspectos que compõem as trajetórias de vidas dessas mulheres.

A História da Enfermagem evidencia a participação destacada de enfermeiras nos movimentos científicos, sociais e políticos da profissão e suas trajetórias de vida tornam-se fontes esclarecedoras de aspectos que influenciaram o desenvolvimento da enfermagem.

Estudos biográficos usam o particular para auxiliar na compreensão de dimensões mais amplas no que se refere ao desenvolvimento de ideias, práticas e papéis culturais ou políticos de uma área. Tais padrões tornam-se vivíveis tanto pelo exemplo quanto pelas exceções, importando-nos tanto aqueles que os seguiram em suas vidas quanto aqueles que os transgrediram⁽¹⁾.

A biografia nos aproxima e nos faz descobrir a vida das pessoas que interagiram e modificaram o entorno em que viveram. Por outro lado, não podemos esquecer que, “em seu ofício, o biógrafo seleciona, esconde ou evidencia, colocando sua subjetividade e, portanto [...], jamais chegará à verdade de uma vida”⁽¹⁾. Isso quer dizer que, ao elaborarmos biografia, não temos a pretensão de atingir a verdade absoluta sobre a vida de uma personalidade, uma vez que, sob a perspectiva da História Nova, isso não seria possível. Acresce-se que há de se considerar ainda a representação de verdades de versões que se aproximam e se distanciam, ou não, da verdade absoluta^(2,3).

A relação da profissão de enfermagem com a sociedade traz em si conceitos estabelecidos durante a trajetória histórica da enfermagem, a qual foi influenciada pelas características das pessoas que, durante séculos, exerceram o cuidado. Atualmente, sabe-se que a história individual, a partir da relação que cada pessoa estabelece em sua época, contribui para a construção de versões de verdade que funcionam como um elo entre o presente e o passado dos grupos⁽⁴⁾.

A enfermagem, enquanto prática social, exerce influência no campo da saúde, com ênfase na ação coletiva e individual de personalidades que ocupam posições estratégicas, em dado momento ou situação. As condições determinadas pela organização econômica da sociedade e pelo poder político não eliminam a força de algumas personalidades nem a imprevisibilidade das opções individuais. Cabe-nos, no entanto, reconhecer que há figuras que se destacaram por sua atuação, tornando-se “marcos referenciais” e, nessa condição, merecem registro de suas Histórias de Vida⁽⁵⁾.

As produções biográficas têm como objeto de estudo o indivíduo em sua singularidade. Nesse aspecto, é possível, a partir da trajetória de vida de diferentes pessoas, produzir um notável conjunto de informações que permite conhecer a profissão em seu processo constitutivo, singular e coletivo.

Este livro de biografias de enfermeiras brasileiras é uma das produções sobre personalidades da História da Enfermagem Latino-Americana, que integra a coleção Iberoamericana de História da Enfermagem “Alma Carrasco”. A proposta foi discutida na reunião da Rede Iberoamericana de História da Enfermagem (RIHE), realizada em 10 de setembro de 2013, na cidade de Montevidéo, Uruguai, por ocasião da 12ª Conferência de Educação em Enfermagem, promovida pela Associação Latino-Americana de Escolas e Faculdades de Enfermagem (ALADEFE). A reunião contou com a participação de representantes do Brasil, Argentina, México e Uruguai, todos favoráveis à criação da referida coleção.

A Coleção Iberoamericana tem como objetivos: revelar, por meio da divulgação das trajetórias de vida de enfermeiras, o desenvolvimento do cuidado de enfermagem em cada local, região e país; reconhecer o trabalho de enfermeiras de cada país integrante da RIHE; difundir, para a comunidade de enfermagem mundial, o trabalho das enfermeiras a partir do seu cotidiano; e gerar bases teórico-metodológicas para fomentar futuras investigações.

Entre as metas aprovadas pelos presentes na reunião da Rede, consta a elaboração de um livro sobre a história de vida de seis enfermeiras de cada país. No Brasil, a responsabilidade pela organização da obra ficou a cargo do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (DHE-ABEn).

A proposta de elaboração do referido Livro Biográfico foi apresentada pelo coordenador do DHE-ABEn, Antonio José de Almeida Filho, durante as reuniões de Diretoria da ABEn e do Conselho Nacional da ABEn (CONABEn), realizadas de 12 a 15 de fevereiro de 2014. Na ocasião, formou-se uma comissão, composta pelos enfermeiros Antonio José de Almeida Filho, Regina Garcia Lima, Eliete Maria Silva, Maria Ligia dos Reis Bellaguarda (ABEn - SC), Sônia Alves (ABEn - RJ), Regina Maria dos Santos (ABEn - AL), para elaborar e propor os critérios para eleger as personagens da enfermagem brasileira a serem biografadas nesta primeira obra. Sendo assim, os critérios apresentados e aprovados sem nenhum voto contrário foram:

1. Estar em atividade e contribuindo com a ABEn;
2. Ter integrado Diretorias da ABEn de 1926 - 1986 – Anterior ao Movimento Participação (1º Número);
3. Ser reconhecida nacionalmente por seu trabalho na Enfermagem;
4. Contribuição em prol do engrandecimento da ABEn e da Enfermagem Brasileira;
5. Concordar e colaborar com a publicação de sua biografia.

Com base nesses critérios, as biografias que integram este livro são das seguintes enfermeiras: Anayde Corrêa de Carvalho, Ieda de Alencar Barreira, Lygia Paim, Nalva Pereira Caldas, Neide Maria Freire Ferraz e Vilma de Carvalho.

O processo para seleção dessas personalidades é resultado de uma ampla reflexão e discussão democrática no âmbito da ABEn, em virtude do reconhecido trabalho de inúmeras enfermeiras, de diferentes regiões do país, na construção e desenvolvimento da enfermagem brasileira no âmbito da prática assistencial, docente, da pesquisa e político-representativa.

Sendo a biografia um método de pesquisa histórico, o DHE-ABEn, que congrega lideranças da pesquisa em História de Enfermagem, considerou a importância da realizar entrevistas com as personalidades e optou por convidar pesquisadores que moravam em locais próximos à residência atual das personagens biografadas para formar uma equipe de autores/ colaboradores. O convite aos pesquisadores responsáveis pela composição de cada equipe teve como critérios ter nomeação na estrutura administrativa do DHE-ABEn ou ser Diretora de Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem (CEPEn) de alguma Seção da ABEn.

Os grupos trabalharam com plena liberdade para a construção das biografias, notando-se que a maioria realizou entrevistas com as personalidades, o que em muito enriqueceu os textos produzidos, nos trazendo interpretações contemporâneas sobre as Histórias de Vida. Observa-se também que um grupo teve, no elenco de autoras, a interpretação da própria biografada, como será observado no texto “Ieda de Alencar Barreira: memória e história de uma carreira bem sucedida”, apresentado na primeira pessoa do singular, que traz a valiosa narrativa da personalidade em questão.

Dessa forma, esta obra biográfica nos confere a oportunidade de ratificar o que outros autores já evidenciaram sobre o reconhecimento da importância das Histórias de Vida para a História da Enfermagem.

Referências

1. Figueiroa SFM. A propósito dos estudos biográficos na História das Ciências e Tecnologias. Revista de História e Estudos Culturais [Internet]. 2007 [cited 2015 Jul 30];4(3):13-5. Available from: <http://www.revistafenix.pro.br/vol12Silvia.php>
2. Burke P. A Escrita da História: novas perspectivas, Lopes M, tradutor. São Paulo: Unesp;1992.
3. Le Goff J. "História". In: História e memória. São Paulo: Editora da Unicamp; 2003.
4. Padilha MICS et al. História da Enfermagem: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade. Texto Contexto Enferm. 2005;14(1):96-105.
5. Barreira IA. A reconfiguração da prática da enfermagem brasileira em meados do século XX. Texto Contexto Enferm [Internet] 2005 Dez[cited 2015 Aug 05];14(4):480-87. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a03v14n4.pdf>



Capítulo 1

Anayde Corrêa de Carvalho

Raquel Josefina de Oliveira Lima
Regina Aparecida Garcia de Lima
Maria Cristina Sanna

Considerações Iniciais

Esta pesquisa tem como objeto a biografia de Anayde Corrêa de Carvalho, enfermeira diplomada na quarta turma da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Intenciona-se resgatar fatos históricos da vida pessoal e profissional, bem como suas contribuições para o desenvolvimento da profissão.

Trata-se de pesquisa de cunho histórico-social cujo caminho metodológico orienta-se para as descrições dos fatos e fenômenos pertinentes à vida dessa personagem da História da Enfermagem Brasileira. Utilizou-se, como fonte primária, dados biográficos coletados em entrevista realizada com a personalidade em questão. As fontes secundárias foram constituídas por artigos de periódicos sobre a História da Enfermagem e história de vida da biografada. Realizou-se a análise dos dados por meio de leitura e apreciação crítica dos textos, o que permitiu a ordenação cronológica e temática do conteúdo levantado, de forma a atender ao objetivo do estudo.

Dados pessoais, formação pré-profissional e profissional

Nascida em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, Brasil, no dia 20 de julho de 1916, Anayde Corrêa de Carvalho é de descendência alemã e a terceira de sete filhos de Pedro Corrêa de Carvalho e Elza Morandini de Carvalho. Passou a sua infância com seus irmãos Augusta, Mariana, Amália (que a influenciou na decisão de estudar enfermagem), Manoel Francisco, Maria e Pedro, na fazenda dos pais⁽¹⁾.

A história da formação na vida de Anayde está vinculada aos valores familiares. Segundo seu relato, havia grande preocupação de seus pais com a formação dos filhos, tanto que, por um período, esteve matriculada em um colégio interno.

A coisa mais importante pra ele [pai] era a educação dos filhos; então, você sabe que nós fomos internos em colégio durante um certo período. Ele era muito preocupado com isso [formação], com o estudo e tudo. Nós nos formamos para professora no Santa Úrsula... nós ficamos fazendo estágios aqui em Ribeirão [Preto]⁽²⁾.

Pesquisa relata que a formação inicial de Anayde se deu no antigo sistema de educação e que, após a conclusão dos estudos fundamentais, cursou o ensino normal, formando-se professora de nível primário, função que exerceu por algum tempo^(1,3); contudo, destaca-se que a atividade foi realizada ainda no período de formação, como estágio, na função de auxiliar.

Formamos e continuamos com os estágios, para completar a formatura; então, nós fizemos estágio nos grupos escolares, não como professor, não! Era como ajudante, era como auxiliar⁽²⁾.

Após a conclusão do ensino normal, Anayde dedicou-se à família, assumindo o cuidado de sobrinhos.

[...] nós tínhamos perdido a nossa irmã que tinha deixado três filhos - a maior tinha sete anos e a menor, que era minha afilhada, eu estava cuidando dela, tinha onze meses, mas aí ela morreu também e, quando aconteceu isso, ela tinha uns três anos...⁽²⁾.

Assim, o contato com a vida universitária ocorreu mais tarde, por intermédio de sua irmã Amália (apelido Maíca),

A Maíca que era um pouquinho independente demais em matéria de casa, mas a mamãe era uma pessoa muito rígida; então, ela achou melhor sair de casa, porque assim ela levava a vida dela. Então, ela foi para São Paulo e lá fez o curso de Biblioteconomia. Quando ela estava fazendo o curso de Biblioteconomia, ela encontrou uma amiga nossa, no verão, a Ophélia Ribeiro, que falou sobre a Escola de Enfermagem de São Paulo. Ela disse: você sabe que tem uma escola ótima aqui que apareceu agora, que é a Escola de Enfermagem? É formidável! Eu estou lá e estou gostando demais da escola. Você não quer ir lá ver? E a Maíca foi e conversou com a Dona Edith. Ela já estava com dois meses de atraso na Escola, mas a Dona Edith a recebeu mesmo assim como aluna⁽²⁾.

Assim, Amália, que era mais jovem, iniciou o curso de enfermagem e, quando retornava para a casa de seus pais para visitar a família, contava sobre o curso e como estava gostando dele, o que influenciou a decisão de Anayde de também se matricular. É importante ressaltar ainda que, naquela época, havia apoio formal do governo estadual para professoras que queriam estudar enfermagem^(4-p.72).

E aí que ela foi..., falava que o curso era muito bom... dizia que aprendia isso, aprendia aquilo! aprende não sei o quê; então, eu fui também e gostei. Fui também um pouquinho atrasada, mais fiz o curso lá!⁽²⁾.

Assim, em 1946, aos 30 anos, teve início a sua formação universitária na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que foi concluída em 1949.

[...] eu entrei em 1946 e ela [Amália - Maíca] se formou em 1946. Então, eu entrei no começo e ela se formou no fim do ano e, assim que ela se formou, ela foi convidada para lecionar; então, ela era a professora e eu a aluna⁽²⁾.

É possível observar que a enfermagem ocorreu na vida de Anayde por influência familiar:

Imagina que eu ia pensar em enfermagem?! É bobagem! Eu entrei na Enfermagem por pura ocasião!... Como a Maíca gostava muito de estudo e sempre estudou muito, ela falou: vem para cá Anayde, estuda Anatomia, Fisiologia, estuda muito, sempre pelo ponto de vista de estudo, de estudo! Eu fui atrás também disso porque a Maíca falou: o curso é muito bom, você aprende um monte de coisa. Eu também fui atrás disso...⁽²⁾.



Fotografia 1. Anayde Corrêa de Carvalho, ao tempo em que iniciou sua carreira como enfermeira.

Fonte: Arquivo pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho. Fotografia desconhecido. Foto gentilmente disponibilizada dos arquivos da Prof. Dra. Taka Oguisso. Publicado em *Cultura de los Cuidados* (Edición digital)17, 37. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.7184/cuid.2013.37.04>

Com o tempo, o gosto pela profissão foi influenciado por exemplos de profissionais com os quais passou a conviver no curso:

Eu gostava da enfermagem. Você gostar de uma coisa depende muito das pessoas com quem você conversa; por exemplo, a Dona Edith, pra mim, foi um exemplo! Se não fosse a Dona Edith, talvez eu tivesse até saído da escola, porque ela era uma entusiasta da Enfermagem, entusiasta também pelo feminino, porque ela era feminista; a mulher, ela defendia de todo jeito. Fomos nos enfronhando nisso e acabamos gostando e trabalhando e seguindo os passos. O exemplo é muito importante, você trabalhar com uma pessoa entusiasmada...⁽²⁾.

Vida acadêmica

A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo foi criada por meio do Decreto Estadual n. 13.040, de 31 de outubro de 1942, e teve como sua primeira Diretora Edith de Magalhães Fraenkel⁽⁵⁾. As alunas ficavam como internas nos alojamentos disponíveis na escola:

[...] morava na escola. A escola dava residência e era uma coisa muito boa porque você já tinha tudo à mão. Eu levantava e já estava lá. Tínhamos que deitar às dez horas, dez horas a escola fechava, porque dez horas tinha que dormir todo mundo, porque a Dona Edith disse que tinha oito horas de serviço, oito horas de sono e oito horas de recreação, então, essas oito horas eram sagradas. Dez horas fechava tudo mas, às vezes, as meninas levavam vela, algumas alunas levavam vela, não acendia a luz não, só com vela! Mas a Dona Edith era muito rígida nesse ponto de educação. É! Então, nós éramos muito obedientes também, gostávamos muito da Escola. Eu me formei, então, em 1949⁽²⁾.

Na descrição do dia a dia na escola, destaca-se a atuação docente:

[...] o professor de Microbiologia, Prof. Lacaz, era uma figura formidável. Ele dava uma aula que você não precisava mais olhar em livro nenhum. Estava tudo ali, perfeito demais; então, nós gostávamos demais dele e da disciplina... Anatomia, o professor era muito assim... certo também⁽²⁾.

Interessante notar que esse professor – Carlos da Silva Lacaz, catedrático de Micologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, muitos anos mais tarde, de 1978 a 1982, foi diretor da Escola de Enfermagem em que Anayde estudou.

A biografada também destacou o desenvolvimento da prática de enfermagem, que ocorria nas unidades hospitalares:

Tinha [a disciplina] Técnica de Enfermagem, que era a Dona Ruth Teixeira que dava. Depois, a Dona Glete, que foi nossa professora e acompanhava-nos direitinho. Nós íamos para o hospital e a Clarice Ferrarini⁽⁶⁾ também dava muito apoio, muito apoio, ela era diretora do hospital⁽²⁾.

Ressaltou ainda a valorização da diretora da EEUSP, Edith de Magalhães Fraenkel, ao aluno egresso da escola na qual Anayde atuou como professora e no “Escritório Técnico” onde auxiliava a diretora Maria Rosa no atendimento a professores, além de lecionar a disciplina de Administração.

A Dona Edith, assim que as meninas [as formandas da primeira turma da escola] se formaram, ela ficou com uma porção delas e ela foi muito criticada por isso, porque as professoras que já estavam lá achavam que a Dona Edith ia pegar as professoras mais antigas e a Dona Edith não, pegou as ex-alunas, porque ela dizia: “Se eu não achar... por exemplo, se eu não achar que as minhas formandas são boas professoras; então, eu estou fazendo um mau serviço. Então, se eu formei bem, eu quero as minhas formandas como professoras da escola”; então, ela chamou várias para serem professoras da escola⁽²⁾.

Outro ponto relevante que emergiu do discurso de Anayde foi a preocupação existente à época, da Diretora da escola, em preparar as alunas para o domínio da língua inglesa, o que pode sugerir um prévio planejamento para o envio das egressas para cursos de pós-graduação fora do país, como já ocorria com as egressas do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermeiras Anna Nery, no Rio de Janeiro⁽⁵⁾:

A Dona Edith sempre arrumou professor de inglês para as alunas...⁽²⁾.

É possível notar ainda que o processo de formação profissional da escola era voltado para a ação do cuidar:

Acontece que a Dona Edith era uma enfermeira cem por cento. Não era pesquisadora, nem coisa nenhuma: era enfermeira. Tanto que a Dona Edith, em qualquer lugar que estivéssemos, ela sempre achava uma coisinha para arrumar, sempre, ou uma coisa... uma... janela... Como que chama isso aí? Cortina! Ela arrumava qualquer coisinha. Eu estive doente e ela me levou para a Escola e eu fiquei lá, no período de doença. A Maíca sozinha e eu sozinha também não dava para dar conta das necessidades de cuidado nessa ocasião. Então, toda vez que ela entrava no meu quarto para me ver, ela achava uma coisa para arrumar: ou um travesseiro amassado, ou um cobertor... Então, ela tinha um espírito de cuidar e não ligava muito para esse negócio de pesquisa, não! Era enfermagem pura e simples. A nossa cabeça estava no serviço e não na pesquisa, e nós fomos mais ou menos orientadas nesse sentido⁽²⁾.

Um pouco mais tarde a pesquisa entraria para o rol de atribuições de Anayde e Amália, via Associação Brasileira de Enfermagem, com o levantamento de Recursos e Necessidades⁽⁷⁾. Para o pleno desenvolvimento das alunas no aprendizado do cuidado de enfermagem, os Estudos de Casos foram utilizados como estratégia pedagógica. Contudo, Anayde ressaltou a importância de se priorizar o paciente, respeitando seu limite no momento da coleta dos dados:

Fazia estudo de caso sim! Isso aí nós sempre fazíamos na parte prática de enfermagem, na parte prática... uma coisa que me impressionou bastante, no ponto de vista de cuidado, não de um só, mais no cuidado de vários ao mesmo tempo e tomar conta de todos ao mesmo tempo. O estudo de caso, naquela época, era uma coisa individual. Lá no hospital, pegava um paciente e fazia o estudo dele, tudo direitinho e, depois, discutia na sala de aula. Mas tudo isso, a Zuleide sempre cuidava, contando que vocês não prejudiquem o paciente, pode fazer o estudo dele, pode ir lá, conversar até que ele canse. Cansou, para. Essa parte aí era o cuidado do paciente, era ele em primeiro lugar...⁽²⁾.

Formação no nível de Pós-Graduação

Anayde foi contemplada, em 1952, com bolsa de estudos para frequentar o Teacher's College da Columbia University, na cidade de New York, nos Estados Unidos da América², para fazer Especialização em Enfermagem Médica⁽³⁾.

Mas eu acho que eu fui muito agraciada, porque eu voltei para a Escola em pouco tempo e aí tive uma bolsa de estudos e eu fiquei dois anos nos Estados Unidos, me preparando [para a docência]⁽²⁾.

Foi para os Estados Unidos com outras duas enfermeiras e, inicialmente, sua bolsa de estudos estava programada para um ano de duração. Porém, Anayde teve a permanência estendida por mais um ano e também a bolsa de estudos foi prorrogada.

Eu fui... eu não fui sozinha não, eu fui com a Jandira [Alves Coelho] que tinha ido comigo para a Bahia, também... E com o pessoal da Bahia, a Jandira e a Wanda [Alves] Baptista também foi. A Jandira, a Olga [Verderese] e eu éramos inseparáveis. A Jandira se casou e ficou por lá mesmo, e eu continuei com os cursos ligados à Administração. Eu fiquei um ano e, depois, a própria professora lá achou que eu devia continuar a estudar lá; então, foi um pedido e eu fiquei dois anos lá. Foi uma beleza! Eu gostei demais!⁽²⁾

Ao voltar dos Estados Unidos, em 1954, trabalhou na Escola de Enfermagem da USP, como professora.

Em 1962, participou do Seminário sobre Cursos de Pós-Graduação organizado pela OPAS/OMS, na Jamaica. Já em 1963, teve a oportunidade de visitar Escolas de Enfermagem nos Estados Unidos, com o apoio da Fundação Kellogg⁽⁸⁾.

Atividades profissionais: assistenciais e acadêmicas

O desenvolvimento das atividades assistenciais como enfermeira se iniciou assim que finalizou o curso, e se deu no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo:

Eu não tinha experiência absolutamente nenhuma! Eu estava começando! Trabalhei um pouquinho no Hospital das Clínicas, no Berçário, com a Clarice Ferrarini... Na escola, eu levava as alunas para fazer estágio. Fui enfermeira-chefe várias vezes também no hospital, enfermeira-chefe também na Segunda Cirurgia...⁽²⁾.

Atuou na assistência por mais dois anos, quando então, ao ser enviada para a Escola Federal da Bahia (UFBA), deu início à sua carreira acadêmica, que exerceu até a aposentadoria.

De fato, em 1950, foi designada para atuar na Escola Federal de Enfermagem na Bahia, como vice-diretora, e, em 1951, ocupou também, por um breve período, o cargo de diretora⁽²⁾:

[...] saíram todas as professoras da Escola de Enfermagem da Bahia. Saiu a Dona Haydée [Guañaes] Dourado, que era a diretora, e as professoras que estavam com ela, inclusive a Olga [Verderese], e ficou só uma, que era de lá, casada! Então, não quis sair. Depois disto, nós fomos - a Jandira como Diretora, eu como vice, recém-formada, sem nenhuma experiência de nada. A Wanda Batista também foi, mas ela foi pelo hospital. Então, lá fomos nós para Bahia! Depois, você acaba gostando, se entusiasmando, se interessando também pela coisa. Na Bahia, por exemplo, eu também era professora, e diretora... Eu fui diretora só dois anos. Eu gostava de estar com as alunas, de ir ao hospital com elas e fazer o trabalho todo. Eu gostava!⁽²⁾.

Ao voltar dos Estados Unidos, em 1954, Anayde foi trabalhar na Escola de Enfermagem da USP, no “Escritório Técnico”, onde auxiliava a diretora, Maria Rosa de Souza Pinheiro, no atendimento a professores. Além das atividades docentes na disciplina que lecionava e na coordenação do programa de pós-graduação em Administração, passou a ter papel destacado no planejamento anual e na supervisão geral dos cursos⁽⁸⁾:



Fotografia 2. Anayde Corrêa de Carvalho com as colegas Wanda Alves Baptista e Jandira Alves Coelho, na Escola de Enfermagem da Bahia, 1950 e 1951. Fonte: Arquivo pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho.

Fotógrafo desconhecido.

Foto gentilmente disponibilizada dos arquivos da Prof. Dra. Taka Oguisso. Publicado em Cultura de los Cuidados (Edición digital)17, 37. Disponible en: <<http://dx.doi.org/10.7184/cuid.2013.37.04>>

[...] eu trabalhava ali com ela, no Escritório Técnico. Eu lecionava também, eu não me lembro o quê, mas era mais aquele contato com o professor. Eu ia ajudando a Maria Rosa nisso e naquilo... Eu não me lembro bem se nessa época eu lecionava... acho que era Administração!⁽²⁾.

Em 1968 participou do Seminário Nacional sobre Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem, realizado a pedido da OPAS/OMS, na Escola de Enfermagem da USP. O seminário teve como tema central - “o estudo do conteúdo do Currículo e a distribuição das matérias do curso de graduação, considerando as funções para as quais as enfermeiras estão sendo chamadas a desempenhar”⁽⁸⁾.

Nesse evento foram apresentados quatro documentos de trabalho que serviram de base para as discussões realizadas nos grupos durante os três dias do seminário. Na ocasião, Anayde Corrêa de Carvalho e Amália Corrêa de Carvalho foram responsáveis por apresentar o documento relativo à “Situação atual do corpo docente das Escolas de Enfermagem”⁽⁸⁾. Certamente para isso deve ter contribuído a experiência que adquiriram no estudo da ABEn denominado Levantamento de Recursos e Necessidades.

Ressalte-se que, entre as intenções do evento, estava fornecer bases para o estabelecimento de um novo currículo mínimo para a graduação em Enfermagem, que se efetivou em 1972, com a edição do Parecer 196/72 e construção de diretrizes para o aperfeiçoamento do pessoal docente. É oportuno lembrar que esses movimentos tiveram como fator impulsionador a Reforma Universitária⁽⁸⁾.

Cargos e funções ocupados e respectivas realizações

Ainda na condição de aluna, Anayde teve a oportunidade de vivenciar a ABEn, organizada graças aos esforços de Ethel Parsons e Edith Magalhães Fraenkel, juntamente com as egressas da Escola de Enfermagem Anna Nery. Tinham a convicção de que, para uma profissão progredir, era necessária a criação de uma associação e de uma revista⁽⁹⁾. O discurso de Anayde revela como vivenciou e percebeu essas ações:

Congressos Brasileiros de Enfermagem... Em 1947 [ocorreu] o primeiro - foi na Escola de Enfermagem lá de São Paulo. Eu era aluna ainda, em 1947, porque eu me formei em 1949; então, em 46 e 47, eu era aluna. Então, o que nós percebíamos era o entusiasmo da Dona Edith: ela era diretora da escola e ia receber um congresso. Era um entusiasmo porque vinham as americanas também, que iam participar do congresso. Então, a nossa preocupação como aluna era deixar tudo limpinho porque a Dona Edith queria receber muito bem as americanas. Eu me lembro que até em vassoura eu peguei para varrer as coisas, para deixar tudo limpinho para as americanas...⁽²⁾.

A possibilidade de vivenciar ativamente a realização do evento enquanto aluna, vendo o entusiasmo e dedicação às atividades da ABEn, muito provavelmente deve ter influenciado a dedicação e o trabalho posteriormente desenvolvido na ABEn por Anayde.

De fato, ela atuou de forma significativa em várias diretorias da ABEn- Nacional, no cargo de Coordenadora da Comissão de Documentação e Estudos, ou na Comissão de Reforma dos Estatutos da ABEn, nos seguintes mandatos: 1956-58; 1964-68; 1969-70; 1970-72 e 1976-80⁽⁹⁾.

Foi ainda membro do Conselho Fiscal em 1957 junto com Nilza M.M. Gracia e Haydée Guanais Dourado. Vários fatos desta gestão merecem destaque, como a apresentação de projeto que dava direito ao título de enfermeiro ao diplomado por escolas oficiais estaduais não reconhecidas e já extintas. O projeto foi transformado em lei, mas o título ficou como de auxiliar de enfermagem⁽⁹⁾.

Entre os anos de 1959 e 1965, presidiu a Comissão de Estatuto e Regimento Interno, quando foram decididos: o regimento das eleições, a vinculação de auxiliares de enfermagem à ABEn por meio da criação de associações estaduais de auxiliares de enfermagem para as quais a Comissão Permanente de Auxiliar de Enfermagem da ABEn deveria desempenhar o papel de órgão assessor⁽⁹⁾.

Participou ainda da Comissão de Estatuto cujo trabalho, após votação da Assembleia Geral de 7 de outubro de 1965, conquistou a aprovação de emendas, sendo as mais significativas:

- Redução das comissões permanentes para cinco e suas coordenadoras passaram a fazer parte da diretoria;
- A Assembleia Geral foi transformada em Assembleia de Delegados, seu verdadeiro nome desde 1955, permanecendo a primeira como órgão soberano das seções estaduais;
- A Diretoria passou a ter apenas função de assessoramento nas assembleias e seus membros não tinham mais direito a voto;
- O mandato do Conselho Fiscal foi estendido para três anos;
- O Capítulo dedicado aos setores de Filiação Internacional foi extinto; e
- Deixou de ser vedado, ao enfermeiro, receber título honorífico da ABEn⁽⁹⁾.

Em 1970, atuou ainda à frente da Comissão de Documentação e Estudos, participando dos esforços para a regulamentação de lei que incluiu as enfermeiras da Força Aérea Brasileira no serviço de saúde do Exército. Também deu início aos trabalhos relativos à criação da Lei Orgânica do Ensino de Enfermagem e trabalhou para que fosse instituída a Comissão de Diretoras da Divisão de Educação. Nesse período, a Revista Brasileira de Enfermagem foi registrada com personalidade jurídica e outra revista, a Paulista de Enfermagem, foi criada em São Paulo. Em sua gestão foi instituída a elaboração do Boletim Informativo mensal para as seções e escolas ou Cursos de Graduação em Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem. Por fim, ainda nessa gestão, foi aprovado o Código de Ética de Enfermagem, em cuja revisão Anayde auxiliou⁽⁹⁾.

É importante ressaltar que Anayde presidiu a Comissão Especial que atuou em conjunto com a Comissão do Plano de Reclassificação de Cargos do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e foi atuante na comissão responsável por elaborar o anteprojeto de criação do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e Conselhos Regionais de Enfermagem (COREN) (1964-1968)⁽⁶⁾.

Entre os anos de 1970 e 1972, atuou na Coordenação da Comissão de Documentos e Estudos, responsável pela publicação do relatório do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem, no que dizia respeito ao campo educacional, mostrando a evolução do ensino de enfermagem, os dados estatísticos e veiculando informações sobre o pessoal de enfermagem de 1956 a 1969; este feito foi possível com a colaboração do Laboratório Johnson e Johnson⁽⁷⁾.



Figura 1. Cópia da capa do documento relativo aos dados sobre a formação do pessoal de enfermagem do Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho.



Figura 2. Cópia da folha de rosto do documento relativo aos dados sobre a formação do pessoal de enfermagem do Brasil, na qual consta assinatura de Anayde.

Fonte: Arquivo pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho.

Inicialmente, o levantamento realizado retratava os recursos e as necessidades de enfermagem no Brasil até o ano de 1956. O prosseguimento do trabalho restringiu-se ao campo educacional e foi iniciado em março de 1961. O documento disponibilizado por Anayde é um resumo, elaborado com sua irmã Amália, do qual consta sumário dos dados coletados no período de 1961 a 1969. Esse documento teve como objetivo mostrar a evolução dos cursos de graduação, de pós-graduação e de formação de auxiliar de enfermagem. Para tanto, foram utilizados os dados do referido Levantamento. O resumo foi estruturado em seis capítulos que versavam sobre as seguintes temáticas:

- Capítulo I - Cursos de Graduação em Enfermagem geral: localização das escolas de enfermagem e distribuição geográfica por estado; subordinação administrativa e pedagógica; conclusão do curso; estimativa do número de enfermeiros em atividade; número de vagas e de candidatos ao curso; quantidade de matriculados, por série, em 1969; desistências; reprovações e dimensão do corpo docente;
- Capítulo II - Curso de Graduação em Enfermagem Obstétrica: mesmas variáveis do curso de Graduação em Enfermagem;
- Capítulo III - Curso de Graduação em Enfermagem de Saúde Pública: mesmas variáveis do curso de Graduação em Enfermagem;
- Capítulo IV - Cursos Colegiais (Técnicos) de Enfermagem: localização e distribuição geográfica por estado; matrículas, desistências e número de concluintes do curso;
- Capítulo V - Curso de Auxiliar de Enfermagem: localização e distribuição geográfica por estado; subordinação administrativa e pedagógica; número de certificados conferidos; matrículas em 1969; escolaridade dos candidatos e desistências; e
- Capítulo VI- Cursos de Pós-Graduação.

Para a realização do Levantamento, a Associação Brasileira de Enfermagem contou com a colaboração da Fundação Rockfeller e de outras entidades nacionais e internacionais⁽⁷⁾. Para tanto, durante os anos de 1961 e 1962, foi criada, organizada e mantida a Comissão de Seguimento desse Levantamento. Após cessar o

financiamento da Fundação Rockefeller, em virtude do grande interesse da categoria profissional em acompanhar o progresso e o desenvolvimento da enfermagem no país, o trabalho continuou a ser realizado pela presidente da Comissão⁽⁷⁾. Esse interesse evoluiu ao ponto de, em 1965, por ocasião da revisão do estatuto da ABEn, decidir-se que esse trabalho seria desenvolvido por uma comissão permanente, denominada Comissão de Documentação e Estudos.

Além disso, Anayde teve atuação significativa na Revista Brasileira de Enfermagem, de 1965 a 1968, como Editora Responsável, em substituição a Marina de Andrade Rezende, que faleceu em outubro de 1965⁽⁸⁾.

Anayde relatou ainda que atuou na Comissão de Educação da ABEn (CASIDE), na qual estava inserida no Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem (CEPEN). Além disso, teve participação ativa nas Comissões de Temas dos Congressos Brasileiros:

Quer dizer, eu me formei em 1949 e aí de mim se não entrasse na ABEn! Eu sempre trabalhei muito nos Congressos. Eu me lembro que cada vez que eu entrava em um Congresso, eu era chamada. Aí, convidava essa para fazer um discurso, convidava aquele outro! Essas coisas assim⁽²⁾.

Foi presidente da ABEn seção São Paulo de 1956 a 1958, no mesmo período em que foi desenvolvido o Levantamento de Recursos e Necessidades da Enfermagem no Brasil⁽²⁾.

No primeiro censo eu trabalhei muito porque a Maíca trabalhava; então, mais ou menos eu ajudava a Maíca. Trabalhei! Em recursos humanos, eu trabalhei. Porque depois que acabou com esse negócio de recursos humanos, porque a Rockefeller não deu mais dinheiro, aí eles organizaram, lá em São Paulo mesmo, e a Maíca cuidava dessa coisa na Escola, junto com Irmã Gabriela, aquela da Santa Casa. Lá na Santa Casa deram uma sala para a Maíca e ela trabalhava continuando essa parte de pesquisa e, depois, eu também a ajudava. Eu sei que a Maíca e eu escrevemos depois um folheto justamente sobre isso, quer dizer, acabou a parte do Levantamento, mas a Maíca achava que devia continuar. Então, nós continuamos trabalhando nisso e escrevemos esse folheto⁽⁷⁾... com o mesmo espírito de fazer levantamentos de quantas enfermeiras, quantos atendentes⁽²⁾.

Publicações de sua autoria

Numa época em que não era comum a atividade de pesquisa e que havia poucos veículos de publicação e apoio financeiro para essa atividade, Anayde foi bastante prolífica, como é possível observar a seguir.

Em 1965, junto com Circe de Melo Ribeiro, presidente da ABEn Nacional, e Berenice Miranda Martinez, enfermeira da Educação Continuada do Hospital das Clínicas da FMUSP, publicou, na Revista Brasileira de Enfermagem, artigo intitulado “Programa de Administração Aplicada à Enfermagem para o Curso de Graduação em Enfermagem”⁽¹⁰⁾. Nessa época, o ensino de Administração em Enfermagem era incentivado em São Paulo, como consequência do aumento da complexidade dos serviços

de saúde, não só hospitalares, mas também os de Saúde Pública, nos quais a função de Supervisão era bastante destacada.

No mesmo ano, sozinha, Anayde escreveu e publicou texto sobre o aperfeiçoamento da enfermeira em cursos de pós-graduação⁽¹¹⁾. Ressalta-se que a EEUSP, de 1959 até 1970, ofereceu dois programas dessa natureza – um em Administração de Unidades de Enfermagem e outro em Pedagogia e Didática aplicada à Enfermagem⁽⁶⁾, ambos destinados a docentes e também a enfermeiros da prática assistencial e gerencial que pretendessem, respectivamente, atuar em escolas de enfermagem e na administração de unidades hospitalares. Na ocasião em que Anayde escreveu esse texto, boa parte do contingente de 491 profissionais formados nesses cursos até 1970 já o havia integralizado. Interessante registrar que se formaram, nesses cursos, 383 enfermeiros de outros estados da federação que não São Paulo e 60 provenientes de outros países da América Latina⁽⁶⁾.

Em 1968, na condição de professora de Administração em Enfermagem, Anayde defendeu o plano de cuidados de enfermagem como uma das funções do enfermeiro-chefe⁽¹²⁾.

Um ano depois, também na revista da EEUSP, traçou um panorama da situação atual do corpo docente das escolas de enfermagem, tema que havia discutido no seminário promovido pela OPAS/OMS no ano anterior⁽¹³⁾.

Em 1972, como membro de comissão de Diretoria da ABEn Nacional, elaborou o Relatório da Comissão de Documentação e Estudos sobre a formação de pessoal de enfermagem, publicado no órgão de divulgação da entidade⁽¹⁴⁾.

A contribuição da ABEn para o desenvolvimento de ensino de enfermagem no Brasil foi objeto de outro texto de autoria individual de Anayde, publicado na Revista da EEEUSP⁽¹⁵⁾, em 1974.

Sua obra mais importante – o Documentário sobre a ABEn, foi publicada em 1976, ano que encerra o recorte temporal de seu estudo, demonstrando sua força política e pujança intelectual ao lançar o produto no mesmo ano de encerramento do relatório da investigação⁽¹⁶⁾.

O documentário desenvolvido por Anayde há 38 anos é, sem dúvida, o seu maior legado para a História da Enfermagem Brasileira e da ABEn.

A construção desta obra de referência histórica levou cinco anos para ser concluída; teve início em 1970 e término em 1976.

Importante destacar o árduo trabalho desenvolvido por sua autora, principalmente no que diz respeito ao período compreendido entre 1926, data da criação da ABEn, e 1938, uma vez que parte da documentação relativa a este período foi destruída por um incêndio ocorrido na sede da ABEn em 1951.

Assim, como estratégia para a compilação de dados, principalmente deste período, a autora contou com a colaboração de enfermeiras que contribuíram por meio de entrevistas, envio de documentos e informações.

Esta obra foi construída em três partes⁽⁷⁾. A primeira foi constituída pela origem e organização da Associação Brasileira de Enfermagem, reúne seis capítulos que abordaram as questões relativas aos antecedentes históricos, à origem da associação, bem como às suas contribuições. Há destaque ainda para a atuação das diretorias, das comissões permanentes e as seções dos estados.

A segunda parte trata das questões relativas ao ensino e legislações de enfermagem. Construída em cinco capítulos, discorre sobre o papel da ABEn na formação do

enfermeiro e no ensino técnico de enfermagem, bem como a regulamentação do exercício profissional. Tratou ainda, nos capítulos quatro e cinco, respectivamente, do Serviço Técnico Científico que cuidou especificamente do Plano de Classificação de Cargos e do projeto de criação do Conselho Federal de Enfermagem.

Por fim, a terceira parte abordou as realizações socioculturais, sendo composta por oito capítulos que trataram sobre o Código de Ética, os recursos e as necessidades da enfermagem, as publicações, com destaque para a origem da Revista Brasileira de Enfermagem, os Congressos, o Patrimônio e Sede da ABEn, sua filiação a Associações Internacionais de Enfermagem, a Sindicalização do enfermeiro e outras realizações que destacam as homenagens, prêmios e distinções, Emblema da ABEn, Medalha presidencial, Semana da Enfermagem; Política de trabalho da ABEn; ABEn e os estudantes de enfermagem; Criação da Comissão de peritos no ensino de enfermagem; Integração da ABEn ao Núcleo Integrado de recursos humanos para a saúde; Criação de fundo de bolsas e bolsas CAPES.

O trabalho desenvolvido por Anayde na compilação desses dados gerou a construção de um tratado da história profissional da enfermagem que permite conhecer os primórdios da nossa história, compreendendo o presente e possibilitando a transformação do futuro profissional.

Em comemoração aos 80 anos da ABEn, foi publicada, em 2008, a segunda edição desse documentário, na verdade uma reedição semelhante à original, possibilitando que maior número de profissionais tivesse acesso aos dados nele contidos, de forma a facilitar a compreensão da enfermagem brasileira e renovar o sentimento de pertencimento a esse grupo profissional.

Em 1978, Anayde voltou a se pronunciar sobre a formação de recursos humanos de enfermagem⁽¹⁷⁾, tema a que se dedicou com afinco durante a maior parte de sua vida profissional como enfermeira.

O último relatório sobre atividades desenvolvidas na ABEn⁽¹⁸⁾, publicado por Anayde, foi o do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem - CEPEn, em 1979, ano de realização do primeiro Seminário Nacional de Pesquisas em Enfermagem - SENPE⁽¹⁹⁾.

Por fim, em 2002, Anayde escreveu texto sobre seu documentário⁽²⁰⁾.



Figura 3. Capa da primeira publicação do Documentário da Associação Brasileira de Enfermagem: 1926-1976.

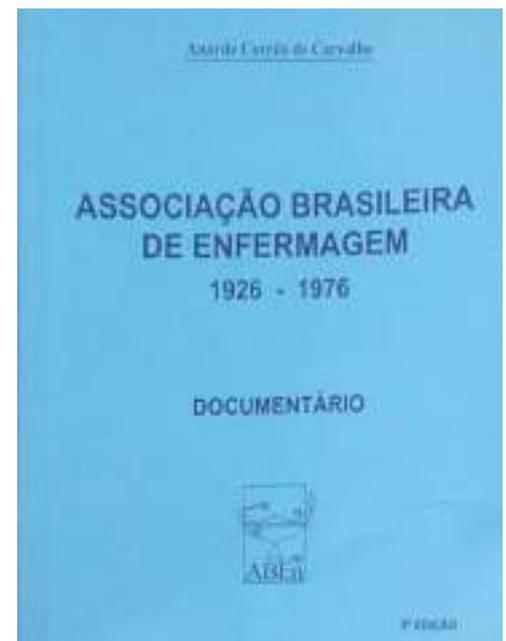


Figura 4. Capa do Documentário da Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976: 2ª edição.



Fotografia 3. Anayde Corrêa de Carvalho em fotografia de julho de 2014.

Fotógrafo: Willians Braz Romano - Serviço de Criação e Produção Multimídia da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

Considerações Finais

A análise das fontes primárias e secundárias demonstra que Anayde Corrêa de Carvalho proporcionou contribuições significativas para a consolidação da enfermagem, bem como da Associação Brasileira de Enfermagem e do Conselho Federal de Enfermagem. Importante ressaltar seu grande legado para a História da Enfermagem brasileira, representado pelo documentário por ela produzido sobre a história da Associação Brasileira de Enfermagem no período de 1926-1976. Para o desenvolvimento desse documentário minucioso, de meio século da história da ABEn, Anayde dedicou cinco anos de persistente trabalho voluntário, constituindo-se em um patrimônio da memória dessa Associação.

Pela sua participação na formação de profissionais e por sua ação política à frente da enfermagem brasileira, no período em que exerceu a profissão, merece o presente registro, que pode inspirar outros estudos sobre personalidade tão interessante e relevante para a compreensão da história da profissão no país.

Referências

1. Oguisso T, Campos PFS, Santiago ES, Luchese LB. Anayde Corrêa de Carvalho: legado histórico para a enfermagem brasileira. *Cultura de los Cuidados* [Internet]. 2013[cited 2015 Jul 30];17(37): 30-41. Available from: <http://hdl.handle.net/10045/35064> <http://dx.doi.org/10.7184/cuid.2013.37.04>
2. Carvalho AC. Entrevista concedida à Professora Regina Aparecida Garcia de Lima; Emília Luigia Saporiti Angerami. Ribeirão Preto (SP), 2014.
3. Costa LMC, Santos RM, Trezza MCSF, Rozendo CA, Almeida LMWS. Produção de pesquisa histórica relativa a criação de cursos de graduação em enfermagem: uma revisão integrativa. *Hist enferm Rev eletronica* [Internet]. 2012[cited 2015 Jul 30];3(1):1-17. Available from: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol3num1artigo1.pdf>
4. Campos PFS, Oguisso T. *A Enfermagem no Brasil: formação e identidade profissional pós 1930*. São Caetano do Sul: Yendis; 2013.
5. Oguisso T. *Trajetória histórica e legal da enfermagem*. Barueri: Manole; 2005.
6. Sanna MC. Clarice Della Torre Ferrarini: o depoimento de uma pioneira da administração em enfermagem no Brasil. *Hist cienc saúde-Manguinhos* [Internet]. 2003 [cited 2015 Jul 30];10(3):1053-70. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702003000300013>.
7. Carvalho Amália C, Carvalho Anayde C. Associação Brasileira de Enfermagem. Comissão de Documentação e Estudos. *Dados sobre a formação do pessoal de enfermagem do Brasil*. 1969.
8. Carvalho AC. *Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: resumo histórico: 1942-1980*. São Paulo: EEUSP; 1980.
9. Carvalho AC. *Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976 (Documentário)*. Brasília: ABEn Nacional, 2008.
10. Ribeiro, CM; Martinez BM; Carvalho AC. Programação de administração aplicada à Enfermagem para o curso de graduação em Enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 1965 Feb;18(1):7-37.
11. Carvalho Anayde Corrêa. Aperfeiçoamento da enfermeira em cursos de pós-graduação. *Rev Bras Enferm*. 1965 Oct;18(4):317-29.
12. Carvalho AC. Plano de cuidados de enfermagem como uma das funções do enfermeiro-chefe. *Rev Esc Enferm USP*. 1968 Mar; 2(1):108-17.

13. Carvalho Amália C, Carvalho Anayde C. Situação atual do corpo docente das escolas de enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 1969 Mar;3(1):37-53.
14. Carvalho AC. Relatório da Comissão de Documentário e Estudos: formação de pessoal de enfermagem. Rev Bras Enferm. 1972 Oct-Dec; 25(5):177-94.
15. Carvalho AC. A Associação Brasileira de Enfermagem e sua contribuição para o desenvolvimento de ensino de enfermagem no Brasil. Rev Esc Enferm USP. 1974 Mar;8(1):45-123.
16. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: (documentário). Brasília; 1976.
17. Carvalho AC. Formação de recursos humanos de enfermagem. Rev Bras Enferm. 1978 Jul-Sep;31(3):383-97.
18. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem. Comissão de Atividades Científicas e Documentação: relatório do centro de estudos e pesquisas, CEPEN. Rev Bras Enferm 1979 Oct-Dec;32(4):447-57.
19. Paiva MS, Silva MTN, Oliveira IRS, Araújo MJS, Carvalho V, Santos J. Enfermagem Brasileira: contribuições da ABEn. Brasília: ABEn Nacional, 1999.
20. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: (documentário). Rev Bras Enferm. 2002 May-Jun;55(3):249-263.

Agradecimento

À Prof. Dra. Emília Luigia Saporiti Angerami, por sua participação fundamental como facilitadora para a realização da entrevista, possibilitando assim a coleta de dados, nossos agradecimentos.



Capítulo 2

Ieda de Alencar Barreira

Memória e história de uma carreira bem sucedida

Ieda de Alencar Barreira
Suely de Souza Baptista
Maria Angélica de Almeida Peres
Margarete Bernardo Tavares da Silva
Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense
Camila Pureza Guimarães Silva

“(...) cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (Machado de Assis)

No momento em que me concentro numa visão retrospectiva de minha atuação, constato como minhas andanças profissionais se entrelaçaram à minha memória familiar e como elas me trouxeram oportunidades de resgatar pontos importantes de minha história pessoal e também a melhor compreender certas opções e afinidades.

A narrativa a seguir engloba desde os antecedentes familiares, a formação na escola de enfermagem, as primeiras experiências profissionais que embasam minha atuação no campo nacional e internacional da luta contra a tuberculose; a vida associativa; a iniciação como docente universitária de enfermagem de saúde pública, a passagem para a área fundamental da enfermagem, o desenvolvimento como pesquisadora e o empenho na legitimação da História da Enfermagem Brasileira como uma área de conhecimento específica.

Sou descendente de famílias sertanejas do Nordeste do Brasil. Meu pai era cearense, da família Barreira Cravo do Quixadá. Minha mãe nasceu em Belém do Pará, filha de cearenses, da família Alencar Mattos. Meus pais eram primos e se conheceram em uma fazenda na Ilha de Marajó.

Ele era engenheiro agrônomo formado em Piracicaba, no estado de São Paulo (atual Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). Ela formou-se como contadora em Belém do Pará e lá trabalhou como secretária, bem como em São Paulo, no consulado de Portugal.

No início dos anos de 1920, ambas as famílias migraram para o Sudeste: a família de meu pai para uma fazenda agropastoril no Vale do Paraíba e a de minha mãe para a capital do estado de São Paulo. Minha mãe, por recomendação de uma tia e de um médico do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), fundado pelo sanitarista Carlos Chagas, ingressou na Escola Anna Nery (EAN) em 1926, no tempo das enfermeiras americanas da Fundação Rockefeller, e morou no internato da Av. Rui Barbosa, na enseada de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde atuou no Hospital São Francisco de Assis (o Pavilhão de Aulas estava em construção).

Em 1928 meus pais se casaram, em Aparecida do Norte, antigo local de peregrinação no interior de São Paulo (Guaratinguetá). No início dos anos 1930, eles se mudaram para uma fazenda de criação no estado de Mato Grosso, município de Campo Grande (atual capital do estado de Mato Grosso do Sul), cidade onde nasci. Como meu pai foi aprovado em concurso para o Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, em 1936 minha família fez uma viagem de trem “maria fumaça” de três dias e três noites, eu com um mês de idade, e fixou-se em Niterói, capital do estado do Rio, onde a família se ampliou.

Em Icarai passei minha infância e puberdade. Como tinha muita vontade de me tornar independente, quis estudar para trabalhar como professora primária no Instituto de Educação do Distrito Federal, mas não consegui me classificar. Ainda no ginásio tive uma experiência de internato em um colégio de freiras marcelinas no Alto da Boa Vista e ali descobri o gosto de estudar. Escutava com crescente interesse as histórias que minha mãe contava sobre a EAN. Aquilo me entusiasmava e desafiava.

Com 16 anos ingressei na EAN, já inserida na então Universidade do Brasil (UB), sendo diretora Waleska Paixão, intelectual com jeito de freira, e chefe da Divisão de Ensino D. Olga Salinas Lacorte, com seus ares de princesa. Minha primeira professora foi Cecília Pecego Coelho, branquinha e de olhos azuis e um perfume de flor. Mesmo sem ter feito o

científico, passei em primeiro lugar na seleção, mas no início do curso tive dificuldades com algumas disciplinas e também não conseguia resistir à tentação da praia de Icaraí, que se podia avistar do alto do prédio do internato da EAN, do outro lado da Baía da Guanabara. Então, repeti o curso preliminar, inclusive a parte de enfermagem, desta vez com Elvira de Felice, recém-chegada da especialização dos Estados Unidos da América do Norte, e que se casaria em 1953, passando a assinar Elvira de Felice Souza, e que viria a publicar o mais conhecido manual de técnicas de enfermagem do Brasil.

O rigoroso regime disciplinar no Pavilhão de Aulas (PA) da Escola e as grandes responsabilidades assumidas como aluna nos campos de estágio não foram uma surpresa, nem se constituíram em desmesurado obstáculo. As chefes de disciplina do Internato às vezes reclamavam, mas nada que realmente me desanimasse. A nitidez na apresentação incluía ausência de maquiagem, unhas curtas sem esmalte, cabelos presos em rede de nylon invisível, ausência de adornos. Esperava-se que o uniforme, a touca e o avental estivessem perfeitamente engomados. O meu ficava um pouco a desejar, mas deu para passar. Para incentivar o cuidado com a aparência, ao contrário do que ocorria no colégio de freiras, onde não existiam espelhos, de nenhum tamanho, na Escola havia espelhos grandes, tanto na residência como nos toaletes e no patamar da escada do PA. Gostava da residência e do PA, ambos pintados de cor de rosa, como todos os prédios da UB. Encantavam-me as colegas, com histórias de vida tão diferentes, muitas delas nordestinas, e até conterrâneas de Mato Grosso. Admirava as relações respeitadas entre todos, em todas as enfermarias e serviços, bem como a busca pela excelência da qualidade da assistência. E sentia-me crescer, em conhecimento e experiência. Um tempo feliz.

O curso de enfermagem da EAN era, à época, fortemente voltado para o trabalho. A estratégia do seniorato ou seniato, como se dizia antigamente, no qual a aluna atuava como assistente e substituta da chefe da enfermaria, permitia que uma recém-graduada não só dominasse a tecnologia então disponível nos serviços de saúde como fosse capaz de organizar ou reorganizar um serviço de enfermagem, chefiar uma equipe e treinar e supervisionar o pessoal sob sua responsabilidade. A aluna sênior deveria ser a primeira a chegar à enfermaria, para receber o serviço do turno da noite, verificando o estado de cada doente, conferindo as papeletas e checando a ordem geral da enfermaria. Ela deveria estar perfeitamente uniformizada, incluindo o relógio de pulso, carregando no bolso o



Fotografia 1. Ieda à época do ingresso na EAN, com 16 anos. Foto tirada no Campo de São Bento em Niterói/RJ - 1952.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.



Fotografia 2. Formatura da Turma 1956/I. Ieda acende sua lâmpada de recém-diplomada na lâmpada com a chama eterna. Uniforme de gala de seda branca, broche da EAN/UB (em ouro esmaltado), cabelos curtos presos com rede de nylon invisível, touca de organdi presa com alfinetes de pérola.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

material de seu uso pessoal (termômetro, canetas azul e vermelha, lápis bicolor, tesoura de ponta romba). Aprendemos que a primeira qualidade da aluna sênior era a justiça, não demonstrando preferências entre as colegas e colocando o interesse do doente acima de tudo.

Na Escola também aprendi, de uma vez por todas, a importância de estar bem preparada para realizar um trabalho, o conceito do agir ético e a prontidão no atendimento às necessidades do serviço. Mas acho que, àquela altura, não percebi bem os determinantes sociais da situação em que se encontravam meus pacientes.

Em 1954, em meio a um plantão na Maternidade-Escola de Laranjeiras, ouvimos um tumulto vindo da rua. Era o povo revoltado pelo suicídio de Getúlio Vargas, que viria a provocar uma guinada na história do Brasil.

Ao me diplomar, no início de 1956, tive duas oportunidades de emprego: uma no Rio de Janeiro, no Hospital dos Servidores do Estado, instituição considerada modelo para a América do Sul, onde foram trabalhar várias colegas de turma; a outra era todo o oposto: a aventura da Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT), na qual trabalhava como enfermeira a tia de uma colega de turma, ambas cearenses. E era para trabalharmos em um enorme sanatório, nos arredores do Recife. Esta foi a minha escolha.

Ao chegar ao Nordeste tive a sensação de estar voltando para casa. Tudo me encantava: a natureza, as pessoas, o trabalho. O sanatório do Sancho era formado por um conjunto de prédios e representava o que de melhor havia, em termos de organização hospitalar e de qualidade da assistência de enfermagem, e servia de campo de estágio para estudantes de enfermagem. Isto em uma época em que apenas cerca de um terço dos hospitais brasileiros tinha serviços de enfermagem organizados. Minha colega de turma, a Stella do Valle Bezerra, ficou encarregada de treinar um pessoal recém-admitido, o que fez com muita competência. E eu, também com 20 anos incompletos, fui escalada para organizar e chefiar um novo pavilhão do hospital, o que não me pareceu inusitado. Meus pacientes eram todos casos avançados da doença, embora não fossem acamados. Suas mortes, lentas ou súbitas, eram dramáticas, sempre faltando o ar, perdendo sangue ou ambos. Mas muitos dos estigmas da pobreza eram rapidamente apagados de seus corpos logo após a admissão, pelas comodidades oferecidas e pela alimentação e repouso em horários regulares.

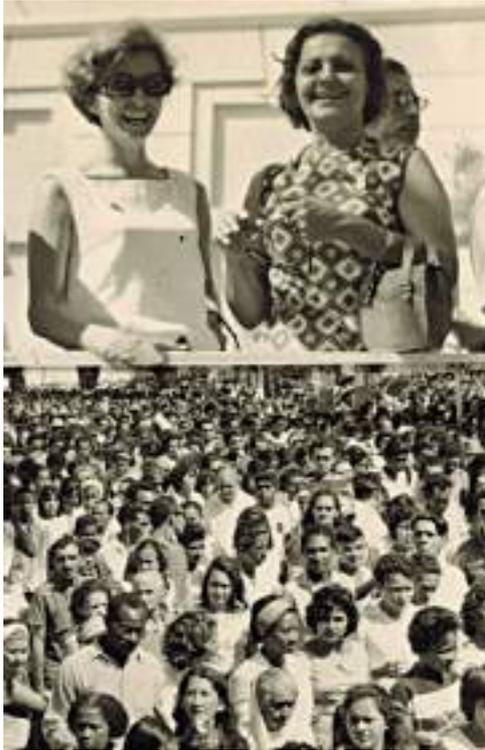
Depois, nós duas fomos trabalhar com o pequeno grupo que estava organizando a rede dispensarial do Recife, liderado pela enfermeira Leni Pires de Andrade e pelo Dr. Laurênio Lins de Lima, de acordo com as normas da Comissão Técnica da CNCT, presidida pelo Prof. Hélio Fraga, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A base da ação dispensarial residia na mobilização das comunidades para a detecção de casos pela realização de abreugrafias em massa e a aplicação de um esquema de tratamento padronizado, acompanhado de perto pela enfermeira. Aí, sim, as pessoas se apresentavam em estado natural, com sua doença, suas carências e seu desespero.

Casei-me com um pernambucano e passei a assinar-me Ieda Barreira e Castro. Voltei para Niterói, acompanhando meu marido, que trabalharia como gerente em uma firma de petróleo. E aos 22 anos tinha uma filha, de nome Cecília, e um filho, que recebeu o nome do pai, Clovis. Nessa época, mais de 70% das enfermeiras em atividade eram solteiras e quando uma enfermeira se casava, deixava de exercer a profissão. Mas não eu, que passei a atuar no Dispensário Escola Mazzini Bueno, da cátedra de tisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, sob a regência do Prof. Aloysio de Paula. E lá estava eu quando Juscelino Kubitschek, em quem eu havia votado para presidente do Brasil, transferiu a capital federal para Brasília, o que mudou o eixo dos jogos de poder na vida nacional. Mas, em meio a tantas festas, eu não desconfieei que as consequências que adviriam para o Rio por deixar de ser a capital do país não seriam favoráveis. Quando se iniciou a gestão do presidente Jânio Quadros, em 1961, ocorreu a nomeação de um conterrâneo e amigo do Dr. Laurênio, como diretor do Serviço Nacional de Tuberculose, o Dr. Aldo Villas Boas que, com o propósito de enfatizar a ação dispensarial na luta contra a tuberculose, reuniu um grupo novo de enfermeiras para promover tal mudança. Passei, então, a trabalhar no prédio do antigo DNSP, denominado “Casa de Oswaldo Cruz”, situado na Rua do Rezende, 128, no Centro do Rio de Janeiro. Minha participação nesse movimento se deu mediante o treinamento intensivo de turmas de enfermeiras e de viagens de supervisão aos trabalhos por elas desenvolvidos, no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país.

Em 1963, fui realizar o curso de especialização para enfermeiras, da Escola Nacional de Saúde Pública, onde aprendi o significado do trabalho em saúde pública, com as enfermeiras Elsa Ramos Paim e Adalgisa Vieira Matos, do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), Fundação ligada ao Ministério da Saúde (MS). Depois, para me capacitar a fazer supervisão nos sanatórios da CNCT, frequentei vários cursos de Administração Hospitalar, promovidos pela Academia Brasileira de Administração Hospitalar, no Rio (1965), pelo Instituto de Higiene do Nordeste, no Recife (1966), e pelo Centro Regional de Administração de Empresas da Escola de Administração da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); os conhecimentos aí adquiridos se somaram aos que eu já obtivera no Curso de Projeto e Organização de Hospitais, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, que eu frequentara no Recife em 1956, quando recém-diplomada.

Dos tristes meses que se seguiram ao golpe militar de 1964, ficou-me a lembrança da energia transmitida pelo manifesto musical de protesto “Opinião”, produzido pelo Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, assistido no Teatro de Arena, em Copacabana, em dezembro de 1964. Desde o golpe de estado, ainda não tinha visto nada tão libertário.

Em 1965, de volta para o Recife, com o marido e um casal de filhos, fiquei lotada na Delegacia Federal de Saúde. Nessa época coordenei, em Fortaleza, um Seminário de Supervisão para enfermeiras da CNCT do Nordeste, com a presença da nova chefe



Fotografia 3. Ieda Supervisora da CNCT, ao lado da chefe nacional do Setor de Enfermagem - Raimunda Becker. A ocasião é o 13º Congresso Nacional de Tuberculose, ocorrido de 9 a 13 de outubro de 1966, em Belém do Pará/Brasil. Ieda e Raimunda, em um palanque, assistem à procissão do Círio de Nazaré. A multidão acompanha o andor com N.Sr^a de Nazaré, padroeira da cidade.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

do Setor de Enfermagem, Raimunda Becker, oriunda da secretaria de saúde do novo estado da Guanabara. Após, fiquei responsável pela supervisão dos dispensários e sanatórios das Regiões Nordeste e Norte e pela assistência técnica aos serviços de enfermagem das secretarias estaduais de saúde, junto com o Dr. Laurênio Lima, então chefe da Secção de Organização e Controle, no Rio. A avaliação epidemiológica nos entusiasmava e nos fazia sentir que estávamos ganhando a luta, embora faltasse tanto!

Em 1967, ainda como chefe do Setor Raimunda Becker, ex-tesoureira da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) Central (gestão Circe de Melo Ribeiro 1964-1966), a maior parte das supervisoras do Setor de Enfermagem, com o seu estímulo, compareceu ao 19º Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn), realizado em Brasília sob a presidência de Circe de Melo Ribeiro, que havia sido reeleita. Como as enfermeiras da CNCT tinham sido beneficiadas na Reclassificação de Cargos e Funções dos Enfermeiros Civis da União, com o enquadramento da enfermeira como profissão técnico científica de nível superior, graças a um árduo trabalho de Haydée Guanais Dourado, coordenadora da Comissão de Legislação da ABEn (enfermeira do Ministério da Educação e Saúde, ex-superintendente de enfermagem da CNCT, no início dos anos 1950), nosso grupo concordou em participar da campanha de doações para a construção da sede da ABEn em Brasília, em terreno doado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), na Av. L2 Norte, superquadra 603, módulo B, cuja pedra fundamental havia sido lançada em 21 de julho de 1967. Por este gesto, consta no *hall* de entrada da ABEn, ao lado das placas individuais e institucionais, uma placa registrando a colaboração das enfermeiras da CNCT.

Outra manifestação dos laços que uniam CNCT e ABEn ocorreu em 1967/1968, quando, por proposta da chefe do Setor de Enfermagem da CNCT, Raimunda Becker, a Assembleia de Delegados da ABEn aprovou a outorga ao pernambucano Laurênio Lins de Lima, médico que chefiava a seção encarregada dos setores técnicos da CNCT, do título de membro honorário, por seu grande apoio e interesse pela causa da enfermagem.

Face às dificuldades de comparação dos resultados dos inquéritos tuberculínicos realizados em diversas regiões do país, por diferentes grupos de enfermeiras da CNCT, o MS solicitou assessoria à Organização Mundial de Saúde (OMS), que enviou ao Brasil a enfermeira sueca Britta Sundin, a qual, durante um ano, promoveu seminários

para a padronização da leitura da prova tuberculínica de dezenas de enfermeiras. Assim, em 1967, participei do primeiro seminário, realizado no Rio de Janeiro, e tornei-me padrão de referência na leitura dessa prova tuberculínica e agente multiplicador de tal padronização, no interesse da avaliação epidemiológica da prevalência da infecção tuberculosa.

Em 1968, no Recife, fiz o curso de Planejamento em Saúde, promovido pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) que, em apenas dez semanas, me fez sentir melhor o fascínio dos números e expandiu meus horizontes em relação aos programas de saúde pública. Em 1969 mudei-me para o Rio de Janeiro e voltei a trabalhar no Setor de Enfermagem na rua do Resende. A esta altura já havia visitado dispensários e sanatórios em todos os estados da Federação (exceto no Acre), alguns deles várias vezes. Mas agora, no interesse da expansão de cobertura dos serviços de saúde, o que se desejava era a integração dos serviços de tuberculose às unidades gerais de saúde. Por isto, visitei unidades sanitárias da Fundação SESP/MS, no sul da Bahia, e depois estagiei no Posto de Saúde Samuel Libânio, de estágio rural da Escola Nacional de Saúde Pública (então Instituto Castelo Branco) em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, outra vez sob a liderança das enfermeiras Elsa Ramos Paim e Adalgisa Vieira Matos.

No início dos anos 1970, a ênfase da Campanha voltou-se a estudos sobre prevalência da infecção tuberculosa e vacina BCG por via intradérmica, utilizada em todo o mundo. Assim, passei a assumir relevante participação em várias pesquisas de campo com PPD e BCG, merecendo coautoria nas várias publicações que delas resultaram.

Também nessa época o trabalho de supervisão nos estados passou a ser feito em equipe multiprofissional, ou seja, as enfermeiras começaram a viajar com médicos, assistentes sociais e nutricionistas e a supervisão passou a ser feita a partir das secretarias de saúde e não diretamente nos dispensários e sanatórios. Para tanto, eram oferecidos, no Rio de Janeiro, Cursos de Ação Integrada em Tuberculose, para os profissionais das secretarias estaduais de saúde. No contexto da construção da estrada transamazônica, como estratégia de integração nacional, este curso foi também realizado em Belém do Pará.

Ainda em 1969 recebi o convite do Dr. Aldo Villas Bôas, naquele momento assessor da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) /OMS em assuntos de tuberculose, para atuar na Venezuela como consultora temporária, por dois meses, para treinar equipe para uma investigação epidemiológica que objetivava comparar a sensibilidade da população escolar a diversos tipos de tuberculina, na capital e no interior. Durante essa viagem, para grande aflição minha, tomei conhecimento, pelos jornais, da decretação do Ato Institucional nº 5 (AI5) no Brasil, evento emblemático da radicalização da repressão que outorgou poderes ilimitados ao Executivo, permitiu o fechamento do Congresso por tempo indeterminado; a continuação da cassação de mandatos; a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão; a demissão ou aposentadoria de qualquer funcionário público, civil ou militar; a ampliação da censura prévia à imprensa e aos meios de comunicação. Também deu ao presidente o poder de intervir nos estados e municípios, nos órgãos legislativos de todos os níveis e também na magistratura. A imprensa e as manifestações artísticas passavam a sofrer a mais rígida censura e os adversários do regime tiveram cassados seus direitos políticos. Enquanto isto, em Caracas, eu estava hospedada em um hotel que ficava na frente do Jardim Zoológico e, de noite, ao ouvir o esturro das feras, pensava estar na savana africana.



Fotografia 4. Ieda, consultora temporária da OPAS, Caracas/Venezuela, 1969.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

Em 1971, por ocasião da reforma estrutural do MS, ocupei, na agora Divisão Nacional de Tuberculose, o cargo de coordenadora de Treinamento e Divulgação, planejando e implantando sua estrutura e funcionamento.

Em 1975 participei de uma pesquisa promovida pelo Comitê Latino-Americano da União Internacional Contra a Tuberculose (UICT), sobre a formação de enfermeiras para os programas integrados de controle da tuberculose na América Latina. No ano seguinte, fiquei dois meses em Washington, discutindo seus resultados e elaborando o relatório da pesquisa, em colaboração com o assessor para tuberculose Dr. Antônio Pio, em articulação com a enfermeira Olga Verderese e o Dr. Juan Cesar Garcia, estes do setor de pesquisa da Pan American Health Organization (PAHO). Este trabalho foi publicado pela OPAS e por mim apresentado como tema oficial em Conferência da UICT, realizada em Montevideu em 1979.

Trabalhei nos escritórios da PAHO em Washington outra vez em 1977, na qualidade de assessora do Comitê de Peritos em Tuberculose, e também para contribuir na elaboração de um modelo de treinamento em tuberculose para pessoal auxiliar, organizado pelo Dr. Fábio Luelmo, consultor permanente da OPAS e por ela publicado em 1979. Este trabalho me valeu o convite para participar, como consultora temporária da OPAS, de vários cursos internacionais de epidemiologia e controle da tuberculose e formação de recursos humanos.

Enquanto evoluía a crise “pós-milagre brasileiro”, viajei, em 1978, ao Chile de Pinochet, com toque de recolher e tudo, mas tive o direito de molhar os pés no oceano Pacífico. Em 1982, colaborei com o Instituto Nacional de Epidemiologia de Santa Fé, Argentina, onde comprei a bolsa mais linda que já possuí, e, no ano seguinte, voltei a trabalhar no El Algodonal, em Caracas, onde iniciara minha colaboração com a OPAS.

Mais tarde, em 1976, foi o diretor da Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária (DNPS), o médico paraense Almir Gabriel, ex-diretor do Sanatório Barros Barreto da CNCT em Belém e depois eleito senador da República e relator do capítulo da ordem social na Assembleia Constituinte de 1987-88, a “constituição cidadã”, que englobou o projeto da Reforma Sanitária, instituindo o Sistema Único de Saúde. Ele convidou-me para implantar a Coordenação de Recursos Humanos da DNPS, para o que me empenhei decididamente. Em 1978, frente a uma nova reforma administrativa do MS, segundo os princípios da administração por objetivos, as seções técnicas organizadas segundo



Fotografia 5. Ieda, Assessora do Comitê de Experts em Tuberculose, Washington/USA, 1977, ao lado do Consultor Permanente da OPAS, Dr. Fábio Luelmo.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

o grupo profissional foram extintas, entre elas a Seção de Enfermagem. As enfermeiras dos serviços especializados de alto padrão ficaram deslocadas e foram distribuídas pelos novos setores, integrando equipes multiprofissionais.

A esta altura estava em vigor uma política de desmantelamento dos programas especializados, ditos verticais, como o da tuberculose, e o escopo da instituição foi alargado para abranger todas as pneumologias de interesse sanitário. Assim, em 1979, fui designada como assessora do diretor da DNPS e, em 1981, enquadrada no MS como sanitarista, com quase cinquenta colegas de todo o país, obtendo excelente classificação.

Quando a DNPS mudou-se para Brasília, o casarão da rua do Resende foi cedido para o Instituto Nacional do Câncer (INCA) e criou-se, em Curicica, um Centro de Referência Hélio Fraga, ligado ao MS. Em 1988 finalmente aposentei-me do MS. Oito anos depois, em 1996, surpreendi-me com o convite do Dr. Miguel Aiub Hijjar, secretário nacional dos Programas Especiais de Saúde/MS, para proferir conferência sobre o tema de minha tese de doutorado e, na oportunidade, fui homenageada com uma placa de prata, “pelos relevantes serviços prestados à Campanha”.

Enfim, meu trabalho na CNCT conferiu-me a oportunidade de conhecer as capitais dos estados do Brasil e várias cidades do interior, ajudando-me a construir uma visão nacional da enfermagem. Possibilitou-se também desenvoltura na prática da saúde pública, mediante planejamento, supervisão e avaliação de dezenas de unidades

operacionais, bem como na prática de ensino e na elaboração e coordenação de projetos de pesquisa. Assim, tornei-me uma figura conhecida e até admirada por muitas colegas.

À CNCT dediquei meus melhores esforços e o maior entusiasmo. Lá, sempre fui incentivada a fazer sempre mais e melhor. E ela projetou-me nacionalmente, permitindo-me, inclusive, edificar uma carreira internacional. Abriu-me caminhos na vida associativa e na carreira de docente universitária, até mesmo liberando-me para fazer o curso de Mestrado na Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), em sua primeira turma. E durante minha gestão na presidência da ABEn, financiou minhas passagens aéreas e ainda um dos números da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn).

Trouxe-me também oportunidades de resgatar partes da minha história de vida. Em 1965, viajando como supervisora, conheci Belém do Pará, cidade natal de minha mãe, e reconheci locais por ela descritos. Em 1973, aos 37 anos de idade, retornei, pela primeira vez, à minha cidade natal, Campo Grande, e pude localizar a sede da antiga fazenda Bandeira, onde morou minha família. Voltando a Belém, para participar de um encontro regional multidisciplinar da CNCT, fui convidada pelo médico paraense Dr. Ancindino Pascoal de Leão, a visitar a Ilha de Marajó, onde meus pais haviam iniciado um romance há 44 anos.

No que se refere à vida associativa, pertenci à ABEn durante 54 anos, ou seja, no decorrer de toda minha trajetória profissional. Na EEAN, a adesão à Associação era automática, imediatamente após a conclusão do curso. Conforme minha movimentação profissional, tive a oportunidade de participar de várias seções estaduais da ABEn. Boa parte dessa atuação ocorreu no contexto da ditadura militar, que vigorou no Brasil de 1964 a 1984. Na ABEn-RJ fui vice-presidente, na gestão de Maura Maria Pereira de Lima (ex-2ª tesoureira na gestão Clarice Ferrarini - 1962-1964). Na ABEn-PE, sendo presidente Maria Ferreira da Silva, participei da organização do 20º CBEn, realizado em 1968, na qualidade de secretária executiva, com a ajuda da tesoureira da ABEn Central, Irmã Maria Tereza Notarnicola, sob a presidência de Circe de Melo Ribeiro, a quem nós da comissão organizadora reivindicamos alugar a sede de um clube para sediar o congresso e também que houvesse uma mesa oficial sobre a atuação da Sudene no campo da saúde. A exposição sobre a enfermagem ficou a cargo da professora Isabel Santos, da Escola de Enfermagem da UFPE, então cedida a essa Superintendência, que impressionou a todos com o brilho e veemência de sua fala. Naquele momento já se prenunciava a grande figura que viria a ser mentora e realizadora do Programa de Profissionalização dos Trabalhadores de Enfermagem, mediante a adoção de currículos integrados, voltados para competências e que se constituíram em verdadeiras escolas de inclusão social. E nós, enfermeiras da CNCT, ficamos orgulhosas com a homenagem prestada pela ABEn ao Dr. Laurênio, pelo seu reconhecimento à importância e ao valor da Enfermagem. O título lhe foi agraciado durante o 20º CBEn, realizado no Recife.

De volta ao Rio de Janeiro, já possuindo um nome conhecido, recebi convite da enfermeira do SESP Isaura Lopes de Godoy, para concorrer à eleição ao cargo de 1ª secretária da diretoria da presidente Circe de Melo Ribeiro (gestão 1966-1968), cargo que exerci sob a presidência de Amália Corrêa de Carvalho. Era secretária executiva a paulista Clarice Ferrarini, ex-aluna da EEAN. Ilustres colegas de diretoria eram Maria Dolores de Andrade, 1ª vice; Irmã Tereza Notarnicola, 1ª tesoureira; nas Comissões Permanentes: Maria Rosa de Souza Pinheiro, Gleite de Alcântara, Haydée Guanais Dourado, Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, Anayde Corrêa de Carvalho e Vilma de Carvalho. E lá testemunhei os ingentes esforços da diretoria e a dedicação de um grupo de enfermeiras para doação do terreno

à ABEn, pela Novacap, para a construção da sede da ABEn em Brasília. Durante essa gestão, além das funções e atribuições normais de uma 1ª secretária, participei da reorganização da biblioteca da ABEn e determinei encadernar três coleções completas da REBEn, de 1932 a 1972, que se encontram na sede da ABEn em Brasília. Também fui indicada pela presidente para participar, de abril a setembro de 1970, de uma pesquisa de campo sobre o levantamento do pessoal de saúde em exercício na cidade do Rio de Janeiro, sob a coordenação da Dra. Célia Lucia Monteiro de Castro, diretora do Núcleo Integrado de Estudos de Recursos Humanos para a Saúde (NIERHS), sediado na Escola Nacional de Saúde Pública, em Manguinhos, no Rio de Janeiro.

Em 1972, durante o 24º CBEn em Belo Horizonte, dividi um quarto de hotel com Vilma de Carvalho, editora da REBEn (1970-1972) e professora da EEAN pertencente à agora denominada UFRJ, cujo Conselho Universitário, neste ano, concedeu o título de Doutor *Honoris Causa* ao general e presidente Garrastazu Médici. Soube, nessa ocasião, da abertura de um Curso de Mestrado na EEAN, o primeiro do país, e senti-me incentivada a me inscrever na primeira turma, aceitando Vilma de Carvalho ser minha orientadora. A coordenadora do curso era Cilei Chaves Rodhus. Minha dissertação, que versava sobre os “Aspectos críticos do desempenho de funções próprias do enfermeiro na assistência ao paciente não hospitalizado”, título elucidativo sugerido por minha orientadora, constituiu uma ponte entre o conhecimento por mim anteriormente construído na prática profissional e aquele elaborado na academia. Ela figura entre as três primeiras dissertações do curso de mestrado da EEAN apresentadas em 12 de maio, Dia Internacional da Enfermeira, no ano de 1975, para a mesma banca examinadora.

Quando deixei o cargo de secretária na diretoria da ABEn Central, passei a atuar na ABEn – Seção Guanabara. Na gestão da presidente Herdy de Almeida Vieira (1972-1976), ocupei o cargo de vice-presidente e, a partir de 1975, atuei como secretária executiva do 28º CBEn, sendo presidente deste Congresso Maria da Graça Simões Corte Imperial, em exercício a partir de novembro de 1974, por motivo do falecimento da presidente Gleite de Alcântara. Simultaneamente se realizaria o Congresso Sul-Americano do Conselho Internacional Católico de Enfermeiras e Assistentes Médico-Sociais (CICIAMS), sob a responsabilidade de Amália Corrêa de Carvalho, que representava o Brasil nesse Conselho. Tive assim, mais uma vez, a oportunidade de atuar de perto com a Irmã Tereza Notarnicola, tesoureira da ABEn Central. Ambos os congressos ocorreram em 1976, tendo como sede o Hotel Nacional, em São Conrado, uma torre projetada por Oscar Niemeyer.

Em março de 1975, o governo do general e presidente Ernesto Geisel sancionou a fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro, por via autoritária, sem a realização de um plebiscito. Tal fusão, cujo objetivo era neutralizar o Rio de Janeiro como foco de oposição ao regime, viabilizou-se pela construção da ponte Rio-Niterói, inaugurada no ano anterior com o nome de Ponte Presidente Costa e Silva, falecido em 1969 e em cujo governo se iniciara sua construção.

Os membros do I Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) foram empossados pela diretoria da ABEn no dia 23 de abril de 1975 (dia em que eu completava 39 anos). Entre os membros efetivos são de especial interesse para esse depoimento: Maria Rosa de Souza Pinheiro, Amália Corrêa de Carvalho, Raimunda da Silva Becker e Jandira dos Santos Orrico; entre os suplentes, ressalta-se Haydée Guanais Dourado. Logo após a posse, em reunião das conselheiras, foi eleita a primeira diretoria: Maria Rosa de Souza Pinheiro, presidente; Amália Corrêa de Carvalho, vice; Raimunda Becker, tesoureira;



Figura 1. Edital dos Correios do Brasil nº 16 de 1976, emitido em comemoração ao cinquentenário da ABEn.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

entre as conselheiras, Jandira dos Santos Orrico. Na circunstância do esforço despendido para a implantação do Sistema COFEN/CORENs, no prazo de 12 meses, houve urgência de novas lideranças no âmbito da ABEn. Isso se comprova pelo fato de as três primeiras presidentes do COFEN, Maria Rosa de Souza Pinheiro, Amália Corrêa de Carvalho e Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, já terem participado da diretoria da ABEn da qual eu fora 1ª secretária.

Neste sentido, a coordenadora da Comissão de Eleições, Irmã Tereza Notarnicola, convidou a mim e a Jandira dos Santos Orrico, da Bahia, com quem eu já tivera o prazer de trabalhar na CNCT, em Fortaleza, para concorrermos à presidência da ABEn. A eleição era por múltipla escolha, podendo haver, para cada cargo, várias candidatas, ou seja, cada candidata recebia seus votos individualmente. Deste modo, a composição da diretoria seguinte só era conhecida ao final da apuração das eleições em todas as Seções da ABEn.

Eu já era bastante conhecida por minha atuação no campo da tuberculose e nas Assembleias de Delegados da ABEn, além de ter militado em várias seções estaduais. Assim, ganhei a eleição para presidente com uma expressiva votação (cerca de 64% dos votos). No entanto, mesmo legitimada, houve certa manifestação na Comissão Organizadora do CBEn, ao término do qual se daria minha posse, sobre a necessidade de submeter meu discurso inaugural de presidente à censura prévia, o que não ocorreu.

Presente ao Congresso, como convidada de honra, estava Miss Bertha Pullen, enfermeira americana que fora diretora da EEAN ao final da missão de enfermeiras da Fundação Rockefeller (1928-1931) e que retornou ao Brasil para novamente dirigir a Escola (1934-1938), já na conjuntura da Era Vargas.

Na Assembleia de Delegados que antecedeu o 28º CBEn foi discutida a proposta e aprovado um novo Estatuto da ABEn, que continha mudanças de porte na estrutura e no funcionamento da Associação. A abertura do Congresso ocorreu no dia 12 de agosto de 1976, dia do cinquentenário da ABEn, quando foram lançados o selo e o carimbo comemorativos e respectivo edital dos Correios do Brasil.

A posse da nova diretoria, para o período 1976-1980, ocorreu no dia 18 de agosto de 1976. Também tomaram posse Isaura Lopes de Godoy como primeira vice; Aline Guimarães Debiase como secretária; Elvira de Felice Souza, como coordenadora da Comissão de Educação; Lygia Paim, como coordenadora da Comissão de Publicações e Divulgação; e Anayde Corrêa de Carvalho, que já ocupava o cargo de coordenadora da Comissão de Documentação

na gestão anterior, agora denominada Comissão de Atividades Científicas e Documentação; Taka Oguisso, como tesoureira; Lydia das Dores Matta, como coordenadora da Comissão de Legislação; Dulce de Castro Mendes, como segunda secretária; Maria Eleusa Gereba de Farias, como segunda tesoureira; Maria da Graça Simões Corte Imperial passaria a ocupar a segunda presidência, na forma estatutária.

Em meu discurso inaugural, registrei que sendo a ABEn, por quase 50 anos, a única entidade representativa dos enfermeiros em nível nacional, além de desempenhar suas atividades eminentemente culturais, vinha ela procurando exercer também um papel disciplinador do exercício profissional e agir em defesa da classe. E, mesmo que lhe faltasse autoridade legal para tais empreendimentos, era grande para com ela a dívida das autoridades, a quem sempre forneceu valiosos subsídios, e a nossa, porque sua luta sempre foi em favor de melhores condições de trabalho, para elevação do padrão da assistência de enfermagem. Lembrava ainda que a gênese do sistema COFEN/CORENs e dos primeiros sindicatos de enfermeiros datava de um período de transição, em que a ABEn teria que se atualizar, não propriamente buscando outro papel, que este sempre fora e seria o de definir a profissão na sociedade brasileira, mas procurando novos caminhos e modos de desempenhá-lo.

Assim, depois de quase duas décadas de militância na vida associativa, iniciei meu mandato como presidente da ABEn, sob o signo de uma transição política e institucional, que ocorria em vários níveis. O regime de força vigente no país desde 1964 ainda controlava de perto todas as atividades associativas, mas já dava mostras de esgotamento.

Em âmbito interno, havia um novo estatuto, votado na semana anterior à Assembleia de Delegados, entre intensos debates, e que cabia à nova diretoria implantar, incluindo a organização e o funcionamento do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem (CEPEn) da ABEn, bem como a instalação da diretoria na nova sede na capital federal.

Três dias após a posse, em 21 de agosto, recebi a visita da representante do Conselho Internacional de Enfermagem (CIE/ICN), Fumi Kobaiashi, para tratar de assuntos do 16º Congresso Quadrienal da entidade, a ser realizado no Japão, em 1977, com quem nos reunimos na sede da ABEn-RJ, na Av. Presidente Vargas, com Clarice Ferrarini (ainda na qualidade de Secretária Executiva) e Vilma de Carvalho, ex-colega dessa enfermeira japonesa na Universidade de Wayne, na cidade de Detroit/EUA.

No dia 10 de setembro fiz uma visita oficial à Miss Bertha Pullen, que durante o Congresso sofrera uma queda e fraturara o fêmur. Ela foi operada no hospital da Beneficência Portuguesa, onde era chefe do Serviço de Enfermagem Maria da Graça Corte Imperial, que me transmitira o cargo de presidente uma semana antes e que se desdobrou na atenção à nossa ilustre colega, até que ela estivesse em condições de fazer a viagem de avião de volta aos EUA.

E havia o problema crucial da Secretaria Executiva, que Clarice Ferrarini continuava a atender, porém na condição de demissionária, pois naquele momento ela ocupava um alto cargo no MS, ainda sediado na antiga capital. A nova secretária executiva deveria residir em Brasília. Clarice se hospedava com a Irmã Tereza na sede das irmãs vicentinas, conhecida como Medalha Milagrosa, na Tijuca, onde eu ia tratar dos negócios da ABEn. Pelo que eu conhecia da Irmã Tereza, sua capacidade de trabalho e por sua disponibilidade de se mudar para Brasília, decidi convidá-la para o cargo – e ela aceitou, após obter o consentimento da Ir. Provincial, a quem devia obediência, tornando-se então funcionária da ABEn.

As primeiras providências tomadas para o pleno funcionamento da ABEn foram: a transferência dos arquivos da sede da ABEn da Av. Franklin Roosevelt, no centro do Rio de Janeiro, e dos arquivos que permaneciam na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) em São Paulo para a sede de Brasília, providências tomadas por Clarice Ferrarini. A montagem da secretaria e a mudança do idioma usado na correspondência, de inglês para espanhol, o que inclusive nos posicionaria melhor na região do CIE/ICN que nos correspondia (América Latina e Caribe), foram também providências tomadas pela nova secretária executiva.

Assim, no dia 18 de setembro de 1976, um mês após a posse, realizou-se na nova sede da ABEn, em Brasília, a 1ª Reunião da Diretoria da ABEn Central, já com a presença da nova secretária executiva. Foi neste momento que o heterogêneo grupo que compunha a nova diretoria veio a se reconhecer como tal e com uma missão comum. No entanto, se havia uma presidente que nunca ocupara este cargo, não se poderia dizer que éramos uma diretoria renovada, pois cinco de seus membros já haviam ocupado cargos em diretorias anteriores da ABEn Central: a presidente e a 1ª vice haviam sido primeiras secretárias recentemente; a 1ª tesoureira havia sido 2ª tesoureira da diretoria anterior; a coordenadora da comissão de documentação já ocupara este cargo na diretoria anterior e a coordenadora da revista era membro dessa comissão na diretoria anterior. Além disso, a secretária executiva tinha atuado na tesouraria entre 1960 a 1972, em seis gestões consecutivas.

De um ponto de vista geográfico, cinco dos membros da diretoria residiam em Brasília: 1ª vice, 1ª secretária e membros das comissões de legislação e da revista – e, mais tarde, também a de assistência, bem como a secretaria executiva e o conselho fiscal, o que viria a facilitar sobremodo o funcionamento da sede, o atendimento de assuntos emergentes e a implementação de melhorias na sua estrutura física, como a instalação do auditório multiuso e a construção da casa do caseiro. A presidente e a coordenadora de educação vinham do Rio de Janeiro; a 1ª tesoureira e a coordenadora de documentação, de São Paulo; e a 2ª secretária, de Belo Horizonte. Se as despesas com passagens aéreas e hospedagem eram baixas, a representatividade das regiões do país também o era, pois a diretoria concentrava-se no Distrito Federal e no eixo Rio-São Paulo. Minas Gerais tinha uma representante. As Regiões Norte, Nordeste e Sul não tinham representantes.

A diretoria acordou que a implantação do novo Estatuto da Associação teria a máxima prioridade. Tal deliberação implicava a elaboração, discussão e aprovação de regimentos internos para cada órgão da ABEn; na implantação do CEPEn; na realização de Seminários Regionais. Era também necessário preencher o cargo vago da Coordenação de Assistência, para o que, por deliberação da diretoria, decidiu-se realizar eleição durante o 29º CBEn, sediado no balneário Camboriú, estado de Santa Catarina, em 1977. Na ocasião, elegeu-se Clarice Ribeiro Cazzola, de Brasília, que tomou posse na sessão final da Assembleia de Delegados. Neste congresso o tema central referiu-se à situação da saúde no país e suas implicações para a prática assistencial.

Este mesmo ano de 1977 seria de retrocesso político, com novas cassações e repressão ao ressurgimento do movimento estudantil. O fechamento do Congresso Nacional, com base no AI5, permitiu que fosse baixado o “Pacote de Abril”, no mês em que eu completava 41 anos. O AI5 continha medidas de exceção, como a retirada das garantias dos juizes, a suspensão do *habeas corpus* para crimes políticos; a suspensão das iminentes eleições diretas para governadores; um terço dos senadores passou a ser

indicado pelo presidente da República; o *quórum* para as emendas constitucionais reduziu de 2/3 para maioria absoluta; e o mandato do próximo presidente da República aumentou de cinco para seis anos. A greve dos estudantes foi solucionada pela invasão do campus da Universidade de Brasília (UnB) pela Polícia Militar. Ainda neste ano, segundo a racionalidade da doutrina da Segurança Nacional, foi criado o novo estado de Mato Grosso do Sul e, então, eu deixei de ser simplesmente mato-grossense, passando a ser mato-grossense do sul.

No que se refere à posição da ABEn na comunidade de enfermagem, ainda assim evidenciou-se a possibilidade de firmar sua posição como fórum nacional de debates, inclusive com a abordagem de questões até então silenciadas, como a adversa situação da enfermagem na Previdência Social, a correlação entre problemas da profissão e da mulher na sociedade, e a política de planejamento familiar. Em âmbito interno, a Assembleia de Delegados, órgão de deliberação superior da Associação, foi o espaço social privilegiado para o confronto de opiniões, garantida a participação de cada um e de todos.

No sentido de conjugar nossos esforços com as seções estaduais, procuramos incrementar as comemorações da Semana da Enfermagem em todo o país, a cargo de uma comissão especial que trabalhava sobre um tema escolhido na Assembleia de Delegados do ano anterior e fornecia, às seções e aos distritos, material promocional de apoio. Também, com a ajuda dos relatórios das diretorias estaduais, passamos a elaborar um relatório anual consolidado, de modo a oferecer uma visão de conjunto da problemática da ABEn, bem como estabelecer termos de comparação.

No 30º CBEn, realizado em Belém do Pará, em 1978, o tema central: “A Enfermagem e o Sistema Nacional de Saúde”, chamava os associados a refletir sobre a necessidade de a profissão estar atenta às mudanças no campo da prática e suas repercussões para a categoria. Neste ano, então com 76 anos de idade, minha mãe pode rever sua cidade natal, após mais de meio século de ausência.

No Congresso Latino-Americano de Enfermagem e Reunião da Federação Pan-Americana de Enfermeiras/os, realizados em Porto Rico, em 1978, no tradicional desfile de trajes típicos, exibi uma autêntica roupa de “filha de santo”, que me foi concedida por empréstimo pela Seção Bahia. E conseguimos o apoio nas unidades federadas para o pleito que a ABEn iria colocar no Conselho de Representantes Nacionais (CRN) do CIE/ICN de 1979, no sentido de sediar o CRN de 1981 (portanto na gestão seguinte), em Brasília.

O ano de 1979 foi movimentado e frutuoso. Compareci ao CRN do CIE/ICN de 1979, realizado em Nairóbi, no Quênia, onde seria votado o local do CRN seguinte. Representei o Brasil, na companhia da professora Vilma de Carvalho. Como a ABEn não poderia arcar com as despesas de viagem, concordei em financiar metade dos gastos da presidente da ABEn. Apresentei a proposta de sediar em Brasília o CRN de 1981 - e ganhamos, com o apoio da América Latina e da África. Indiquei, para participar do Seminário sobre assistência primária de saúde e tecnologias apropriadas, atividade paralela ao CRN, duas eminentes enfermeiras de saúde pública: Adalgisa Vieira Matos, da Fundação SESP/MS, e Maria Nilda de Andrade, da Escola de Enfermagem da UFPE. Conhecemos ainda a cidade islâmica de Mombaça, à beira do oceano Índico, antiga capital do país, e agora pude ver de perto a savana, o povo massai e os animais.

Em 1979, ao ser eleita por meus pares para coordenar a Comissão de Especialistas do Ensino da Enfermagem, da Secretaria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em Brasília, comprovei o reconhecimento social da importância da

ABEn no campo da enfermagem. No mesmo ano, ainda em Brasília, representei a ABEn em uma reunião dos ministros da educação, da saúde e da previdência sobre a Política Nacional de Saúde, junto com um expressivo número de representantes da sociedade civil, nos marcos do movimento sanitário.

À época da organização do 31º CBEn, a ser realizado em Fortaleza em 1979, os ventos da política vinham mudando e já se colocavam novas possibilidades. Como a Seção Ceará declinou do encargo de assumir a Comissão de Temas, foi indicada outra seção do Nordeste, no caso a Seção Bahia, sendo coordenadora a professora Therezinha Teixeira Vieira, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que liderou o grupo que integrava a comissão. O tema central, “Desafios da Enfermagem Brasileira”, era extremamente pertinente ao contexto político e social e a metodologia promovia a participação de todos, mediante um movimento descendente de análise, seguido por um movimento ascendente de síntese. Durante este congresso fui honrada com a missão de fazer a entrega dos prêmios aos vencedores de uma regata de jangadas, um dos momentos mais poéticos da minha vida. E também pude conhecer Quixadá, viajando em comitiva oficial, onde localizei a sede da fazenda de meu bisavô.

A esta altura, graças à competência da coordenadora da comissão e ao seu prestígio nas universidades federais, a tiragem da REBEn alcançara os cinco mil e quinhentos exemplares, o Boletim Informativo passara a ser distribuído a todos os associados, e houve a inovação dos Anais dos Congressos e de outras publicações.

Neste ano de 1979 promovemos, pela primeira vez, dois tipos de encontros – o 1º Encontro Regional de Enfermagem, destinado a abrir espaço para discussão de problemas que não fossem prioridade nacional, facilitar o comparecimento das enfermeiras da região a um evento da ABEn e contribuir para seu desenvolvimento científico e cultural. Este primeiro seminário foi o ENF/SUL, realizado em Curitiba, organizado com todo o empenho pela então presidente da Seção Paraná, Rosi Koch, e ao qual compareci e acompanhei de perto a excelência de seus resultados.

A outra nova modalidade de evento foi o 1º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem (SENPE), organizado por um grupo de docentes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, inclusive Maria Cecília Puntel de Almeida, lideradas por Amália Corrêa de Carvalho. O evento ocorreu em novembro de 1979, quando a campanha eleitoral já estava efervescendo. Realizou-se não na Escola de Enfermagem, e sim em um hotel da cidade. Foi um seminário de alto nível, que recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A estratégia metodológica foi a apresentação de três trabalhos acadêmicos já submetidos e aprovados em bancas examinadoras: a tese de livre-docência de Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, a tese de livre-docência de Therezinha Teixeira Vieira e a dissertação de mestrado de Isabel Amélia Costa Mendes, as quais foram comentadas por pesquisadores da USP. Também houve mesas temáticas de debates. O grupo de apenas 64 pesquisadoras, que representavam 15 Escolas de Enfermagem, foi capaz de traçar um panorama da pesquisa de enfermagem no Brasil e apontar novos rumos.

Considerando que à época toda a produção cultural vinha sendo rigidamente controlada pelo Estado, por meio de censura mais ou menos explícita, pode-se acreditar que o 1º SENPE representou uma oportunidade ímpar, nos primórdios da formação da comunidade científica da enfermagem, de apresentar e debater sua produção, então incipiente, e de levantar as questões prioritárias para o desenvolvimento da pesquisa necessária à construção do conhecimento. E é provável que sua realização tenha

influenciado a criação, no ano seguinte, do código da subárea de enfermagem no sistema de classificação das áreas de conhecimento do CNPq.

Havia, na época, o problema da sucessão da diretoria, a quem cabia promover o processo eleitoral para o próximo quadriênio (1980-1984). Ao final de 1979, a ABEn contava com 5117 associados, o que correspondia a uma cobertura de 30% do universo estimado pelos registros dos CORENs.

Eu nunca pensara em me recandidatar: de todos os modos, a permanência por oito anos na presidência da Associação parecia-me uma inconveniência. Lygia Paim era a candidata natural da chapa da situação e, aliás, fortíssima candidata. Ademais de sua imensa contribuição à REBEn e à ABEn, ela, naquele momento, prestava assessoria a 22 Escolas de Enfermagem em processo de implantação, em todo o país, de acordo com a prioridade dada à Enfermagem no 1º Plano Nacional de Pós-graduação do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (DAU/MEC). A vice de sua chapa seria Vilma de Carvalho, professora da EEAN, coordenadora da Comissão de Elaboração de Reforma Curricular do Curso de Graduação da EEAN, inserida no Projeto Novas Metodologias DAU/MEC, projeto coordenado, em nível nacional, por Lygia Paim e do qual eu participava no âmbito da EEAN. No entanto, dias depois, as duas candidatas que encabeçavam a chapa julgaram melhor trocar de posição. Por outro lado, a Ir. Tereza, secretária executiva da diretoria, havia sido indicada pela mesma para coordenar o processo eleitoral. Ela recebeu aceite ao convite que fez à Circe de Melo Ribeiro, ex-presidente da ABEn por dois mandatos consecutivos (1964-1966 e 1966-1968) e professora de Administração de Enfermagem da USP, para concorrer à presidência, ficando assim evidente o renovado interesse das antigas líderes de enfermagem pela presidência da ABEn.

Vilma de Carvalho contava com o apoio da EEAN e da Seção RJ, cuja presidente era Elvira de Felice Souza, professora titular dessa Escola, mas reservou-se e achou por bem não fazer as visitas protocolares às escolas e aos serviços de enfermagem. Circe fez campanha nacional, fortemente apoiada pela Seção SP, e convidou para integrar sua chapa, na qualidade de vice-presidente, Isaura Lopes de Godoy, a vice-presidente da nossa diretoria.

Vale notar que as candidatas concorrentes até então mantinham relações de colaboração e estima. Mas o processo eleitoral foi sofrido. Pela primeira vez na história da ABEn, em virtude da reforma estatutária de 1976, tivemos a formação de chapas concorrentes. A campanha eleitoral ocorreu durante a presidência de João Figueiredo (1979-1985), em um contexto de agravamento da crise econômica, social e política, marcado por manifestações e reivindicações de estudantes e da classe trabalhadora. Com o avanço no processo de abertura política, foi decretada a anistia e começou a campanha nacional em prol das eleições diretas para presidente da República. Era evidente a participação crescente das categorias de enfermagem na cena política. E diante de duas candidaturas, uma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo, a diretoria dividiu-se.

Na apuração dos resultados, verificou-se que Circe Ribeiro contava 56 votos a mais do que Vilma de Carvalho, mas que a Seção SP admitira votos por correspondência, modalidade vedada pelo Regulamento – e que estes não haviam sido apurados à parte pela Seção. Na reunião extraordinária da Diretoria, para homologar o relatório geral das eleições, como seria de se esperar, tendo entre seus membros as candidatas à vice-presidência das duas chapas, a diretoria rachou. Depois de muitas



Fotografia 6. Ieda com Clarice Cazzola (à esquerda) e Lygia Paim (à direita), saindo do Aeroporto de Brasília, 1980.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

horas de discussão, a candidata à vice da chapa prejudicada, em um gesto de conciliação, propôs que o resultado fosse aceito, para aquele momento, já que o assunto teria que ser submetido à Assembleia de Delegados, órgão superior de deliberação da ABEn. Em seguida, foi decidido que se procedesse a uma averiguação de como havia transcorrido o processo eleitoral em todas as seções. Assim, a Diretoria notificou as seções do ocorrido e instituiu uma comissão especial, coordenada por Leonia Machado Borges (ex-segunda tesoureira da ABEn e minha colega de diretoria na segunda gestão de Amália Corrêa de Carvalho), para estudar o problema, de modo a proporcionar à Assembleia de Delegados a possibilidade de deliberar com amplo conhecimento de causa. A chapa da Vilma de Carvalho acatou a decisão da diretoria. Ao contrário, a Seção São Paulo ameaçou desligar-se da ABEn. O que a Comissão Especial apurou foi que apenas a Seção São Paulo havia promovido votação por correspondência, mas que em muitas outras seções tinham ocorrido falhas na dinâmica eleitoral (e tais falhas viriam de novo a se evidenciar no processo sucessório seguinte).

À Assembleia de Delegados/1980, realizada em Brasília, compareceram as duas candidatas. Ao presidir a sessão, notei que, no transcurso dos trabalhos, alguns delegados se consultavam. Mas, para minha surpresa, o Relatório da Comissão Especial foi aprovado sem objeções e os resultados apresentados pela Comissão Eleitoral foram homologados pela Assembleia de Delegados. A transmissão do cargo foi um pouco sem alegria, mas correu tudo bem.

Minha gestão na presidência da ABEn ocorreu em um momento em que as regras do jogo estavam sendo mudadas radicalmente. O regime militar estava em crise, devido ao esgotamento do “milagre brasileiro”, que dava sustentação ideológica ao governo. No campo da enfermagem, a emergência do COFEN exigia a reconfiguração da ABEn. Ao mesmo tempo, havia a emergência de um movimento que se organizava para assumir os destinos da Associação, mas que, naquele momento, ainda precisava se afirmar. E nessa conjuntura, tornei-me avó do Ricardo, que nasceu na época em que sua avó paterna escrevia a novela *Coração Alado*. E naquele momento decisivo eu me encontrava em Brasília.

Daí em diante, por força do Estatuto, eu seria segunda vice-presidente. Irmã Tereza continuou como secretária executiva, mas não permaneceu por muito tempo no cargo. E eu tomei a decisão de participar das reuniões, no

sentido de acompanhar de perto o desenrolar dos acontecimentos. Quando a coordenadora do CEPEn renunciou ao cargo, apresentei o nome de Maria Cecília Puntel de Almeida, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, que foi aceito pela diretoria, sendo ela posteriormente eleita pelas associadas. E foi nesse posto que ela promoveu, em nome do CEPEn/ABEn, a 1ª Jornada Brasileira de História da Enfermagem realizada no Brasil, em 1984, durante o 36º CBEn, em Belo Horizonte. Apesar das dificuldades de entrosamento à época, relatei o tema oficial “O papel social do enfermeiro” no 34º CBEn, realizado em Porto Alegre, em 1982, a convite das colegas gaúchas que coordenavam tanto a comissão executiva quanto a de temas. Ao final dessa gestão representei a ABEn em um Seminário sobre Assistência Primária de Saúde, promovido pelo CIE/ICN, em Bogotá, Colômbia, considerando que era enfermeira sanitária do MS.

E a esta altura, o povo já estava nas ruas, clamando por renovação. A campanha das “Diretas já” empolgava o país. Com grande emoção juntei-me a um milhão de pessoas que se reuniram no “Comício da Candelária”, no Rio de Janeiro, no dia 10 de abril de 1984, prestes a completar 48 anos de idade, para reivindicar a emenda da Constituição. E a presidente Circe (1980-1984) não se recandidatou. Na campanha eleitoral, duas chapas se apresentaram. A chapa 1, denominada Compromisso, liderada por Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, ex-presidente do COFEN, ex-secretária de Trabalho e Bem Estar Social do estado da Bahia, tendo como vice Clarice Ribeiro Cazzola, ex-coordenadora da Comissão de Assistência na minha gestão. O movimento, que desde a minha gestão já se vinha organizando e fortalecendo, inscreveu a chapa 2, denominada Participação, encabeçada por Maria José dos Santos Rossi, docente da UnB, tendo como vice Stella Maria Pereira Fernandes de Barros (Stella Barros), da UFBA. Ambas as chapas muito articuladas intelectual e politicamente, embora em posições opostas.

Decidi não aderir a nenhuma candidatura. A campanha comportou exageros. E, mais uma vez, os resultados não foram claros. Como a Comissão de Apuração anulou 40% dos votos, a massa dos votos válidos era maior do que a diferença entre o número de votos computados para cada candidata. Houve uma assembleia durante o 36º CBEn, em Belo Horizonte, para discutir a questão. E não houve acordo possível. Várias pessoas falaram a favor de uma nova eleição, inclusive eu, de modo a evitar que uma presidente assumisse a ABEn em condições tão precárias. E o caso



Fotografia 7. Ieda Presidente da ABEn nacional, gestão 1976-1980. Foto oficial pertencente à galeria das Presidentes da ABEn Nacional.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

foi parar na justiça. Na Assembleia de Delegados, quando a presidente Circe de Melo Ribeiro comunicou que o juiz determinara que Maria Ivete assumisse e que, se o resultado do processo lhe fosse desfavorável, ela seria destituída e a candidata concorrente assumiria o cargo, os partidários do Movimento Participação se rebelaram. Circe ficou estática por um momento, depois recolheu seus papéis, desceu do palco, atravessou a plateia e retirou-se do recinto. Houve um momento em que queriam que eu assumisse a presidência da Assembleia de Delegados, mas não aceitei e fui para o hotel. E não assisti à transmissão de cargo.

Então ocorreu o boicote de diversas seções à ABEn Central, inclusive sustando o envio do pagamento do *per capita*, o que criou uma situação de grande instabilidade. Pelo que sei, o impasse foi resolvido mediante acordo para diminuir o mandato da diretoria, de modo que pudesse haver nova eleição, o que exigiu uma reforma estatutária. No 38º Congresso, a ser organizado pela Seção Rio de Janeiro, em uma situação tão delicada, integrei a Comissão de Temas, coordenada pela professora Elza Ramos Paim, agora na Escola Nacional de Saúde Pública.

Finalmente, em 1986, ao vencer as eleições para a diretoria da ABEn Central, e com a posse de Maria José dos Santos Rossi, sendo vice Stella Barros (que viria a ser eleita presidente na gestão seguinte), o Movimento Participação institucionalizou-se. Nesta nova fase da vida associativa, marcada por uma profunda reforma político-administrativa, continuei dando minha contribuição à ABEn. Primeiro por intermédio da professora Semiramis Melani de Melo Rocha, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, que convidou a mim e a professora Suely de Souza Baptista, também da EEAN, para integrarmos a diretoria do CEPEn, de 1986 a 1989. Nós conseguimos financiamento do CNPq para dois projetos: um de História Oral da ABEn, que iniciou a gravação de histórias de vida de enfermeiras que à sua época participaram da construção da ABEn; e outro sobre a bibliografia de enfermagem publicada no país de 1916 a 1988.

Quando o Movimento Participação assumiu a ABEn, as professoras dos cursos de pós-graduação inicialmente se retraíram. E nesse contexto ocorreu o 5º SENPE, em Belo Horizonte, em 1988, totalmente voltado para os serviços de enfermagem. E as enfermeiras assistenciais compareceram em peso. No 6º SENPE, realizado no Rio de Janeiro, integramos novamente a Comissão de Temas, coordenada pela professora Suely de Souza Baptista. Durante este evento, em visita da presidente Stella Barros à EEAN, acordamos um convênio ABEn/EEAN relativo ao acervo oral por nós coletado quando integrantes do CEPEn.

Além de relatora de temas oficiais em vários congressos e seminários, também contribuí continuamente com artigos científicos para a REBEn e tornei-me membro do seu Conselho Editorial. E, em 1988, recebi da então diretora do CEPEn/ABEn Semiramis Melani de Melo Rocha convite que considero dos mais honrosos de minha carreira, ou seja, o de prefaciar a primorosa tradução feita pela ex-presidente da ABEn e professora titular da Escola de Enfermagem da USP, Amália Corrêa de Carvalho, da mais famosa obra de Florence Nightingale, as “Notas sobre a Enfermagem”.

Paralelamente à vida associativa, transcorria minha carreira acadêmica. No primeiro currículo do curso de mestrado em enfermagem havia ênfase nos conteúdos de pedagogia e didática, o que reflete a preocupação na formação de professores para os cursos de graduação e de especialização. Notava-se, neste currículo, lacuna no que se refere às disciplinas que discutissem os problemas sociais e políticos, de

modo a possibilitar às alunas a formação de uma consciência crítica e reflexiva em relação ao contexto social, econômico e cultural do país. E até porque o Decreto nº 477/1969 não permitia que o professor suscitasse questões sobre o contexto político ou expusesse sua opinião em sala de aula, e também reprimia a liberdade de expressão dos estudantes. Mesmo assim, foi durante o curso de mestrado, coordenado pela professora Cilei Chaves Rodhus, que eu iniciei reflexão mais séria sobre a Enfermagem como profissão, como nela eu me situaria e as implicações dessa vinculação na minha vida particular. Daí decorreu a decisão de ingressar na carreira de docente universitária.

Tendo obtido o grau de mestre em 1975, fui contratada pela EEAN como professora auxiliar no regime de 12 horas, junto ao Departamento de Enfermagem de Saúde Pública. Para assumir esse novo compromisso, abri mão do regime de dedicação exclusiva no MS. Assim, ingressei na EEAN para construir uma segunda carreira, já com o título de mestre, o que não era comum à época, bem como um nome nacional e de *expert* internacional em tuberculose e pesquisadora. De volta à EEAN, agora como professora, encontrei várias de minhas antigas mestras ocupando cargos de chefia, inclusive Cleonice Vicente Ribeiro, que nos meus tempos de aluna nunca me faltara com sua confiança, e agora era coordenadora do curso de graduação. Também Izabel da Cunha Dantas, no cargo de chefe do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública.

Como minhas primeiras turmas de alunos eram muito grandes, e meu horário de aula era amplo, elaborava um plano com várias atividades, incluindo discussão das notícias de interesse sanitário, selecionadas pelos alunos individualmente, entre as publicadas nos jornais da manhã, palestras de professoras, estudo dirigido em grupo, seguido de discussão plenária. Era um sucesso, mas aconteceu de me lembrarem, em plena classe, da lei que amordaçava professores e alunos. Quando as aulas eram para o pequeno grupo de formandas que havia optado pela saúde pública, eu lhes apresentava alguns exercícios de planejamento e avaliação das atividades de uma unidade sanitária, incluindo a análise da funcionalidade de sua estrutura física.

Em 1975, fui indicada pela diretora da EAN, Cecília Pecego Coelho, para participar do Seminário de Didática do Ensino Superior, promovido pelo Núcleo de Tecnologia Educacional do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, ligado ao respectivo Centro Latino-Americano (Nutes/Clates) dirigido pelo médico Luiz Carlos Lobo. Em consequência, semanas depois fui por ele indicada para participar de uma Oficina de Trabalho sobre Educação em Ciências da Saúde, cujo foco de interesse era a proposta de Integração Docente Assistencial para médicos e enfermeiras da América Latina, promovida pela Divisão de Recursos Humanos e Investigação da OPAS, em Washington D.C., e na qual se destacava a enfermeira Olga Verderese. E, pela primeira vez, pude conhecer de perto o espetáculo do outono no hemisfério norte e ainda a trepidante cidade de Nova York.

Quando passei a professor assistente 20 horas, no mesmo julho/1977, já como presidente da ABEn, submeti-me ao concurso de Livre-Docência, estratégia utilizada pelas universidades públicas para fazer face às exigências da Reforma Universitária de 1968, quanto à qualificação e titulação de professores para a implantação de programas de pós-graduação e pesquisa. Neste concurso obtive ótimos resultados, recebendo então dois diplomas: um de livre-docente e outro de doutor. Então, comecei a fazer orientação de alunas do mestrado.

Ainda em 1983 participei de duas oficinas internacionais: uma sobre Assistência Primária de Saúde promovida pelo CIE/ICN, em Bogotá, e outra sobre a contribuição da enfermeira para o cumprimento da meta “saúde para todos no ano 2000” (SPT2000), promovida pela OPAS/OMS, em Quito, Equador, quando apresentei trabalho sobre a pesquisa em enfermagem como instrumento de mudança na prática e na formação de recursos humanos.

No que se refere às entidades de classe, por indicação da diretora Cilei Chaves Rhodus, pude participar do esforço coletivo que representou a pesquisa promovida pelo COFEN, em convênio com a ABEn, sobre o exercício da enfermagem nas instituições de saúde do país, sob a coordenação de Olga Verderese, em 1983.

A década de 1980 trouxe mudanças radicais. Com a redemocratização do país, surgiu a novidade das greves de docentes universitários por melhorias salariais. A EEAN, unindo-se à associação de docentes da UFRJ, logo se entusiasmou. O término de minha gestão como presidente da ABEn ensejou uma reorientação de minha carreira na academia, a começar pela mudança de área de conhecimento, mediante concurso para professor adjunto no Departamento de Enfermagem Fundamental, uma vez que eu tinha o diploma de Mestre em Enfermagem Fundamental e que no curso de mestrado fora aluna da Dra. Wanda de Aguiar Horta, professora da Escola de Enfermagem da USP, autora de uma teoria de enfermagem e de uma metodologia do processo de enfermagem, publicados sob a forma de livro. Então, não tive dificuldades, tendo sido aprovada neste concurso com nota final dez.

Quando a Lygia Paim trabalhava no DAU/MEC, a EEAN teve a oportunidade de ser a única escola de enfermagem a integrar o Projeto Novas Metodologias. Formou-se uma comissão para reformular o currículo da Escola, coordenada pela professora Vilma de Carvalho, que me convidou para participar desse trabalho. O grupo recebeu assessoria da professora Sérvula Paixão, da Faculdade de Educação da UFRJ. Eu me entusiasmei e considero ter contribuído, principalmente devido às competências especiais que tinha adquirido em planejamento de saúde, integração docente-assistencial e teorias educacionais e de enfermagem. Quando houve o debate nacional sobre a reforma do currículo mínimo de enfermagem, promovido pela ABEn, este modelo, que já estava implantado na EEAN, foi de grande importância e influência.

Em 1985 iniciei carreira de pesquisadora de enfermagem no CNPq. Também apresentei tema oficial no 4º SENPE, realizado em São Paulo, sobre as dificuldades de incorporação dos resultados da pesquisa na prática da enfermagem, trabalho de campo realizado em um grande hospital previdenciário do Rio de Janeiro.

Em maio de 1986, entre outras colegas da EEAN (e muitos outros professores da UFRJ), fui enquadrada como professor titular, por decisão judicial, com base na equivalência dos concursos de livre-docência com os de professor titular, e passei a participar de todos os atos acadêmicos reservados a esta categoria. Naquele momento, eu tinha 11 anos de carreira docente, detinha o título de doutor há nove anos, possuía experiência em planejamento curricular, era orientadora do curso de mestrado, tinha produção científica continuada e publicada no país e no exterior e atuava como pesquisadora apoiada pelo CNPq.

Neste ano de 1986, pela primeira vez, a diretora da EEAN foi eleita por voto direto da comunidade da escola (professores, alunos e funcionários) e a candidata escolhida foi Vilma de Carvalho, de cuja campanha eu havia participado e que tinha

como meta a criação e implantação do curso de doutorado da Escola. Muito me entusiasmou a instalação do curso no prédio histórico construído pela Fundação Rockefeller nos anos 1920, agora tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em 1987, ganhei meu neto Antônio, que nasceu tão sossegado para nossa grande alegria. E em 1988 ganhei a Barbara, que me fez a graça de nascer no dia do aniversário de Florence Nightingale.

E em 1989, abriu o curso de doutorado da EEAN, para o qual me candidatei, mesmo já detendo o título, obtido naquele concurso de livre-docência. O curso foi iniciado no Dia Internacional da Enfermeira, 12 de maio, dia do nascimento de Florence Nightingale. Logo no início do curso tive o grande prazer de ter como professora Maria Cecília Puntel de Almeida, com quem pude discutir importantes aspectos do saber da enfermagem.

No 41º CBEEn, realizado em Florianópolis em 1989, apresentei trabalho sobre a pesquisa em História da Enfermagem. E, no ano seguinte, fui indicada pela comunidade científica de enfermagem para representá-la no Comitê Assessor do CNPq (1990-1992), o que exigiu de mim esforços redobrados. Mesmo assim, participei da Conferência Pan-americana de Enfermagem, promovida pela Fundação Kellogg, na cidade do México, em 1991, coordenada pela enfermeira Roseni Chompré, da Universidade Federal de Minas Gerais, e tive o prazer de dividir o quarto de hotel com Cecília Puntel. E lá nos encontramos com várias líderes do Movimento Participação. Para além das obrigações relativas ao evento, fizemos visitas às casas-museus de Trotsky, de Frida Kalo e de Diego Rivera.



Fotografia 8. Ieda com a presidente da ABEn nacional (1989-1992), Stella Barros, durante a Conferência Pan-Americana de Enfermagem, promovida pela Fundação Kellogg, na Cidade do México, 1991.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

Na segunda metade dos anos 1990, fizemos um intercâmbio com a Casa de Oswaldo Cruz, da Fiocruz, participando com outras colegas dos Encontros de História e Saúde, por ela promovidos anualmente.

Eu há tempos já estava fazendo uma pesquisa sobre a participação da enfermagem na CNCT, utilizando a metodologia da História Oral, para o que realizei 42 entrevistas de história de vida, com enfermeiras e médicos. E contei com a valiosa ajuda do meu primeiro computador para a elaboração do relatório de pesquisa. Meses antes de terminar a tese, ganhei minha neta Victoria, tornando-me avó pela quarta vez.

A minha foi a primeira tese de doutorado defendida na EEAN, a qual assinalou a volta ao meu nome de solteira, Ieda de Alencar Barreira. Minha orientadora foi a socióloga Bila Sorj, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, que presidiu a banca, composta por Maria Cecília Puntel de Almeida (EERP/USP), Marlene Carvalho (Faculdade de Educação da UFRJ), Therezinha Teixeira Vieira (Escola de Enfermagem da UFBA) e Raimunda Becker (EEAN).

O sucesso desta tese de História da Enfermagem, defendida no dia 12 de agosto de 1992, dia do aniversário de fundação da ABEn, influenciou muitas outras colegas para que também escrevessem suas teses nesta linha de pesquisa, configurando um



Fotografia 9. Defesa de tese de doutorado “A enfermeira Anna Nery no país do futuro: a aventura da luta contra a tuberculose”, 1992.

Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.

renascimento da História da Enfermagem na EEAN, onde ela já gozara de expressivo prestígio, tendo como figura ímpar Waleska Paixão, diretora da Escola, autora do famoso livro “Páginas da História da Enfermagem”.

Depois de acirrada campanha, em 1990, fora eleita, como diretora da Escola, a professora e Livre-Docente Raimunda Becker, com o compromisso de reestruturar a pós-graduação e incrementar a pesquisa. Nessa nova fase da trajetória da Escola, ainda em 1992, assumi o cargo de coordenadora do Curso de Doutorado. Nesse sentido, procuramos conferir uma nova orientação didático-pedagógica ao curso, que passou a ter como centro de interesse o processo de elaboração das teses, articulando-o também ao desenvolvimento das disciplinas curriculares.

Também tratamos de promover a melhor instalação da Biblioteca Setorial de Pós-Graduação. Mediante a ampliação e o enriquecimento do corpo de orientadores e a inclusão de professores de outras unidades universitárias no corpo docente da EEAN, pudemos aumentar a oferta de vagas no curso de seis para dezesseis e procuramos incentivar a participação de candidatas de todo o país. Nossos esforços foram recompensados, pois em 1994 o curso recebeu conceito “A”, referente aos anos 1992/1993.

Em 1993, o CNPq aprovou meu novo projeto “Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil: sanitaristas brasileiros e enfermeiras norte-americanas (1921-1931)”. Assim, passei à categoria de pesquisador 1B. Nessa época, comecei a integrar o conselho editorial de revistas de enfermagem ligadas a instituições de prestígio internacional. E aí chegou Isadora para completar o time de cinco netos reservados a mim.

Neste ano de 1993, sendo diretora a professora Raimunda Becker, foram comemorados os 70 anos de existência da EEAN. No encerramento dessas comemorações, em 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, foi inaugurado o Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), o primeiro da Escola, sendo eu uma das sócias-fundadoras. Lançou-se uma publicação provisória de minha tese de doutorado, providenciada pela Diretora da Escola (e que viria a ser publicada pela editora da UFRJ em 1997). Assinou-se o convênio EEAN/ABEn, para o desenvolvimento de um programa de História Oral da Enfermagem, e reinaugurou-se o Centro de Documentação da EEAN, que, graças à dedicação da professora Cecília Pecego Coelho, abrigava o acervo que remonta ao tempo das enfermeiras da Fundação Rockefeller, e cuja massa documental foi organizada pelo arquivista Alexandre Parouzcky Junior, bolsista



Fotografia 10. Ieda em homenagem à professora visitante, Therezinha Teixeira Vieira, por sua participação docente no Curso de Doutorado da EEAN. Da esquerda para a direita: Jussara Sauthier, Therezinha e Ieda.

Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.

de apoio técnico do CNPq, e depois pelas ilustres colegas Jussara Sauthier e Vilma de Carvalho, disponibilizado para consultas e destinado a funcionar como laboratório para o ensino e a pesquisa. Esse conjunto de acontecimentos relacionados à história da enfermagem brasileira, reunidos em uma mesma solenidade, diante de uma plateia representativa de todos os segmentos da escola e da Congregação, com a presença das lideranças da enfermagem no estado, inclusive da presidente da ABEn Nacional, Maria Auxiliadora Córdova Christófaru, conferiu grande visibilidade a um esforço coletivo e consolidou uma tendência na pesquisa em enfermagem.

Em 1994 apresentei um recorte da minha tese de doutorado no II Encontro Nacional de História Oral e Multidisciplinariedade, promovido pelo Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), Rio de Janeiro, que reuniu pesquisadores de História com diferentes formações.

Em 1995 foi constituído pelo CNPq o Primeiro Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, nele figurando dois grupos de pesquisa pertencentes ao Nuphebras, sendo um deles por mim liderado - “A prática da profissional e a formação da identidade da enfermeira brasileira”.

Neste ano de 1995 tivemos aprovado pelo CNPq o projeto integrado “A prática da Enfermagem no Brasil: a enfermeira de saúde pública nos anos 20”.

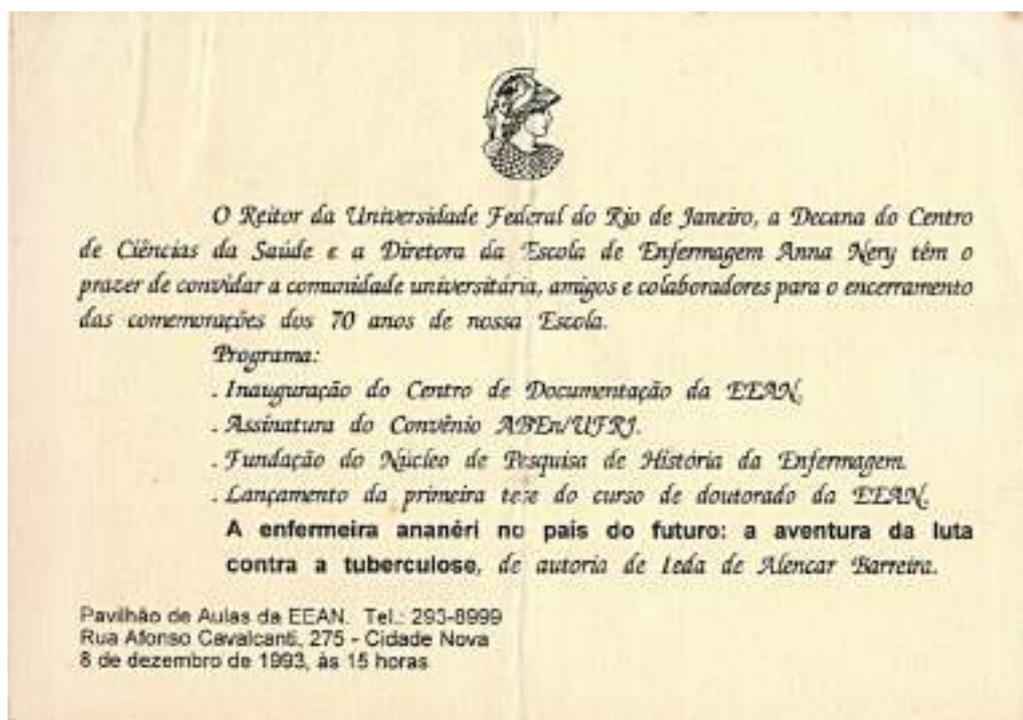


Figura 2. Convite da solenidade de criação do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras) e do Centro de Documentação da EEAN/UFRRJ, 1993.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

Este Grupo de Pesquisa, iniciado em 1993, articulado a três outros grupos do Nuphebras, a saber: 1. Desenvolvimento de enfermagem e cidadania, liderado por Suely de Souza Baptista; 2. O poder simbólico nas instituições de enfermagem, liderado por Tânia Cristina Franco Santos; 3. Desenvolvimento da Enfermagem e as entidades de classe, liderado por Maria da Luz Barbosa Gomes, buscava explicitar, por um lado, as raízes históricas da inserção da enfermagem na sociedade brasileira e, por outro, as razões de ser de alguns obstáculos ao avanço do conhecimento na área da enfermagem.

Em 1995 fui eleita em Assembleia Geral para integrar a 2ª Diretoria Colegiada do Nuphebras e logo iniciamos as reuniões semanais com pesquisadores, alunos de pós-graduação e bolsistas, com o objetivo de oferecer-lhes oportunidades de estudo/trabalho.

A partir de 1995 comecei a concluir a orientação de teses de doutorado na linha de história da enfermagem brasileira. O trabalho de orientação de teses sempre me pareceu o mais desafiador e também, por vezes, o mais recompensador. Trabalhar com fontes primárias, do próprio acervo do Centro de Documentação da EEAN, possibilitava-me uma sensação de descobrimento. A partir de 1996 passou a constar dos editais para seleção dos cursos de pós-graduação a linha de pesquisa História da Enfermagem e nós passamos a oferecer a disciplina História da Enfermagem Brasileira para os alunos de mestrado e doutorado, em processo de elaboração de pesquisas históricas.

Foi com enorme satisfação que, em 1996, ano do 70º Aniversário da ABEn, convidada pela presidente Maria Goretti David Lopes (1ª gestão 1995-1998), compareci a uma cerimônia comemorativa na sede da ABEn em Brasília. Também estavam presentes as ex-presidentes Maria da Graça Simões Corte Imperial e Maria Auxiliadora Córdova Christóforo.

Em 1997 tive aprovado pelo CNPq o projeto integrado “Transformações da prática da enfermagem no caso da saúde pública nos anos 30” e, naquela oportunidade, passei a pesquisador 1-A do CNPq.

Na oportunidade do lançamento da Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery, na gestão da diretora Maria Cecília Cordeiro Pedro, contribuí com um artigo de pesquisa original intitulado “Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil”, publicado no nº 1 da revista, de julho de 1997. O 9º SENPE realizado neste ano de 1997 ocorreu na cidade de Vitória do Espírito Santo. Nele apresentei o trabalho “A prática da enfermagem no Brasil: a enfermeira de saúde pública nos anos 20”.

E voltei a participar da diretoria colegiada do Nuphebras, a quarta, junto com as pesquisadoras Isabel Cristina dos Santos Oliveira e Suely de Souza Baptista, gestão setembro/1997 a agosto/1998. A professora Suely e eu nos recandidatamos para a 5ª diretoria colegiada, agosto/1998 – agosto/1999, junto com a professora Jussara Sauthier. Essas duas diretorias consecutivas deram prosseguimento às atividades que vinham sendo desenvolvidas pelas diretorias anteriores e iniciaram novas frentes de trabalho.

Assim é que, nesse período, o Nuphebras ofereceu à comunidade de estudiosos e pesquisadores de História da Enfermagem atividades científicas e culturais como a 2ª Jornada de História da Enfermagem Brasileira, integrada à Semana da Enfermagem, oferecendo o Prêmio “A Lâmpada” nas categorias: aluno de graduação e profissional. Também ofereceu o prêmio Anna Nery ao melhor trabalho de conclusão de curso em História da Enfermagem durante a colação de grau.

O Núcleo também realizou reuniões semanais com seu corpo social, abertas a todos os interessados, de modo a criar um ambiente de cooperação e interação com os

professores pesquisadores do Nuphebras. Nessas reuniões, alunos de pós e de graduação apresentavam resultados parciais de seus relatórios.

O Núcleo ofereceu programas curriculares no curso de graduação como “Estudos de história da enfermagem”, “Fontes para a história da enfermagem”. Aos formandos, oferecemos o seminário “A enfermagem moderna no Brasil: passado e presente”, a oficina “Oficina de História da Enfermagem I e II”, bem como vagas-orientador para monografias de conclusão de curso.

No que se refere à pós-graduação, aos alunos inseridos na linha de pesquisa de História da Enfermagem, além das vagas-orientador, oferecemos disciplinas sobre a “História da Enfermagem Brasileira”, “Fontes de pesquisa em história da enfermagem” e “Análise crítica de fontes para a pesquisa em história da enfermagem”, bem como a oportunidade de atuarem no curso de graduação, apresentando resultados de suas pesquisas, na qualidade de professores em treinamento. Nesse período estavam sendo orientadas por pesquisadores do Nuphebras 11 dissertações de mestrado e sete teses de doutorado.

Uma grande conquista foi a de que, a partir do 2º semestre de 1999, a seleção dos candidatos aos cursos de mestrado e doutorado, inscritos na linha de pesquisa “História da Enfermagem”, passou a ser de responsabilidade do Nuphebras. Também fizemos proposta para o oferecimento do pós-doutorado em História da Enfermagem.

No que se refere à pesquisa e à documentação, os membros da diretoria, seus orientandos de graduação e de pós-graduação, os bolsistas do CNPq e outros membros do Nuphebras publicaram oito livros, quatro prefácios e 22 artigos em periódicos nacionais e estrangeiros. O Nuphebras disponibilizou 13 bolsas de iniciação científica, três de aperfeiçoamento, duas de apoio técnico e vários estagiários. Prosseguiu o trabalho de ampliação e a informatização dos bancos de dados “Quem é quem na história da enfermagem”, “Bibliografias e textos”, “Trajetória das escolas de enfermagem brasileiras” e “Cadastro de Membros do Nuphebras (o Núcleo contava, à época, com 79 membros). Atendendo à solicitação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, a pesquisadora do Nuphebras Jussara Sauthier, membro dessa diretoria colegiada do Nuphebras, prestou assessoria à EERP/USP em relação à preservação da memória da instituição e à organização de Centros de Documentação. Coletamos ainda informações de quase todas as escolas de enfermagem brasileiras, visando a fazer uma avaliação diagnóstica do ensino e da pesquisa de história da enfermagem no país, e também com o objetivo de estabelecer contatos com professores e pesquisadores da área.

Em 1998, na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, proferi a aula inaugural “Memória e História, para uma nova visão da enfermagem no Brasil” e no 6º Colóquio Pan-americano de Investigação em Enfermagem, naquele mesmo ano e naquela mesma Escola, apresentei o trabalho “O processo de construção de uma linha de pesquisa em História da Enfermagem Brasileira: contribuição, perspectivas e desafios”, elaborado em coautoria com a professora Suely de Souza Baptista.

Em 1998, estando eu há 12 anos na condição de professor titular “*sub judice*”, pois a universidade recorrera da decisão judicial, o Departamento de Enfermagem Fundamental foi agraciado com uma vaga de professor titular e eu decidi me inscrever no concurso, de modo a regularizar, de uma vez por todas, minha posição na carreira docente. Para tanto, elaborei conferência sobre a “Contribuição da História da Enfermagem Brasileira para o desenvolvimento da profissão”, proferida no dia 5 de outubro de 1998, perante uma banca composta por Elvira de Felice Souza – EEAN (presidente); Maria Cecília Puntel

de Almeida - EERP/USP (1ª examinadora); Joséte Luzia Leite – UNIRIO (2ª examinadora); Nalva Pereira Caldas - UERJ (3ª examinadora); Vilma de Carvalho - EEAN (4ª examinadora). Em 1999 tive aprovado pelo CNPq o projeto integrado “A reconfiguração da identidade da enfermeira durante o Estado Novo (1937-1945)”.

O longo processo de deterioração do sistema COFEN/CORENs, ao ser denunciado pela presidente do Sindicato dos Enfermeiros do Rio de Janeiro e pelo presidente da ABEn-RJ, que lutavam pela moralização e democratização daqueles órgãos, determinou, em 1999, o escandaloso assassinato do casal Marcos Octávio Valadão e Edma Rodrigues Valadão, líderes da enfermagem, em via pública e à luz do dia. Por serem ex-alunos da EEAN, seus corpos foram velados e pranteados no salão nobre do PA de nossa escola. Com ele havia eu conversado longamente, em um encontro casual na Escola, sobre a importância da História da Enfermagem como modo de apropriação da realidade social. E ainda tinha a memória do sorridente casal em ambiente festivo em minha casa.

No 51º CBEEn, realizado em Florianópolis neste fatídico ano de 1999, apresentei o trabalho “Nexos entre a pesquisa de História da Enfermagem e o processo de cientificação da profissão”, elaborado em coautoria com a professora Suely de Souza Baptista. Ao término dessa apresentação fiz, em nome do Nuphebras, uma declaração pública, dizendo de nossa inconformidade diante de tão grande perda e de nossa indignação pelas circunstâncias que cercaram essas mortes. Tal declaração foi renovada no 10º SENPE, realizado ainda em 1999, em Gramado, na serra gaúcha, onde apresentei o trabalho “Transformações da prática da enfermagem nos anos 30”.

No ano 2000, após sete anos de atividades contínuas, embora o Nuphebras já tivesse alcançado notável projeção nacional, seus pesquisadores se ressentiam de um maior intercâmbio internacional. Assim, em decorrência da proposta da 5ª diretoria do Nuphebras (Ieda de Alencar Barreira, Jussara Sauthier, Suely de Souza Baptista), no sentido da organização de um Colóquio Latino-Americano de História da Enfermagem/ I COLAHE no ano 2000, a 6ª diretoria (Tânia Cristina Franco Santos, Maria da Luz Barbosa Gomes, Isabel Cristina dos Santos Oliveira) promoveu este evento nos dias 28 a 31 de agosto, no PA da EEAN, tendo eu participado tanto da Comissão Científica como da Comissão Organizadora. O temário versou sobre o ensino da História da Enfermagem na América Latina, o panorama da História da Enfermagem no Brasil, a relação entre pesquisa e docência em História da Enfermagem. Além dos conferencistas convidados, foram apresentados mais 64 outros trabalhos. Foram premiados os melhores, nas categorias estrangeiro e nacional. Para este colóquio, elaborei, em coautoria com a professora Suely de Souza Baptista, o trabalho “A pesquisa e a documentação em História da Enfermagem no Brasil”.

E o início do século e a divisão dos tempos e dos espaços foram assinalados pela destruição das torres gêmeas, marcando um antes e um depois e também um aqui e um além. Em nosso cotidiano, esse evento de repercussões planetárias foi assinalado pela sugestão da paulista Maria Cristina Sanna, que naquele momento fazia pós-doutorado conosco no Nuphebras e no Cedoc/EEAN, com o projeto “O ensino da arte de administrar em enfermagem na Escola Anna Nery nos anos 40” – e que sugeriu que cada uma de nós escrevesse sua visão do futuro. O envelope lacrado contendo tais manifestações, ao ser aberto depois de mais de dez anos, demonstrou outra vez a imprudência de tentarmos fazer previsões históricas, como a de uma terceira guerra mundial.

Também muito me honrou a solicitação do editor da REBEn Joel Rolim Mancia, que resultou na publicação, em 2001, do trabalho “O movimento associativo das

enfermeiras diplomadas brasileiras na primeira metade do século 20”, em coautoria com as pesquisadoras do Nuphebras Jussara Sauthier e Suely de Souza Baptista.

No ano de 2002 tive aprovado pelo CNPq o projeto integrado “A reconfiguração da prática da enfermagem brasileira no contexto da segunda guerra e seus desdobramentos”. Nesse mesmo ano, na 8ª Conferência Internacional de Investigação em Enfermagem, realizada em Coimbra, apresentei, em coautoria com Suely de Souza Baptista, “A profissionalização do exercício da enfermagem no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945)”. E também proferi, a convite de minha ex-orientanda de doutorado Jane Márcia Progianti, a conferência “Os discursos da enfermagem brasileira e as questões de gênero”, em evento sobre gênero, corpo e enfermagem, realizado na Faculdade de Enfermagem/UERJ e promovido pela ONG CEPIA (cidadania, estudo, pesquisa, informação e ação), publicado ainda em 2002, sob a forma de livro organizado por Jaqueline Pitanguí e Ruth Mesquita.

E neste ano de 2002 tive a grande emoção de tornar-me bisavó do Pablo, status que eu não havia esperado alcançar. Em 2003, aposentei-me da UFRJ, mas continuei a publicar e a orientar alunos de pós-graduação, na qualidade de pesquisador 1-A do CNPq, liderando um Grupo de Pesquisa do Nuphebras.

No 1º Encontro de Professores e Pesquisadores do estado do Rio de Janeiro, promovido pelo Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem/LAPHE, da EEUNIRIO, em setembro de 2003, apresentei o trabalho “O movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem”. E, em 2004, no 56º CBEEn, realizado em 2004, em Gramado/RS, apresentei o trabalho “Reflexões sobre o valor do ensino e da pesquisa em História da Enfermagem”.

Em 2005 tive aprovado pelo CNPq o projeto integrado “A enfermagem brasileira em meados do século 20: saberes e práticas”. Neste mesmo ano, no 13º SENPE, realizado em São Luiz do Maranhão, apresentamos “Mudanças na enfermagem brasileira em meados do século 20”. Na reunião das representantes de enfermagem junto à Capes e ao CNPq com as enfermeiras bolsistas dessas agências, compareceram pesquisadores não bolsistas e outros interessados na pesquisa em enfermagem, o que, de certa forma, perturbou o andamento da pauta. Esteve presente ao debate a presidente da ABEn, Francisca Valda da Silva (já em sua 2ª gestão 2004-2007). Minha ponderação de que a ABEn poderia criar outro espaço de discussão sobre a problemática da pesquisa de enfermagem, aberto a todos os associados da ABEn, encontrou receptividade. A discussão foi proveitosa e neste SENPE foi criado o Fórum Nacional de Pesquisadores, a ser coordenado pelo CEPEn. Ainda em 2005, tivemos a oportunidade de prestar assessoria a dois projetos da ABEn, quais sejam: um em maio, para a realização de uma exposição itinerante, comemorativa do 80º aniversário da ABEn, de modo a divulgar a História da ABEn nas suas seções, incluindo a história da própria seção hospedeira da exposição; e o outro em outubro, para a preservação e difusão do acervo documental da Associação.

Neste mesmo ano de 2005, quando o Nuphebras completaria 12 anos de existência, foi realizado, em setembro, o II COLAHE. A inauguração do evento ocorreu no prédio histórico que hoje abriga o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. A sessão foi presidida pelo Decano do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Dr. João Ferreira da Silva Filho, na presença da diretora da EEAN, Maria Antonieta Rubio Tyrrell; da presidente da ABEn nacional, Francisca Valda da Silva; da representante da presidente da ABEn-RJ, Marta de Fátima Lima Barbosa; da coordenadora de Pós-Graduação e Pesquisa da EEAN, Neide Aparecida Titonelli Alvim, e de uma representante da diretoria colegiada do Nuphebras, Tânia Cristina Franco Santos, tendo eu recebido uma homenagem da diretora da EEAN.

A programação se desenvolveu nas instalações do vizinho Arquivo da Cidade e no PA da EEAN, com o tema Central “Ampliando os Espaços da História da Enfermagem”. Também neste colóquio integrei, junto com outros pesquisadores do Nuphebras, a Comissão Científica, que propôs aos conferencistas um temário que refletisse as maiores preocupações dos pesquisadores da História da Enfermagem, ou seja: a construção do saber da História da Enfermagem; sua inserção nas comunidades científicas da América Latina, as interfaces da História da Enfermagem com outras áreas do conhecimento e a posição da História da Enfermagem nas agências de fomento de ensino e pesquisa. Além dos oradores convidados, tivemos 132 trabalhos expostos. Neste Colóquio apresentei as “Mudanças na enfermagem brasileira em meados do século 20” e, em coautoria com Suely de Souza Baptista, “A História da Enfermagem Brasileira hoje: saberes e práticas. Também neste colóquio premiamos os melhores trabalhos. Entre outras atividades, oferecemos visitas guiadas ao Centro de Documentação da EEAN. Participaram deste segundo colóquio os representantes de oito países da América Latina. Durante o evento, e no âmbito das comemorações dos seus 12 anos de existência, quando o Nuphebras contribuía decisivamente, em quantidade e qualidade, para a produção científica da EEAN, ocorreu a solenidade de outorga dos títulos aos membros fundadores e ao corpo de consultores do Núcleo, nacionais e estrangeiros.

Na Reunião dos Pesquisadores de História da Enfermagem, estiveram presentes pesquisadores das cinco regiões do país, entre eles Maria Cristina Sanna, de São Paulo, que apresentou uma proposta no sentido de que, entre os grupos de interesse da ABEn, fosse incluído o de História da Enfermagem. A proposta foi aprovada pela assembleia, bem como que fosse criada uma revista eletrônica especializada. Foi solicitada à representante do CEPEn, presente à reunião, Isabel Cristina Komal Olm Cunha, de São Paulo, que levasse nossa pretensão à diretoria da ABEn.

Em abril de 2006 comemoramos nossos 70 anos de existência com uma centena de amigos e parentes e com muita música, alegria e a vista da Baía de Guanabara. E logo no dia 19 de maio, a Turma 1956-I, com a qual me formei, comemorou seu Jubileu de Ouro no PA, onde estudamos. Minhas colegas me distinguiram com a honra de discursar em seu nome, o que fiz com grande emoção.

Ainda no ano de 2006 houve nova Reunião de Pesquisadores de História da Enfermagem, ocorrida em Buenos Aires, no âmbito do 10º Colóquio Pan-americano de Investigação em Enfermagem, promovido pela Associação Latino-Americana



Fotografia 11. Ieda, na cerimônia de abertura do II COLAHE com a diretora da EEAN, Maria Antonieta Rubio Tyrrell, 2005.

Fonte: Banco de fotos digitais do Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.



Figura 3. Diploma de Membro Fundador do Nuphebras, assinado por Suely de Souza Baptista, pela diretoria colegiada do Núcleo, por Tânia Cristina Franco Santos, chefe do Departamento de Enfermagem Fundamental, e por Maria Antonieta Rubio Tyrrell, diretora da EEAN.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

de Escolas e Faculdades de Enfermagem/ALADEFE, na qual foi aprovada a criação da Rede Iberoamericana de História da Enfermagem. A professora Suely de Souza Baptista apresentou “A reconfiguração dos cursos superiores de enfermagem no Brasil nos anos 70/80 do século 20”, em coautoria comigo e com a professora Lygia Paim.

A partir de 2007 passamos a realizar reuniões mensais com os integrantes do nosso Grupo de Pesquisa “A prática profissional e a formação da identidade da enfermeira brasileira”, integrado por mim, Suely de Souza Baptista, Tânia Cristina Franco Santos, Wellington Mendonça de Amorim e Maria Angélica de Almeida Peres; além de doutores, doutorandos e mestrados, também participavam bolsistas de iniciação científica. O propósito dessas reuniões era o de incrementar a publicação coletiva de artigos em revistas internacionais (nacionais e estrangeiras), bem como o de enviaar esforços para a inclusão da História da Enfermagem na classificação das subáreas de enfermagem do CNPq.

Neste ano de 2007 apresentamos, no 4º Congresso Internacional de História da Enfermagem, realizado em Las Palmas de Gran Canária, o trabalho “A enfermagem na capital do Brasil no meio do século 20: assistência, ensino e pesquisa”, em coautoria com Suely de Souza Baptista, Tânia Cristina Franco Santos e Wellington Mendonça de Amorim. E “A situação do campo da educação superior em enfermagem no estado

do Rio de Janeiro, Brasil (1997-2006), foi apresentado por Suely de Souza Baptista, em coautoria comigo, com Antonio Jose de Almeida Filho e Gertrude Teixeira Lopes. Pudemos também visitar a vetusta casa de Cristóvão Colombo. Passando por Barcelona, tive a oportunidade de comemorar o dia 23 de abril, quando completava 71 anos, entre milhares de rosas vermelhas, levadas em homenagem a São Jorge, padroeiro da cidade. Ao mesmo tempo uma feira internacional do livro ocupava a cidade.

No 14º SENPE, realizado em 2007, em Florianópolis, apresentamos o “Panorama da prática da enfermagem brasileira em meados do século 20”, com Suely de Souza Baptista, Tânia Cristina Franco Santos e Wellington Mendonça de Amorim.

Também em 2007, participamos do 1º Simpósio Iberoamericano de História da Enfermagem, na EEUSP, no qual apresentou um tema oficial a pesquisadora do Nuphebras Suely de Souza Baptista, professora titular da EEAN, intitulado “O campo da educação superior em enfermagem no Brasil na segunda metade do século 20 e tendências para o século 21”, do qual participaram como coautores três pesquisadores do Nuphebras, sendo eu e o professor Antonio José de Almeida Filho da EEAN e a professora Gertrudes Teixeira Lopes da UERJ. Apresentei o trabalho “A elite da enfermagem brasileira no eixo Rio – São Paulo em meados do século 20, com Suely de Souza Baptista, Tânia Cristina Franco Santos, Pacita G. G. S. Aperibense, Maria Angélica de Almeida Peres e Wellington Mendonça de Amorim.

Na 4ª Semana Glete de Alcântara e 1ª Mostra Científica de História da Enfermagem, realizadas em 2007 na EERP/USP, a professora Suely de Souza Baptista, em coautoria



Fotografia 12. IVª Semana Glete de Alcântara e Iª Mostra Científica de História da Enfermagem, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 2007. À esquerda, bolsistas Laís de Araújo Pereira e Carolina Ribeiro Machado. No centro, Ieda de Alencar Barreira e Suely de Souza Baptista; à direita, bolsistas Ive Cristina Duarte de Lucena e Ana Lia Trindade Martins.

Fonte: Acervo pessoal de Suely de Souza Baptista.



Fotografia 13. 15º SENPE, realizado na cidade do Rio de Janeiro, 2009. Ieda com a presidente da ABEn Nacional, Maria Goretti David Lopes que, entre as bandeiras da Associação e da Faculdade de Enfermagem da UERJ, acende a lâmpada, símbolo da profissão.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

comigo, com o professor Antonio José de Almeida Filho, também da EEAN, e a professora Gertrudes Teixeira Lopes, apresentou o trabalho “A situação do campo da educação superior em enfermagem no estado do Rio de Janeiro (1997-2006). Deste evento participaram aquelas que viriam a ser minhas derradeiras orientandas: Maria Angélica de Almeida Peres, Pacita Geovana Gama de Souza Aperibense, Ive Cristina Duarte de Lucena, Ana Lia Trindade Martins, Carolina Ribeiro Machado e Laís de Araújo Pereira.

Em 2008 tivemos aprovado pelo CNPq o projeto integrado “A prática da enfermagem no Brasil nos anos 60/70 do século 20: ensino, pesquisa e assistência”. Participamos também do 5º Congresso Internacional de História da Enfermagem, realizado em Almeria, no sul da Espanha, apresentando os trabalhos “A enfermeira-professora da Escola Anna Nery: de instrutora à docente universitária: uma trajetória de cinquenta anos”, com Suely de Souza Baptista, e “A bandeira e a cruz: representações simbólicas das enfermeiras nas ditaduras de Franco e de Vargas”, com Tânia Cristina Franco Santos. E não deixamos de ir à Andaluzia nos maravilhar com a Alhambra e a magia do bailado flamenco.

O ano de 2009 foi intenso. Em junho, participamos do 15º SENPE, sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, onde apresentamos o “Seminário Biental do Centro de Estudos e Pesquisas da Associação Brasileira de Enfermagem (CEPEn/ABEn), como foro permanente de discussão (1979-2009) de minha autoria com Suely de Souza Baptista e Laís de Araújo Pereira.

Na reunião de pesquisadores de História da Enfermagem, um grupo apresentou a proposta de criação de uma revista eletrônica de história da enfermagem, como órgão de divulgação do Centro de Memória da ABEn, o que originou a criação de uma comissão integrada por Suely de Souza Baptista (UFRJ), Eliete Maria Silva (Unicamp) e Osnir Claudiano da Silva Junior (UNIRIO), para tratar do assunto, ainda durante o evento, com a presidente do CEPEn, Ivone Evangelista Cabral. Por outro lado, outro grupo propôs a criação de uma Associação ou Sociedade de História da Enfermagem, independente da Associação Brasileira de Enfermagem, em relação à qual os presentes não chegaram a um consenso. E ainda, em sessão solene, fui distinguida com a honra de acompanhar a presidente Maria Goretti no momento em que ela iria acender a lâmpada, símbolo da enfermagem.

Ainda no segundo semestre de 2009, compareci à EERP/USP, onde foram realizadas a 6ª Semana Glete de Alcântara e a 3ª Mostra Científica de História da Enfermagem, esta coordenada pela professora Luciana Luchesi. No que se refere

ao primeiro evento, a diretora da EEAN, Maria Antonieta Rubio Tyrrell, prestou homenagem à EERP, na pessoa da vice-diretora, Yolanda Dora Martinez Évora, representante da diretora, Maria das Graças Bonfim Carvalho, pela decisiva participação dessa escola na implantação do curso de mestrado da EEAN, o primeiro do país, em cuja primeira turma mais de um terço das alunas era de jovens professoras da EERP. Na oportunidade, a diretora da EEAN presenteou a EERP com uma placa comemorativa da data e uma lâmpada, símbolo da Enfermagem.

Presentes à homenagem ex-alunas da primeira turma do mestrado da EEAN: Ieda de Alencar Barreira, Lygia Paim e Isabel Amélia Costa Mendes.

No que se refere ao segundo evento, a professora Isabel Amélia Costa Mendes, secretária-geral da Rede Global de Centros Colaboradores da OMS para o Desenvolvimento da Enfermagem e Obstetrícia e diretora do Centro Colaborador para o desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem da OMS no Brasil, saudou os participantes do evento com uma declaração oficial no sentido do reconhecimento da OMS da importância da pesquisa de História da Enfermagem e do valor do conhecimento que vem sendo construído, o qual é decisivo e indispensável para o desenvolvimento da enfermagem no Brasil e no mundo. Também agradeceu o empenho e a dedicação dos pesquisadores para a



Fotografia 14. Homenagem da EEAN à EERP, 2009. Ex-alunas da primeira turma do curso de mestrado da EEAN: da esquerda para a direita, Ieda de Alencar Barreira, Lygia Paim e Isabel Amélia Costa Mendes, ao lado da vice-diretora da EERP, Yolanda Dora Martinez Évora, e da diretora da EEAN, Maria Antonieta Rubio Tyrrell.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

aglutinação contínua de novos talentos para a expansão dessa área de conhecimento na Enfermagem.

Na pauta da reunião de pesquisadores, a presidente do CEPEn/ABEn, Ivone Evangelista Cabral, apresentou o projeto do Centro de Memória da Enfermagem Brasileira, vinculado ao programa do MS para a preservação, organização, disseminação e acesso ao patrimônio cultural da saúde. A seguir, foi criada uma comissão de organização da revista on-line, inserida no Fórum Permanente de Pesquisadores de História da Enfermagem, comissão essa composta por Maria Itayra Padilha, da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que viria a ser editora da História de Enfermagem Revista Eletrônica (HERE); Antonio José de Almeida Filho, editor da Revista da EEAN/UFRJ; Eliete Maria Silva da Unicamp; Ivone Evangelista Cabral do CEPEn/ABEn; Suely de Souza Baptista do Nuphebras/EEAN; e Osnir Claudiano da Silva Junior, do Laphe/EEUNIRIO, comissão esta encarregada de apresentar relatório no próximo CBEn.

No 61º CBEn, realizado em outubro de 2009 (quando existiam 23 grupos de pesquisa ligados à História da Enfermagem cadastrados no CNPq), em Fortaleza, Ceará, sob a presidência da diretora do CEPEn/ABEn, Ivone Evangelista Cabral, realizou-se o Fórum Permanente de Pesquisadores de História da Enfermagem, que tomou importantes deliberações: a primeira delas foi a de instituir o periódico HERE – publicação quadrimestral, vinculada ao Centro de Memória da Enfermagem da ABEn/CEPEN; eleição da Comissão de Editoração do periódico composta por alguns membros da comissão de organização da HERE (Eliete, Suely e Antonio), mais as pesquisadoras presentes à reunião, Tânia Cristina Franco Santos, do Nuphebras, que coordenara e organizara o Centro de Memória da ABEn, e Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes, pesquisadora da EEUFPI. Além disso, elegeu o Conselho Deliberativo da revista, assim constituído: Maria Goretti David Lopes, presidente da ABEn; Ivone Evangelista Cabral, diretora do CEPEn; Maria Itayra Padilha, editora-chefe; Miriam Borestein, representante do Conselho Editorial; Antonio José de Almeida Filho, representante da Comissão de Editoração; e Regina Maria Santos, representante do Fórum de Pesquisadores de História da Enfermagem. E ainda elegeu a comissão para a elaboração do Regimento do Departamento Científico de História da Enfermagem da ABEn, como órgão assessor da Diretoria. A Comissão foi constituída por: Lygia Paim (Faculdade de Enfermagem da Universidade do Vale do Itajaí), Elizabeth Teixeira (Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará), Maria Angélica de Almeida Peres (EEAN/UFRJ), Helena HeidtmannVagheti (Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande) e Fátima Maria da Silva Abrão (Escola de Enfermagem N. Sr.^a das Graças/Universidade de Pernambuco).

Por outro lado, ainda no mês de outubro de 2009, realizou-se, em Lisboa, o 2º Simpósio Ibero-Latino-Americano de História da Enfermagem, no qual participei dos trabalhos “Trajetória histórica do Centro de Estudos e Pesquisas da Associação Brasileira de Enfermagem (1971-2009)”, com Suely de Souza Baptista; “A ditadura Vargasista no Brasil (1937-1945) e o primeiro franquismo na Espanha (1939-1945)”, com Tânia Cristina Franco Santos, ambas do Nuphebras; “Parteiras, médicos e enfermeiras: a disputada arte de partejar”, com Jane Márcia Progianti, da FEUERJ; e “A geração de enfermeiros pesquisadores líderes de grupos de pesquisa com produção científica internacional, surgida em meados da década de 90 no Brasil”, com Eliane Salles Brandão da EEAAC/UFF.

Ao final do Simpósio, ocorreu uma reunião presidida pela Presidente da Associação Portuguesa de Enfermeiros. Da pauta não constava ponto sobre a pretendida Federação Iberoamericana de História da Enfermagem e, portanto, os presentes não tinham

delegação de suas associações nacionais para votar. Mesmo assim, e apesar das várias e veementes objeções, a criação imediata de uma Federação, sem vínculo com a ABEn, foi aprovada por 19 votos a favor e nove abstenções. Eu fiz uma declaração de voto, mas como a ata não foi lida, não estou certa de que foi registrada. Mais tarde, nossa decepção foi amenizada pelo deleite de ouvir, em excelente companhia, o lamento de fadistas de várias gerações.

Para compensar, no mês seguinte, novembro de 2009, a pedido da editora da História de Enfermagem Revista Eletrônica (HERE), Maria Itayra Coelho Padilha, coordenamos a elaboração de um artigo para o número inaugural da revista, intitulado “A Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas no contexto da aliança Brasil-Estados Unidos: II Guerra Mundial e pós-guerra”, com um grupo de pesquisadoras do Nuphebras: Suely Baptista, Tânia Santos e Maria Angélica Peres. O lançamento do primeiro número da HERE ocorreu em abril de 2010. Na Semana da Enfermagem deste ano, durante a 13ª Jornada Nacional de História da Enfermagem - Nuphebras/EEAN, na Assembleia do Fórum Permanente de Pesquisadores de História da Enfermagem, foi aprovado o Regimento do Departamento Científico de História da Enfermagem da ABEn.

Para minha grande satisfação e a convite da presidente da ABEn, Maria Goretti David Lopes (gestão 2007-2010), na qualidade de ex-presidente, compareci à inauguração



Fotografia 15. Inauguração do Centro de Memória da Enfermagem Brasileira na sede da ABEn em Brasília, 2010. Ieda faz uso da palavra, felicitando a presidente da ABEn, Maria Goretti, e a presidente do CEPEn, Ivone Evangelista Cabral, pelo empreendimento histórico.

Fonte: Acervo pessoal de Ieda de Alencar Barreira.

do Centro de Memória da Enfermagem Brasileira da ABEn, em Brasília, no dia 4 de agosto de 2010, projeto para o qual nós, pesquisadoras do Nuphebras, havíamos colaborado na gestão anterior da ABEn. Presente a presidente do CEPEn/ABEn, Ivone Evangelista Cabral, nossa colega na EEAN, que viria a ser a presidente da ABEn. Presentes também a ex-presidente Maria Auxiliadora Córdova Christófaró (gestão 1992-1995), as pesquisadoras do Nuphebras Suely de Souza Baptista e Tânia Cristina Franco Santos. Esta coordenava a preparação do espaço físico, a classificação e o tratamento arquivístico do acervo documental, de modo a disponibilizá-lo para consultas.

Após a sessão, recebi das mãos da presidente do CEPEn a segunda edição do livro “Associação Brasileira de Enfermagem (1926-1976)”, de autoria de Anayde Corrêa de Carvalho, para o qual, com imenso prazer, eu escrevera algumas palavras de apresentação. Pouco tempo depois a ABEn lançou o segundo volume do Documentário da ABEn, correspondente ao período 1976-2006 e por ela mesma editado. Para esta obra, contribuímos com o capítulo 4 “O seminário bienal do Centro de Estudos e Pesquisas da Associação Brasileira de Enfermagem CEPEn/ABEn, como foro permanente de discussão (1979-2005), em coautoria com Suely Baptista, Laís Pereira e Ivone Cabral.

Em novembro de 2010, encaminhamos à professora Maria Itayra, que estava participando da organização de um livro de História da Enfermagem, o capítulo por ela solicitado ao Nuphebras, intitulado “Primeira República: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930)”. Compus o grupo juntamente com Suely Baptista, Jussara Sauthier, Tânia Santos, Pacita Aperibense, Maria Angélica Peres, Alexandre Oliveira e Antonio José de Almeida Filho.

E, ao final na primeira década do século 21, como sinal dos novos tempos, surgiam no panorama nacional mulheres de grande valor e alta competência política como candidatas a presidente do Brasil. Em dezembro de 2010 presidi a banca de minha última orientanda, o 75º trabalho de orientação de alunos de pós-graduação e de graduação. Este esforço foi reconhecido, pois, entre esses trabalhos elaborados, os submetidos a bancas examinadoras foram sempre apreciados muito favoravelmente e, entre os apresentados em eventos, dezenas deles foram premiados. Imensurável é o meu contentamento por ter participado da construção de um saber tão especial e que nos conecta diretamente com a dinâmica da sociedade.

No início de 2011 encaminhei ao CNPq o relatório do projeto que vinha desenvolvendo há três anos. E aí, eu que já seria bisavó pela segunda vez, com a chegada do Salvador, em 2012, ponderei que era hora de olhar para um lado mais ameno da vida. E logo em 2013 tive o contentamento de atender ao convite da diretora da EEAN, Neide Aparecida Titonelli Alvim, para participar das comemorações dos 90 anos de existência da EEAN. Para minha grande emoção, esta festa aconteceu na ex-residência das alunas, na Avenida Rui Barbosa, onde eu retornava depois de mais de meio século.

Para finalizar, desejo reiterar minha crença na importância e no significado da História da Enfermagem para a formação e reconfiguração da identidade profissional. A visão que um grupo tem de si, no decorrer do tempo, se transforma nas raízes de sua própria história, o que constitui suas características definidoras e que o diferencia de outros grupos, mesmo aqueles com propósitos semelhantes. E, também nesse sentido, parece ser cada vez maior a compreensão geral dos efeitos produzidos pelos acontecimentos passados na memória coletiva, ou seja, de que a história vivida ou acontecida na vida das enfermeiras ou enfermeiros das gerações passadas e presentes é importante, pela simples razão de fazer parte do pensamento das pessoas viventes



Fotografia 16. Comemoração dos 90 anos da EEAN. Ieda recebendo da diretora da EEAN, Neide Aparecida Titonelli Alvim, uma miniatura da lâmpada, símbolo da Enfermagem.

Fonte: Acervo de fotos digitais do Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.

e, portanto, de nossa vida social presente. Assim, o estudo da história pode ser uma via para um melhor entendimento das coisas que acontecem à nossa volta ou mesmo que nos acontecem, em uma visão menos imediatista, e até pode nos possibilitar um pouco mais de serenidade para suportar certas adversidades e entendê-las como movimentos da história, que nem sempre são para o bem ou bem-intencionados.

Minha primeira palavra de agradecimento dirijo à minha generosa amiga de todas as horas Suely de Souza Baptista, companheira de incessantes lides e várias pelejas, intelectuais e ideológicas, e sem cujo incentivo e colaboração também este trabalho não teria sido possível. Também agradeço ao Conselho Nacional da ABEn, ao Departamento Científico de História da Enfermagem da ABEn, que, ao me indicarem para a honra de ter minha história de vida profissional incluída nesta publicação sobre a História da Enfermagem, me proporcionaram mais uma oportunidade de reflexão e reconsideração de minha longa trajetória profissional e de tentar explicitar as razões e os motivos que moveram meus esforços, bem como o significado que eles podem ter, agora e depois. Agradeço também à Asociación Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Enfermería (ALADEFE) e à Rede Iberoamericana de História de la Enfermería, pela iniciativa de produzir histórias de vida de enfermeiras latino-americanas. Agradeço ainda às colegas que colaboraram com a realização do trabalho referente à minha história de vida.



Capítulo 3

Lygia Paim

Uma trajetória na contingência ciência, arte,
tecnologia e inovação da enfermagem brasileira

Ana Rosete Maia
Maria Lígia dos Reis Bellaguarda
Mariana Vieira Vilarinho
Miriam Susskind Borenstein
Maria Itayra Padilha

Introdução

A História Oral vem sendo amplamente utilizada pela Enfermagem na valorização de narrativas orais e no resgate das memórias dos profissionais de enfermagem que construíram a profissão, especialmente para historicizar como esta vem se desenvolvendo ao longo do tempo. Trata-se de uma história viva, pulsante, que não se encerra, causando fascínio aos entrevistadores por valorizar o sujeito/indivíduo em sua trajetória de vida, sendo seu testemunho uma importante ferramenta para a reconstrução da história de vida, assim como da história da categoria profissional e da profissão⁽¹⁾.

Neste sentido, pode tanto ser utilizada como técnica/ferramenta de coleta de dados quanto como método de pesquisa e, finalmente, de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea. Surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador, a fita possibilita gravar entrevistas com pessoas que participaram e/ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente^(1,2).

Uma de suas modalidades corresponde à história oral de vida, que foca o indivíduo em sua trajetória desde a infância, procurando englobar vários aspectos relacionados à sua existência que possuem relação com o método biográfico, uma vez que o eixo da entrevista gira em torno do entrevistado⁽³⁾.

A Biografia tem sido amplamente utilizada pelos historiadores, a fim de resgatar a memória de pessoas que tiveram significado para a história. Esta modalidade de pesquisa é considerada pelos historiadores como o “mergulho na alma”, a escrita de si, revelando a intimidade do entrevistado, assumindo dimensões como a memória ou tradição oral familiar, as autobiografias, a ego-história, os diários, as entrevistas na mídia (escritas ou apresentações tecnológicas) e os objetos de cultura material como fotos, objetos pessoais e outros⁽⁴⁾.

A construção de biografias de enfermeiras tem sido utilizada na educação de enfermagem com várias finalidades: ressaltar o desenvolvimento de uma área profissional específica, orientar a criação de escolas de enfermagem e associações profissionais, criar teorias de enfermagem ou investigar os avanços sociais e políticos da profissão. Destaca-se, entretanto, seu uso na contextualização de uma época relacionada ao desenvolvimento da enfermagem enquanto profissão do cuidado, no contexto da disciplina de História da Enfermagem, obrigatória em todos os cursos de graduação em enfermagem no Brasil⁽⁵⁾. A utilização do recurso do estudo biográfico é concebida como uma das estratégias para refletir com estudantes sobre a profissão e a importância da História da Enfermagem para sua construção identitária⁽⁶⁾.

Neste contexto, o Grupo de Estudos da História do Conhecimento de Enfermagem e Saúde (GEHCES), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), amplia o leque de suas pesquisas por meio da biografia de líderes da enfermagem brasileira.

Esta pesquisa biográfica traz em destaque alguém que muito tem contribuído para a visibilidade da enfermagem enquanto profissão do cuidado, a enfermeira Lygia Paim. Intenciona-se historicizar o decurso de sua vida, profissão e contribuições mais significativas à enfermagem brasileira, pois esta enfermeira e professora teve e tem um papel de destaque na área. Lygia, desde a década de 1960, vem contribuindo em todas as esferas da profissão: assistência, ensino, pesquisa e extensão, o que legitima historicizar essa longa e profícua trajetória profissional.

Método

Trata-se de pesquisa qualitativa, com abordagem sócio-histórica, cujos dados foram obtidos a partir de entrevista semidirigida, realizada com a enfermeira, docente e pesquisadora Lygia Paim, utilizando o método da História Oral. Esta entrevista⁽⁸⁾ foi realizada no dia 30 de abril de 2014, na sede da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Santa Catarina, localizada no centro de Florianópolis/SC. Teve duração de três horas e trinta minutos, e foi direcionada/norteadada por um roteiro previamente elaborado, contendo questões referentes à sua trajetória de vida desde o nascimento, processo de formação profissional, realizações pessoais e profissionais, assim como sua percepção sobre a enfermagem atual, entre outros. Antes da entrevista, Lygia Paim foi informada quanto ao tipo de pesquisa, ao sigilo, à privacidade e à confidencialidade de algumas informações, bem como ao uso de imagens fotográficas e à gravação de seu relato, ressaltando-se sua autonomia, liberdade e possibilidade de interromper a entrevista e solicitar esclarecimentos. Posteriormente, solicitou-se que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, redigido e apresentado em duas vias, de acordo com as Diretrizes da Resolução 466 do CNS/MS 2012 e suas complementares⁽⁷⁾. Ao término da entrevista, a gravação foi transcrita e transcrita e submetida à entrevistada para validação de seu conteúdo conforme apregoadado pelo método de História Oral. Ao devolver o material validado, a enfermeira Lygia assinou o Termo de Cessão do Conteúdo do seu depoimento oral, o qual autoriza a divulgação do material. Foram também utilizadas outras fontes documentais como: currículo lattes da entrevistada, artigos científicos, livros e capítulos de livros, documentos de honrarias e méritos, que subsidiaram a fundamentação teórica deste estudo, possibilitando a análise e a interpretação dos dados. Esses foram analisados pelo método de análise de conteúdo temática e interpretados à luz do contexto da época vivenciada e também por meio da Análise de Conteúdo fundamentada em Bardin⁽⁹⁾, da qual emergiram os seguintes temas: marcas da identidade, a contingência de sair em busca de autonomia, formação na Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), contribuições à enfermagem no decorrer da vida, perspectivas da atualidade e o futuro da profissão, a produção técnico-científica e o reconhecimento pela trajetória acadêmica.

A personalidade de Lygia Paim

Lygia Paim tornou-se reconhecida nacionalmente e respeitada nos cenários da educação, formação e pesquisa em enfermagem. Enfermeira com formação na Escola de Enfermagem Anna Nery - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1960), Livre-Docente e Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery (1977), Professora Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental e Sócia Honorária da Associação Brasileira de Enfermagem - Seção Santa Catarina.



Fotografia 1. Lygia no Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, após apresentação sobre seniorato nos anos de 1960, no Seminário de Novas Metodologias/Projeto MEC- Departamento de Assuntos Universitários, 1976.

Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.

A história de vida e o profissionalismo de Lygia Paim acenavam, desde a educação familiar até a escolha profissional, para o desenvolvimento de uma mulher, no âmbito do trabalho, repleta de criatividade e genialidade. Dotada de uma personalidade determinada e paradoxalmente flexibilizada pelos valores essenciais ao coletivo social e profissional, revela um espírito altruísta sob rigores científicos e ação de proatividade em relação ao destino da enfermagem no país. Demonstra um ativismo político no interior da profissão e retidão ética e estética de padrões atitudinais voltados para a valorização do melhor e das singularidades das pessoas.

Expressa também a integração dos modos de fazer, pensar e ser da enfermagem, em consonância com novos e inovadores saberes, caracterizando sua forte personalidade de agregadora de capacidades em prol da composição de espaços de produção científica entre o serviço e o âmbito educacional. Assim, desenvolve pesquisa sob forte argumentação da transformação dos fazeres instituídos para labores compartilhados por outras disciplinas, culturas e profissões.

Este é um escrito sobre a vida e o profissionalismo de Lygia Paim, e expressa uma personalidade inquieta, visionária, abnegada e criativa em curso, nos espaços intra e extra-acadêmicos.

Marcas da identidade

A história de vida é enriquecida pelo aprendizado e conhecimento acumulado no vivenciar das relações humanas. Em família, no meio social, escolar ou de trabalho, a vida de Lygia baseia-se em valores, preceitos filosóficos e determinismo interior. Neste sentido, a história do outro é o retrato vivo, dinâmico e sempre atual da existência. Assim, com esta retórica, compartilha-se a história de vida e o profissionalismo dedicado à enfermagem de por Lygia Paim.

Nasceu em 21 de janeiro de 1938, na cidade de Salvador/Bahia, em uma família formada inicialmente pela mãe, Maria Angélica Paim, e o irmão, Fernão Paim de Oliveira. A família ampliou-se após o casamento de sua mãe com Mário Domiense de Oliveira. Desta união, nasceram Jairo Paim de Oliveira e Marlene Paim de Oliveira. A influência religiosa presbiteriana e a militância

política nas bases do Partido Comunista Brasileiro fizeram com que o exercício do trabalho em grupo, da interpretação de textos bíblicos, das práticas solidárias, do votar e ser votado, fizessem emergir, da personalidade de Lygia, a valorização do relacionamento interpessoal, do fortalecimento crescente em exercício político, cultural e social.

O viver comunitário, dos dois aos 14 anos em Salvador/BA, é lembrado em aprendizado de ideais, da construção de vínculos entre os moradores nas reuniões de adolescentes, refletindo sua importância na edificação da personalidade firme, forte, criativa e determinada. Sobre esta vivência, ela assim se expressou:

A rua onde morei foi uma das influências mais importantes para aprender um viver comunitário desde cedo. Nessa época, aprendi e ficaram comigo as cantigas de roda, brincadeiras de pular corda em alturinha ou ainda o viver em bando, como um prazer de descobrir-se um a um e a marca de identidade de nosso grupo de rua. Notável lembrança de influência em minha vida [Lygia Paim].

Todas as influências que determinam a caminhada de vida e profissional desta personalidade decorreram de suas vivências no contexto da educação em família. No que concerne à sua trajetória como enfermeira e professora militante, engajada nas lideranças, lutas/reivindicações políticas acerca da categoria profissional, ela menciona o período infantojuvenil como definidor de sua trajetória político-profissional. Neste contexto, destaca-se seu interesse, desde a infância, por atividades de cunho político-social-pedagógico, sobretudo aquelas coletivas, como a participação em feira de livro, coral de música, peças teatrais, entre outras praticadas na igreja, escola, comunidade. Sob essa perspectiva, as tendências para a prática da enfermagem delineiam-se com o aprendizado de vida baseado nas experiências da mãe como auxiliar de enfermagem e cuidadora na comunidade em que vivia. Como a própria entrevistada relatou:

[...] ela fazia serviço de compromisso solidário, feito apenas como natural respeito e consideração, sempre intenção e prática, que minha mãe tinha pelo bem-estar das famílias do seu entorno geográfico e social [Lygia Paim].

Evidencia-se, ao longo do depoimento, o enaltecimento do convívio em família, com exemplos de vivência comunitária e política desenhados por seus pais. São experiências de luta e compromisso político com os movimentos sociais que se refletem na enfermeira, professora, militante e profissional Lygia Paim, personalidade de importante gabarito e renome na enfermagem.

Nos anos de seu desenvolvimento, sob educação formal em ensino público, teve a oportunidade de conviver e conhecer talentos da arte, da política, da literatura e de se aproximar de maneira significativa das experiências de sua mãe no cuidado em saúde. Influentes nomes no cenário nacional constituíram bases na formação de ideais e de sua personalidade. No campo político, destaca-se o exemplo de liderança de Luiz Carlos Prestes^a. O veio literário, procedente da vida estudantil nas escolas públicas de

^a Luís Carlos Prestes (1898-1990) Militar e político comunista brasileiro, foi secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, representando, por mais de 50 anos, uma tendência da ideologia comunista no Brasil.

qualidade que influenciou a leitura e a escrita, era estimulado por obras de José Bento Renato Monteiro Lobato^b e Jorge Leal Amado de Faria^c. Teve sua formação fundamental e de ensino médio na Escola Getúlio Vargas, onde foi oportunizado o exercício da dramaturgia, o que lhe conferiu o privilégio de conhecer Monteiro Lobato e o próprio Presidente do Brasil à época, o qual emprestava seu nome à Escola. Ainda delimitada pela beleza e criatividade artística, Lygia foi dirigida em peças teatrais e ensaiava frequentemente no anfiteatro que tinha o nome do célebre escritor Gregório de Matos^d. Neste local, encenava, com seus firmes e generosos gestos, em elencos de autos de Natal e outros eventos, participando das atividades do Teatro Operário da Bahia. A arte incute e amplia a capacidade criativa e de inovação em Lygia Paim. Em suas palavras:

A arte foi minha terapêutica minha adolescência afora. Ela me convenceu que, sem arte, morre o próprio viver [Lygia Paim].

Os tratamentos terapêuticos disponibilizados à comunidade, a partir de habilidades naturais desempenhadas pela Sra. Maria Angélica, incitaram e consolidaram a admiração de Lygia pela mãe. A dedicação exaustiva ao cuidado dos outros e a adoção de práticas de assistência social quando, em muitos casos, os doentes eram dispostos na residência dos Oliveira, revolviam polêmicas no seio familiar, uma vez que modificavam a rotina da família. Era, paradoxalmente, um trabalho de vizinhança, de solidariedade e generosidade e de grande empenho e dedicação.

A contingência de sair em busca de autonomia

Em idade de trilhar novos horizontes e com intuito de buscar sua própria autonomia, Lygia Paim prosseguiu em busca de novas oportunidades. Fazia-se pertinente desbravar situações de vida e definir sua caminhada profissional. Assim, em meio a despedidas da mãe e diante da possibilidade de seguir uma atividade profissional, a de cursar enfermagem era remota na lembrança de Lygia.

^b José Bento Renato *Monteiro Lobato* (1882-1948) Escritor e editor brasileiro. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada por literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. Criou a Editora Monteiro Lobato e, mais tarde, a Companhia Editora Nacional.

^c Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001) Escritor brasileiro. Foi Membro da Academia Brasileira de Letras. Iniciou sua carreira de escritor com obras de cunho regionalista e de denúncia social. Passou por várias fases até chegar na voltada para crônica de costumes. Politicamente comprometido com ideias socialistas, foi preso e exilado, viveu em Buenos Aires, França, Praga e em vários outros países com democracias populares. Retornou ao Brasil em 1952.

^d Gregório de Matos (1636-1696) Poeta brasileiro, a figura mais importante da época colonial. O maior poeta do barroco brasileiro. Por suas críticas à sociedade baiana, recebeu o apelido de “Boca do Inferno”. Além de grande poeta, fez também um trágico retrato da vida e da cultura baiana do século XVII. Sua produção poética seguia três linhas: satírica, lírica e religiosa.

Em 1957, em época festiva de carnaval, ela chegou ao Rio de Janeiro e instalou-se no Morro do Pinto, na casa de familiares da amiga com quem viajou ao seu destino. Coincidências à parte, o Hospital São Francisco de Assis, principal centro de ensino da Escola de Enfermagem Anna Nery, fazia parte da paisagem diária observada por nossa personalidade.

A proximidade e a inclusão da enfermagem em sua vida ocorreram, inicialmente, por meio de um anúncio em jornal acerca da seleção para a Escola de Enfermagem, no qual eram destacadas algumas vantagens para as candidatas aprovadas: regime de internato e recebimento de bolsa de estudos durante os dois anos e meio de duração do Curso. O sentido de chamamento do anúncio soou, nas lembranças de Lygia, como um convite à aproximação da arte e ciência da Enfermagem. A propaganda realizada em jornais e revistas publicadas à época possibilitava às moças brasileiras conhecer uma nova e honrosa profissão. Após divulgação da notícia, muitas candidatas viram na enfermagem um caminho de dedicação ao próximo, quase sacerdócio, enquanto outras até procuravam sanar desilusões amorosas, numa simulação de vida de clausura. O rigor do Curso de Enfermagem da Escola Anna Nery correspondia, de certo modo, a esse conceito. Muitas e distintas foram as motivações que atraíram ou que conduziram as candidatas ao curso de enfermagem⁽¹⁰⁾.

Esta foi uma época em que a Escola de Enfermagem Anna Nery passou a receber um significativo número de jovens de outros estados e regiões, principalmente do Norte e Nordeste do país⁽¹¹⁾. A instituição da referida escola como núcleo de profissionalização de jovens mulheres tornou-se possível não só pela existência do internato gratuito, que permitia a estada no Rio de Janeiro praticamente sem ônus para suas famílias, mas, também, pela garantia de preservação da honra que lhes oferecia a Escola, à qual os pais das alunas entregariam suas filhas em confiança⁽¹²⁾. Todos os rituais de admissão e formação se davam pelo regime de internato, que favorecia o controle e a disciplina. Esses rituais, de inspiração religiosa e militar, inicialmente adaptados de escolas americanas, eram usados como modelo de enfermeira para a sociedade brasileira⁽¹³⁾.

A formação na Escola de Enfermagem Anna Nery

A Escola Anna Nery, desde sua criação, teve por intencionalidade propor o modelo de ensino seguindo a proposta curricular da Missão Parsons, inspirada nos princípios do Sistema Nightingaleano. O desenvolvimento deste modelo inaugurou a implantação da enfermagem científica no Brasil, no início dos anos 1920, com o funcionamento do Curso no Departamento Nacional de Saúde Pública e, mais tarde, ao final dos anos 30, na Universidade do Brasil. Na época, era exclusivamente voltado ao gênero feminino, no tempo em que raras mulheres ingressavam em cursos de nível superior. Este foi um diferencial para a enfermagem brasileira e para sua evolução em todo o país. Lygia se orgulha de ter seguido esta trajetória, mesmo diante das muitas indecisões na escolha, e revela que a escolha decorreu da qualidade do curso de formação de enfermeiras, constituído por um corpo docente competente e altamente qualificado. Contribuíram para sua opção também o discurso de convencimento do valor da profissão e o

contexto da época de luta da mulher para acesso ao mundo do trabalho e da profissão, conforme registrado em publicações da época. Em suas palavras:

De início, no curso, havia alguns docentes homens, em geral médicos, e docentes de enfermagem - mulheres enfermeiras, e uma assistente social. Todas bem qualificadas e muitas com cursos pós-graduação em universidades americanas, a maioria obtinha essa titulação pós-graduada, por interesse da própria Escola, em seu plano de desenvolvimento cultural e científico e saíam do país para estudar, com bolsas de organizações internacionais, via convênios [Lygia Paim].

Evidencia-se, no depoimento, o ideário da época de desenvolvimento do ensino de enfermagem ser fundamentado em bases científicas sólidas. De 1920 a 1960, as enfermeiras que se destacassem no Curso ou em suas atividades profissionais também eram enviadas para o exterior, a países como Canadá, França e Estados Unidos, para se prepararem para a direção de escolas e serviços de enfermagem nos órgãos públicos de saúde. O acesso às escolas de enfermagem por seleção, a ascensão por mérito com a oportunidade de realizar bons cursos, assim como a preparação para cargos de direção, confirmam o destaque e a dedicação de diversas personalidades reconhecidas na área, desde o início de suas trajetórias profissionais^(13,14).

Após ser aprovada na seleção, Lygia Paim iniciou seu Curso de Enfermagem em 1957, tendo, como diretora da Escola, a enfermeira e professora Waleska Paixão, reconhecida por seu talento intelectual e moral⁽¹⁰⁾. Uma vez aprovada, passou a residir na bela residência da Escola, na Avenida Rui Barbosa, número 762, na enseada de Botafogo, onde eram oferecidos às alunas, além de um ambiente refinado, com todos os recursos necessários, modelos exemplares das professoras que também lá residiam. Esta era também a intenção da Escola, de atualizar e adequar o *habitus* secundário, trazido pelas alunas, para um novo estilo de vida, com aspectos mais positivos⁽¹⁵⁾. Em suas lembranças Lygia, rememorou sua formação:

Crescia a cada dia a minha admiração pelo sistema de ensino de enfermagem na EEAN, pois embora estivesse eu mesma ainda chegando aos 17 anos de idade e com ingênua rebeldia adolescente, pude apreciar o ambiente pedagógico integrado que se compunha de "Residência-Pavilhão de Aulas-Serviços de Saúde ou Campos de Prática. Ali, nessa triangulação, a meu ver, estava um conceito de currículo avançado, porquanto o nosso itinerário como alunas permitia que, onde estivéssemos, nesses lugares, estávamos em espaços curriculares, e estes apresentavam-se como delineadores de um convívio de riqueza de aprendizagem, com regras claras a serem respeitadas, dentro de uma intencionalidade pedagógica que deixava ver a aspiração de certa identidade e imagem profissional de enfermagem, em visível coerência com um conceito de enfermeira que fizesse diferença, no âmbito da educação em saúde [Lygia Paim].

Esta intencionalidade do ensino da formação das enfermeiras na época da EEAN definia a enfermagem segundo os ensinamentos de Florence Nightingale, em um triângulo conceitual de arte, ciência e ideal. O ideal da profissão (servir) voltava-se para a melhoria das condições do paciente, de sua família e da saúde do País. Nesse contexto, a enfermeira devia tornar-se agente de mudança⁽¹⁰⁾.

Nas lembranças de Lygia, a dimensão e o significado de responsabilização potencializavam-se a partir do compartilhamento entre corpo docente e discente em

meio a características próprias e de afinidades dos serviços e, principalmente, com as bases filosóficas da educação difundidas pela EEAN. Organizadamente, as normalizações internas de ambiente e do Regimento do Curso conferiam segurança e motivação para o saber mais, aprender mais. Segundo ela:

O crescimento da segurança técnica pelo aprendizado era continuamente apoiado pela supervisão docente ou da própria Instituição de Saúde, em alguns casos. As alunas tinham como intensos seus estágios no decorrer do curso e obedeciam a escalas de estágios com horários semelhantes aos horários dos serviços de saúde: manhã, tarde e noites alternadas. Hoje, sou grata a essa aprendizagem intensa. Fazer a graduação em enfermagem e morar no internato era por mim percebido como parte da aprendizagem, principalmente pela convivência social entre alunas, cotidianamente [Lygia Paim].

O Brasil, ao final dos anos 1960, vivenciou um período de transição política e social em que a universidade brasileira foi submetida a uma reforma administrativa, num contexto de repressão política. Neste modelo, inspirado no sistema americano de institutos centralizados, de organização departamental, iniciavam-se e ampliavam-se cursos de pós-graduação *stricto sensu*, estabelecendo os princípios de articulação obrigatória entre ensino e pesquisa e, entre ensino superior e pós-graduação⁽¹³⁾. Nesta



Fotografia 2. Lygia ladeada à esquerda por Cleonce Vicente Ribeiro (professora da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ) e, à sua direita, por Cilei Chaves Rhodus (diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ). Seminário de Novas Metodologias/Projeto MEC - Departamento de Assuntos Universitários, 1976.

Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.

época, ao final de 1960, Lygia Paim conclui o Curso de Enfermagem na EEAN. Sua turma recebeu o nome de Florence Nightingale (1820-1910), em homenagem aos 100 anos em que Florence lançou as bases da enfermagem profissional, com a criação, em 1860, de sua escola de Enfermagem no Hospital St Thomas, em Londres, a primeira escola secular, agora parte do King's College, conforme Lygia relatou:

Este foi o nome de nossa turma e escolhida, como madrinha da turma, a enfermeira Anna Jaguaribe da Silva Nava, mulher culta, crítica e de atitude educativa contínua diante das alunas, contribuindo para valores intelectuais e autoestima, quando argumentávamos em encontros avaliativos. Competente no exercício desta difícil função, com desempenho de exemplaridade pela justiça e, assim, nos acompanhou na relação professora-alunas em avaliações e orientações ao longo de nossos estudos. Ela ocupava o cargo de chefe da Divisão de Estágios [Lygia Paim].

A descrição das qualidades intelectuais e de personalidade de determinadas líderes da época reforça/evidencia que a formação das enfermeiras biografadas foi, possivelmente, construída/marcada por mulheres que se caracterizavam por posturas e atitudes dignificantes, consideradas exemplares. Esta referência para escolha da madrinha de formatura reforça esse aspecto. Nessa turma de formandos, Lygia Paim conquistou o primeiro lugar, recebendo o destaque de Honra ao Mérito, assim reafirmando os princípios que norteavam o ensino dos alunos da Escola Anna Nery, pelo caráter cultural e social, representado/caracterizado pela homenageada da turma. O processo de compreender e trabalhar as diferenças e o seu próprio percurso de adaptação à nova realidade de vida, como aluna da EEAN, exigiam uma postura social ativa, conforme expresso no relato a seguir:

Talvez a fase mais difícil como aluna estivesse no período preliminar, primeiros seis meses, em que tudo era acomodar-se e valorizar as diferenças de nossa vida antes em família, em outra cultura [a minha nordestina], a simplicidade pela situação econômica que eu tinha, a saudade dos hábitos de convivência aconchegante no jeito baiano... O convívio no internato era uma expansão pedagógica importante para a formação de enfermeira. A experiência de conviver na diversidade e compreender as diferenças como algo saudável à vida e à saúde foi uma lição de sabedoria que a arte de viver no internato me presenteou. ...as professoras enfermeiras exerciam as funções com inteligência, dedicação e uma mistura perfeita entre rigor e afeto. ... Uma definitiva posição para um exercício seguro de justo cuidar em enfermagem. Guardo como um cristal a aprendizagem que me permitiram ter. Até aqui [Lygia Paim].

As lembranças que Lygia Paim traz de seu tempo de formação na EEAN expressam a essência dos ideais da profissão em bases nightingaleanas. Esta formação apontou uma direção em todo seu processo de formação, demarcando momentos e tempos por meio de rituais e emblemas instituídos e perpetuados até nossos dias. Os rituais institucionalizados legitimam as conquistas da profissão, favorecendo a construção de uma imagem positiva da enfermagem^(13,16).

Ao buscar no tempo suas memórias-lembranças, Lygia refez, reconstruiu e repensou, com imagens, com as ideias de hoje, as experiências vividas no passado. Evocou, nas lembranças, um lugar no passado, reposicionando no tempo, o que fez brotar em si e de si, emoções, ideias, imagens, cores, cheiros, sons, vida, afetos, laços, vínculos, amizades e a alegria do encontro com algo que a fez ressignificar a jornada pessoal e profissional.

Contribuições à Enfermagem no Decurso da Vida

Circuito Rio de Janeiro e Brasília

O espírito de busca pelo conhecimento de novas práticas e saberes da enfermagem, congruentes aos contextos em que a profissão era desenvolvida, fez com que Lygia fosse trabalhar na área ambulatorial do Ministério da Agricultura em Brasília. Convite feito, na época, pelo ministro Ney Aminthas de Barros Braga^e. Antes disso, havia prestado concurso simplificado da Universidade Federal Fluminense ao cargo de professora de pediatria. Posteriormente, retornou à Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) como docente e assumiu a chefia do Departamento Materno-Infantil. Com a imposição da Reforma Universitária em 1968, Lei nº 5540/68, que preconizou a criação dos Institutos e Departamentos nas Universidades⁽¹⁷⁾, a professora Lygia auxiliou na reestruturação dos departamentos na EEAN. Em 1972, foi criado e aprovado pela Egrégia Congregação da EEAN o Departamento de Enfermagem Fundamental, ocasião em que colaborou ativamente com a professora Wilma de Carvalho na redefinição do conceito de enfermagem fundamental, o qual deveria comportar as disciplinas de enfermagem ministradas à época: Fundamentos de Enfermagem, Introdução à Ciência de Enfermagem, História de Enfermagem e Ética Profissional. Tais disciplinas intencionavam a interpretação da enfermagem como profissão e sempre foram consideradas básicas e apropriadas aos conhecimentos fundamentais, à formação profissional da enfermeira⁽¹⁸⁾.

Durante a entrevista, as referências de Lygia Paim à magistral Dra. Wilma de Carvalho, sua professora desde 1957, crescem, posicionando-a como parceira de estudos no interior da EEAN. Uma das mais qualificadas experiências de sua vida profissional é atribuída ao seu ingresso, nos anos 1970, para a equipe da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), por convite da Dra. Wilma de Carvalho, quando esta era responsável pela revista. Nesta época, iniciou-se em práticas de vida associativa, o que considera uma importante fase profissional, tendo destacado em seu depoimento, como ponto alto, a chance de ter sido eleita para ocupar o cargo de coordenadora de comunicação da Editora da REBEn, na diretoria de 1976 a 1980, sob a presidência de Ieda Barreira.

A trajetória profissional desenhava-se com a transposição de espaços diversificados, quando Lygia foi indicada para a realização do Curso de Mestrado na EEAN na área de Enfermagem Fundamental, que congregava alunas docentes da própria Escola e da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto⁽¹⁹⁾.

No Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn), ocorrido na Paraíba em 1973, recebeu, junto com Luiza Costa e Isabel Amélia Costa Mendes, o prêmio Edith Magalhães Fraenkel de Pesquisa em Enfermagem^f. A premiação foi permeada por emoções, e seria a primeira de tantas outras que se sucederiam. Em 1975, foi a primeira aluna a

^e Ney Aminthas de Barros Braga (1916-2000), militar e político brasileiro. Foi prefeito de Curitiba, deputado federal, senador e governador do Estado do Paraná. Foi também ministro da Agricultura, ministro da Educação e presidente da Itaipu Binacional.

^f Prêmio Edith Magalhães Fraenkel – Prêmio patrocinado pela Escola de Enfermagem da USP e diz respeito aos melhores trabalhos relativos à pesquisa em enfermagem, apresentados em Congresso Brasileiro de Enfermagem. Primeiro prêmio a ser criado pela ABEn. In Associação Brasileira de Enfermagem – Reunião de Diretoria – Livro de Atas sn,111- Rio de Janeiro, 1969 jun 20. p. 77.



Fotografia 3. Lygia em sua casa, no Rio de Janeiro, usando uniforme de enfermeira, após receber o grau de Livre-Docente pela Escola de Enfermagem Anna Nery/ UFRJ, 1977.

Fonte: Arquivo pessoal de Lygia Paim.

defender a dissertação, intitulada “Prescrição de Enfermagem como Unidade Valorativa de Cuidado”, tendo sido orientada pela Dra. Wanda Aguiar Horta.

Observa-se que Lygia Paim já possuía ideias geniais e inovadoras quando desenvolveu sua dissertação de mestrado, em uma época em que ainda não havia definição clara acerca da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), temática hoje bastante discutida e implementada nos meios acadêmicos e assistenciais. Por outro lado, sua orientadora já vinha inovando e desenvolvendo sua Teoria da Necessidades Humanas Básicas, culminando com a publicação de sua obra “Processo de Enfermagem”, em 1979, pela Editora da Universidade de São Paulo.

A criação do Mestrado trouxe visibilidade para a enfermagem nos órgãos de fomento e nos Ministérios da Saúde e da Educação no Brasil, fato que também oportunizou a participação de Lygia Paim como Membro Representante da Enfermagem da EEAN, na Comissão Interministerial de Saúde entre 1974 e 1975⁽²⁰⁾. Esta representação permitiu construir redes de relações e a amplificação de novos cenários de atuação. Lygia Paim caracterizou-se por ser uma mulher inteligente e de pensamento e ação rápidos, com genialidade peculiar, personalidade que lhe oportunizou integrar o Primeiro Grupo Setorial de Saúde em nível central do Ministério da Educação, espaço de discussões acerca da educação em saúde entre profissionais das diversas categorias, coordenadas pelo sociólogo Dr. Célio Cunha⁸. Os trabalhos transcendiam os Departamentos de Assuntos Universitários (DAU) e, concomitantemente, trabalhos junto à CAPES e CNPq que configuravam caminhos para a organização da pós-graduação.

Durante os anos de 1976 e 1977 foi realizado o diagnóstico de situação dos cursos de graduação em enfermagem no país e verificou-se uma diminuta expansão destes, especialmente nos cinco anos que antecederam a pesquisa, ou seja, verificou-se que a enfermagem estava estática no país⁽²¹⁾. Nesta mesma época, havia uma proposta latino-americana de ampliação do quantitativo de enfermeiros e da representação da

⁸ Célio Cunha Sociólogo - Bacharel e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1968), mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1980) e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1987). Atuou como coordenador editorial e assessor especial da UNESCO no Brasil na área de educação. Foi analista de ciência e tecnologia e superintendente da área de Ciências Humanas e Sociais do CNPq, além de diretor e secretário adjunto de Política Educacional do MEC.

enfermagem nos países, o que desencadeou a proposta brasileira de implantação, pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), de cursos de graduação em enfermagem nas universidades federais. Esta ação, por sua vez, culminou na abertura de 16 cursos de graduação de enfermagem que tiveram a participação direta de Lygia Paim⁽²²⁾. No Acre, por exemplo, houve a instalação do primeiro curso de graduação em enfermagem, por meio do convite a profissionais de outros estados, uma vez que lá havia apenas uma enfermeira, a qual ainda se encontrava em processo de formação na Escola Alfredo Pinto, no Rio de Janeiro. O currículo dessa Escola foi elaborado com o auxílio das professoras Lygia Paim, Eda Moreira, da Escola Anna Nery, e da enfermeira Carolina Sampaio Barreto da Bahia. A Escola teve êxito em seu desenvolvimento e hoje homenageia Lygia Paim dando seu nome a um de seus laboratórios, em reconhecimento por sua grande contribuição e participação direta na implementação do curso.

Além do incentivo e participação na criação de escolas de enfermagem nas universidades federais na década de 1970, Lygia, quando coordenou o Grupo Setorial de Saúde no MEC, empreendeu esforços para que a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) conseguisse se articular como Universidade Comunitária implantando o curso de enfermagem, o que a tornou a única universidade não federal que obteve autorização para funcionamento do referido curso⁽²³⁾.

Trabalhos assistenciais e voltados à formação de enfermagem foram realizados/desenvolvidos no percurso de 16 anos. Em 1980, atuou no CNPq como analista de projetos na área da saúde e enfermagem, oportunidade ímpar para aprimoramento de sua experiência no tocante à qualificação de projetos para tal área. Os interesses contextuais para a profissão, referentes ao CNPq, à América-Latina e ao mundo, em termos de saúde, eram paulatinamente absorvidos por esta personalidade no sentido de expandir a visibilidade da enfermagem⁽²⁴⁾.

Por volta de 1975, participou da publicação, pelo MEC, da pesquisa sobre o desenvolvimento do ensino da enfermagem no Brasil, com mapas da expansão da formação profissional no país⁽²⁵⁾. Todas as atividades realizadas/desenvolvidas por Lygia mostram-se num decurso entre o ensino/formação/pesquisa e a prática assistencial, o que denota uma visão do profissional enfermeiro/enfermeira no seu todo.

Na década de 1980, Lygia tornava-se uma das personalidades influentes da enfermagem nas questões de pesquisa, publicações de livros e artigos científicos, entre os quais um livro se revela particularmente importante, sob coordenação de Glória Mioto Wright, acerca das políticas e temas de interesse da enfermagem⁽²⁶⁾. Algumas dessas publicações sinalizavam um novo horizonte, que traria mudanças no delineamento da profissão. Vivia-se um momento de efervescência dos anos de 1980, com os movimentos sociais em alta, o fim da ditadura militar, o retorno das eleições diretas para presidência da república, a conquista do direito à saúde e sua inscrição no texto Constitucional de 1988. Essas questões marcantes no cenário brasileiro influenciaram também uma mudança nos rumos da História da enfermagem nacional, que passou a refletir sobre seu trabalho e sua organização e participar da luta pela democracia e pelo direito à saúde.

No período entre 1979 e 1989, a Associação Brasileira de Enfermagem - entidade representativa da profissão no país, vivenciou uma fase intensa de debate sobre sua organização e estrutura, o que originou o Movimento Participação buscando a transformação do *modus operandi* e a concepção política da ABEn, despertando, na categoria, a consciência política.

A ocasião era de reflexão e busca por novas formas de produzir conhecimento com atitude renovadora, participativa, democrática, garantindo o acesso e a livre expressão de todos trabalhadores nas decisões que diziam respeito à categoria e à profissão.

Neste contexto, Lygia Paim retornou à Escola Anna Nery em 1983, onde permaneceu até 1988. Atuou no “Programa Esporte para Todos”, projeto nacional no qual foi uma das avaliadoras. Ressalta-se que nesta época em que o país se libertava da ditadura e retornava paulatinamente à democracia, projetos comunitários eram bem-vindos.

Circuito Catarinense

Novos ares e vida iniciavam em meados de 1988. Lygia casou-se com um professor universitário catarinense, o que a fez mudar para Florianópolis/SC. O primeiro ano na Ilha de Florianópolis foi um período de pausa, brevemente interrompido pelo chamamento da professora Lidvina Horr, então diretora do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC), e convite oficial das professoras doutoras Eloita Pereira Neves e Maria Tereza Leopardi para trabalhar no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, sob a coordenação da Profa. Dra. Ingrid Elsen.

Iniciava-se, neste momento, uma parceria salutar e produtiva entre as professoras Lygia Paim e Mercedes Trentini, o que motivou sua permanência na Escola de Enfermagem da UFSC. Da compatibilidade de ideais, emergiram estudos e produtos para a ciência em enfermagem e saúde, entre os quais um estudo de abordagem investigativa, a Pesquisa Convergente Assistencial (PCA)⁽²⁷⁾.

Após inúmeras discussões e trabalhos produzidos com discentes nas aulas de pós-graduação, os materiais eram dimensionados e novos conceitos iam sendo produzidos, trazendo à educação em pesquisa a visão de que a investigação é algo horizontal e integrado ao trabalho, com a finalidade de construir os conhecimentos a partir da própria atividade profissional e da pesquisa que nela se efetiva. O propósito da PCA é nobilitar a assistência advinda das necessidades e das construções do próprio grupo de profissionais para a qualificação dos espaços e práticas assistenciais. Num período de oito anos como professora visitante no PEN-UFSC, houve grande compartilhamento profissional com mentes criativas da Escola.

Lygia também incentivou a criação, junto com a professora Ana Lúcia Magela, de grupos de pesquisa que se mantêm e se ampliam até a atualidade. Um deles, o primeiro Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Enfermagem, Quotidiano, Imaginário, Saúde e Família de Santa Catarina – NUPEQUIS-SC, sob assessoria de Mafesolli, entre outros, focados na família, como o Grupo de Pesquisa de Enfermagem e Família – GAPEFAM; em doenças crônicas, o Núcleo de Estudos e Assistência em Enfermagem e Saúde a Pessoas com Doenças Crônicas – NUCRON; de História da Saúde e da Enfermagem, o Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde – GEHCES; em tecnologia, o Grupo de Pesquisa Clínica, Tecnologias e Informática em Saúde e Enfermagem – GIATE, e os que surgiram posteriormente.

A participação na edificação científica, cultural e profissional da enfermagem catarinense manteve-se em outras universidades. Na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), ministrou as disciplinas de História e Ética em Enfermagem, permanecendo pouco tempo, por ter sido convidada a integrar o corpo docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

O caminho de Lygia ia se desenhando em consonância com a liberdade de inovação e as ousadas ideias que a levaram a vivenciar a criação, o desenvolvimento e o fechamento do curso de graduação em enfermagem da UNIVALI em Biguaçu. Um modelo curricular que, sob sua perspectiva, mostrou-se inovador, criativo e cooperativo entre os membros docentes, discentes e dos serviços, e que contribuiu para consolidação da qualificação em Santa Catarina, tendo sido deferido pelo Ministério da Educação por três anos consecutivos. Um grande diferencial era o corpo docente ser constituído por enfermeiras articuladas a serviços de saúde municipais e estaduais.

A produtividade mantinha-se em alta, e Lygia organizou, junto à comunidade do entorno da universidade e com apoio de representantes de outros cursos da área da saúde, o projeto de extensão universitária “Autonomia do Idoso”. Para tanto, destaca-se o amplo envolvimento da comunidade biguaçuense nas atividades e demandas extensionistas e a construção de um vínculo entre essa população e a Universidade. As reuniões eram sempre permeadas por temas como educação em saúde, cidadania, autonomia e integração dos idosos com os profissionais. O percurso na UNIVALI rememorado resgata lembranças de uma unicidade de fazeres e saberes em saúde e enfermagem com grupos específicos. O encerramento do Curso decorreu de fatores alheios à capacidade e vontade do seu corpo docente e estruturante da graduação.

Constata-se que, permeando o decurso dessa biografada, inserem-se a forte argumentação da vida ativa no interior da profissão, a vivência e a experiência nas entidades de classe, tendo sido membro efetivo da Diretoria da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), na gestão de 1975 a 1980, e da Comissão de Divulgação e Editoração da Revista Brasileira de Enfermagem. As memórias evocam o nome de profissionais e mulheres ilustres à sociedade e à enfermagem propriamente, pois contribuíram para edificar a profissão no cenário nacional. Esse grupo era formado por Ieda de Alencar Barreira, Suely Baptista, Elvira de Felice, Anayde Corrêa de Carvalho e Amália Corrêa de Carvalho. Lygia Paim declara suas memórias em referência a essas mulheres que realizaram, à frente da ABEn, produções científicas, culturais e políticas na enfermagem brasileira:

Eram membros de nossa diretoria, formada por pessoas que queriam mais projeção e outras manter a tradição. Tínhamos um equilíbrio entre o tradicional e o inovador. Este período foi muito importante para mim, o convívio com essas pessoas. Essas são pessoas da maior qualidade [Lygia Paim].

O respeito e o sentimento de identidade profissional entre as enfermeiras abenistas referidas por Lygia fortaleciam o compromisso com ideais latentes, ainda por emergir. Ao final da década de 1970, organizava-se um movimento para discussão do encaminhamento da profissão no Brasil, com vistas a uma abertura e democratização das posturas e decisões no seio da ABEn. O Movimento Participação (MP), por exemplo, teve sua origem em meio a um Brasil borbulhando por direitos trabalhistas e qualidade de vida para a população. Segundo Lygia:

Houve toda uma arrumação da organização social para enfrentar as diferenças no interior da Associação. No entanto, o foco eram os trabalhadores e a democracia no país [Lygia Paim].

Relembra que, na época, discordava das formas de manifestação, por considerá-las agressivas e não condizentes com as pessoas que estavam dirigindo o MP. Durante o Congresso Brasileiro de Enfermagem, em 1979, no Ceará, do qual participavam representantes do Movimento de Santa Catarina e outros estados, houve expressivo indicativo da transformação a ser deflagrada na enfermagem brasileira. Em diálogo com Ieda Barreira, ambas compreenderam que o movimento se revestia de caráter de renovação, pois visava à ampliação da participação, e julgaram que seria importante aceitar e entender as manifestações públicas, políticas e sociais do MP para frutificar outra dinamicidade profissional e transformar a condição de quase opressão das enfermeiras decorrente da elegância e do requinte que conduziam a ABEn até a emergência desse movimento.

Visão da atualidade e o futuro para a enfermagem

Das lembranças rememoradas, captam-se as experiências definidas por Lygia de valor às diferenças e compreensão de que a enfermagem se faz em equipe de desiguais. Nesta perspectiva, valoriza as particularidades para a consolidação das práticas coletivas, entendendo que as relações mais requintadas das gentilezas estão se perdendo nesta área. Como um paradoxo, esta profissão avança no aspecto tecnológico e em produção científica, o que é comprovado e contado pela história, mas, por outro lado, perde a nobreza da humanidade. É o que exige o viver: ajustes e adaptações. Na complexidade desta humanidade, refletiu Lygia:

Estou sempre me ajustando àquilo que tenho atração e descobri que a enfermagem é uma ciência lateral articulada e uma arte como qualquer arte [Lygia Paim].

Esse sentimento por ela descrito traz à tona a arte ciência do coletivo da enfermagem estruturada e exercida por enfermeiros, técnicos e auxiliares, os quais possuem conhecimentos e habilidades específicas para o desenvolvimento da unicidade do cuidado. É pontuado nas lembranças desta personalidade que as trocas são necessárias e cada qual, em seu entorno, ensina e aprende, motivo pelo que considera pertinente o reconhecimento do valor, pelos membros da enfermagem, dessa condição peculiar do grupo, num tempo e mundo que privilegiam as diferenças.

Há, na concepção de Lygia, relativa perda do sentido fundamental da profissão em detrimento da visibilidade por meio da literatura, das titulações e publicações. A atualidade da profissão, para esta enfermeira, situa-se num recorte histórico de distanciamento entre o empoderamento intelectual e a prática do cuidado humano. Pontua a preocupação e a querência no desenvolvimento da enfermagem em complementaridade ao avanço científico e tecnológico em

compartilhamento com a prática assistencial, com o fazer profissional. Sobre tal situação, afirmou:

Tenho muita esperança, esperança esta que se afine o nível intelectual com o nível de transformação do simples cuidado às pessoas, o cuidado do humano [Lygia Paim].

A Enfermagem tem possibilidades de adquirir visibilidade que congregue o público e o privado, o ensino, a gestão e a assistência, a expertise e, ainda, a produção em ciência para compor os diferentes espaços e modos de cuidado. Lygia Paim externaliza que não estamos sendo pessoas importantes na prática quando nos distanciamos da ação do cuidado, pois perde-se a complexidade do simples nas relações e a sabedoria intelectualizada não está transformando o que precisa ser mudado, neste caso, as relações de cuidado.

Produção técnico-científica

A produção técnica-científica da professora Lygia Paim reflete uma postura consistente, convergente, comprometida, de uma horizontalidade dialógica de atuação em temáticas relacionadas a: educação, pesquisa, arte, criatividade, tecnologia em saúde e inovação, bem como no desenvolvimento de trabalhos com grupos profissionais e de pacientes crônicos e de convivência. Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se: orientações de mestrado e doutorado, produção de artigos científicos, participação em comissões editoriais e consultorias em periódicos científicos. Ainda autoria de livros e capítulos de livros, entre os quais merecem ênfase três edições relacionadas à Pesquisa Convergente Assistencial (PCA)⁽²⁷⁻²⁹⁾ e o livro “Condições Crônicas e Cuidados Inovadores em Saúde”⁽³⁰⁾.

A pertinência de suas publicações oportunizou conhecer temas que a inquietam e também suas parcerias intelectuais com as professoras doutoras Mercedes Trentini e Denise Guerreiro.

Reconhecimento pela trajetória acadêmica e profissional

A trajetória acadêmica da professora Dra. Lygia Paim e sua atuação profissional merecem, sem dúvida, o reconhecimento institucional expresso, em 1972, por homenagem a ela prestada durante o II Encontro de Enfermeiras Pediátricas no Estado da Guanabara. Também foi agraciada, em 1973, com a medalha Edith Magalhaes Fraenkel, como Prêmio de Pesquisa da ABEn no XXV Congresso Brasileiro de Enfermagem. No ano de 1977, recebeu homenagem de Reconhecimento dos Organizadores na XIV Jornada Científica e do “Leão Faria”, de Alfenas. Novamente

recebeu homenagem, desta vez em 1980, no Jubileu de Prata da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira – FACEM/Santa Maria/RS. Em 1977, recebeu placa dando seu nome ao Laboratório de Métodos e Técnicas de Enfermagem do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Acre. Entre as muitas homenagens recebidas, destacamos: Medalha de Honra ao Mérito Universitário, concedida pela Universidade Federal do Acre (2002); Medalha de Ouro da Escola de Enfermagem Anna Nery; Medalha de Prata pelos 25 anos da Universidade Estadual de Feira de Santana (1976-2004); Medalha recebida durante o 1º Congresso Internacional de Enfermagem Médico-Cirúrgica – Coimbra/Portugal; Medalha de Ouro da Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRG/Brasil, pelos 80 anos de História da Enfermagem Brasileira (2003). No ano de 2001, recebeu Homenagem de Reconhecimento da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Paraná, durante o 53º CBen/Curitiba. Em 1996, Homenagem de Reconhecimento da REPENSUL-ESPENSUL; em 2008 foi homenageada pelos professores e alunos de enfermagem da UNIVALI/Biguaçu. Entre as muitas homenagens de turma recebidas, também registramos as de duas turmas de formandos da UNIVALI/Biguaçu, dos anos de 2003 e 2004, em que foi nome de turma. Agraciada também com a condecoração de Sócia Honorária da Associação Brasileira de Enfermagem de Santa Catarina.



Fotografia 4. Comemoração dos 90 anos da EEAN. Lygia recebendo da diretora da EEAN, Neide Aparecida Titonelli Alvim, uma miniatura da lâmpada, símbolo da Enfermagem.

Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.

Considerações Finais

Revisitar a história de vida pessoal e profissional de Lygia Paim permite-nos estabelecer um itinerário da profissão e reconhecer a centralidade desta personagem na enunciação de um discurso da enfermagem brasileira. A história de vida e profissional expressa, em todo o percurso e de forma unânime, o perfil de uma personalidade marcante e de liderança. Evidencia também uma visão de futuro e capacidade agregadora e desafiadora, muitas vezes transgredindo a ordem ao propor novas ideias ou a diversidade possível de ser e fazer enfermagem. Destacamos sua contribuição e seu compromisso com desenvolvimento do ensino, da educação e da pesquisa em enfermagem no país, como também seu envolvimento político nas entidades de classe e associativas.

Consideramos, como características primordiais de Lygia Paim evidenciadas nesta biografia, o espírito de participação, liderança, criatividade, sensibilidade, inovação e engajamento político. Sua personalidade a mantém em destaque nos diversos espaços em que representa e defende a profissão, sendo testemunha ocular de fatos relevantes da História da Enfermagem no Brasil.

A historicidade da vida e profissão de Lygia Paim insere-se na ética do cuidar em enfermagem, em práticas de gestão, de ensino, de assistência e de pesquisa, pautadas na razão estética da mais sensível e primorosa obra de arte - a arte ciência da Enfermagem.

Referências:

1. Alberti V. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV; 2004.
2. Padilha MICS et al. As fontes historiográficas em pauta: a história oral e a pesquisa documental. In: Borenstein MS, Padilha MICS. Enfermagem em Santa Catarina: recortes de uma história. Florianópolis: Secco; 2011. p.37-55.
3. Luchesi LB, Lopes GT. História Oral. In: Oguisso T, Campos PFS, Freitas, GF. Pesquisa em História da Enfermagem. 2^a.ed. Barueri (SP): Manole; 2011, p.401-456.
4. Grypma S. Critical Issues in the use of biographic methods in nursing history. In: Lewenson S, Herrman EK. Capturing Nursing History: A guide to historical methods in research. New York: Springer Publishing Company; 2008.
5. Padilha MI, Nelson S, Borenstein MS. As biografias como um caminho na construção da identidade do profissional da enfermagem. Hist. cienc. saúde-Manguinhos. [Internet]. Rio de Janeiro. 2011 dez; 18(supl.1):241-52.[cited 2015 Aug 05]. Available from: www.scielo.br/pdf/hcsm/v18s1/13.pdf
6. Padilha MICS. O ensino da história da enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina. Trabalho Educação e Saúde. 2006; 4(2):325-36.
7. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a Resolução CNS 466/12. Brasília: Diário Oficial da União; 23 Jun. 2013. Seção 1, p. 59-62.
8. Maia AR, Bellaguarda ML(entrevistadoras). Paim L (entrevistada). Florianópolis, ABEn/SC. 2014, abr.30. Entrevista concedida para o Acervo do Livro da Coleção Alma Carrasco “Enfermeiras Ibero-americanas”. Série Brasileira.
9. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; LDA; 2009.
10. Coelho CP. Escola de Enfermagem Anna Nery: sua história, nossas memórias. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1997.
11. Barreira IA. A enfermeira Ana Nery no país do futuro. Rio de Janeiro: UFRJ; 1996.
12. Barreira IA, Baptista SS. A (re)configuração do campo da enfermagem durante o Estado Novo (1937-1945). Rev Bras Enferm [Internet] 2002 Mar-Apr [cited 2015 Aug 05]; 55(2):205-16. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v55n2/v55n2a16.pdf>

13. Tirrel MA, Santos TCF. Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: Uma breve reflexão. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. [Internet]. 2007 mar [cited 2015 Aug 05];11(1):18-42. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n1/v11n1a20>
14. Furukawa PO. Comparativo de Personagens da História da Enfermagem Brasileira. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet] 2009. Apr-Jun [cited 2015 Aug 05]; 3(2):402-05. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a23>
15. Batista SS, Barreira IA. Ana Nava: baluarte da Escola Ana Nery. *Esc Anna Nery Rev Enferm* 2009 [cited 2015 Aug 05]; 13(3):543-51. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a13>
16. Santos TCF. Significado dos Emblemas e Rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. *Esc Anna Nery Rev* [Internet] 2004 [cited 2015 Aug 05]; 8(1):81-6. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/1277/127717725011.pdf>
17. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 5.540, de 28 de novembro 1968, dispõe sobre a Reforma Universitária. [Internet] [cited 2014 Aug 12]. Available from: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-norma-pl.html>
18. Carvalho V. Enfermagem fundamental: predicativos e implicações. *Rev Latino-am Enferm*. [Internet] 2003 Set-Out [cited 2015 Aug 05];11(5):664-71. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n5/v11n5a15.pdf>
19. Machado CR, Barreira IA, Martins ALT. Primeiras dissertações do Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery. *Esc. Anna Nery*. [Internet] 2011 [cited 2015 Aug 05]; 15(2):331-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n2/v15n2a16.pdf>
20. Salles EB, Barreira IA. Formação comunidade científica Enfermagem. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2010 Jan-Mar [cited 2015 Aug 05];19(1):137-46. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n1/v19n1a16>
21. Rocha SMM, Almeida MCP, Wright MGM, Vieira TT. O ensino de pós-graduação em Enfermagem no Brasil. São Paulo (SP): Cortez; 1989.
22. Baptista SS, Barreira IA. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. *Rev. Bras. Enferm*. [Internet] 2006 [cited 2015 Aug 05];59(esp):411-6. Available from <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59nspe/v59nspea05.pdf>
23. Paim L. A formação de enfermeiros no Brasil na década de 70. *Rev. Bras. Enferm*. [Internet] 2001[cited 2015 Aug 05]; 54(2):185-196. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v54n2/v54n2a04.pdf>

24. Associação Brasileira de Enfermagem 1976-2006 - Vol. 1- Documentário 3. ed. Brasília: ABEn; 2013.
25. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Avaliação e Perspectivas. Vol. 5. Brasília: CNPq; 1978, p 5-16.
26. Associação Brasileira de Enfermagem. Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem. Relatório do 1º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. Ribeirão Preto (SP): ABEn; 1979.
27. Trentini M, Paim L. Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: UFSC; 1999.
28. Trentini M, Paim L. Pesquisa e Assistência: experiências com grupos de estudo na enfermagem. Curitiba: Champagnat; 2003.
29. Trentini M, Paim L. Pesquisa Convergente Assistencial: um desenho que une o fazer e o pensar na prática assistencial em saúde-enfermagem. 2.ed. Florianópolis: Insular; 2004.
30. Trentini M, Paim L, Guerreiro D. Condições Crônicas e Cuidados Inovadores em Saúde. São Paulo: Atheneu; 2014.



Capítulo 4

Nalva Pereira Caldas

Vida e Obra

Gertrudes Teixeira Lopes
Laís de Miranda Crispim Costa
Mariangela Aparecida Gonçalves Figueiredo
Tânia Cristina Franco Santos



Fotografia 1. Formatura do Curso de Datilografia.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.

Síntese

Nalva Pereira Caldas, Enfermeira, Professora Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professora Titular de Administração em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem desta universidade. Doutora em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atuou como Diretora do Centro Biomédico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Sergipe. Primeira Presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro. Criou o Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que recebeu o seu nome. Professora de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*.

Dados Pessoais

Nalva Pereira Caldas, nome de solteira Nalva Curvello Pereira, nasceu no dia 14 de março de 1931, na cidade de Aracaju, no estado do Sergipe. Filha de Antonio Rodrigues Pereira e Naldy Curvello Pereira, ambos sergipanos. Primogênita de uma família de onze filhos, seus pais eram da religião evangélica presbiteriana, assim como Nalva e seus dez irmãos.

Acerca de Aracaju, onde passou toda a sua infância e parte da adolescência, teceu o seguinte comentário:

É uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, ela é toda como se fosse um dominó, cada quadra tem 100 metros. Acho que esta organização da cidade, uma vez que não é uma cidade natural, ela é artificial e planejada, influi no comportamento dos sergipanos [Nalva Pereira Caldas].

Observa-se, em tal comentário, que Nalva atribui a organização do sergipano às características da cidade. A fotografia nº 1 apresenta Nalva, aos 11 anos de idade, no dia da Formatura do Curso de Datilografia, em Aracaju, Sergipe.

Seu pai era comerciante e Nalva o ajudava na mercearia. Ela relata que desde os oito anos de idade trabalhava com o pai, pois entendia o trabalho como algo dotado de um sentido espiritual, em virtude de sua formação evangélica. Sobre essa atividade destacou:

Em matéria de organização eu aprendi muito. Desde a minha feliz infância, lá no armazém do meu pai, eu gostava de limpar, de organizar aquelas prateleiras cheias de latas de conserva. Meu pai não mandava; era uma iniciativa minha. A minha mãe era também uma pessoa muito organizada, muito trabalhadora. Minha família é batalhadora. Todos são trabalhadores [Nalva Pereira Caldas].

Nalva foi alfabetizada por seu pai. Fez o curso primário no Grupo Escolar Dr. Manoel Luiz, concluindo em 1942. O curso ginasial foi concluído em 1946, no Colégio Estadual de Sergipe. Frequentou por seis meses a Escola Normal, mas interrompeu o curso para cursar enfermagem, no Rio de Janeiro^(1,2).

Seu interesse pela enfermagem foi despertado por uma amiga, Marta Silva, que cursava enfermagem na Escola Anna Nery, cuja irmã era enfermeira, também formada nessa escola. Marta e sua irmã, quando viajavam de férias a Aracajú, contavam sobre o cotidiano na escola:

Eu fiquei fascinada pela vivência da Marta e, então, fiquei atraída pela profissão [Nalva Pereira Caldas].

Por intermédio de uma parenta, Mirabel Smith Ferreira Jorge, enfermeira, então professora da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Nalva obteve bolsa de estudos pela Campanha Nacional Contra Tuberculose, ingressando nessa escola.

Casou-se em 1960, com Cidelviro Almeida Caldas, suboficial da Marinha do Brasil, com quem teve quatro filhos: Célia (enfermeira), Cláudia (promotora de Justiça), Cid (pastor, músico sacro e maestro formado pela Escola Nacional de Música) e Cíntia (psicóloga e professora de Inglês). Nalva criou seus filhos de acordo com a religião evangélica presbiteriana. A fotografia nº 2 apresenta sua família. Na primeira fila da composição fotográfica, da esquerda para direita, está seu filho Cid, ladeado à esquerda por seu pai Cidelvino, que tem à sua esquerda Nalva Pereira Caldas. Na segunda fila, da esquerda para a direita, estão suas filhas, Célia, Claudia e Cíntia.

Sobre seus filhos, enfatiza, com emoção, que todos são muito responsáveis e comprometidos com o trabalho, a exemplo de seus pais:

Tenho imagens cravadas na minha mente de uma das minhas filhas que estava doente e eu não fiquei, voltei para o trabalho. Isso eu não me perdoo [Nalva Pereira Caldas].

Enfatizou também seu senso de responsabilidade ao comentar a decisão de alfabetizar sua quarta filha quando precisou ausentar-se do país, durante seis meses, para acompanhar seu marido em missão de trabalho:

Assumi essa responsabilidade morrendo de medo de não conseguir, mas, nessa época, eu tinha uma amiga que era professora e que cedeu livro do aluno e do professor. Então eu usei esses livros para alfabetizar minha filha lá no Paraguai, em Assunção [Nalva Pereira Caldas].



Fotografia 2. Nalva com sua família.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.

Formação Acadêmica: os primeiros passos de uma carreira exitosa

Ao obter bolsa de estudo pela Campanha Nacional Contra Tuberculose (CNCT), Nalva interrompeu o curso Normal para estudar enfermagem no Rio de Janeiro. Ingressou na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FENF/UERJ), em julho de 1948, e formou-se em julho de 1952. Na fotografia 3, está uniformizada, juntamente com a sua turma. Ela ocupa a primeira fila, da esquerda para a direita, é a 5ª personagem fotografada.

Sobre a sua formação acadêmica, declara que o curso era intensivo, pois não havia férias normais escolares. As férias eram de apenas um mês a cada ano. Então, o curso era de 11 meses por ano, totalizando 33 meses, o equivalente a quase 4 anos, cursados em 3 anos civis. A lei exigia que as escolas tivessem Internato, ou seja, moradia. Destaca que, sociologicamente, isso decorre da fama da enfermagem e do receio dos pais em permitir que suas filhas viessem para outras capitais para estudar enfermagem, distantes do controle familiar.

Nalva enfatiza que, àquela época, a mulher usufruía de liberdade muito cerceada, o que ela interpreta como uma preocupação das pessoas responsáveis pela profissionalização da enfermagem no Brasil. A iniciativa de oferecer moradia para as jovens ingressantes tinha por objetivo preservar o bom nome da família, por meio da guarda da honra de suas filhas.

Assim, ela considerava as normas da escola semelhantes a um regime militar ou à formação religiosa, porque inicialmente não saíam durante a semana. Permitia-se, no



Fotografia 3. Classe de 1952 – Grupo II - Pose grupal.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.

entanto, que se ausentassem aos fins de semana, desde que tivessem autorização da diretora e de seus responsáveis, mesmo no caso de alunas maiores de idade.

Comenta ainda que, tempos depois, houve flexibilização por parte da direção da escola, que permitiu às aulas saírem durante a semana, devendo retornar até às dez horas da noite. Para controle dessas entradas e saídas, as alunas precisavam assinar um livro.

Nalva entende e interpreta essa dinâmica de controle como uma forma de zelo, uma vez que a diretora deveria tranquilizar as famílias a respeito da honra de suas filhas. Ademais, atribui à necessidade de que a moral fosse mantida no ambiente onde estavam as alunas. Nalva assim se referiu a tais normas escolares:

Eu tinha uns tios aqui [Rio de Janeiro]. Passava alguns finais de semana na casa deles. Lá eu ia à Igreja e voltava no domingo para a escola [Nalva Pereira Caldas].

Em sua narrativa, Nalva lembra que não havia prova de conhecimentos para ingresso na escola, pois a entrada se dava por recomendação de pessoas idôneas, as quais forneciam informações sobre a candidata, em atendimento à investigação social realizada pela escola. Havia também troca de informações entre as famílias

e a diretora para viabilizar a vinda das alunas que, na maioria das vezes, procediam de outros estados da federação, principalmente do Nordeste, uma vez que existiam escolas apenas no Sudeste.

Ao se referir à vida social na escola, ela relembra, com certa nostalgia, tratar-se de um ambiente saudável e descontraído, apesar dos rigorosos horários. No momento seguinte, com ar de alegria, fala das noites após o jantar quando ligavam uma vitrola, chamada “radiola”, no salão de estar, ocasião em que todas dançavam, inclusive a diretora. Como havia professoras que moravam na escola, estas também participavam e se divertiam, porque era essa uma oportunidade de aproximação, de conhecer melhor as alunas e de ter uma abertura também de comunicação entre todas.

Além da convivência agradável na escola, as alunas também participavam de festas em outros ambientes. Em particular, Nalva lembra com muita satisfação e alegria da festa de São João que certa vez fizeram, convidando a banda da polícia para tocar. Fato inusitado foi que o convite não explicitava a natureza da festa e a banda, então, compareceu uniformizada, como se fosse para uma festa oficial. Ao chegarem, os policiais perceberam que, na verdade, aquele era um momento de lazer e, muito sem jeito, trocaram as roupas e mudaram o repertório musical.

Havia também, segundo Nalva, os bailes das outras escolas de enfermagem do Rio de Janeiro, como a Anna Nery e Alfredo Pinto, que convidavam para suas festas. Era comum essa troca, comunicação, parceria entre as escolas e as alunas.

Falando do ensino de enfermagem, Nalva tem muito claro como se deu a sua formação profissional e, ao lembrar sua origem, enfatiza que a Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo dispunha de muitos recursos didático-pedagógicos para um ensino de qualidade e destaca:

Tínhamos uma disciplina denominada Técnica de Enfermagem. Nós treinávamos muito. Tínhamos a liberdade de ir para o Laboratório”, treinar com as colegas mais habilidosas, aquelas que tinham mais facilidade, mais habilidade...era uma verdadeira monitora nossa [Nalva Pereira Caldas].

O laboratório era uma sala de aula com leitos e manequins, e as alunas, às vezes, atuavam como manequins umas das outras. Ao ensinar uma técnica, a professora fazia a primeira demonstração e depois, se houvesse, por exemplo, 6 leitos, 6 manequins, 6 estudantes treinavam diante da docente de forma que ela procedesse às devidas correções. Posteriormente, todas demonstravam o que tinham aprendido para a professora e, somente após o treinamento de todos os procedimentos, inclusive fora dos horários de aula, seguiam para campo.

Nalva relata que o laboratório era bem organizado, com todo o material descrito no livro (Técnica de Enfermagem). Havia um grande armário com as bandejas correspondentes aos procedimentos, por exemplo: verificação de Temperatura, Pulso e Respiração (TPR) e Pressão Arterial (PA), aplicação de injeção intramuscular ou endovenosa, banho no leito, entre outras. As bandejas eram arrumadas como modelo, então, visualmente, as alunas gravavam aqueles procedimentos e depois era exigido que trabalhassem daquela maneira. Destaca Nalva que, seguindo esse modelo, eram também treinadas para atuar de forma organizada.

Ao se referir aos estágios, menciona que a maioria ocorria nas instituições ligadas à prefeitura do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, à qual a escola pertencia. Relembra

que quando as alunas estagiavam nessas instituições não encontravam os materiais necessários para o desenvolvimento das técnicas, o que, frequentemente, exigia que a escola os levasse para a realização dos procedimentos no hospital, ocasião em que se negociava a guarda do material com a direção do hospital e da enfermagem.

Dessa forma, os princípios básicos exigidos para cada técnica eram garantidos e supervisionados pelas professoras durante a sua execução, momento em que faziam perguntas, associavam as técnicas de enfermagem a outras disciplinas teóricas e fundamentavam as bases científicas da enfermagem.

As fotografias nº 4 e nº 5 registram a formatura de Nalva Pereira Caldas, na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, em 1952. A primeira eterniza o momento da entrega do diploma de enfermeira e a segunda, denominada “foto de formatura”, traz Nalva com semblante sério, uniforme de gala e touca de enfermeira.

Vida profissional a serviço de um ideal

A oportunidade para o primeiro trabalho na área de enfermagem ocorreu logo após formada, no ano de 1952, por meio da Campanha Nacional contra Tuberculose, que lhe concedeu uma bolsa para estudar no Rio de Janeiro. Assim, foi encaminhada para trabalhar no pavilhão de acamados e ambulantes do Conjunto Sanatorial de Curicica,



Fotografia 4. Sessão Solene de Colação de Grau.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.



Fotografia 5. Foto de Formatura – Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.

onde permaneceu até 1953. Em seguida, participou de um recrutamento para trabalhar nesta campanha na cidade de Aracaju, sua terra natal.

O retorno à sua cidade teve um significado especial, por representar uma contribuição pessoal e profissional ao seu local de origem:

Depois eu voltei para minha terra para inauguração de um sanatório que estava construindo há muitos anos e eu fiz parte da equipe que organizou, que inaugurou, que realizou seleção das pessoas para trabalhar, demos treinamento anterior ao ingresso para o pessoal de limpeza e para auxiliar hospitalar porque não havia quantidade suficiente de auxiliares de enfermagem para as atividades de assistência de enfermagem [Nalva Pereira Caldas].

Neste sanatório, Nalva era responsável pela rouparia, lavanderia, limpeza e barbearia, além do serviço de enfermagem, onde permaneceu até o ano de 1958, quando se desligou da Campanha Nacional contra Tuberculose. Durante este período teve a oportunidade de atuar em outras cidades do Nordeste. Foi designada para reorganizar o serviço de enfermagem do Pavilhão de Tuberculose Rafael Fernandes, em Mossoró, no Rio Grande do Norte; participou de um Curso de Psicanálise oferecido pelo Centro Acadêmico Silvio Romero da Faculdade de Direito de Sergipe; fez um Curso de Enfermagem em Tisiologia ofertado pela Faculdade de Medicina do Recife; e cursou seis meses de estágio no Hospital Oswaldo Cruz, no Conjunto Sanatorial Otávio de Freitas e no Dispensário de Tuberculose do Centro de Saúde Agamenon Magalhães⁽¹⁾. As diversas experiências contribuíram sobremaneira para o seu interesse na área da administração.

Retornou ao Rio de Janeiro e prestou concurso público para a o Estado da Guanabara^a. Concomitantemente, trabalhou em uma empresa de organização de hospitais, SORTEC – Serviços Técnicos de Organização, no período de 1958 a 1961, a convite da senhora Ariadne Lopes de Menezes, participando da equipe de organização de um hospital modelar, da Companhia Sul América, mais tarde vendido para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários (IAPB), atual Hospital da Lagoa; também atuou no Hospital Julia Kubitschek (Belo Horizonte), no

^a A Guanabara nessa época era um estado, corresponde ao território do atual município do Rio de Janeiro.

Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) e em uma Policlínica do Rio de Janeiro⁽¹⁾. Essas experiências configuraram-se como um grande aprendizado na sua vida profissional:

E continuei trabalhando durante ainda algum tempo particularmente nessa empresa de organização de hospitais onde eu aprendi muito, porque ali era teoria e prática, organizando diversos hospitais, daqui do Rio e fora do Rio de Janeiro [Nalva Pereira Caldas].

Em decorrência da aprovação no concurso para enfermeiros da prefeitura do Distrito Federal, ingressou no Hospital Pedro Ernesto em 1958, assumindo o cargo de enfermeira-chefe da unidade do Serviço de Ortopedia. Nesta época, o Hospital Souza Aguiar estava passando por obras e todo o seu pronto-socorro havia sido transferido para as dependências do Hospital Pedro, o que acarretou um trabalho exaustivo para Nalva e para as outras enfermeiras que ingressaram por meio do mesmo concurso:

Nós entramos nessa ocasião no hospital, o hospital parecia que tinha passado por uma catástrofe, tudo sujo, tudo desarrumado, então trabalhamos muito para limpar, limpar mesmo, o ambiente e organizar tudo [Nalva Pereira Caldas].

Em 1960 assumiu a supervisão do centro cirúrgico a pedido da chefe-geral de enfermagem à época, enfermeira Marilda. Prestou relevantes serviços, sobretudo no âmbito da organização, em parceria com a equipe que lá encontrou:

No centro cirúrgico, cheguei lá havia muitos aparelhos importados dos Estados Unidos que nunca foram usados. Meu marido era da Marinha e estava nos Estados Unidos, eu mandei pedir uns livros que muito me ajudaram na organização do centro cirúrgico. E fui assim tentando organizar, era uma equipe muito boa, minhas colegas muito competentes mesmo, gente que só trabalhou em centro cirúrgico a vida toda, então ocorreu tudo bem [Nalva Pereira Caldas].

Também participou de um trabalho de reorganização e levantamento sobre a enfermagem no Rio de Janeiro junto com a enfermeira Ariadne, a mesma com quem trabalhou na empresa SORTEC. Nesta ocasião, esta enfermeira assumiu um cargo na secretaria de saúde, dando visibilidade à profissão, e várias medidas foram tomadas para melhorar a assistência de enfermagem nos serviços de saúde vinculados à prefeitura do Distrito Federal.

Em 1963/1964, participou do Curso de Especialização em Administração de Pessoal e Organização e Métodos, promovido pela Escola Brasileira de Administração Pública, na Fundação Getúlio Vargas. Posteriormente, nos anos de 1967 e 1968, voltou a trabalhar para a SORTEC, como assessora; ainda foi assistente de implantação das Normas de Enfermagem da Assistência Médica Social da Armada (AMSA) e também participou da elaboração de um livro de procedimentos de enfermagem: Manual de Enfermagem – Técnicas e Cuidados Básicos⁽¹⁾.

Pelo reconhecimento da sua competência, foi convidada pelo Dr. Antonio Dias Rebelo para ser diretora da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da UERJ:

É porque os cargos todos eram por indicação política, não havia critério, a escola não era universitária e em todas as repartições públicas os cargos eram por indicação política [Nalva Pereira Caldas].

Por esta razão, sentindo a necessidade de se qualificar para a docência, participou de um Curso de Didática, sob a direção da professora Simone Fomm Rivera na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO):

[...] fiz com ela o curso de preparo para ser professora e assumi a direção da escola [Nalva Pereira Caldas].

Nalva também concluiu o Curso de Mestrado na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas em 1964, com a apresentação da dissertação intitulada “A Enfermagem e o Recrutamento Racional”:

O fato é que eu fui aprovada e fiz meu curso lá sem dificuldade nenhuma, fiz a monografia sobre recrutamento racional, aí me deu também muito conhecimento da administração pública [Nalva Pereira Caldas].

Mesmo assumindo a direção da escola, ministrou algumas disciplinas e lutou pela integração da escola à, na época, Fundação Universidade do Estado da Guanabara, isto porque sua antecessora havia pleiteado e conseguido que a mesma fosse anexada à Universidade somente no aspecto pedagógico e administrativo, mas não financeiro, o que não resultou em mudança alguma. Nessa ocasião, por incentivo do professor Américo Piquet Carneiro, que foi diretor da Faculdade de Medicina e também do Centro Biomédico, Nalva e algumas professoras da escola se reuniram e propuseram emendas ao projeto de lei, tendo obtido êxito na integração da escola à Fundação Universidade do Estado da Guanabara:

Então essa conquista foi da minha época, trabalhei muito pra isso, pra que a escola fosse integrada [Nalva Pereira Caldas].

Ainda no ano de 1964, a Escola de Enfermagem passou a ser dirigida pelo professor Lafayette Silveira, tendo a professora Nalva como vice-diretora, que também exercia função docente e de chefe do Departamento de Enfermagem Social, de 1965 a 1973:

Ele [Lafayette] me convidou logo para ser vice-diretora, não fazia nada sozinho, a gente ficava o tempo todo ali junto dele, um grupo, e tudo que ele fazia era combinado [Nalva Pereira Caldas].

Assim, junto com os demais docentes, sua atuação como vice-diretora, assessorando o diretor designado pela Universidade, um professor titular da medicina, permitiu manter o grupo unido em torno dos ideais da enfermagem. Nessa época, planejou cursos para graduados e lecionou a disciplina Administração em Enfermagem⁽¹⁾.

Assumiu novamente a chefia de enfermagem do Hospital Pedro Ernesto, de 1966 a 1974. Integrando a Comissão Encarregada da Restauração do Hospital, planejou, organizou e implantou os serviços de centro cirúrgico e de ambulatório e as clínicas de

cirurgia, obstetrícia, ortopedia, urologia e otorrinolaringologia. Em 1968, participou dos cursos de Observação em Enfermagem e de Comunicação, ambos oferecidos pela Associação Brasileira de Enfermagem⁽¹⁾.

Em 1971, planejou, organizou e coordenou o Treinamento para Chefia de Enfermagem, com a assessoria da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) da Organização Mundial da Saúde (OMS). Participou do curso sobre Problemas Brasileiros, oferecido pelo Departamento de Educação e Cultura da Universidade do Estado da Guanabara e, em 1972 e 1973, de cursos sobre gerência por objetivos, processo de enfermagem e fundamentos de enfermagem psiquiátrica⁽¹⁾.

Em 1974, deixou a direção do Serviço de Enfermagem do hospital para assumir a coordenação do Curso de Graduação da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Em 1982, também atuou como docente na Universidade Federal do Maranhão, no curso Técnico de Enfermagem da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac e no Curso de Graduação da Universidade Gama Filho.

Submeteu-se ao concurso para Livre-Docência, em 1974, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, com a tese intitulada “Considerações sobre Modelos do Serviço de Enfermagem nos Hospitais Universitários do Município do Rio de Janeiro”, obtendo simultaneamente o título de doutor, conforme facultava a legislação da época, de modo a viabilizar a criação dos programas de pós-graduação stricto sensu. A partir de então, foi convidada a participar das atividades de ensino e pesquisa no Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ) e no Curso de Mestrado de Enfermagem na Escola de Enfermagem (EE) da UNIRIO⁽¹⁾:

Eu saía de carro por aí afora, saí daqui correndo e ia para outras escolas, voltava de noite para dar aula. Foi muito sacrifício, mas eu fazia com muito prazer, muito ânimo, porque eu gosto de administração [Nalva Pereira Caldas].

Na PUC, ministrou aulas no Curso de Administração Hospitalar, de 1967 a 1991. Na UERJ, participou da Comissão Especial de Capacitação Docente da Universidade. O ano de 1979 foi marcado por uma estadia de seis meses na capital do Paraguai, para onde seu marido havia sido transferido. Lá teve contato com colegas enfermeiras, em palestra no Instituto Andes Barbero, em Assunção. No Brasil, ministrou aulas no Curso de Chefia e Estado Maior de Serviços de Saúde da Escola de Comando do Estado Maior do Exército (ECEME), entre 1979 e 1981. Também lecionou nos cursos de Administração Aplicada à Enfermagem e Administração Hospitalar da UERJ, de 1981 a 1990, e na Escola de Saúde da Marinha, de 1983 a 1985⁽¹⁾.

Em 1987, Nalva Pereira Caldas foi eleita diretora do Centro Biomédico da UERJ, continuando, entretanto, a lecionar no curso de graduação em enfermagem e fazer orientação de monitores. Entre 1992 e 1994, foi coordenadora do Curso de Especialização em Administração de Serviços de Enfermagem, coordenadora do Ensino de Pós-Graduação da UERJ, coordenadora do Núcleo de Informática da Faculdade e coordenadora do Encontro Anual dos Diplomados da Faculdade, quando desenvolveu estudo sobre o perfil dos ex-alunos. A fotografia 6 registra a posse de Nalva como diretora do Centro Biomédico da UERJ.

Tornou-se professora titular da FENF/UERJ em 1995, mediante concurso público, com a tese “Os caminhos da lembrança: um olhar retrospectivo sobre a Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ”. Nasceu, nesse concurso, o centro de memória,

“porque eu queria escrever sobre a escola, a história da escola”. Esta conquista significou muito para o curso de enfermagem da UERJ:

Essa conquista não ressoa pessoalmente para mim, pois representa muito para a profissão, para a enfermagem. E a enfermagem, ao entrar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, construiu uma trajetória construtiva de muita adesão aos movimentos da UERJ, de muita participação e muito trabalho [Nalva Pereira Caldas].

A fotografia 7 registra Nalva no dia da defesa de sua tese como professora titular.

O desdobramento deste concurso consistiu na organização e implantação de um Centro de Memória que recebe seu nome, fato que significa uma grande realização na sua trajetória profissional, e que hoje ainda demanda muito trabalho:

Então, isso é um trabalho que eu me dedico muito, tenho que, às vezes, conversar com as pessoas dos setores para compreender bem o funcionamento das coisas, para poder então organizar [Nalva Pereira Caldas].

Entre tantos feitos no âmbito da universidade, vale ressaltar que, entre 1993 e 1997, foi membro do Conselho Deliberativo da Revista de Enfermagem da UERJ e, a partir de 1998, passou a atuar como membro de seu Conselho Editorial. Entre 1998 e 2001, atuou na FENF/UERJ como professora visitante, membro da Comissão de Extensão e responsável pelo Centro de Memória⁽¹⁾.

Hoje é professora emérita da UERJ. De acordo com o Regimento, o professor emérito é aquele que, uma vez aposentado, comprova ter contribuído para o desenvolvimento da cultura, do ensino, da pesquisa e da extensão na universidade, o que não se pode negar nesta trajetória.



Fotografia 6. Posse como Diretora do Centro Biomédico.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.



Fotografia 7. Defesa de Tese de Professor Titular de Nalva Pereira Caldas.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.

Vida Associativa: aprendizado iniciado na infância

Em seu depoimento, Nalva relata que, devido à sua origem evangélica, desde cedo compreendeu o valor da vida associativa para o desenvolvimento pessoal e profissional:

Os evangélicos começam desde criança o aprendizado da vida associativa. Na Igreja treinamos ser presidentes, secretários, tesoureiros. Temos a sociedade das crianças, dos adolescentes, dos jovens, dos adultos. Eu faço parte da sociedade das senhoras [Nalva Pereira Caldas].

Nesse sentido, durante o período de 1953 a 1958, foi presidente da ABEn-Seção do estado de Sergipe. No ano de 1958, chegando ao Rio de Janeiro, filiou-se à ABEn estadual, participando de algumas comissões e de conselhos fiscais, entre outras atividades. Foi também presidente do Distrito da ABEn, quando assim era chamada, e vice-presidente da Seção. Também prestou importante contribuição a diretorias da ABEn Central⁽¹⁾.

Em 1977, ocupou o cargo de primeira presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro (COREN-RJ) e, junto com um grupo de trabalho, elaborou os Padrões Mínimos dos Cursos de Técnicos e Auxiliares de Enfermagem, posteriormente incorporados pela Secretaria Estadual de Educação. Como presidente do COREN- RJ, também fez a inscrição de todos os profissionais de enfermagem no estado do Rio de Janeiro, assinando as cédulas de identidade.

Ainda, atuou na imprensa em prol de uma melhor adequação das publicações sobre a profissão, tendo em vista resguardar a imagem da enfermeira na sociedade. Essa iniciativa foi destacada por Nalva:

Uma das lutas que eu destaco no COREN-RJ foi a com a imprensa. Eu mandava muita correspondência para eles quando, por exemplo, publicavam anúncios de enfermeira ao invés de babá. Eu cheguei a contratar uma empresa de assessoria, para que ficássemos a par de todas as publicações referentes à enfermagem [Nalva Pereira Caldas].

Ela também ressalta o entrosamento com a Secretária de Educação do Rio de Janeiro, no sentido de evitar o funcionamento de escolas irregulares, principalmente as de auxiliares e técnicos de enfermagem. Outra importante realização foi a inscrição de todos os profissionais, o que a faz lembrar do embate que teve com o síndico do prédio face ao grande fluxo de pessoas para a referida inscrição:

Alugamos para o Conselho Regional de Enfermagem, a ex- sede da Associação Brasileira de Enfermagem que estava vazia em virtude da mudança da sede para Brasília. No período de inscrição de todo o universo que praticava a enfermagem, era tanta gente subindo e descendo o elevador que o síndico do prédio veio reclamar e eu tive que me posicionar para garantir o intento [Nalva Pereira Caldas].

O saudosismo e o orgulho com que ela relembra as multas que precisou pagar pela falta de estacionamento próximo à sede do COREN-RJ refletem o seu espírito de doação ao trabalho e comprometimento com as causas da enfermagem.

Participou da criação do Sindicato de Enfermeiros do Rio de Janeiro, como sócia-fundadora, integrando seu Conselho Fiscal. De 1975 a 1978, dedicou-se a trabalhos coletivos de alcance nacional, elevando o nome da profissão, como a Comissão para reformulação de Normas do Ministério da Saúde (como representante da Associação Brasileira de Enfermagem), em comissão semelhante do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e no Grupo de Trabalho para revisão ou reformulação das publicações do Ministério da Saúde, também como representante da ABEn⁽¹⁾.

Distinções e Honrarias: expressão do reconhecimento da enfermagem brasileira

Nalva, ao longo de sua exitosa trajetória profissional, recebeu numerosas homenagens, as quais expressam o reconhecimento de sua distinção na História da Enfermagem brasileira.

Na Faculdade de Enfermagem da UERJ foi homenageada como nome de turma, além de honrarias na qualidade de Patrona e Paraninfa, no período de 1964 a 1984, contabilizando 25 convites. Também foi homenageada como Patrona das Formandas da Universidade Gama Filho, do ano de 1996, e das formandas do Curso Técnico de Enfermagem da Escola de Enfermagem Luíza de Marillac, em 1981.

Por sua competência e dedicação quando atuou como diretora (gestão 1988-1991) do Centro Biomédico da UERJ, recebeu Placa de Prata, em 1993.

Recebeu o título de Professora Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em reconhecimento à sua trajetória acadêmica e profissional, bem como pela grande contribuição à enfermagem Brasileira, em 20 de novembro de 2002. A fotografia 8 registra sua titulação.

No decorrer de sua trajetória como docente, recebeu inúmeras homenagens que simbolizam o reconhecimento de sua competência e a qualidade de seu trabalho: são diversas premiações e menções honrosas referentes a trabalhos de Iniciação Científica sob orientação da professora Nalva. Ademais, os vários autores que a convidaram a prefaciá-los ou apresentar seus livros evidenciam o reconhecimento, por parte de seus colegas, de suas qualidades intelectuais e morais, bem como o apreço que lhe dedicam. O reconhecimento de seu notório saber também se expressa pelos inúmeros convites recebidos para composição de bancas examinadoras de dissertações de mestrado, teses de doutorado e de concursos públicos, em especial para provisão de vaga de professor titular, tanto na Faculdade de Enfermagem da UERJ quanto em outras instituições de ensino superior. Seu reconhecimento também se expressa na denominação de seu nome a prêmio oferecido ao melhor trabalho científico, na temática Legislação do Exercício Profissional da Enfermagem, no Pesquisando em Enfermagem, evento promovido anualmente pelo Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nalva também recebeu homenagens de entidades organizativas da profissão, uma delas da Associação Brasileira de Enfermagem, no âmbito do 44º Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em 1983, e também em Plenária do Conselho Regional de Enfermagem (Seção Rio de Janeiro), quando o auditório da autarquia situado à Avenida Pres. Vargas 502, 5º andar, Rio de Janeiro, recebeu o seu nome. Ganhou, também, a Medalha do Mérito da Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, em 1995, concedida pelo Conselho Regional de Enfermagem – Seção - Rio de Janeiro.

O reconhecimento de sua competência também se deu no âmbito hospitalar. Por seu trabalho administrativo no Hospital das Clínicas Pedro Ernesto, recebeu, em 1966, congratulações da Comissão paritária da instituição e, neste mesmo ano, homenagem de Honra ao Mérito da Associação Brasileira de Enfermagem, pelos relevantes serviços prestados.



Fotografia 8. Titulação de Nalva Pereira Caldas como Professora Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo pessoal de Nalva Pereira Caldas.

Sua carreira exitosa conta também com o reconhecimento de seus imensuráveis serviços prestados à enfermagem brasileira, desde 1963, quando recebeu Voto de Louvor da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara; Medalha do Mérito da Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, em 1995; Moção de congratulação pelos expressivos serviços prestados à enfermagem do Estado, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 2005.

À guisa de considerações finais

A trajetória de vida pessoal e profissional foi, toda ela, orientada pelo espírito de serviço da ética evangélica que, iniciada em sua infância, contribuiu para a compatibilização entre as nobres atitudes apreendidas no âmbito familiar e os atributos requeridos de uma boa enfermeira.

A atuação de Nalva Pereira Caldas abrange tanto a administração como a docência e a vida associativa. Nesses espaços logrou grandes vitórias, ocupou importantes cargos administrativos e ensinou administração, baseada na organização, no respeito, na ética e na conciliação. Como manifestação emblemática de sua capacidade de administração, tem-se o Centro de Memória Nalva Pereira Caldas, o qual representa importante legado também à preservação da memória da enfermagem brasileira e expressa sua sensibilidade e compromisso com a profissão, pois os documentos históricos são instrumentos de simbolização e eternização que constituem pontos de referência para evocar e sacralizar a memória da profissão.

A vida profissional de Nalva abrange tempos importantes de conquistas da História da Enfermagem brasileira, tais como a luta da mulher para a ocupação de melhores posições nos campos da educação e da saúde; a assunção de chefias de serviços de enfermagem em instituições da Secretaria de Saúde do antigo estado da Guanabara e em todo território nacional, principalmente em órgãos públicos; integração das escolas de enfermagem a universidades; instituição da pós-graduação *stricto sensu*, entre tantos outros feitos dos quais foi protagonista. Vale destacar também sua atuação como docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ocupando cargos importantes na esfera administrativa da instituição, e como primeira presidente do Conselho Regional de Enfermagem – Seção Rio de Janeiro. Atuação importante teve ainda na condição de docente quando da criação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* na Escola de Enfermagem Anna Nery, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Atualmente, mesmo aposentada, atua como voluntária na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, exercendo a função de coordenadora do Centro de Memória.

Nalva Pereira Caldas, por toda a sua contribuição à História da Enfermagem brasileira, é uma personagem que deve ser conhecida, aprendida e apreendida. Nesse sentido, a presente biografia reveste-se de importância porque consagra e eterniza uma das grandes protagonistas da enfermagem nacional.

Referências

1. Silva RLM, Barreira IE. Nalva Pereira Caldas, uma trajetória de sucesso. Rev enferm UERJ 2005; 13(1):397-2.
2. Caldas NP. Curriculum Vitae. Rio de Janeiro: Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2001.



Capítulo 5

Neide Maria Freire Ferraz

História de uma vida e reflexões para o ser enfermeiro

Cleide Maria Pontes
Francisca Márcia Pereira Linhares
Maria da Penha Carlos de Sá
Fátima Maria da Silva Abrão
Vânia Pinheiro Ramos

Considerações iniciais

A trajetória de vida da enfermeira e professora Neide Maria Freire Ferraz engrandece e enobrece a enfermagem pernambucana e brasileira. Mesmo na condição de aposentada da Universidade Federal de Pernambuco, desde o dia 7 de junho de 1990, continua atuante na Associação Brasileira de Enfermagem, seção Pernambuco, e divulga, por meio de palestras e conferências, as suas vivências profissionais, de forma a contribuir para o avanço da Enfermagem.

As suas ações, em qualquer cenário de atuação do enfermeiro, sempre foram centradas no cuidar, vislumbrando a solidificação da Ciência da Enfermagem. Chama atenção que o significado do cuidar, conforme o seu relato, encontra-se alicerçado nos pressupostos da teoria ambiental de Florence Nightingale. A pioneira da enfermagem enfatizava que, para a cura, um ambiente saudável era essencial. Livre de sujeiras, iluminado pela luz natural, refrigerado pelo ar fresco, sem ruídos, instalações sanitárias adequadas, alimentos em boas condições, água potável, conforto e socialização⁽¹⁾.

Cuidar é oferecer um ambiente limpo, aconchegante, sem perigo. Não é só ser confortável, mas, sem perigo. Perigo de quê? Livre de contaminação. Isso eu cuidava muitíssimo. O ambiente é tudo para o paciente... influencia no aparelho digestivo, no sistema nervoso, nos sentimentos dele. Eu vivia muito preocupada também com a sua alimentação, hidratação, conforto emocional, fornecendo as informações a respeito dos seus familiares para a sua tranquilidade... isso é cuidar. A medicação, o curativo, passar uma sonda, faz parte do cuidar, mas o cuidar não é só isso. O cuidar é você estar doente e eu estar com você e ver o que você precisa. Se você precisa urinar, se você precisa tomar água, se você precisa dormir, se você está com fome, se você está chorando com saudade, se você está insegura... como eu sou louca e acredito em tudo que Florence disse, ela via assim também, ela achava até que a sujeira que tinha ao redor do hospital, lá da Crimeia, prejudicava os pacientes e impedia a cura [Neide Maria Freire Ferraz].

A atitude de escutar e escrever a história de vida da professora Neide Ferraz, referencial para o saber, o saber ser, o saber fazer, o saber atitudinal e o saber relacional do enfermeiro, aproximou-nos de uma vida que edificou a enfermagem do estado de Pernambuco, nas dimensões da assistência, do ensino, da gerência, da extensão e das entidades de classe. Também energizou ainda mais a vontade de buscar uma enfermagem melhor, fundamentada nos princípios científicos, morais, éticos, humanísticos e sociais, e ainda instigou-nos a refletir sobre a formação profissional do enfermeiro.

Esses sentimentos e reflexões serão contagiantes para todos os leitores desta história, emergida da vida de uma enfermeira de voz macia, personalidade forte e sensível, objetiva, determinada, observadora, perseverante, corajosa, ousada, visionária, preocupada sempre com o cuidar, entusiasta, envolvida e comprometida com o desenvolvimento da enfermagem, a qualidade de vida do ser humano e a vida associativa do enfermeiro aos órgãos de classe. Portanto, esta história merece ser contada e reconhecida como exemplo de profissional a ser seguido.

O presente estudo documental, descritivo e qualitativo tem o objetivo de relatar e compreender a trajetória de vida pessoal e profissional da enfermeira e professora Neide Maria Freire Ferraz articulada ao processo de cuidar. Para o aprofundamento

desta compreensão, utilizamos o método História de Vida, que permite a narrativa de experiências e vivências de uma pessoa revelando aspectos do ciclo vital, entrelaçados, nesta pesquisa, com o cuidar⁽³⁾.

As técnicas de coleta das informações consistiram na entrevista semidirigida e narrativa, conduzidas por perguntas norteadoras que possibilitaram a revelação de fatos, desde o seu nascimento até a percepção da enfermagem atual^(4,5). A entrevista, realizada na Associação Brasileira de Enfermagem-PE (ABEn-PE) durante cinco horas, foi permeada por momentos de alegria, tristeza, reflexões, reelaboração de pensamentos, rememoração de fatos, situações e ensinamentos que emolduram uma trajetória. Esses momentos revelam-se desafiantes por constituírem memórias de uma vida que representa “uma percepção mais qualitativa do significado dessa vida, não só por terceiros... mas, sobretudo, pelo próprio autor”⁽⁶⁾ dessa vida.

Os numerosos fatos que marcaram a construção da vida pessoal e profissional foram analisados sob a ótica do cuidar e das contribuições para a enfermagem, aspectos fundamentados na literatura. Para a complementação das informações, fontes primárias, documentos impressos e imagens fotográficas foram pesquisados mediante triangulação. As fotos apresentadas no texto pertencem ao arquivo particular da professora Neide Ferraz, com quem os encontros tiveram a finalidade de proceder a validação deste estudo e assinatura do termo consentimento informado, assim autorizando a divulgação da sua trajetória de vida.

O início de uma trajetória: influência do contexto familiar e do curso de visitadora sanitária para o cuidar

Neide Maria Freire é a segunda filha, de uma prole de oito, do casal Manoel Francisco Freire e Maria Eugênia Freire. Nasceu no dia 11 de setembro de 1934, de parto humanizado, pelas mãos de uma parteira, em um povoado, uma várzea, situado a 6 Km de Propriá - um dos municípios brasileiros do estado de Sergipe. A sua localização é privilegiada, às margens do rio São Francisco, o nosso velho Chico, fornecendo aos moradores farturas de peixes. As canoinhas de pescadores são o principal meio de transporte local.

Na época do seu nascimento havia poucas famílias morando nesse povoado, e a sua liderava essa localidade por possuir mais recursos financeiros, tanto por parte do avô paterno quanto do materno. Esse último tinha nove filhos e casou-se pela segunda vez após a morte da primeira esposa, constituindo uma família numerosa, acrescida de mais seis filhos, entre eles uma das suas tias, Zélia, mais nova do que ela, cuja relação era como de irmãs. Zélia também é enfermeira, residente em São Paulo. O seu avô paterno, com quem tinha mais proximidade, era seu vizinho, casou-se três vezes, também constituindo família extensa, e o seu pai era filho do primeiro casamento.

A segunda mulher do seu avô materno era líder da comunidade, cuidava dos enfermos e dos corpos pós-morte, vestindo-os com mortalhas por ela confeccionadas. Também providenciava o enterro, fazia a sentinela, cuidava da casa e dos

familiares dos mortos. Quando as mulheres da comunidade estavam perto de parir, chamavam-na para a realização do parto. Os filhos menores das parturientes eram cuidados por Neide, na sua casa, até o bebê nascer.

Todos esses cuidados, partilhados com a mãe, eram também vivenciados por Neide Freire que assistia o morrer e a morte, apesar de sua pouca idade. Ainda na sua infância, recebeu orientações da avó madrastra, de seus avós, da sua mãe e de seu pai, que diziam: ao morrer alguém no povoado, o respeito devia ser preservado, pelo silêncio. Assim, nesse dia, eram proibidas brincadeiras e/ou cantorias. Esse ensinamento herdado, de respeito pelo sofrimento e pelas perdas, foi considerado pela professora Neide Ferraz como um cuidado sublime. Nesse contexto, mencionou:

Até hoje, eu sei, mesmo sem muitas condições, perto de fazer 80 anos, não posso ver nenhuma pessoa com dificuldade, sofrendo. Acho que foi por isso também que fui para a Enfermagem [Neide Maria Freire Ferraz].

Quando sua primeira irmã faleceu, Neide tornou-se a primogênita, líder da sua família com determinação e cuidadora dos seus irmãos, devido à sua mãe ser uma pessoa muito doente e ter tido partos laboriosos. Por duas vezes foi



Fotografia 1. Diploma de conclusão do curso de Visitadora Sanitária de Neide Maria Freire Ferraz.
Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

acometida com psicose puerperal, doença de difícil entendimento naquela época, sendo necessário ausentar-se do lar por diversas ocasiões, para ser tratada em outra cidade. Então, a professora Neide assumia os cuidados integrais da família. Esses cuidados, até hoje, mantêm uma relação de mãe e filha com a sua irmã Normélia Maria Freire Diniz, enfermeira, e a outra irmã mais nova, sua afilhada. Os sobrinhos a consideram como avó.

Outro fato narrado pela professora foi de que a sua tia materna, a mais velha, depois que todos seus irmãos se casaram, resolveu ser freira franciscana, e foi trabalhar em um hospital de tuberculose para cuidar dos doentes. Lá contraiu a doença e morreu no Rio de Janeiro. Então, a infância e a adolescência de Neide Freire foram vivenciadas em família, com avós, tios de todas as idades, primos, e o cuidado, tanto o observado quanto o por ela realizado, esteve presente como norteador e alimentador da sua vida, sendo “... na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência”⁽⁷⁾ do ser humano.

No povoado onde nasceu, cursou o primário. A escola localizava-se ao lado de sua residência, o que lhe possibilitava cuidar dos seus irmãos na hora do recreio. Sua professora possuía apenas o primário e, em razão disso, em 1947, Neide precisou prestar exame para adquirir a certificação de conclusão do primário para atingir outra meta de vida: cursar o ginásio, no Ginásio Nossa Senhora das Graças, em Propriá - SE, juntamente com sua tia Zélia.

Inicialmente, durante um ano, precisamente em 1948, Neide e Zélia foram morar em uma casa de três idosas, por elas conhecerem a família Freire e as habilidades dessas hóspedes com o cuidar. A tia Zélia adquiriu a febre tifoide e perdeu o ano. Neide continuou sozinha e, apesar de todas as dificuldades, conseguiu concluir o primeiro ano ginásio com excelentes notas, conquistando o primeiro lugar entre as colegas. Esse sucesso a tornou mais conhecida pelas freiras do colégio e por outras pessoas da região e possibilitou que as suas redações sobre vários temas, relacionadas aos acontecimentos locais, fossem publicadas no jornal da cidade. Assim, a jovem Neide tornou-se reconhecida em Propriá - SE, o que contribuiu para elevar sua autoestima.

Ao término do curso ginásio, muito bem feito pela vontade de fazer, precisou, em 1951, retornar à sua casa para cuidar de seus irmãos, porque sua mãe, portadora de sinusite grave, teve que ir a Salvador-BA para ser submetida a uma cirurgia dos seios nasais. Foi quando resolveu fazer artesanato, pois bordava muito bem e vários compradores tinham interesse por sua arte.

Para que as encomendas de seus bordados fossem enviadas ao Rio de Janeiro, por intermédio de uma amiga, Neide precisou viajar para Propriá - SE. Nessa ocasião, essa amiga falou que tinha pensado muito nela, pelo motivo de ter feito a inscrição para um concurso de visitadora sanitária. Mesmo sem saber do que se tratava, Neide, por ser determinada, decidiu falar com algumas autoridades para proceder à sua inscrição, pois o prazo já havia encerrado. Obteve êxito, sendo a última inscrita entre as 43 candidatas, para nove vagas. Avisou ao pai do ocorrido, fez a prova e, em seguida, retornou ao povoado para continuar cuidando dos irmãos.

Certo domingo, os ventos fortes uivavam no povoado. Um grande número de pessoas, às margens do rio São Francisco, presenciava a chegada de um homem, quase se afogando, em uma canoa. Esse episódio chamou sua atenção. Aproximando-se, tomou conhecimento que ele trazia um bilhete, de um amigo de seu pai, informando que os autofalantes da cidade de Propriá chamavam-na, por ter passado no concurso de

visitadora sanitária e que somente ela faltava se apresentar. Parecia mistério divino! Os encaixes eram perfeitos. As possibilidades iam surgindo, direcionando Neide a ser a enfermeira de quem Pernambuco tanto se orgulha.

Na mesma hora, ela tomou um banho, arrumou a maleta com seus pertences e atravessou a várzea, na maior ventania, com esse homem que não conhecia, em destino a Propriá. Porém, mesmo envolvida pela ansiedade e alegria, pediu à lavadeira da família que ficasse cuidando dos seus irmãos, pois sua mãe ainda estava em Salvador - BA e seu pai em viagem de comércio.

Quando chegou ao seu destino, submeteu-se aos exames de saúde solicitados, sendo aprovada. Teve apenas cinco dias para se organizar para a próxima viagem a Recife - PE, cuja distância é de 403 km. Então, comprou malas, roupas e tudo que estava faltando, e viajou para o seu povoado. Lá comunicou ao seu pai sobre as compras que tinha realizado, para pagamento, e dos rumos da sua vida. E ele respondeu: “você está louca...” “*estou louca não, papai, vou embora...*” e embarcou.

Este comportamento mostra o quanto a professora Neide era determinada, testava as suas possibilidades em busca de novos caminhos que poderiam ser seguidos por outrem. Característica imprescindível para o enfermeiro ser líder⁽⁸⁾.

Em Recife - PE submeteu-se a outros exames de saúde e foi contratada pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), do Ministério da Saúde do Brasil, em 8 de maio de 1952. Porém, sua carteira de trabalho somente foi assinada, por tempo determinado, no dia 24 de novembro desse mesmo ano, após ter completado 18 anos, até 31 de dezembro de 1958, ano em que concluiu o curso de graduação em enfermagem pela Escola de Enfermagem do Recife. Esta denominação à escola foi instituída pela Lei 883, de 25 de julho de 1950, hoje Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Neide Freire viajou 122 km, de Recife ao município de Palmares, localizado na região da mata sul do estado de Pernambuco, para aprender a ser visitadora sanitária, durante o período de 8 de maio a 22 de novembro de 1952. Hospedou-se, juntamente com nove colegas e duas professoras enfermeiras, Sumaya Cury e Valderes Borges, no hospital de Palmares-PE. Ao término do curso, as alunas eram encaminhadas para os municípios dos vários estados do país, e coube à Neide retornar para Propriá - SE.

Esse curso, planejado pelo SESP por meio de convênio firmado entre os governos americano e brasileiro, tinha metas determinadas: diminuir os índices de mortalidade materna e infantil e das doenças infectocontagiosas. A professora Neide, por ser objetiva, aprendeu muito, não teve dificuldade em função das suas vivências e experiências com o cuidar...

[...] era muito claro as ações que deveríamos fazer e como cuidar de uma população... como visitadora sanitária, era uma cuidadora de uma população que eu conhecia e sabia o que fazer para promover a saúde e prevenir doenças...
[Neide Maria Freire Ferraz].

Suas professoras, por seu excelente desempenho no curso, propuseram ao SESP que Neide fosse encaminhada para ser aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem do Recife. Naquela época, o SESP pagava o salário das professoras do Curso e a bolsa de estudo para o alunato. O Estado arcava com as despesas de pensionato das alunas, devido à carência de enfermeiras em Pernambuco. No

entanto, o SESP não concordou com a proposta para que não houvesse precedentes, mas prometeu que, após os dois anos de contrato, a professora Neide seria agraciada com passagem, hospedagem em Recife - PE para prestar o vestibular e bolsa de estudo durante os quatro anos do Curso, direitos estes reconhecidos pelo Decreto nº 34.539, em 10 de novembro de 1953.

A visitadora sanitária Neide Freire voltou para Propriá - SE onde desenvolveu suas atividades durante um ano e ainda frequentou, no período noturno, curso técnico de contabilidade, mas não conseguiu concluí-lo, pois fora transferida para Porto da Folha, município do estado de Sergipe, com menores recursos financeiros, sem saneamento básico, água ou transporte, para que pudesse vivenciar outra realidade mais carente. Permaneceu nessa cidade durante um ano. Quando concluiu o contrato de dois anos com o SESP, recebeu o que havia sido prometido por essa instituição.

Nesses dois anos, em Propriá e Porto da Folha, merece destaque a narrativa da professora Neide sobre as suas vivências/experiências pautadas nas diretrizes do SESP:

O que aproveitei na vida foi a organização do serviço. Era extraordinária. A gente sabia o que estava fazendo. Eu sabia porque estava ali, para diminuir a mortalidade materna e infantil, evitando a diarreia, o tétano neonatal, a cegueira... então fazia o credê, cuidava do coto umbilical para evitar a infecção, orientava a fervura da água e dos alimentos... eram ações direcionadas... ações preventivas. Para o meu grupo de parteiras, ministrava curso ensinando como fazia a prevenção. Esterilizava os materiais para que, na reunião com elas, uma vez por semana, fosse realizada a troca dos materiais das suas bolsas. Nesta reunião passava filme sobre infecção do coto umbilical, diarreia... na maioria das vezes, ia supervisioná-las e terminava ajudando no parto. Isto me ajudou muito. Eu sabia que a prevenção dependia das parteiras... então focava nelas que faziam a comunicação do parto, antes das 48h, para que eu pudesse cuidar da criança e da mãe, evitando hemorragia, eclâmpsia. A mesma coisa era com as doenças infectocontagiosas... tinha doença que não poderíamos deixar acontecer como a febre tifoide... palestras e visitas domiciliares eram realizadas... a periodicidade das visitas domiciliares era planejada de acordo com cada caso... éramos atentas... o trabalho era planejado com metas... tínhamos um manual. Para cada meta estavam descritos todos os passos... sabíamos até onde deveríamos ir...
[Neide Maria Freire Ferraz].

Este relato grandioso é marcado por sutilezas reflexivas, comprovando que, em 1950, a enfermeira com atribuições definidas já realizava cuidados primários de saúde centrados no planejamento, na resolutividade, na integralidade do cuidado e na educação em saúde. Esta última, uma das ferramentas de trabalho da enfermagem, é capaz de estabelecer elo de confiança entre o profissional e a comunidade, visando a mudanças de comportamentos para o alcance de metas estabelecidas na promoção da saúde⁽⁹⁾.

Em torno de 20 anos de existência, antes de cursar a Escola de Enfermagem do Recife, os fios condutores da vida de Neide se entrelaçaram com o cuidar. Na infância, adolescência e aprendendo a ser visitadora sanitária, o cuidado e o cuidar foram os maestros que a conduziram para ser uma enfermeira movida pelo bem maior da enfermagem: cuidar de gente, em qualquer etapa do ciclo vital e/ou em qualquer circunstância de vida, cunhado na promoção da saúde e na qualidade de uma vida.



Fotografia 2. Primeira sede da Escola de Enfermagem do Recife – Fundada em 1950.

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

Trajетória acadêmica e profissional

De Porto da Folha, em Sergipe, Neide viajou para prestar vestibular na Escola de Enfermagem do Recife, situada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, no bairro dos Aflitos, em Recife - PE, nas imediações do Hospital Centenário (hoje, Hospital dos Servidores do Estado), onde funcionavam a diretoria, a secretaria e duas salas de aula da Escola. Neide Freire fora aprovada no vestibular em 1955, época em que não era exigido o ensino médio (científico). Essa exigência ocorreu no final de 1961, por força de lei⁽¹⁰⁾.

A partir de 1955, quando iniciou o Curso de Graduação em Enfermagem, autorizado pela Portaria nº 449, de 5 de dezembro de 1950, a residência de Neide passou a ser o pensionato da própria escola, situado na Rua das Pernambucanas, nº 264, bairro das Graças, em Recife - PE, onde funcionavam outras dependências da Escola de Enfermagem do Recife: salas de aula, laboratório, biblioteca, refeitório e sala de saúde.

O início não foi fácil, pois não conhecia a cidade de Recife - PE e teve que se relacionar com outras colegas recifenses e de outros lugares, de anos mais adiantados no curso, que muitas vezes não oportunizaram a convivência em grupo. Neide era vista de modo diferente, por ter vindo do interior, dominando várias práticas da Enfermagem. A colega mais próxima foi Alzira Barros da Silva^a, a mais velha entre as alunas, que já trabalhava no Hospital Centenário (campo de prática da escola) e conhecia toda a escola, pois a sua irmã pertencia ao corpo docente. Neide, carinhosamente, passou a chamá-la de amiga e madrinha.

Pelo fato de ser sespiana, toda diretoria da escola conhecia o trabalho de Neide Freire. A diretora Margaret Elisabeth Mein da Costa (terceira diretora da Escola de Enfermagem do Recife) fez o convite em virtude de suas competências e habilidades com o cuidar, para ser responsável pela sala de saúde da escola, juntamente com outras colegas, onde as alunas recebiam assistência quando adoeciam. Nessa enfermaria criou fichas para cada aluna atendida e repassava as informações ao médico, durante a visita, uma vez por semana. A maneira

^a Professora da escola *expert* no ensino da disciplina Administração Aplicada à Enfermagem.

efetiva como cuidava das colegas impediu que uma delas cometesse suicídio. Participar da equipe dessa sala de saúde facilitou muito a aproximação com as alunas de outras turmas.

Porém, o que mais ajudou a ser reconhecida entre o grupo foi a obtenção da nota oito na prova de saneamento. As notas das demais alunas foram abaixo de cinco. Prova extensa, com várias questões de epidemiologia, ciência que dominava pela aprendizagem anterior no curso de visitadora sanitária. Depois desse sucesso, as colegas queriam estudar em sua companhia, o que favoreceu sua participação nos grupos. Elas se aproximaram mais, principalmente Edna Duarte Bispo e Nazaré Mc Dowell, neta do primeiro reitor da Universidade Federal de Pernambuco – Joaquim Ignácio de Almeida Amazonas.

Durante os quatro anos de curso, de 1955 a 1958, foi excelente aluna, apesar das dificuldades iniciais de relacionamento. As cadeiras, como eram chamadas as disciplinas, eram de responsabilidade dos professores da Escola de Medicina da Universidade do Recife, e as aulas teóricas de cada cadeira eram ministradas por docentes, médicos e enfermeiras. Já as aulas práticas eram conduzidas por enfermeiras docentes. Em relação ao curso, Neide a ele se referiu de maneira muito entusiasta e irradiando alegria:



Fotografia 3. Quinta Turma da Escola de Enfermagem do Rec854 1955 - 1958. Neide Freire, da direita para esquerda, segunda fileira, a quinta aluna.

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

Fiz um bellissimo curso... ser aluna do Curso de Enfermagem foi uma das maiores realizações da minha vida... a escola era uma perfeição... o ensino valorizava o cuidar... durante o meu curso eu fui uma cuidadora exemplar [Neide Maria Freire Ferraz].

A escola possuía campos de aulas práticas próprios, um dos motivos dessa perfeição. Essa propriedade propiciava um entrosamento bastante familiar das alunas com esses campos, pois elas iam às enfermarias cuidar dos pacientes em outros horários, sem a presença dos professores:

[...] saía andando das Pernambucanas [rua], onde era o pensionato, ia para o Centenário [hospital, campo de prática], simplesmente para ver meus pacientes, minhas pacientes, que iam se operar no dia seguinte... conversava muito, muito... fazia a lavagem intestinal... cuidava da alimentação... prestava todos os cuidados pré-operatórios... então, isso é cuidar... [Neide Maria Freire Ferraz].

No dia 22 de novembro de 1958, Neide Maria Freire colou grau, jurou ser enfermeira diante de todas as pessoas presentes à solenidade realizada na Escola de Direito. O seu diploma encontra-se registrado no livro de número 49, folha 32, da Escola de Enfermagem do Recife. Aluna laureada pela Prática do Cuidar, devido às suas notas que, até então, nenhuma discente tinha alcançado, recebeu da escola uma honraria, um broche de ouro, cujo designer era uma lâmpada, símbolo da enfermagem. Na colação de grau participou da cerimônia da lâmpada, presente até os dias de hoje na Universidade Federal de Pernambuco.

Tal cerimônia é, geralmente, conduzida por uma das alunas que se destacaram na turma concluinte, que transfere a lâmpada a outra do penúltimo semestre. Esse rito, representado pelo símbolo da enfermagem, é uma das maneiras de evocar a preservação do compromisso, da dedicação e dos ideais da profissão perante a sociedade, em manter a vida intermediada pelo cuidar.

Além disso, formalmente divulga e cristaliza simbolicamente as visitas noturnas, iluminadas pela chama da lâmpada, realizadas por Florence Nightingale, com o objetivo de cuidar dos soldados feridos e dos mortos na guerra da Crimeia, em 1854. “A lâmpada era um raio de esperança para os feridos e tinha um significado: era a vigília, e a luz era a vida”⁽¹¹⁾.

Quando Neide se formou foi convidada para assumir o cargo de docente da escola. Mas antes, juntamente com algumas colegas de turma, logo após a colação de grau, partiu para a concretização de um sonho: conhecer a Escola de Enfermagem Anna Nery, no Rio de Janeiro, e o Hospital dos Servidores do Estado. Nessa viagem, encontrou-se com o seu noivo, Cleomadson Nunes Ferraz e, após cinco anos de noivado, resolveram se casar. A cerimônia foi realizada por Dom José Lamartine Soares, na presença das suas amigas e da tia Zélia. O seu marido, médico, também sespiano, por ter realizado um curso de sanitarista, com enfoque em malariologia, no México e na Venezuela, foi lotado na Superintendência de Campanhas da Saúde Pública (SUCAM) no Rio Grande do Norte. Nesse estado, Neide Ferraz morou em Ceará-Mirim, sendo que, por não haver unidades do SESP nessa região, desligou-se dessa instituição. Nessa cidade, em 1959, nasceu sua primeira filha.

Em 1961, seu marido foi transferido para a SUCAM de Pernambuco e a Escola de Enfermagem do Recife contratou Neide Ferraz, no dia primeiro de agosto do ano



Fotografia 4. Cerimônia da Passagem da Lâmpada na Solenidade de Colação de Grau de Enfermeiro - 22 de novembro de 1958.

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

referido, como instrutora e enfermeira do campo de ensino da cadeira de Enfermagem Obstétrica. Esse início da vida profissional não foi fácil, ao contrário, mostrou-se decepcionante, para entender a distinta realidade presente na Maternidade da Encruzilhada^b, campo de prática da Escola de Enfermagem do Recife:

[...] aquela Neide tão preparada para o cuidar, não podia mais cuidar... cuidar de cento e treze, cento e quatorze recém-nascidos era impossível, cuidar individualmente... depois fui para o puerpério... cento e tantas puérperas, era também impossível... aí voltei para escola e disse da minha decepção. Chorei muito, porque durante todo o meu curso eu fui do cuidar, do cuidar do espaço, do cuidar da cama, do cuidar da roupa, do cuidar da alimentação, do cuidar da hidratação e também da medicação, mas nunca a medicação esteve em primeiro lugar, entendeu? [Neide Maria Freire Ferraz].

^b Encruzilhada é um bairro da cidade de Recife - PE. A maternidade hoje é Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM) da Universidade de Pernambuco (UPE), referência no estado na assistência à gestante de alto risco.

O relato dos motivos da sua decepção expressa que o paradigma do cuidar direto ao paciente, realizado pelo enfermeiro, foi aos poucos sendo substituído pelo gerenciamento do cuidado e/ou da própria unidade de saúde. Essa mudança emergiu das necessidades imputadas pelo próprio serviço de saúde⁽¹²⁾. Mas, mesmo assim, a professora seguiu adiante, como as demais colegas. Além de receber alunas em campo de prática, era enfermeira de serviço, embora contratada apenas como docente. Foi a responsável pelo berçário da Maternidade da Encruzilhada, chefiada pelo professor Martiniano Fernandes, catedrático da clínica obstétrica da Escola de Medicina do Recife. As outras docentes contratadas foram Joana de Araújo da Rocha Barros (Joaninha)^c, Maria do Rosário Souto Nóbrega^d e Lucy Bandeira de Souza Lima^e. O contrato de trabalho de Edna Duarte Bispo^f era de enfermeira de serviço do Hospital Pedro II.

Quando a professora Neide Ferraz chegou ao berçário da Maternidade da Encruzilhada, constituído apenas por uma sala, a mortalidade infantil era altíssima. Havia superlotação, assemelhando-se a um depósito de recém-nascidos de todas as idades gestacionais, sadios e doentes. A falta de materiais era constante. Não havia controle de temperatura e de oxigênio das incubadoras. O quadro de pessoal contratado resumia-se a duas práticas de enfermagem. Existiam ainda mulheres que ajudavam a cuidar desses recém-nascidos, sem terem realizado curso algum. O trabalho não era remunerado; recebiam gratuitamente alimentação e local de repouso. Todo o pessoal trabalhava 12h por plantão e folgava 36h. Para modificar esse cenário caótico, a professora relatou:

[...] botei na minha cabeça que eu tinha que melhorar aquelas condições físicas para facilitar o nosso trabalho e tinha que preparar quem estava prestando assistência, porque elas não tinham preparo nenhum, elas aprendiam uma com as outras...
[Neide Maria Freire Ferraz].

Então, ministrou cursos, aulas teóricas e práticas sobre técnicas de enfermagem, fundamentais para o cuidado dos bebês, no próprio plantão. Esse processo de ensino era contínuo, uma vez que a supervisão e avaliação do fazer prático do cuidar eram desenvolvidas no dia a dia de trabalho, realizando as adequações necessárias, com o objetivo de melhorar a assistência de enfermagem aos recém-nascidos.

Neste foco, para que o pessoal cumprisse o que fora discutido, todos os procedimentos técnicos foram escritos e expostos em local visível. Esses cursos possibilitaram também a contratação remunerada do pessoal capacitado pela Maternidade da Encruzilhada e por outros serviços de saúde da região. Ressaltamos que os cursos eram desenvolvidos extra-horário de trabalho da professora Neide Ferraz, sem que recebesse

^c Marco da Enfermagem Pediátrica de Pernambuco.

^d Referência da Enfermagem Obstétrica de Pernambuco.

^e Gerente de Enfermagem da Maternidade da Encruzilhada, na época.

^f Ícone da enfermagem pernambucana. Colega de turma da professora Neide Ferraz, no Curso de Graduação em Enfermagem. Trabalhou incansavelmente pela vinda das docentes Neide, Joaninha, Rosário e Lucy, para a maternidade da Encruzilhada, visando à promoção da integração docente-assistencial.



Fotografia 5. Equipe de Enfermeiras da Maternidade da Encruzilhada, nos anos de 1960 – Da esquerda para direita Joaquina, Rosário, Neide, Lucy e Edna.

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

qualquer gratificação. Ela não se importava com esse acréscimo de atividades na sua rotina profissional, pois sua meta era melhorar as condições de trabalho para prestar assistência de enfermagem ao recém-nascido, com qualidade.

A maneira como foi promovida essa capacitação já expressava alguns preceitos da Portaria de nº 1.996, de 20 de agosto de 2007, do Ministério da Saúde, que dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Essa Portaria enfatiza que: “a Educação Permanente é aprendizagem no trabalho, onde o aprender e o ensinar se incorporam ao cotidiano das organizações e ao trabalho... se baseia na aprendizagem significativa e na possibilidade de transformar as práticas profissionais”⁽¹³⁾.

Outra ação para reduzir a mortalidade infantil foi um estudo mensal, realizado pela professora Neide Ferraz, sobre a situação de cada criança nascida, classificando-as segundo o tipo de parto: normal, cesariano, fórceps e vácuo extrator. Ela comprovou para a direção da maternidade que os nascimentos por parto fórceps e vácuo extrator ocasionavam hemorragia intracraniana e morte dos recém-natos. Assim, o professor Martiniano Fernandes assinou uma circular proibindo os partos fórceps e vácuo extrator. A ação, que parece tão simples, evitou a morte de muitos neonatos.

Essa iniciativa foi edificada pela busca de informações, por meio de um processo investigativo, para identificar as causas que comprometiam a vida daquelas crianças. Assim, a professora Neide Ferraz uniu a gerência do cuidar à investigação, cujos resultados extrapolaram a esfera da sua competência e afetavam a preservação da vida, articulando teoria à prática de forma a melhorar a qualidade da assistência prestada naquela maternidade⁽¹⁴⁾.

Para iniciar a integralidade dos cuidados de enfermagem⁽¹²⁾ na manutenção da vida dos recém-nascidos, a professora conseguiu ampliar a estrutura física do berçário, de uma para quatro salas. Com o propósito de sistematizar a promoção do cuidar, cada sala foi especificada de acordo com as condições de vida dos neonatos e/ou do tipo de parto: nascidos por via vaginal; por parto cirúrgico; prematuros; e portadores de doenças infectocontagiosas. Ainda, comprovou, para a direção, que as mortes dos recém-nascidos pré-termo decorriam do funcionamento inadequado das incubadoras, por falta de assistência técnica. Com essa argumentação gerencial, obtida por observação acurada, contratou-se um técnico especializado.

Todas essas ações elencadas reduziram consideravelmente a mortalidade dos recém-nascidos do berçário da Maternidade da Encruzilhada, o que se reveste de um significado especial na vida da professora Neide Ferraz:

[...] diminuir a mortalidade dentro do berçário foi a melhor coisa que eu já fiz, em todos esses meus 80 anos, de ter a ideia de pensar nisso, e ele [o diretor] me ouvia... eu provava por A mais B... foi um trabalho belíssimo... fiquei muito feliz, desde a capacitação... ter conseguido essas salas, para mim, foi a melhor coisa do mundo... independente de médico, de medicação... [Neide Maria Freire Ferraz].

Para diminuir também o número de crianças abandonadas na maternidade mencionada, construiu vínculos com o juizado de menores, cuja resposta foi satisfatória na contenção desse ato. Todo esse leque de ações assegurava o envolvimento cada vez maior da professora com o trabalho que realizava, permeado pelo entusiasmo de fazer.

Então, para manter-se nessa maternidade, na gerência dos cuidados com os recém-nascidos, a professora teve que adotar algumas medidas, em função de questões burocráticas e gerenciais da Escola de Enfermagem do Recife, que solicitava reiteradamente a sua permanência na escola para ministrar aulas teóricas. Entretanto, foi colocada à disposição da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife para lecionar no curso de obstetriz⁸ e continuar na prática do cuidar, como instrutora do ensino superior, segundo Portaria nº 42, em 15 de junho de 1962. Percebe-se, mais uma vez, que o cuidar estava entranhado na enfermeira e professora Neide Maria Freire Ferraz, pois “a existência do ser enfermeiro é marcada pelo cuidar”⁽¹⁵⁾.

Durante o mandato do governador de Pernambuco Miguel Arraes de Alencar, no período de 1963-1964, o professor Martiniano Fernandes e toda equipe da Maternidade da Encruzilhada, pertencente ao Estado, foram, por questões de cunho político, transferidos para a Maternidade Oscar Coutinho do Hospital Pedro II, então hospital-escola da Universidade Federal de Pernambuco.

Nessa maternidade, a professora Neide Ferraz assumiu a chefia de enfermagem da clínica obstétrica, com carga horária de 40 horas semanais, e continuou a lecionar no

⁸ A partir dos anos de 1970, o curso de obstetriz foi transferido para a Faculdade de Enfermagem/UFPE.

curso de obstetrix da Faculdade de Medicina. Era responsável pelas salas de pré-parto, parto e enfermagem de puerpério. Essa mudança do cenário do cuidar não constituiu problema algum porque ela sabia o que era prestar assistência de enfermagem à gestante, à parturiente e à puérpera:

[...] toda vida gostei muito de acompanhar trabalho de parto, momento de muita carência de cuidados. Se eu visse uma mulher na sala de parto, eu já estava procurando saber onde ela ia ficar e as condições do ambiente... me preocupava muito com a questão psíquica, porque só quem sabe o que é chegar do interior ou então de uma periferia dessas e entrar numa sala de parto... sem ninguém para dizer e trazer informações do marido... tá lá embaixo, eu já falei com ele, só isso e elas [parturientes] ficavam tranquilas... o meu relacionamento com a família era uma coisa marcante... sempre procurei me relacionar com a família das puérperas, falar com o marido... orientá-lo sobre os cuidados puerperais. Outro aspecto... era a questão da alimentação... uma puérpera perde tanta energia, tanto sangue, uma sudorese intensa, perde líquidos e depois esperar por uma refeição, no horário que era estabelecido... tive sérios aborrecimentos com as nutricionistas... eu estava vendo as necessidades das minhas pacientes... eu sempre tinha suco na copa porque eu dava independente. Observava o ambiente... conforto psicológico, também com a família, e depois pensava na medicação... a não ser que fosse uma coisa urgente... alguém passando mal, entendeu? Então, claro que eu acho que a enfermeira tem que fazer essa avaliação... [Neide Maria Freire Ferraz].

Para que a enfermeira possa “fazer essa avaliação” é preciso possuir “habilidades como ousadia, disposição, persuasão, coragem e liberdade criativa”⁽¹⁶⁾. Essas habilidades fazem parte do ser Neide Ferraz, as quais foram identificadas neste relato sobre a sua prática do cuidar a uma mulher em abortamento na maternidade Oscar Coutinho:

Ela (mulher) estava perdendo muito sangue; na enfermagem, eu controlava a pressão, a temperatura, o pulso. E o médico estava sentado, na sala de parto, mas não falava, não me atendia, porque estava com raiva... o outro [médico] não chegou para passar o plantão. E eu dizia a ele, leito tal, fulana de tal, tá assim, assim e assim... perdendo muito sangue... sabe o que foi que eu fiz? Coloquei a mulher na maca e levei para sala de parto... mandei chamar o banco de sangue para providenciar o sangue para ela... quando o outro médico chegou, Neide, pelo amor de Deus... eu disse não se preocupe, o sangue já está aqui, já está tudo aí... ele [o médico] disse, pois então minha filha [referindo à Neide], você salvou essa criatura, porque se fosse para gente pedir o sangue agora e para pegar essa medicação todinha que você tá com ela aí preparada, ela [a mulher] ia morrer. Aí salvamos a mulher...” [Neide Maria Freire Ferraz].

Apesar de todo esse comprometimento com o cuidado, foi exigido, pela chefia de enfermagem do Hospital Pedro II, que a professora Neide Ferraz cumprisse plantão de 12h em outra clínica, como as demais enfermeiras do hospital. A exigência foi mantida apesar das argumentações de que o seu contrato era como professora de 40 horas. Por este motivo e pelos quatro filhos ainda pequenos, solicitou na reitoria a redução de sua carga horária para 20 horas semanais. Quando os filhos cresceram, fez nova solicitação do regime de trabalho, sendo novamente concedidas as 40 horas semanais.

Na ocasião de mudança da chefia médica da maternidade, devido à aposentadoria do professor Martiniano Fernandes, precisamente no dia 29 de dezembro de 1969, Neide solicitou sua transferência para a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de



Fotografia 6. Placa comemorativa do vigésimo aniversário de criação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, onde consta o nome de Neide Maria Freire Ferraz, como docente de Enfermagem Obstétrica e Ginecológica.

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

Pernambuco. A partir de 24 de março de 1970, ano comemorativo do 20º aniversário de existência da faculdade, a professora integrou-se ao corpo docente, responsável pela disciplina Enfermagem Obstétrica e Ginecológica. Desde então, até a sua aposentadoria, além de lecionar a disciplina referenciada, assumiu vários cargos administrativos, às vezes acumulando funções e outras atividades, no desenvolvimento de ações para a solidificação da Ciência da Enfermagem.

Na diretoria e chefia da professora Desdemona Áurea Bezerra Fernandes^h, exerceu o cargo de vice-diretora da Faculdade de Enfermagem/UFPE e subchefe do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde/UFPE, respectivamente: 27 de agosto de 1971 a 27 de agosto de 1975; 28 de agosto de 1975 a 27 de agosto de 1977. Nesses períodos, fez parte da comissão de elaboração do projeto de Residência em Enfermagem, Portaria nº 21, de 1 a 30 de junho de 1972. Essa modalidade de ensino, lato sensu, oferece condições para que o enfermeiro possa aprimorar com segurança suas habilidades assistenciais, administrativas, de ensino e de pesquisa, correlacionando teoria e prática, visando à promoção de uma melhor assistência de enfermagem e elevação do nível técnico-científico, qualificando o profissional para o mundo do trabalho.

Ainda assumiu a coordenação do ensino prático da Faculdade de Enfermagem junto ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina/UFPE, Portaria nº 3, de 21 de fevereiro de 1972; a coordenação do Curso de Obstetriz, Portaria nº 1, de 1 de fevereiro de 1973; e a coordenação do Curso de Graduação da Faculdade de Enfermagem/UFPE, Portaria nº 260, de 28 de abril de 1975.

Em consonância ao Decreto nº 73.081, que aprovou a reestruturação administrativa da Universidade Federal de Pernambuco, a Faculdade de Enfermagem foi integrada ao Departamento de Enfermagem, no dia 4 de agosto de 1975, compondo o Centro de Ciências da Saúde/UFPE. Nessa mesma época foram instituídos a comissão diretora e o colegiado de curso. Entre os membros da primeira comissão diretora do referido departamento, a professora Neide Ferraz foi a representante dos professores assistentes, segundo a Portaria nº 610, de 18 de setembro de 1975. Ocupou ainda o cargo de primeira coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem/CCS/UFPE, Portaria nº 465, de 30 de julho de 1976, nele permanecendo até 21 de dezembro de 1981.

^h Referencial do ensino da Enfermagem Psiquiátrica em Pernambuco.

Nesse último cargo houve um imenso trabalho para adequar o currículo vigente à Resolução nº 4/72, de 25 de fevereiro de 1972, e ao Parecer 163/72, do Conselho Federal de Educação. Os preceitos desses dispositivos legais estabeleciam o currículo mínimo, a duração dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia, e as Habilitações, Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Obstétrica, Enfermagem em Saúde Pública, incluindo ainda a Licenciatura em Enfermagem⁽¹⁷⁾. Mesmo diante do desenrolar desse movimento de mudança na formação do enfermeiro, assumiu a subchefia do Departamento de Enfermagem/CCS/UFPE, Portaria nº 509, 18 de agosto de 1977, até o dia 1 de novembro de 1981, na gestão da professora Maria Nilda de Andrade¹.

Ainda terminando o mandato de coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem/CCS/UFPE, no dia 16 de novembro de 1981 foi empossada no cargo de chefe do Departamento de Enfermagem do CCS/UFPE, Portaria nº 758 de 1º de novembro de 1981. Foi reconduzida, por mais dois anos, Portaria nº 1.299 de 18 de novembro de 1983, mas não concluiu seu mandato, tendo solicitado exoneração no dia 16 de maio de 1984, para assumir a vice-diretoria do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, Portaria nº 140, de 5 de abril de 1984, cargo até então ocupado apenas por médico, o que evidencia o reconhecimento dos seus relevantes serviços prestados à Universidade Federal de Pernambuco.

Durante o mandato de vice-diretora assumiu vários encargos, entre eles: Coordenadora Regional do Programa de Apoio Pedagógico aos Profissionais de Saúde (PAPPS); Representante da UFPE na Comissão Regional Interinstitucional de Saúde/CRIS; Delegada da 8ª Conferência Nacional de Saúde; Diretora do Departamento de Programas Comunitários e Interiorização da Pró-reitoria para Assuntos Comunitários/UFPE.

No que tange ao PAPPS, na época enfatizava a integração docente-assistencial (IDA), cuja finalidade, ainda atualmente, consiste em melhorar a assistência prestada ao usuário, a formação profissional e a satisfação dos trabalhadores, por meio de um trabalho coletivo entre os atores das instituições de ensino e dos serviços de saúde⁽¹⁸⁾. Entre os projetos inseridos neste programa, ressaltamos o da Fundação W. K. Kellogg, amplamente desenvolvido na América Latina e Caribe, tendo como um dos pilares a integração ensino/serviço⁽¹⁹⁾, que envolvia as universidades dos estados da Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, coordenado pela professora Neide Ferraz, diretora da Região Nordeste, que fez uma menção dizendo:

Para mim era uma glória, porque eu adorava isso [Neide Maria Freire Ferraz].

Quando concluiu seu mandato como vice-diretora do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, em 1988, foi convidada pelo magnífico reitor, Prof. George Browne do Rego, para assumir a direção do Hospital das Clínicas/UFPE, mas não aceitou, por questões gerenciais daquela instituição. Permaneceu como diretora do Departamento de Programas Comunitários e Interiorização da Pró-reitoria para Assuntos Comunitários/UFPE até o dia 30 de maio de 1990, cuja meta era promover a integração dos cursos de graduação da UFPE com a comunidade. Em seguida, atuou como assessora dos programas comunitários de extensão (PROCOM) da mencionada pró-reitoria, até se aposentar.

¹ Baluarte da enfermagem pernambucana em Saúde Pública. Presidente da ABEn-PE 1984-1986 e 1986-1989.



Fotografia 7. Posse do cargo de Vice-Diretora do Centro de Ciências da Saúde/UFPE - 05 de maio de 1984.

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

A professora Neide Ferraz citou que a investidura dos cargos a fez crescer muito, do ponto de vista pessoal e profissional, e melhor compreender a burocracia gerencial de uma universidade. Possibilitou também que se tornasse mais conhecida no meio acadêmico, pernambucano e brasileiro. Ao relacionar os cargos ao ato de cuidar, referiu:

Era tão claro para mim porque em todos esses cargos eu via a formação do enfermeiro, e quando eu via a formação do enfermeiro, aquela pessoa que está sendo formada para cuidar, então eu me preocupava com o cuidar, na organização do currículo, nas decisões da diretoria da escola, no colegiado do curso, discutia muito, a abordagem do ensino prático, acompanhamento do ensino prático, exigências para o ensino prático... eu levei tudo isso considerando esse cuidar, vendo toda a estrutura física local, vendo todo o ser humano, como aquele ser que é físico, psíquico, espiritual [Neide Maria Freire Ferraz].

Ao observarmos a trajetória acadêmica e profissional da professora Neide Ferraz apreendemos uma catalisação de motivações, conjugada com a formação profissional do enfermeiro, impulsionando-a a fazer o melhor em direção ao cuidar, sem perder a sua identidade, suas origens, seus valores e princípios de vida, respeitando sempre o ser humano em sua totalidade.

Trajetória da vida associativa

A vida associativa da professora Neide Ferraz iniciou-se quando era estudante do Curso de Graduação em Enfermagem. A sede da Associação Brasileira de Enfermagem de Pernambuco (ABEn-PE), ao redor dos anos de 1950, localizava-se na Escola de Enfermagem do Recife. A segunda e a quarta presidente da ABEn-PE, Profa. Cecília Maria Domênica Sanioto D' Lascio^j e Profa. Margaret Elisabeth Mein da Costa^k, respectivamente, foram suas professoras e diretoras da escola. O 11º Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn), em 1958, o primeiro realizado em Recife - PE⁽²⁰⁾, foi organizado sob a liderança da professora Margaret Mein. As presidentes da ABEn-Nacional, quando viajavam a Recife - PE, hospedavam-se na escola. A presidente Profa. Marina de Andrade Resende^l, durante as suas férias na cidade, ficou hospedada na escola e ministrou aula de exercício profissional para a turma da professora Neide Ferraz. Essas vivências e aproximações, permeadas por intimidades pertinentes ao cotidiano pessoal, com as líderes da ABEn balizou o espírito associativo da professora...

[...] nós é que precisamos das associações de classe... é o nosso amparo, é o nosso chão. Depois que a gente sai da faculdade e não procura [a ABEn] se perde, viu! Eu estou vendo muita gente perdida... quando eu me formei... fiquei pensando assim: meu Deus, agora eu não tenho nem as professoras, não tenho a escola para me orientar... para tirar minhas dúvidas, para saber se eu estou certa ou errada, porque estou só. Aí eu procurei a ABEn... Então, sair da escola significou para mim... vou para ABEn e a ABEn me protege... lhe digo com toda sinceridade... me sentia segura, entende, foi essa a sensação. A vida associativa eu tive desde aluna, continuei como profissional e nunca posso me ver fora dela, você acredita? Até hoje. Eu só queria que as enfermeiras entendessem a importância da vida associativa. A associação é a continuação do nosso desenvolvimento técnico, científico da enfermagem. É como eu vejo e como foi para mim e como eu vejo que é para os outros. Eu não estou aqui para trabalhar, eu estou aprendendo... foi aqui onde encontrei apoio para crescer, para participar das entidades de classe, para minha vida profissional. Então é assim que eu vejo, é a continuação do nosso crescimento profissional, para mim, aqui [na ABEn-PE] foi onde eu aprendi tudo [Neide Maria Freire Ferraz].

Desde 1961, a professora Neide Ferraz é militante da ABEn. Especificamente na seção Pernambuco, iniciou o seu envolvimento com este órgão de classe por intermédio da comissão de educação, ministrando cursos para a população sobre temas relacionados à promoção da saúde. E para os atendentes de enfermagem, naquela época ainda não existia o auxiliar de enfermagem, os cursos objetivavam a melhoria do cuidar e do cuidado. “O cuidar é uma estrutura fundamental do ser que assim se revela. O cuidado põe em evidência o ser-livre”⁽¹⁵⁾.

^j Segunda Presidente ABEn-PE – 1950 a 1952. Primeira Diretora da Escola de Enfermagem do Recife – 1950 a 1952.

^k Quarta Presidente ABEn-PE – 1954 a 1956. Terceira Diretora da Escola de Enfermagem do Recife – 1954 a 1956.

^l Presidente da ABEn-Nacional – 1958-1960; 1960-1962.

Ainda na ABEn-PE foi diretora de educação em enfermagem, na gestão da presidente Profa. Maria das Graças Carvalho de Barros, 1992 a 1995^m; presidente, por duas vezes, 1995-1998ⁿ e 2010-2013^o; vice-presidente, 2007-2010^p, na presidência da Profa. Fátima Maria da Silva Abrão. Na ABEn-Nacional, na presidência da Profa. Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, entre os anos 1984 e 1986, dirigiu a comissão de educação; de 1998 a 2001, no mandato da Profa. Eucléa Gomes Vale, integrou o conselho fiscal.

As suas metas de trabalho, tanto na ABEn estadual quanto na nacional, foram centradas na formação profissional, visando ao fazer do cuidado, na sua essencialidade, como “uma arte que pressupõe a técnica”⁽¹⁵⁾:

A minha meta... em Recife... na nacional... na comissão de educação... era com a formação profissional. Eu achava que o Ministério da Educação não estava preocupado com isso e como não está até hoje. O Ministério da Saúde também não está, só quer saber se você é enfermeiro, se é técnico... ninguém está preocupado como ele foi formado, então isso era uma das coisas que eu conversava muito com Ivete [Profa. Maria Ivete Ribeiro de Oliveira] e ela concordava muito comigo e me apoiava em todas as coisas que eu queria fazer na comissão de educação, porque eu achava que só através da formação do pessoal de enfermagem, só através dessa comissão de educação, poderíamos melhorar a assistência. Pode ter as condições físicas que quiser ter, instrumentais... possíveis e imagináveis, hospital o mais moderno possível, porque se não preparar o pessoal de enfermagem e não cuidar disso, não vai para frente não... botaram na cabeça que o cuidado de enfermagem é só medicação e nada mais. Outra coisa gravíssima, você já prestou atenção como eles [pessoal de enfermagem] estão contaminando os curativos... técnica zero e contaminação dez, porque abandonaram os princípios. Então eu vejo a ABEn hoje como sentinela da formação dos profissionais. A Sentinela da melhoria da assistência de enfermagem, eu vejo assim [Neide Maria Freire Ferraz].

Na qualidade de diretora da Comissão de Educação, representando a ABEn-Nacional, foi membro da Comissão de Especialistas de Ensino de Enfermagem (CEEEenf), da Secretaria da Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC), instituída pela Portaria Ministerial nº 778 de 4 de outubro de 1985⁽²¹⁾.

Essa comissão, instalada pelo ministro da Educação Marco Antônio de Oliveira Maciel, no dia 19 de dezembro de 1985, tinha o objetivo de contribuir para a melhoria do ensino de graduação de enfermagem no país, sendo constituída por: Vilma de Carvalho (UFRJ – coordenadora); Neuza Aparecida Ramos (PUC/PR – secretária); Yoriko Kamiyama (USP); Neide Maria Freire Ferraz (UFPE – ABEn-Nacional); Tereza de Jesus Sena (COFEN); Aliana Almeida Sena (MS); Laura Tavares Ribeiro Soares (MPAS/INAMPS); Luiza Aparecida T. Costa (SESu /MEC - secretária executiva)⁽²¹⁾.

Entre as ações contidas no plano de trabalho dessa comissão para a concretização do objetivo proposto, constava a realização do Seminário Nacional de Ensino Superior de Enfermagem, no Rio de Janeiro, entre 20 e 23 de outubro de 1987,

^m Registro de posse no livro de ata de posse da ABEn-PE p. 17

ⁿ Posse em 15 de dezembro de 1995. Registro no livro de ata de posse da ABEn-PE p. 18 verso

^o Posse em 10 de novembro de 2010. Registro no livro de ata de posse da ABEn-PE p. 32

^p Posse em 30 de julho de 2008. Registro no livro de ata de posse da ABEn-PE p. 31

congregando enfermeiros e outras autoridades para amplo debate e troca de saberes sobre “a adequação do currículo do curso de enfermagem e a problemática do ensino prático e do estágio curricular”. Antes do evento nacional, seminários preparatórios foram desenvolvidos para que docentes e discentes caracterizassem a situação do ensino de graduação em enfermagem e apresentassem alternativas de soluções para os problemas identificados, especificamente, por regiões do Brasil: Centro-Oeste, em Goiânia - GO, de 25 a 27 de março de 1986; Norte/Nordeste, em Recife - PE, de 24 a 26 de setembro de 1986, presidido pela professora Neide Ferraz; Sul, em Curitiba-PR, de 27 a 29 de julho de 1987; Sudeste, em São Paulo-SP, 9 a 11 de setembro de 1987. Todos os seminários contaram com o assessoramento dos membros da CEEEnf⁽²¹⁾ e constituíram pontes que sedimentaram o 1º Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem – SENADEn – atualmente na 14ª edição.

Além desses resultados, outras metas estavam determinadas, por exemplo, estudos sobre a situação dos cursos de graduação de enfermagem no Brasil, a articulação da graduação com a pós-graduação e ensino fundamental e médio, bem como estudar um plano curricular da formação do enfermeiro⁽²¹⁾. Mas, mesmo assim, essa comissão não prosseguiu na sua missão.



Fotografia 8. Coordenadora do evento e diretora de educação da ABEn-Nacional Neide Ferraz (A terceira, da esquerda para a direita).

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

O motivo do término dos trabalhos da CEEEnf, segundo relato da professora Neide Ferraz, foi que a gestão da Profa. Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, apesar da sua competência, seriedade e transparência, mostrou-se conturbada pelo momento político instável do país. A transição entre a ditadura militar e a democracia culminou em polarizações políticas para destituir essa diretoria da ABEn-Nacional.

Muito sabiamente, para que esse movimento não se transformasse em realidade, a Profa. Ivete Ribeiro propôs a reformulação no estatuto da ABEn. O mandato da diretoria passaria de quatro para três anos, proposta posteriormente aprovada em assembleia, no estado de São Paulo, com as presidentes das ABEn regionais. Nesse contexto situacional da vida associativa da professora Neide Ferraz vários sentimentos e significados emergiram...

[...]foi uma saída honrosa, não tínhamos mais condição de continuar na ABEn-Nacional do jeito que o movimento estava no Brasil inteiro, todos as ABEn estaduais se desligando da ABEn-Nacional... então acabaram com a comissão, mas é a coisa que eu tenho mais pena da enfermagem... a medicina não se deteriorou... tem uma comissão de especialistas de medicina dentro do MEC e também a odontologia. A enfermagem perdeu de graça porque eu não era mais da comissão de educação e Ivete [Profa. Ivete Ribeiro] não era mais presidente da ABEn e Vilma [Profa. Vilma de Carvalho] não era mais da ABEn-Nacional, mas por isso não precisavam acabar a comissão. Muita gente sabe, mas eu digo aos quatro cantos do mundo, é uma das coisas que eu tenho mais tristeza é essa, por isso, é que a gente está assim [Neide Maria Freire Ferraz].

O envolvimento da professora Neide Ferraz com a ABEn possibilitou a abertura de caminhos que potencializaram sua efetiva participação no Conselho Regional de Enfermagem (COREN) de Pernambuco e Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), tendo sido uma das responsáveis pela fundação e instalação do COREN-PE, em 30 de outubro de 1975.

Essa participação decorreu de inúmeras discussões com as presidentes da ABEn-Nacional, em Recife, e da na ABEn-PE. Em seu depoimento, a professora Neide Ferraz relatou alguns detalhes:

As presidentes da ABEn-Nacional visitavam muito as regiões e, na região Nordeste, quem estava despontando era Pernambuco e Bahia. Então elas [as presidentes da ABEn-Nacional] demoravam mais e aqui [ABEn-PE] elas trabalhavam, e a gente parava tudo... as presidentes vinham e passavam uma semana, duas semanas... ficavam hospedadas ou na nossa escola ou na casa de alguém ou, então, em algum hotel mais simples, e nesse tempo... era reunião e mais reunião conosco falando sobre os principais problemas da enfermagem... nós discutíamos muito com elas sobre a enfermagem em relação à sua prática e sua assistência... para mim, isso foi de uma grandeza, sabe. Aí começamos a discutir a questão do conselho [Neide Maria Freire Ferraz].

No Brasil, era premente a necessidade de criação dos conselhos federal e regionais de enfermagem. Os diplomas de enfermeiro, devido à inexistência dos conselhos da profissão, eram registrados no Conselho Federal de Medicina e Farmácia. Desde a década de 1940, a ABEn-Nacional já havia encaminhado aos órgãos competentes do governo federal projeto de lei sobre a instituição dos conselhos. Esse projeto hibernou por muito tempo, retornando várias vezes à associação sem a concretização do que se almejava.

Finalmente, no dia 12 de julho de 1973, em plena ditadura militar, o então presidente da República, general Emílio Garrastazu Médici, sancionou a Lei nº 5.905 que dispõe sobre a criação do COFEN e dos conselhos regionais de enfermagem. Entre os membros da primeira diretoria eleita para o COFEN, em 1975, a enfermeira Edna Duarte Bispo^q representava o estado de Pernambuco, indicada pela ABEn-PE. Um dos objetivos dessa diretoria era instalar os conselhos regionais. Nesse sentido, a presidente do COFEN, Profa. Maria Rosa Souza Pinheiro^r, assinou a Portaria nº 1, no dia 4 de agosto de 1975, designando os profissionais abaixo relacionados para compor a Junta Especial do Conselho Federal de Enfermagem, no estado de Pernambuco: enfermeira Neide Maria Freire Ferraz (coordenadora); enfermeira Maria Jaymieta de Souza^s (assessora administrativa); auxiliar de enfermagem Célia Barbosa da Hora (assessora econômico-financeira). No dia 16 de agosto de 1975, na sede da ABEn-PE^t, foi assinado e homologado o termo de posse dessa Junta Especial, na presença da enfermeira Edna Bispo, do COFEN.

Essa Junta Especial, a partir desse dia de posse, tinha prazo de dois meses para operacionalizar os procedimentos necessários à instalação do COREN-PE. A professora Neide Ferraz, nesse contexto, expressou que:

Eu fui escolhida para ser a coordenadora da junta especial... porque conhecia muito a história de luta da ABEn para criação do conselho, sabia o motivo e o objetivo, porque vivíamos no Conselho de Medicina e Farmácia. Então, pra mim, foi uma glória, embora eu estivesse muito receosa... começamos a trabalhar, não tínhamos recurso nenhum, o próprio Conselho Federal não tinha... estava funcionando na ABEn-Nacional... e eu aqui também fiquei na ABEn-PE... Ferreira^u era presidente e... me deu todo apoio... comecei a fazer as inscrições e a divulgar nos hospitais que nós íamos ter um conselho, estávamos fazendo as inscrições na ABEn-PE, só poderia votar quem fosse inscrito e que íamos organizar uma chapa... eles [do COFEN] queriam que a gente publicasse no jornal, mas não tínhamos dinheiro para publicar em jornal que era uma fortuna a publicação, aí fomos fazendo [a divulgação] boca a boca nos hospitais, eu, Jaymieta e Célia [Neide Maria Freire Ferraz].

Após encontrar as soluções para atender a inúmeras burocracias e cumprir a normatização do processo eleitoral, a chapa única foi organizada e a eleição procedida, na sede da ABEn-PE. No dia 30 de outubro de 1975, no auditório do Hospital da Restauração^v, tomaram posse os primeiros conselheiros do COREN-PE: Maria do Rosário Souto Nóbrega (presidente); Irlan Frei de Freitas^w (vice-presidente); Neide Maria Freire Ferraz (secretária) e Célia Barbosa da Hora (conselheira representante

^q Diretora de Enfermagem do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina/UFPE, naquela época.

^r Primeira Presidente do COFEN 1975.

^s Presidente da ABEn-PE 1976-1980.

^t A sede da ABEn - PE localizava-se na Avenida Norte, nº 1624, no bairro de Santo Amaro, Recife - PE.

^u Maria Ferreira da Silva, presidente da ABEn-PE nos períodos de 1966-1968 e 1972-1976.

^v Atualmente Hospital da Restauração Governador Paulo Guerra, maior emergência hospitalar do nordeste.

^w Presidente da ABEn-PE 1964-1966.



Fotografia 9. Posse da Junta Especial do COFEN – Célia, Edna, Neide e Jaymieta (da esquerda para direita).

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

dos auxiliares de enfermagem). Durante os três anos de mandato dessa diretoria, a professora atuou como: conselheira suplente, no período de 31 de outubro de 1976 a 1977; secretária, a partir de 31 de outubro de 1977; e conselheira suplente, em 26 de maio de 1978.

Ao término do mandato no COREN-PE, aceitou o convite para participar da diretoria do COFEN, entre os anos de 1979-1982, na presidência da Profa. Maria Ivete Ribeiro de Oliveira. Na continuidade desse comando, de 1982 a 1984 e na gestão da presidente Elsa Ramos Paim, 1984-1985, foi conselheira suplente. No período de 1990 a 1991 assumiu a presidência do COFEN, participando da reformulação da Lei nº 5.905/73. Após encerrar seu mandato, não assumiu mais cargo no sistema COFEN/CORENs.

A professora Neide Ferraz relata que umas das metas do grupo de trabalho na criação dos Conselhos de Enfermagem era a instalação de comissões de ética nos serviços de saúde, articuladas aos CORENs estaduais e ao COFEN, visando à melhoria da ética profissional da enfermagem centrada na qualidade do cuidado. Nesse sentido, enfatizou:

[...] nós [cita os nomes das professoras Maria Ivete Ribeiro de Oliveira^y, Maria Rosa Souza Pinheiro^x, Haydée Guanais Dourado^z] tínhamos tudo isto na ponta da língua de como preparar essas comissões, cursos sobre ética profissional, atribuições, como fazer a escolha, como elas [membros da comissão] trabalharem, como elas seriam supervisionadas pelos CORENs... era a enfermagem sendo praticada por pessoas que não tinham competência para tal... era só o que a gente via, e a gente pensava que o conselho ia resolver isso e as comissões de ética iam funcionar dentro do serviço. Em qualquer serviço era obrigatório ter uma comissão de ética, que seria a sentinela e, infelizmente, não foi... era nisso que nós acreditávamos e não adiantava você estar gritando sozinha por essa ética, adiantava? Comissão de ética é uma comissão que está a favor do paciente, é como eu vejo o papel dela... e o conselho foi criado para isso, para melhorar a questão do cuidado da enfermagem, porque a gente pensava que através deste trabalho, conhecendo todos os profissionais da enfermagem e tendo nossas comissões de ética, nós estávamos garantidos para a prestação de um bom cuidado... mas, não tomou esse rumo... tinha que se preocupar com isso porque é assim que a gente ia conhecer a pessoa porque, senão, como é que a gente ia chegar lá?” [Neide Maria Freire Ferraz].

Os entremeios dessa vida associativa, desde a época estudantil até os dias atuais, mostram-nos que a professora Neide Ferraz é uma mulher empoderada por sua inteligência emocional e capacidade de liderança profissional em benefício de toda categoria. O sentimento de pertencimento à enfermagem motivou que se inserisse na luta pela legitimidade do exercício profissional nos órgãos de classe da profissão. Nessa luta, ainda postulou o cuidado com o cuidar do outro: o usuário dos serviços de saúde, o profissional e a própria profissão.

Ao partilharmos desta caminhada associativa, repleta de momentos difíceis, tornando-a, muitas vezes, resiliente em várias situações, sem, no entanto, perder de vista os seus ideais profissionais, a honestidade, a transparência e, sobretudo a ética, proclamamos dizendo, sem nenhuma dúvida, que a professora Neide Ferraz faz parte da história das entidades de classe da enfermagem.

Realizações pessoais e profissionais

Uma de suas realizações pessoais foi ter concluído o ensino superior, feito a que se referiu com muita ênfase:

Não posso esquecer jamais, da alegria, do contentamento e como isso me fez bem
[Neide Maria Freire Ferraz].

Mencionou também, entre os objetivos de vida alcançados, a independência financeira, psicológica e social. A psicológica foi decorrente da liberdade em escolher

^y Presidente da ABEn-Nacional 1984-1986. Presidente do COFEN – 1979-1982; 1982-1984.

^x Primeira presidente do COFEN – 1975.

^z Sócia efetiva da ABEn desde 1944. Personalidade de destaque na luta pela legislação da categoria⁽²²⁾.

os próprios rumos de vida, com base em sua vontade, nunca em função da escolha do outro. Assim, superou os obstáculos, enfrentou a vida, sem se deixar por ela ser aprisionada:

[...] eu me sinto bastante realizada, me sinto muito bem, porque me sinto uma pessoa vitoriosa, porque esse negócio de dizer “Ah! Ela sofreu muito”, mas, eu superei. Então eu me acho vitoriosa, principalmente agora que vocês estão escrevendo a minha vida [Neide Maria Freire Ferraz].

O casamento integra as realizações pessoais, uma vez que foi construído no amor, na confiança e no respeito, sentimentos que expressam a magnitude de uma pessoa para outra, em busca de uma vida harmoniosa, segura, esperançosa, verdadeira, afetuosa, em direção ao que é essencial para o casal⁽²³⁾. Desse relacionamento, originou-se uma família com quatro filhos: Jane Cleide Freire Ferraz (médica), Brenna Freire Ferraz (médica), Cleomadson Nunes Ferraz Filho (médico) e Roberta Freire Ferraz (economista). Segundo a professora, são profissionais respeitados, sabem o que querem, independentes das suas orientações e de seu apoio, que ela, no entanto, faz questão de manter. Possui dez netos e dois bisnetos. Ainda na esfera pessoal, a profissão é uma das suas realizações e explicou de maneira entusiasta o seu pensamento:

Tenho uma profissão que eu amo. Nunca na minha vida tive vontade de ir para outra profissão, porque ela me basta... Estou tão satisfeita na minha profissão... a enfermagem me realiza. Se você perguntar assim, coloque sua profissão e sua família, cada uma nos pratos da balança, elas vão ficar assim [fez gesto com as mãos de equilíbrio dos pratos da balança], porque a minha profissão faz parte de mim, até eu morrer, eu já disse, ninguém tira meu diploma até eu desaparecer... o meu casamento e a enfermagem eles andam paralelos, do mesmo jeito que eu tenho que ficar cuidando até o final da minha vida, da minha casa, do meu marido, dos meus filhos, netos e bisnetos, eu também tenho que cuidar da Enfermagem porque ela é a minha vida [Neide Maria Freire Ferraz].

Em seu relato, ressentia-se por nem tudo ter sido alcançado, referindo-se ao fato de não ter frequentado cursos de mestrado e doutorado, os quais sempre valorizou. No entanto, não conseguiu realizar seu imenso desejo de ser mestrande e doutoranda, em virtude das condições da época, na década de 1960. Para tornar possível esse intento, necessitaria ter se ausentado do país ou de Pernambuco, o que era muito difícil para quem tinha filhos ainda tão pequenos. No Brasil, a criação do primeiro mestrado foi em 1972, na Escola Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁽²⁴⁾. Porém, a professora concluiu vários cursos de pós-graduação lato sensu e licenciatura em enfermagem, em 1973.

Quanto às realizações profissionais, elencou sua contribuição fundamental para reduzir a mortalidade infantil no berçário da Maternidade da Encruzilhada, por meio de ações simples; o aumento do número de discentes nas aulas teóricas e práticas, avaliado pela mudança de comportamento; o processo ensino-aprendizagem seguindo os preceitos de Wanda Horta, cuidando de maneira sistematizada, desenvolvendo o processo de enfermagem; o sucesso dos alunos enquanto profissionais de enfermagem; a participação nas entidades de classe. Sobre essa participação, relatou:

Realizei-me, continuo dizendo que o caminho é este, a ABEn foi maravilhosa para mim. A ABEn Pernambuco abriu meus caminhos porque quando a gente sai da faculdade, a gente não pode chegar muito perto dos professores, porque eles estão ocupadíssimos, e é na vida associativa que nós tiramos todas as nossas dúvidas e crescemos. Foi aqui que eu fiz meus cursos, participei de eventos... me destaquei nos eventos que participava. Então são coisas muito gratificantes que a gente vai vendo o crescimento da gente, esse crescimento eu devo muito à ABEn e ao Conselho, mais à ABEn, porque foi da ABEn que eu fui para lá [Neide Maria Freire Ferraz].

As realizações, tanto pessoais quanto profissionais, estão contempladas na exuberância de sentimentos que enaltecem o ápice da vida estudantil, a fortaleza de viver e da família, a profissão escolhida, a vida associativa com as entidades de classe, enraizados com o cuidado, considerado por Leininger como “um dos conceitos mais poderosos e o fenômeno essencial e dominante da Enfermagem”⁽²⁵⁾.

Percepção da enfermagem atual

A percepção da professora Neide Ferraz é que, no momento atual, a enfermagem:

Perdeu o rumo, porque perdeu o motivo da formação do enfermeiro. O que nós estamos vendo são enfermeiras completamente perdidas em termos de objetivos em relação à enfermagem [Neide Maria Freire Ferraz].

Quando o enfermeiro conclui o curso, segundo seu relato, sua meta é ter um emprego. Não aprendeu, no entanto, que esse trabalho se encontra diretamente vinculado à melhoria da saúde da população. Para tal afirmação, Neide baseia-se em situações vivenciadas em hospital de grande porte, na condição de visitante, onde os profissionais da equipe de enfermagem delegaram-lhe atribuições que, a rigor, seriam da equipe. E essa problemática é advinda da formação profissional.

Ela explicou que, durante o seu curso de graduação em enfermagem, tudo era muito diferente dos dias atuais. Como na época não existiam o fisioterapeuta, o terapeuta ocupacional, o nutricionista e o assistente social, ela tinha que aprender muitas técnicas para realizar o processo de cuidar. À medida que os cursos para formação desses profissionais foram criados, a enfermagem perdeu muito e foi deixando de lado o cuidado integral, que implica atender às necessidades do ser humano, com a coparticipação da família, mediante articulações construtivas e dialógicas, respeitando as singularidades e valorizando os saberes⁽²⁶⁾.

Além disso, assinalou que a enfermagem está perdendo a credibilidade dentro dos serviços, pois os enfermeiros não apresentam resolutividade para as situações assistenciais e gerenciais pertinentes à sua esfera de atuação, de acordo com a legislação do exercício profissional.

Então, em sua percepção, no momento atual, para haver transformações no âmbito da enfermagem, é fundamental que os enfermeiros assumam o ideário da profissão, bem como o compromisso em desenvolver habilidades e competências, expressas por uma prática cuidativa, educativa, social, política e investigativa, na direção da melhoria da qualidade de vida dos seres humanos e da população. Nesse sentido, afirmou:

[...] a formação é importantíssima, vamos cuidar da formação porque se a gente cuidar da formação, a gente melhora a assistência de enfermagem. Quando eu me comprometo com a assistência de enfermagem... eu sei procurar a melhoria da enfermagem, eu sei lutar pela Enfermagem. Só vejo esse caminho, melhorar a formação. A Associação Brasileira de Enfermagem tem muito que fazer... promover encontro de escolas... por isso que eu luto tanto nessa ABEn [seção Pernambuco] para ver se eu formo pelo menos o conselho das escolas [Neide Maria Freire Ferraz].

Em suas palavras, estão explícitas as diretrizes segundo as quais a enfermagem deve caminhar, como também eclode o seu espírito de luta e de esperança em alavancar uma enfermagem melhor, tendo como mola propulsora as partilhas entre as instituições de ensino e a Associação Brasileira de Enfermagem.

Contribuições para a enfermagem pernambucana e brasileira

No ensino superior e nas entidades de classe residem as principais contribuições da professora Neide Ferraz à enfermagem pernambucana e do Brasil. Sua atuação, permeada pelo verdadeiro sentido de ser enfermeira, é um alento para que docentes e discentes, nos diversos cenários da enfermagem, possam congregiar habilidades e competências em direção ao cuidar.

Durante a entrevista, precisamente no tocante às contribuições para enfermagem, percebemos que a timidez tomou conta da professora:

Nossa Senhora! Essa [a pergunta] para mim foi a mais difícil [Neide Maria Freire Ferraz].

Assim, em sua fala, deteve-se em seus conhecimentos, a partir de suas vivências profissionais, ensinando-nos como empreender e valorizar atitudes cuidativas.

Para cuidar da formação profissional, segundo ela, as ABEns deveriam dispor de agendas contínuas de realizações de eventos regionais com as escolas de enfermagem para discutir como estão ensinando a ser enfermeiro. A professora ainda comentou:

[...] eu não acredito que as escolas isoladas possam melhorar o ensino da enfermagem... a gente não tem supervisão nenhuma. Eu não sei o que vai ser porque antigamente pelo menos a ABEn fazia isso, mesmo que o Ministério da Educação não fizesse... a ABEn fazia, agora a ABEn não faz mais, não é função também do conselho. Os conselhos foram criados para cuidar do profissional e a formação ficaria com a ABEn, mas eu acho que nós não estamos fazendo força... ou não estamos tendo essa visão de responsabilidade com a formação, formação que eu estou falando de uma maneira geral... a enfermagem é uma profissão que vem para ajudar a população... para cuidar da saúde da população e ver a formação dessa maneira, o que é que você espera dessa ajuda, desse apoio? [Neide Maria Freire Ferraz].

Neide Ferraz refletiu sobre a questão maior da vocação profissional e, nesse sentido, mencionou que se durante o decorrer do curso de enfermagem o estudante apresentar

dúvidas sobre a profissão escolhida, ele deve desistir. Pensar em ser enfermeiro é problematizar com o aluno o que é cuidar de um ser humano e de uma comunidade. Para cuidar, é preciso ir além dos conhecimentos das várias ciências. “... É necessário um conhecimento integral e global da pessoa...”⁽¹⁵⁾ que se cuida e da sua família, para que haja o atendimento das suas necessidades. Complementou:

Eu vejo a enfermagem assim... a enfermeira deve saber sobre a pessoa que está fazendo hemodiálise, como é que ela está em relação aos seus sentimentos, a parte psicológica dela, a parte espiritual, isso é que eu acho. Entendeu o que é cuidar?” [Neide Maria Freire Ferraz].

Para fidelizar suas contribuições à enfermagem pernambucana e brasileira, algumas honorarias serão destacados como reconhecimento dos serviços prestados à enfermagem e à UFPE:

- Diploma concedido pelo COFEN, em 20 de dezembro de 1975, assinado pela presidente à época, Profa. Maria Rosa Souza Pinheiro, pelos trabalhos realizados na instalação dos Conselhos Regionais de Enfermagem;
- Diploma de Conselheiro Federal concedido pelo COFEN, em 18 de junho de 1985, assinado pela então presidente, Ivanete Alves do Nascimento, em virtude das ações operacionalizadas na qualidade de conselheiro federal, no período de 23 de abril de 1979 a 22 de abril de 1982;
- Medalha e Diploma comemorativos dos 70 anos de fundação da Faculdade de Medicina do Recife – 1915-1985. Portaria CCS nº 6, de 10 de abril de 1985;
- Diploma comemorativo dos 40 anos de fundação da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças e do Ensino de Enfermagem em Pernambuco – Fundação de Ensino Superior de Pernambuco – FESP/UPE 1945-1985, recebido em agosto de 1985, assinado pela então diretora da Faculdade, Profa. Maria Vanda de Araújo;
- Ofício nº 329/87 SDE/SESu/MEC, assinado pelo então secretário de educação superior Paulo Elpídio de Menezes Neto, em 26 de janeiro de 1987, expressando o reconhecimento pelos trabalhos realizados como representante da Associação Brasileira de Enfermagem na comissão de especialistas de ensino da Enfermagem do Ministério da Educação e na coordenação do I Seminário Norte e Nordeste do ensino de enfermagem;
- Certificado por ocasião do 40º aniversário do Departamento de Enfermagem/CCS/UFPE, em reconhecimento pelos relevantes empreendimentos na qualidade de chefe deste departamento, no período de 1 de novembro de 1981 a 16 de maio de 1984, assinado pela chefe, Profa. Marlene Marsicano Fulco^{aa}, em 11 de setembro de 1990;
- Diploma de comemoração ao decênio 1986-1996, do Sindicato dos Enfermeiros do estado de Pernambuco, pelos serviços prestados à entidade, em 20 de agosto de 1996;
- Título de Sócia Honorária, conforme o artigo 20 do estatuto da Associação Brasileira de Enfermagem, outorgado durante o 52º Congresso Brasileiro de Enfermagem, no dia 25 de outubro de 2000, em Recife - PE, pela presidente da ABEn-Nacional, Profa. Eucléa Gomes Vale.

^{aa} Professora marcante pelo ensino da enfermagem/UFPE sobre as doenças negligenciadas.



Fotografia 10. Cerimônia de concessão do Título de Sócia Honorária da ABEn – Profas. Neide Ferraz e Eucléa Vale (da esquerda para direita).

Fonte: Arquivo pessoal de Neide Maria Freire Ferraz

Considerações finais

Ao mergulhar na vida pessoal e profissional da enfermeira e professora Neide Maria Freire Ferraz ficamos embevecidas com a riqueza de ensinamentos a respeito do significado de ser enfermeira, guiada pelo cuidar, em qualquer esfera de atuação. O Criador certamente profetizou a sua missão terrena. Realmente nasceu para elevar e dignificar a profissão de enfermagem. Próxima de completar seus 80 anos de existência, ela é uma personagem atuante na Associação Brasileira Enfermagem de Pernambuco, instigando-nos, cotidianamente, a fortalecer e fazer cumprir os objetivos desta entidade de classe. Em relação ao cuidar, ela transcende a delimitação do corpo biológico, conforme essa profunda narrativa:

[...] não pense que o cuidar é lidar com instrumentos difíceis, complicados, dentro de um hospital, trabalhar com uma equipe cirúrgica importante. O cuidar é cuidar do ser humano como um todo. É conhecer de muito perto as necessidades do ser humano, quais são as necessidades físicas dele... fazer o máximo para atender, quais são as necessidades psicológicas, quais são as necessidades sociais, quais são as necessidades espirituais, e, dentro dessas necessidades físicas, nós incluímos curativos, banho, medicação... mas não é a técnica que vai fazer de você uma boa enfermeira. É a sua

compreensão do todo, conhecer a face dele, as necessidades dele em termos de sentimentos, de tudo, como um ser humano. Isso que eu considero ser enfermeira e não é difícil a gente passar isso para os auxiliares, para os técnicos, desde que a gente pratique. Agora, se você não pratica... então, pra mim, o cuidar é isso, é ver o paciente como um ser humano... ele não é somente aquele corpo. Ele tem uma família, ele tem suas origens e tudo isso a gente carrega conosco para qualquer lugar, para cidade grande, para cidade pequena, para onde a gente vai, não é mesmo? Ele é o ambiente em que ele vive, suas necessidades estão relacionadas com esse ambiente, e essas necessidades não são necessidades somente físicas, são necessidades psíquicas, são necessidades sociais, são necessidades religiosas, espirituais, então é assim como eu vejo um paciente [Neide Maria Freire Ferraz].

Ao abeberar-nos desta história percebemos que fomos agraciadas em conhecer, penetrar no âmago de uma vida que nos ensinou como deve ser o exercício da enfermagem enlaçado pelo cuidar. Esse cuidar esteve sempre presente no desenvolvimento dos seus trabalhos, desde a sua infância, cuidando dos irmãos; na trajetória acadêmica, cuidando dos pacientes; nos hospitais de ensino, cuidando dos recém-nascidos e das mulheres no ciclo grávido puerperal; na Universidade Federal de Pernambuco, cuidando da formação dos enfermeiros; nas entidades de classe, cuidando do fortalecimento da Enfermagem. Por tudo isso e pela credibilidade dos fatos comprovamos que a enfermeira e professora Neide Maria Freire Ferraz é um expoente da História da Enfermagem.

Referências

1. Kantorski LP, Pinho LB, Schrank G. O relacionamento terapêutico e o cuidado em enfermagem psiquiátrica e saúde mental. *Rev enferm UERJ*. 2003 Aug;11(2): 201-7.
2. Wills EM. Grandes teorias da Enfermagem baseadas nas necessidades humanas. In: McEwen M, Wills EM. Bases teóricas para a enfermagem. 2 ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
3. Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. Avaliação de evidências para a prática da enfermagem. 7.ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.
4. Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003.
5. Flick U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
6. Severino AJ. Metodologia do Trabalho Científico. 23 ed. São Paulo: Cortez; 2007.
7. Boff L. Saber cuidar. Ética do humano: compaixão pela terra. 16 ed. Petrópolis: Vozes; 1999.
8. Galvão CM, Trevizan MA, Sawada NO. A liderança do enfermeiro no século XXI: algumas considerações. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1998 Dec;32(4):302-6. Available from <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n1/a16v40n1.pdf>
9. Spinato IL, Monteiro LZ, Santos ZMSA. Adesão da pessoa hipertensa ao exercício físico: uma proposta educativa em saúde. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2010 Apr-Jun[Cited 2015 Jun 01];19(2):256-64. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/06.pdf>
10. Nauderer TM, Lima MADS. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2005 Jan-Feb[cited 2015 Jun 01];58(1):74-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n1/a14.pdf>
11. Toledo JR, Santos TCF; Araújo MA, Almeida Filho AJ. Emblemas e rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. *Esc Anna Nery* [Internet]. 2008 Jun [cited 2015 Jun 01]; 12(2):243-50. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n2/v12n2a07.pdf>
12. Castilho NC, Ribeiro PC, Chirelli MQ. A implementação da sistematização da assistência de enfermagem no serviço de saúde hospitalar do Brasil. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2009 Apr-Jun[cited 2015 Jun 01];18(2j):280-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/11.pdf>

13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. (Textos Básicos de Saúde)
14. Guariente MHM, Zago MF, Soubhia Z, Haddad MCL. Sentidos da pesquisa na prática profissional de enfermeiras assistenciais. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2010 Jul-Aug[cited 2015 Jun 01];63(4):541-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n4/07.pdf>
15. Waldow VR. Bases e princípios do conhecimento e da arte da enfermagem. Petrópolis: Vozes; 2008.
16. Lanzoni GMM, Meirelles BHS. Liderança do enfermeiro: uma revisão integrativa da literatura. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet] 2011 May-Jun[cited 2015 Jun 01];19(3):[08 telas]. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n3/pt_26.pdf
17. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. Resolução nº4/72, de 25 de fevereiro de 1972. Institui o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil; 1972.
18. Albuquerque VS, Gomes AP, Rezende CHA, Sampaio MX, Dias OV, Lugarinho RM. A integração ensino-serviço no contexto dos processos de mudança na formação superior dos profissionais da saúde. *Rev Bras Educ Med* [Internet]. 2008 Jul-Sep[cited 2015 Jun 01]; 32(3):356-62. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v32n3/v32n3a10.pdf>
19. Kisil M. A Fundação W. K. Kellogg e o desenvolvimento da Enfermagem na América Latina. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 1993 Jan[cited 2015 Jun 01]; 1(1):37-42. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v1n1/v1n1a05.pdf>
20. Mancia JR, Padilha MICS, Ramos FRS, Cordova FP, Amaral NV. Congresso Brasileiro de Enfermagem: sessenta anos de história. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2009 May-Jun[cited 2015 Jun 01]; 62(3):471-79. Available from: <http://www.reben.abennacional.org.br/exportar/974/v62n3a23.pdf>
21. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Superior. SESU - Relatório Anual. Brasília: SESU, 1986.
22. Cunha ICKO. Um tributo à Haydée Guanais Dourado. *Rev Bras Enferm* 2005 Mar-Apr; 58(2):139-139.
23. Buscaglia L. Nascido para amar: reflexões sobre o amor. 3 ed. Rio de Janeiro: Record; 1993.

24. Erdmann AL, Fernandes JD, Teixeira GA. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. *Enfermagem em Foco* [Internet]. 2011[cited 2015 Jun 01];2(supl):89-93. Available from: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/91>
25. Torralba I, Roselló F. *Antropologia do cuidar*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2009.
26. Duarte ED, Sena RR, Dittz ES, Tavares TS, Lopes AFC, Silva PM. A família no cuidado do recém-nascido hospitalizado: possibilidades e desafios para a construção da integralidade *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2012 Oct-Dec[cited 2015 Jun 01]; 21(4):870-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n4/18.pdf>



Capítulo 6

Vilma de Carvalho

Uma profissão de fé

Antonio José de Almeida Filho
Gizele da Conceição Soares Martins
Angela Aparecida Peters Rodrigues
Fabíola Lisboa da Silveira Fortes
Eliete Maria Silva
Maria Angélica de Almeida Peres

Suas origens

Vilma de Carvalho nasceu em Teresina, capital do estado do Piauí, Região Nordeste do Brasil, em 11 de outubro de 1931. Sua mãe, Maria do Perpétuo Socorro de Carvalho, dedicava-se a atividades do lar e seu pai, Antonio Carvalho, era militar⁽¹⁾.

Foi a primeira dos doze filhos do casal, elencados a seguir, por ordem de nascimento: João de Deus Carvalho, Alvina Carvalho Valente, Jesus Carvalho, Antonio Carvalho Filho, Maria das Mercedes Carvalho Cardoso, Regina Dulce de Carvalho Lima, Renato José de Carvalho, Luiz Gonzaga de Carvalho, Gabriel Arcanjo de Carvalho, Maria do Perpétuo Socorro Carvalho e José de Arimatéia Carvalho.

Viveu, na infância e adolescência, na cidade onde nasceu, e em 1936, iniciou suas atividades educacionais no jardim de infância, no colégio católico Sagrado Coração de Jesus. No período de 1937 a 1942, cursou o primário^a no Grupo Escolar “José Lopes” e, entre os anos de 1943 e 1947, o ginásio^b, incluindo a Admissão no Colégio Demóstenes Avelino. De 1948 a 1950 realizou seu curso científico^c no Colégio Estadual do Piauí, antigo Liceu Piauiense⁽²⁾.

Ela ainda cursava o ginásio quando seu pai, Antonio Carlos, lhe apresentou a ideia de que a enfermagem poderia ser um caminho interessante para o que seria, anos mais tarde, uma carreira profissional de reconhecimento nacional e internacional. Nessa perspectiva, indicou-lhe a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) como local de formação, tendo sido, portanto, o primeiro incentivador para que se tornasse enfermeira⁽³⁾.

Em 1950, com a missão de pré-selecionar candidatas ao Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, conforme solicitação da diretora dessa instituição, Waleska Paixão, chegou em Teresina a psicóloga e professora da EEAN Maria de Carvalho Veras. Apesar de até aquele momento Vilma não pensar em estudar enfermagem, suas colegas que desejavam se submeter a esta primeira etapa do processo de seleção de candidatas ao Curso de Enfermagem da EEAN incentivaram e ela acabou por prestar os exames, conforme trecho do seu relato:

Eu não era candidata, porém algumas colegas, movidas por entendimentos com a Escola, envolveram-me e acabei prestando os exames⁽³⁾.

Decorrido algum tempo, recebeu comunicado para comparecer ao Rio de Janeiro e confirmar sua inscrição *ex-officio* e prestar o vestibular de 1951. À época, ainda que Vilma de Carvalho soubesse que as despesas em sua casa eram controladas, foi surpreendida por sua mãe, que havia preparado tudo para sua viagem. Naquele momento, ouvira de seus pais o seguinte conselho:

Em conversa, ouvi de meus pais que certos acontecimentos fazem parte de um plano mais elevado. Disseram-me também que, uma vez na EEAN, considerasse a possibilidade de permanecer como parte da Escola, pois, aquela época, as condições de trabalho não eram muito desejáveis, nos cenários piauienses⁽³⁾.

^a Atualmente essa etapa da educação formal é chamada de ensino fundamental – primeiro segmento.

^b Atualmente essa etapa da educação formal é chamada de ensino fundamental – segundo segmento.

^c Atualmente essa etapa da educação formal é chamada de ensino médio.

Foi neste contexto que Vilma veio para a cidade do Rio de Janeiro e, em 19 de fevereiro de 1951, confirmou sua inscrição para a EEAN/UB^d. Nesta data, historicamente conhecida como “Dia das Bem-Vindas”, comemorava-se o aniversário da escola que marcou, desde a sua inauguração em 1923, o início da Enfermagem Moderna no Brasil⁽¹⁾. Vale destacar que a Escola de Enfermagem Anna Nery, desde sua criação, gozava de reconhecimento nacional e internacional na formação de enfermeiras de alto padrão, além de ter sido a instituição pioneira na enfermagem a ser inserida no cenário universitário brasileiro, o que ocorreu em 1937 (Lei nº 452/37).

Após efetivar sua inscrição para continuar o processo de seleção para ingresso na EEAN, prestou vestibular nos dias 21, 22 e 23 de fevereiro de 1951, tendo sido aprovada e classificada para ingressar naquele mesmo ano na denominada Classe de 1954 – Grupo I^e⁽³⁾.

Iniciava-se, assim, a trajetória de Vilma de Carvalho na Escola de Enfermagem Anna Nery.

Formação Acadêmica – enquanto discente

Vilma de Carvalho refere que a enfermagem não fora uma vocação típica, logo as aulas do 1º período foram de extrema importância para seu encontro, engajamento permanente com a profissão e comprometimento com a Escola de Enfermagem Anna Nery.

Resgata algumas regras de atitude e conduta profissionais que fizeram parte do cotidiano de sua formação profissional e que lhe ajudaram a formar tantos outros enfermeiros:

A dignidade de quem fala deve atender à dignidade de quem ouve⁽³⁾.

A aparência pessoal e a polidez no trato com o outro conferem mais com a identidade da enfermeira do que qualquer cartão de visitas⁽³⁾.

Em primeiro lugar - os clientes, enfermos ou não, incluída a família; em segundo lugar – os alunos, na hierarquia dos que menos sabem para os que mais sabem; e, então, os outros circunstâncias, incluídas as enfermeiras docentes ou não⁽³⁾.

Essa tríade traduzia, em síntese, uma regra geral, conforme destacado por Vilma de Carvalho em seu discurso proferido na Sessão Solene de Emergência, e demonstrava como era construída a “enfermeira padrão” na EEAN, à época:

O outro tem prevalência diante de qualquer enfermeira que, por ofício e por dever, faz parte do contingente dos que cuidam ou oferecem seus cuidados profissionais, na área da saúde⁽³⁾.

Essas regras não eram explicitadas como pontos de uma preleção ou aula magistral. Isso se dava ao longo da experiência de aprender a ser enfermeira, “como um

^d Universidade do Brasil (UB), atualmente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

^e À época, as turmas eram identificadas por seu ano de formatura e não pelo ano de ingresso.

refrão pedagógico”, ou seja, eram repetidas continuamente nos cenários de trabalho e em muitas circunstâncias do processo ensino-aprendizagem⁽³⁾. Vilma de Carvalho comenta que a professora Anna Jaguaribe da Silva Nava era emblemática nas regras que aprendiam passo-a-passo na pragmática do cotidiano escolar:

Com o tempo, incorporei-as como um Código de Conduta que, na estrutura paradigmática exemplar, valia para todos – os que aprendiam e os que ensinavam – como se constitutivo de uma insofismável ética ou de um inconfundível credo profissional⁽³⁾.

Cabe destacar que, nessa época, os estudos em nível superior na enfermagem atendiam aos dispositivos do Currículo do Curso de Enfermagem Vigente na forma da Lei nº 775/49, de 6 de agosto de 1949, o que concedia ao curso duração de 36 meses, havendo um período de 30 dias de férias anualmente⁽⁴⁾.

O Plano Curricular de Enfermagem, então vigente, continha objetivos da formação básica de nível universitário e outros orientados especificamente para os conhecimentos, habilidades técnicas e valores profissionais, os quais eram coerentes com a Enfermagem Moderna, seguindo o Sistema Nightingaleano e Modelo “Parsons”^f, adotados na formação de enfermeiras na EEAN, com exigências para a prática assistencial nas seguintes subáreas: Enfermagem Hospitalar, abrangendo setores da Clínica Médica Geral, de Clínica Cirúrgica Geral, de Centro Cirúrgico e de Material, de Clínica Obstétrica e Neonatal, de Clínica Pediátrica; e Enfermagem de Saúde Pública, o que garantia a formação de caráter generalista⁽⁴⁾.

Merece ainda destaque o Plano Curricular da EEAN contendo quatro séries, sendo a 1ª Série Preliminar, com 12 disciplinas, a 2ª Série Junior, contendo 11 disciplinas, a 3ª Série Intermediária, com 9 disciplinas, e a 4ª Série Sênior, com 17 disciplinas. Em relação à prática e aos estágios curriculares, havia atividades realizadas em hospitais que incluíam jornadas diurnas e noturnas, ações em Serviços da Saúde Pública e atividades extracurriculares. A maioria das atividades práticas e de estágios era desenvolvida no Hospital-Escola São Francisco de Assis (HESFA), na Maternidade-Escola (UFRJ) e no Centro Sanitário, localizados na Av. do Exército nº 01, São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro⁽⁴⁾.

Assim, Vilma de Carvalho formou-se na Escola de Enfermagem Anna Nery, cujo título lhe foi outorgado pela Universidade do Brasil em de 20 de maio de 1954, dia em que se comemora o encerramento da *Semana da Enfermagem*^g no Brasil, agregando, dessa forma, mais simbolismo ao título⁽⁴⁾. A Semana da Enfermagem representa um evento comemorativo da categoria, criado em 1940, por iniciativa da primeira brasileira a dirigir a EEAN, formada pela própria Escola, Laís Netto dos Reys. Inicialmente denominada Semana da Enfermeira, desde a sua primeira versão, ocorre entre os dias 12 de maio, data de nascimento de Florence Nightingale, até 20 de maio, data do falecimento de Anna Nery.

^f Assim era denominado, por ter sido Ethel Parsons a chefe da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, quando se criou a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, primeiro nome da Escola de Enfermagem Anna Nery, responsável pela implantação da Enfermagem Moderna no país.

^g Inicialmente chamada Semana da Enfermeira, pois admitia-se, à época, apenas alunas para o ensino de Enfermagem e privilegiava-se a profissional de nível superior.



Fotografia 1. Vilma de Carvalho e alunas em atividades de ensino na prática clínica no Hospital -Escola São Francisco de Assis.

Fonte: CEDOC- EEAN/UFRJ

A cerimônia de colação de grau da turma de Vilma de Carvalho foi realizada no Auditório principal do Ministério da Educação e Cultura na cidade do Rio de Janeiro, tendo como paraninfo o Bispo Auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Helder Câmara, então professor de Ética e também Capelão responsável pela Capela do Sagrado Coração de Jesus, onde se localizava a residência das alunas da EEAN, situada na Av. Rui Barbosa nº 762, Praia de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro⁽⁴⁾.

Formação Acadêmica – enquanto docente

Realizou, em 1962, na cidade de Detroit - Michigan (EUA), estudos de pós-graduação no College of Nursing da Wayne State University. O programa tinha como área de abrangência Enfermagem Clínica (ou Assistencial) e Ensino de Enfermagem Médica e Cirúrgica (integradas), além de instrução clínica, supervisão e avaliação de estudantes



Fotografia 2. Vilma de Carvalho e outras alunas em atividades de ensino na prática clínica no Hospital- Escola São Francisco de Assis
Fonte: CEDOC- EEAN/UFRJ

do Curso de Bacharelado em Enfermagem. A prática assistencial foi desenvolvida no Harper, Ford e Receiving Hospital Assistance (Pronto-Socorro e Emergência), localizado na cidade de Detroit. O título decorrente deste curso foi revalidado e reconhecido como de Doutor e Docente Livre pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEPG/UFRJ), através do processo Nº 21.614/71, aprovado em sessão de 10 de setembro de 1971⁽⁵⁾.

Paralelamente ao Curso realizado no College of Nursing da Wayne State University, a docente participou dos seguintes cursos: Programas de Teorias de Enfermagem e Diagnóstico de Enfermagem aplicados a situações de clientes e famílias envolvidos em condições clínicas e neurocirúrgicas, submetidos a crises associadas ao stress, às emergências, às intervenções e a tratamentos assistenciais avançados, intensivos, e de elevada complexidade, com projeções à comunidade⁽⁴⁾.

Cabe ressaltar que, além desses, outras disciplinas também foram cursadas, tais como: Desenvolvimento de Currículo; Instrução Programada; Técnicas Audiovisuais; Didática e Metodologia do Ensino em Escolas de Enfermagem; Psicologia da aprendizagem; Anatomofisiopatologia Clínica (ministrada pela Escola Médica de Detroit); Ciclo de Palestras sobre Stress e Problemas Psicossomáticos⁽⁴⁾.

Ao realizar a autoavaliação escrita, requisito e exigência final do curso, a docente mencionou sua expectativa e intenção de empenhar-se e trabalhar pela integração dos Programas de Enfermagem, iniciando pelas disciplinas Enfermagem Médica, Enfermagem Cirúrgica e outras correlacionadas, o que, de fato, ocorreu.

Discorreu também sobre as dificuldades que encontraria em relação aos aspectos críticos das mudanças curriculares, pelo fato desses assuntos serem controlados por instrumentos legais do sistema educacional brasileiro, e mencionou o que considerava ser a principal adversidade: a não aceitação, por parte de alguns membros do corpo docente, em realizar a revisão e a integração dos programas sob a sua responsabilidade, seja por resistência às mudanças curriculares ou devido às razões de ideologia ou de assunção de novos conceitos. Reafirmava, no entanto, seu desejo de fazer todo o possível para a melhoria do desenvolvimento curricular no âmbito da graduação.

No ano de 1967 licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da Universidade do Estado da Guanabara (atualmente Faculdade de Educação – UERJ), tendo o curso duração de quatro anos letivos. O Plano

Curricular continha vinte e duas disciplinas obrigatórias, além da prática de ensino com formação plena em Bacharelado e Licenciatura. Os objetivos visavam tanto à formação para o magistério de 1º e 2º graus quanto à preparação pedagógica e ao aprimoramento científico-cultural necessário para a formação do profissional inserido nas diferentes áreas que comportam o conhecimento humano: as disciplinas filosóficas, as ciências sociais, a teoria da história, a ética, a estética e a história da filosofia⁽⁴⁾.

A cerimônia de colação de grau aconteceu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 2 de janeiro de 1968, tendo como paraninfo o professor Evanildo Cavalcante Bechara⁽⁴⁾.

Em relação à autoavaliação, pode-se verificar que, após 30 anos, as presunções dissertadas e registradas em 1962 confirmaram-se no decorrer do tempo em que trabalhou e se empenhou para minimizar os problemas e desafios para introdução de mudanças no currículo de graduação da EEAN/UFRJ e, também, nos esquemas legais que legislavam sobre a formação do enfermeiro no Brasil. De fato, isso ocorreu, mais precisamente em 1971, juntamente com a implantação da Reforma Universitária e o movimento de lutas para reconsiderar o modelo educacional⁽⁴⁾.

Destaca-se a participação de Vilma de Carvalho em três cursos *lato sensu*: o primeiro de Administração Hospitalar, em 1956, organizado e coordenado pela enfermeira Rosaly Taborda, uma expoente na área, sendo a maioria das aulas ministrada pelo professor e médico Humberto Ballariny, detentor de discurso autorizado na temática; o segundo - Atividades e Técnicas de Saúde Pública - incluindo Treinamento Funcional, promovido pela Divisão de Enfermagem de Saúde Pública/Superintendência de Serviços Médicos (SUSEME), no ano de 1970, na cidade do Rio de Janeiro; e o terceiro que abordava os Fundamentos Psicológicos da Formação da Enfermeira, realizado em 1956, ministrado pela destacada mestre da EEAN, a professora de Psicologia e Sociologia Maria de Carvalho Veras⁽⁴⁾.

Ao longo dos anos acumulou experiência profissional marcada por sua participação em inúmeros eventos, como Congressos, Jornadas, Encontros, Seminários, promovidos pela mais antiga entidade associativa da enfermagem brasileira, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn-Nacional e seções estaduais). Participou também de cursos relevantes para o exercício da prática assistencial ou carreira de magistério⁽⁴⁾.

Em relação aos cursos de Filosofia, esses também abrangeram questões específicas e afins, porém quase sempre de curta duração, fato justificado pela escassez de tempo e pelos maiores compromissos assumidos com o ensino de enfermagem no âmbito da graduação, pós-graduação e administração acadêmica a partir de 1968, quando, além de ministrar aulas, dedicava-se a atividades de pós-graduação na EEAN. Mesmo assim, merece ser destacado que sua bagagem filosófica adquiriu significado expressivo em uma nova dimensão, não só na linguagem escrita e oral enquanto docente, mas, também, em sua visão “das coisas” e “dos termos” que interessam à enfermagem, nas esferas do ensino e da prática assistencial⁽⁴⁾.

Culminando suas contribuições pedagógicas, marcantes também foram duas importantes titulações, que revelam o seu reconhecimento no campo científico e acadêmico, são elas: o concurso para professor titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública (DESP) da EEAN/UFRJ e seu reconhecimento como Professor Emérito da Universidade.

No que se relaciona ao concurso para professor titular do DESP, Vilma de Carvalho se recorda da árdua caminhada para ser aprovada. Mas, uma vez nesta condição, “empreendeu esforços para aliar “aspectos epistemológicos e princípios fundamentais

do conhecimento de enfermagem aos Núcleos de Pesquisa – Enfermagem na Saúde do Trabalhador (Nupenst) e Enfermagem na Saúde Coletiva (Nupensc)”, recorrendo a experiências desafiadoras. Registra os nomes de algumas pessoas que considera extremamente importantes nessa tensa jornada que envolveu o mencionado concurso, nos anos de 1993 e 1994, e, sem detalhar, reconhece a compreensão e a boa vontade de todos esses estimados colegas⁽⁴⁾. Foram esses os nomes mencionados:

Raimunda da Silva Becker [diretora à época do concurso de professor titular], professora Maria Cecília Cordeiro Pedro, Ivone Evangelista Cabral, Elvira De Felice Souza, Vivina Lanzarini de Carvalho, Maria Antonieta Rubio Tyrrell, Nêbia Maria Almeida de Figueiredo, Ilda Cecília Moreira da Silva, Theresinha Teixeira Vieira, Ieda de Alencar Barreira, Suely de Souza Baptista, Cristina Maria Douat Loyola, Ethevalda Neves de Carvalho e Paulo Vaccari Caccavo⁽⁴⁾.

Para o merecido título de Professor Emérito da UFRJ, as chefes, à época, dos Departamentos de Enfermagem Médico-Cirúrgica e de Enfermagem em Saúde Pública, respectivamente, Deyse Conceição Santoro e Maria Catarina Salvador da Motta, encaminharam, em 7 de novembro de 2001, texto justificando a solicitação do referido título, elaborado por uma Comissão composta pelas professoras Isaura Setenta Porto, Maria Catarina Salvador da Motta, Deyse Conceição Santoro e Regina Célia Gollner Zeitoune. O documento registrava a “contribuição inestimável que a referida professora deu a ambos os Departamentos, em períodos significativos de sua carreira docente”⁽⁵⁾.

Após ser aprovada por unanimidade nos dois Departamentos supracitados, a documentação seguiu para apreciação e emissão de parecer na Egrégia Congregação da EEAN, cuja relatora foi a também professora titular de Enfermagem Materno-Infantil, Ivis Emília de Oliveira Souza. No parecer emitido pela Dra. Ivis Emília, entre outros aspectos importantes, destaca-se o seguinte trecho:

Esta Universidade [UFRJ] foi com exclusividade o seu único local de trabalho, onde promoveu a formação de centenas de enfermeiros críticos-reflexivos, garantiu a qualificação de outros tantos especialistas, mestres e doutores em enfermagem. Esta Universidade usufruiu de sua competência, criatividade e proficiência em atividades de Magistério, de Extensão, de Administração Acadêmica e de Pesquisa e Produção Científica⁽⁵⁾.

No mesmo documento a relatora acrescentou:

[...] há que se destacar a extensa e relevante produção científica expressa com minúcia no Memorial Descritivo que acompanha a presente solicitação e ao qual tive acesso para emitir este parecer. Desnecessário consultá-lo, pensei a princípio, porque a professora Vilma projeta-se de modo singular no cenário acadêmico; sua pessoa, sua obra e seu pensamento ocupam lugar de destaque e fazem-na reconhecida de todos que transitam nesta profissão, com expressiva repercussão na área de saúde. São muitos os registros e os exemplos⁽⁵⁾.

Apenas para concluir, a relatora emitiu parecer favorável, aprovado por unanimidade na Egrégia Congregação da EEAN.

Da mesma forma, o processo de Consessão para Professor Emérito da UFRJ seguiu para apreciação no Conselho de Centro, sendo designado pelo Decano do Centro de Ciências da Saúde (CCS) para relatar o professor titular de Biofísica e Fisiologia e diretor do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ, Adalberto Vieyra. Em seu parecer, registrou que:

Depois da breve introdução deste marco histórico, Sr. Decano e Senhores Conselheiros, este relator retorna ao memorial da professora Vilma de Carvalho. Para confirmar enfim, a hipótese de que ela se transformou, ao longo de sua vida, em figura identificada e digna deste legado histórico. Fiel ao ideário que se encontra resumido no prospecto de divulgação do curso de Enfermeiras em 1922, intitulado 'A enfermeira moderna: apelo às moças brasileiras'⁽⁵⁾.

Em sua análise conclusiva, Adalberto Vieyra acrescentou, em seu encaminhamento favorável, “que o Conselho de Centro de Ciências da Saúde, ao aprovar a concessão do título de Professora Emérita a Vilma de Carvalho, deposite mais uma lamparina brilhante no altar das glórias acadêmicas da Escola de Enfermagem Anna Nery”⁽⁵⁾. O parecer favorável do relator também foi aprovado por unanimidade neste Conselho, em 29 de maio de 2002.

Em fase final de tramitação, a solicitação encaminhada pela EEAN seguiu para o Conselho Universitário, sendo que o Magnífico Reitor da UFRJ, professor Carlos Francisco Theodoro M. R. de Lessa, designou o professor Eduardo F. Coutinho para relator. Após reconhecer a contribuição de Vilma de Carvalho, emitiu Parecer Favorável e, mais uma vez foi aprovado, por unanimidade, no Conselho Universitário da UFRJ. Concluída a tramitação desse processo no âmbito da UFRJ, a EEAN passou a contar, em seus quadros, com mais uma docente reconhecida com o mais elevado título que a Universidade pode outorgar a um de seus membros⁽⁵⁾.

Atividades Profissionais

Atividades de Magistério: Graduação

Iniciou sua trajetória profissional na EEAN, como enfermeira contratada para atuar no Hospital-Escola São Francisco de Assis (HESFA), em 1954. Tornou-se competente em várias atividades – cuidar dos clientes, chefiar enfermarias, orientar colegas, lidar com outros profissionais, supervisionar estudantes, treinar pessoal de enfermagem. Ao mencionar sua inserção na referida instituição à época, Vilma de Carvalho teceu a seguinte consideração:

[...] apesar da condição franciscana do Hospital-Escola, a prática assistencial valia o melhor padrão de enfermagem, o padrão da Escola Anna Nery, de relevância reconhecida, e pesava a competência das enfermeiras pela presença constante, vigilância acurada, responsabilidade, condutas irrepreensíveis, demonstração de atos e operações baseados nos princípios da Enfermagem Moderna⁽³⁾.

Para Vilma de Carvalho, o HESFA era compreendido como parte da identidade da EEAN, no qual testemunhou as lutas políticas na UFRJ, a partir dos anos 1970, quando da desativação do HESFA em vista da implantação do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), em 1978. A despeito de se dispor do Decreto-Lei Nº 15.799/22, enquanto instrumento lúdimo da criação da EEAN e seu elo com o HESFA, herança deixada pelo ilustre sanitarista Carlos Chagas, não foi possível, naquele momento, evitar a desativação do Hospital-Escola São Francisco de Assis⁽³⁾.

Posteriormente, participou das lutas para reativação do HESFA e manutenção do complexo de prédios centralizados pelo Pavilhão de Aulas da EEAN, à Rua Afonso Cavalcanti, 275 - Cidade Nova, o que culminou com o tombamento desse último ao Sistema Patrimonial Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 27 de junho de 1986⁽¹²⁾. Iniciou-se no magistério superior em 1956, colaborando na disciplina de Enfermagem Fundamental, sob orientação da professora Elvira De Felice Souza. Com ela, como afirma Vilma, começou a “manejar o leme pedagógico para bem conduzir nossos alunos a bom termo”. Conforme seu depoimento, não demorou para obter o reconhecimento de “boa professora”, e acredita que se foi capaz de ensinar a cuidar dos clientes, com adequação e confiabilidade, isso se deu mais por conta da verdade da imaginação do que pelas certezas.

Naqueles primeiros anos de vida docente, segundo Vilma, a demanda de alunos determinava a distribuição de professores. Assim, de uma disciplina a outra, de um programa a outro, entre aulas teóricas e práticas, teve a oportunidade de ensinar a todas as classes de alunos – graduação, auxiliares e técnicos e até aos atendentes e práticos que atuavam no HESFA⁽³⁾.

Segundo ela, Maria Dolores Lins de Andrade, professora emérita da UFRJ, a considerava “eclética”, portanto, podia ensinar de tudo. No entanto, acredita que aprendeu a usar bem o lema de sua turma^h como inspiração no caminho de cada disciplina – Fundamentos de Enfermagem, Enfermagem em Clínica Médica, Enfermagem em Doenças Transmissíveis, Enfermagem Neurológica e Neurocirúrgica. Para completar a carga horária de trabalho, atuava em vários campos de estágios e em outras disciplinas⁽³⁾.

Incansável na busca pelo seu aprimoramento pessoal e profissional, nunca se acomodava diante de tudo que a circundava. Em suas palavras:

Aprendi a palmilhar a dura estrada, mas tenho dúvidas se, depois de tantos anos, não estou ainda tentando alcançar patamares mais elevados da ascensão intelectual e espiritual⁽³⁾.

Imbuída desse processo de evolução, Vilma de Carvalho sempre reconhece agradecidamente àqueles que a ajudaram a se tornar professora de enfermagem e a cultivar sua profissão, à qual se refere com frequência como “*uma profissão de fé*”. Agradece também a Deus, por ensinar a partilhar com os colegas, a cuidar com os clientes, a ensinar com os alunos. No seu entendimento:

Todos participavam da oportunidade impar de poder elevar o espírito e adquirir competências do nível da pluriproficiência pedagógica⁽³⁾.

^h O lema de sua turma de graduação era “Certas do caminho a seguir”.

o que, ainda de acordo com a professora,

tem lhe servido de âncora e valia para continuar ensinando⁽³⁾.

Uma das experiências mais importantes de sua vida enquanto professora de enfermagem ocorreu em torno da questão “*aprender-a-ensinar-a-pesquisar*”, cuja menção especial foi conferida ao Currículo de Graduação em Enfermagem, experiência inédita que lhe rendeu “muito sofrimento, uns poucos desafios e alguns desentendimentos”. Isso ocorreu porque algumas docentes desejavam incluir o ensino integrado e a aprendizagem da pesquisa na grade curricular, enquanto outras não concordavam com modificações nas disciplinas de enfermagem. Sobre este fato, revelou:

[...] que ainda tem na alma e no arquivo da memória um rastro de lutas travadas na própria EEAN, no Centro de Ciências da Saúde da UFRJ [CCS/UFRJ], na Sub Reitoria 1 [SR1], no MEC, e em reuniões associativas³, na Associação Brasileira de Enfermagem [ABEn]⁽³⁾.

Com o objetivo de acompanhar sistematicamente a mudança curricular no âmbito de suas etapas de planejamento e implementação, a docente promoveu 18 oficinas de trabalho para inserir docentes e discentes nas decisões tomadas sobre a aprovação dos documentos básicos e operacionalização dos programas de ensino. Ao todo, foram contabilizados seis anos de trabalho ininterrupto, com participação dos docentes da EEAN e de outras unidades de ensino da UFRJ (NUTES e Faculdade de Educação), além da colaboração das enfermeiras assistenciais das instituições do complexo hospitalar da UFRJ e das instituições de saúde da rede pública.

Em relação à participação institucional coletiva, a mudança curricular coordenada por Vilma de Carvalho teve repercussões nacionais frente à evolução curricular da Graduação em Enfermagem, o que levou à realização de seis seminários regionais e dois nacionais com o intuito de debater sobre a formação do enfermeiro. Assim, deve ser registrada a influência dessa mudança curricular na última revisão do currículo mínimo para a formação do enfermeiro, consubstanciada no Parecer nº 314/94 e na Portaria CNE nº 1721/94, ambos do MEC. Por sua trajetória acadêmica, foi convidada pelo Ministro da Educação e Desportos à época para emitir o parecer final sobre essa legislação, antecedendo sua promulgação, parecer esse relativo à demarcação da carga horária do Plano Curricular⁽⁴⁾.

Assim, em que pese a projeção desse assunto pela Comissão de Especialistas de Enfermagem – SESU/MEC, o novo currículo de Graduação da EEAN ganhou notoriedade e expandiu-se para além dos limites dessa Escola, alcançando os Congressos Brasileiros de Enfermagem e os Seminários Nacionais de Ensino Superior de Enfermagem - 1986 a 1989⁽³⁾. Mas reconhece, mais uma vez, que não teria sido possível obter qualquer mérito isoladamente, uma vez que, sem a colaboração de diletos companheiros, não se modificaria coisa alguma.

Decorridas algumas décadas, Vilma de Carvalho constata e, ao mesmo tempo conclui, que apesar das dificuldades vivenciadas e após tanto tempo ensinando metodologia de pesquisa na graduação, nossos estudantes já podiam, a exemplo de outros da UFRJ, realizar investigações, apresentar trabalhos em eventos científicos, entre outros feitos⁽³⁾.

Vilma de Carvalho atribuiu “*Menção Honrosa*” aos integrantes do Grupo de Trabalho do Currículo “*Novas Metodologias*” e registra a participação de Ieda de Alencar Barreira, Berenice Xavier Elsas, Hermê Madyanna Costa Novaes, Maria Teresa da Silva, Maria Lúcia Reis, Marlene Moraes Santos e Solange Maria Alcântara, além de Sérvula Paixão e Marlene Carvalho, assessoras pedagógicas da Faculdade de Educação da UFRJ. Esse movimento interno deixou marcas e dificuldades que precisaram ser superadas no âmbito da Escola e, nesse sentido, contou-se com o apoio de Maria Alice Sigaud, Eliane Falcão, Maria Noemi Villa Verde, psicólogas do Núcleo de Tecnologia Educacional em Saúde (NUTES), além do apoio especial de Teresa de Jesus Sena, professora de Enfermagem Psiquiátrica da EEAN. Tais profissionais contribuíram para gerir os conflitos com dinâmicas apropriadas. De outra forma, também foram reconhecidas as contribuições de Lygia Paim e Luiza Aparecida Teixeira Costa, então atuantes na SESU/MEC, ambas com suas ideias e amizades⁽³⁾.

O Projeto *Novas Metodologias* para o Ensino Superior, financiado e patrocinado pelo MEC, fez parte de um projeto nacional que teve a participação da docente como coordenadora na mudança do currículo do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da EEAN/UFRJ. Cabe destacar que a professora exerceu a função de coordenadora especial da mudança curricular de graduação no período de 1976 a 1982, além do cargo de coordenadora do Curso de Graduação por dois anos (1983 a 1985)⁽⁴⁾.

Por tudo isso, afirma Vilma de Carvalho, a implantação do Currículo “*Novas Metodologias*” e dos novos Programas de Ensino, Programas Curriculares Interdepartamentais seria inviável não fosse a aceitação final de todos os que se aliaram a essa empreitada educacional. A partir de 1983, a implantação efetiva, na UFRJ/SR1 e na Divisão de Registro de Estudantes, sucedeu com o parecer favorável do CFE/MEC (Parecer nº 57/83), o que viabilizou um instrumento exclusivo para legitimar a mudança curricular em nível de graduação na EEAN. Mas, acredita fortemente a professora, que sem a “benção de Deus, não se poderia contar com a ajuda de alguns, a compreensão de todos e a elevada consideração dos estudantes de enfermagem que aceitaram participar do Projeto *Novas Metodologias*”, assim concluindo: sem eles, então todos os esforços pedagógicos e lutas acadêmicas teriam sido em vão⁽³⁾.

Outras Atividades Docentes

No segundo semestre de 1995, a docente passou a fazer parte, no CCS/UFRJ, da Equipe de Professores do Programa de Integração de Calouros (PROINCAL), cujo objetivo principal consistia em dar as boas-vindas aos calouros na EEAN, além de oferecer orientações diversas sobre a estrutura universitária e a vida acadêmica. Paralelamente, eram apresentados o conteúdo programático “Orientação sobre o ensino universitário; estrutura da UFRJ, com detalhes sobre o CCS e a EEAN; generalidades em relação ao ensino de enfermagem e a formação do enfermeiro; aplicação de dinâmicas em grupo com a finalidade de integração entre os novatos recém-ingressos pelo vestibular; visita ao campus universitário, ao edifício do CCS e à sede do Pavilhão de Aulas da EEAN, além das visitas às bibliotecas; apresentação dos representantes da Coordenação Acadêmica de Enfermagem e recepção pela Diretora da EEAN⁽⁴⁾.

A docente também passou a integrar, desde o segundo semestre de 1995, a Equipe de Professores do Programa de Orientação Acadêmica I (POA I), programa este

reconhecido pela Câmara de Graduação do Conselho de Centro/CCS como competente para assegurar, além do alcance dos objetivos, a satisfação dos acadêmicos, juntamente com a redução do índice de evasão no Curso de Graduação em Enfermagem⁽⁴⁾.

Na EEAN, no Plano de Pesquisa intitulado “O Quadro Documental da EEAN - 70 anos de evolução histórica”, a docente teve sob sua orientação duas bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), entre 1996/2 e 1997/1. Esse Plano efetivou-se em subprojeto “Catalogando e Descrevendo as Publicações das Alunas da EEAN na Década de 30”, sendo Nadja Nara Miranda Costa e Raquel Rosa Bezerra de Barros as respectivas bolsistas. A orientação contou com a colaboração da professora Lucia Maria Botto Polido Loureiro, do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica (DEMC/EEAN/UFRJ), com destaque para um subprojeto apresentado sob forma de relatório parcial no 3º Pesquisando em Enfermagemⁱ, em maio de 1996, e como relatório final na XVIII Jornada Interna de Iniciação Científica/VIII Jornada Interna de Iniciação Artística e Cultural da UFRJ, em novembro de 1996, sendo os seus resumos publicados nos Anais dos respectivos eventos.

Paralelamente, cabe ressaltar a participação da docente nos subprojetos, integrados ao HESFA, intitulados “Laboratório da Ações Multidisciplinares na Atenção à Saúde na Terceira Idade” e “Laboratório de Cuidados Especiais em Enfermagem”, ambos do PROCERON II – Projeto de Reconstrução Curricular II da Graduação da SR1/UFRJ.

Atividades do Magistério: Pós-Graduação

Começou a atuar no ensino de pós-graduação, nível *lato sensu*, especificamente no ensino clínico e na supervisão de estágios em Cursos de Aperfeiçoamento em Pedagogia e Didática Aplicada à Enfermagem na EEAN/UFRJ, no período de 1966 a 1971, de forma ininterrupta⁽⁴⁾.

Dessa forma, mesmo com as atividades já assumidas com o ensino de graduação, intensificou sua experiência ensinando nos cursos de pós-graduação *lato sensu*, o que lhe proporcionou atuar em diversas áreas, tais como: Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Psiquiátrica, Metodologia da Enfermagem, Legislação do Ensino e Desenvolvimento de Currículo. Merece destaque sua atuação como colaboradora em Cursos de Especialização em outros estados, cuja participação compreendia desde a fase do planejamento até a avaliação no requisito “Currículo de Enfermagem”⁽⁴⁾.

Apesar de sua importante contribuição nos cursos *lato sensu*, foi no planejamento, na criação e na consolidação do primeiro Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem (Curso de Mestrado) no país que pôde dispor de seu amplo conhecimento, compatível com a grandeza exigida por aquele desafio.

Para a criação do primeiro Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem – Curso de Mestrado da EEAN/UFRJ - a participação de Vilma de Carvalho foi fundamental. Nesse sentido, alguns fatos devem ser retomados, entre eles a experiência da pós-graduação no College of Nursing da Wayne State University e os cursos ali realizados, fundamentais para o reconhecimento institucional de seus títulos e diplomas, os quais foram revalidados como Doutor e Docente Livre pelo Conselho de Ensino para

ⁱ Este evento é organizado e promovido pelo Departamento de Enfermagem Fundamental da EEAN, está em sua 21ª versão.

Graduados e Pesquisa – CEPG/UFRJ e também para seu credenciamento como professora de pós-graduação pelo Conselho Federal de Educação, conforme Parecer nº 657/73 do Conselho Federal de Educação do Ministério da Educação e Cultura⁽⁶⁾.

Para a participação de Vilma de Carvalho no Curso de Mestrado da EEAN/UFRJ, considerou-se que os cursos realizados na Wayne State University eram, em grande parte, na área de Enfermagem e, alguns, da Filosofia. Os programas cursados abrangiam também temáticas correlacionadas ou de domínio conexo. Portanto, a docente incorporava à sua qualificação docente uma formação generalista, com visão global e de competência polivalente, expressando interesse tanto pelas questões centrais da profissão ligadas a funções básicas (cuidar/assistir), de educar/ensinar, de administrar e de investigar quanto por questões técnicas, tópicos afins ou relacionados às especialidades⁽⁴⁾.

Em seu discurso de Emergência na UFRJ, em 20 de maio de 2003, Vilma de Carvalho refletiu acerca dos desafios de ensinar e aprender nas suas primeiras décadas como docente, o que lhe despertou, ainda no início da década de 1970, a consciência das situações preocupantes relacionadas à pesquisa na área. Na oportunidade, a docente e pesquisadora relembra a fase embrionária do Curso de Mestrado em Enfermagem, quando, “a um só tempo, sem dominar os métodos de pesquisa, aprendíamos a orientar dissertações e contribuir na produção de conhecimento”⁽⁴⁾.

Nessa fase inicial do Curso de Mestrado da EEAN/UFRJ, chegou a ter, simultaneamente, oito orientandas, esforço que considerava urgente para qualificar mais professores e enfermeiros. Pessoalmente, contou com a ajuda de nomes de relevância nacional e internacional, como Wanda de Aguiar Horta (EE/USP), Nalva Pereira Caldas (FE/UERJ), Alfred Lemle e Germano Gerhardt (FM/UFRJ), para os conteúdos de caráter especializado⁽⁴⁾. A proposta programática inicial do Curso possuía uma única área de atuação – Enfermagem Fundamental, com 28 créditos exigidos, sendo a eminente professora Wanda de Aguiar Horta da EE/USP responsável no período de 1972 a 1973. A docente teve a honra de fazer parte do corpo docente, tornando-se, no ano de 1975, a coordenadora setorial da Área de Concentração Enfermagem Médico-Cirúrgica⁽⁴⁾.

Várias modificações foram introduzidas a partir de 1974, até mesmo na estrutura curricular, em virtude da necessidade de melhor dimensionar o Curso de Mestrado diante das diretrizes do I Plano Básico de Pós-Graduação/CAPES. Nesse aspecto, Vilma teve participação marcante, pois atuou efetivamente na elaboração dos processos de credenciamento e reconhecimentos de programas, de orientadores de teses, na organização de seminários de avaliação e orientação de teses, ministrando aulas, acompanhando e orientando dissertações, além de integrar inúmeras bancas examinadoras de dissertações de mestrado⁽⁴⁾.

Em relação ao plano interno, Vilma contribuiu e propôs à Escola a criação de subáreas e linhas de estudo e pesquisa para o curso de mestrado, proposta que se encontra documentada sob a forma de relatório apresentado pela Comissão Especial de Enfermagem ao Grupo de Trabalho de Ciências da Saúde – CAPES sobre “Avaliação do Programa e Pesquisa Fundamental e Pós-Graduação, Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (II PBDCT/1974)”, sendo este publicado pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República – MEC⁽⁴⁾.

Em decorrência da preocupação oriunda dos problemas do curso de graduação e do mestrado, juntamente com suas implicações no que diz respeito à qualidade e excelência, a docente redigiu um documento com a finalidade de avaliar o assunto, em coautoria com a ilustre professora Ieda de Alencar Barreira, o qual foi apresentado no

Seminário de Avaliação dos 10 anos de Mestrado da EEAN – “Das Pontes Necessárias à Articulação da Graduação com a Pós-Graduação da EEAN – Uma crítica da situação vigente: conjecturas e proposições”. Considerando a relevância da temática, decorridos cinco anos da realização do Seminário, Vilma de Carvalho, na condição de diretora da Escola, conseguiu publicar, em 1988, os trabalhos apresentados neste evento, em Revista Especial intitulada ENFERMAGEM, Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ, ano I, n. 1, editada pela Editora UFRJ, o que assegurou o registro e a divulgação do evento, parte da história da pós-graduação na própria EEAN⁽⁴⁾.

Por todo o exposto, a história da docente funde-se, muitas vezes, com a implantação do Curso de Mestrado na EEAN/UFRJ, em 1972. Cabe ressaltar que essa história foi construída ao longo de décadas de dedicação à formação de mestres. Quando da criação desse primeiro Curso de Mestrado, ocupava o cargo de diretora da Escola a Prof. Dra. Elvira De Felice Souza. No ano de 2012, foram comemorados os 40 anos do ensino de enfermagem em nível de pós-graduação stricto sensu. Ressalta-se que, desde 1989, Vilma de Carvalho participa também da formação de Doutores em Enfermagem⁽⁴⁾.

Desde o ano de 1973, a docente é responsável por ministrar a disciplina “Fundamentos para uma Filosofia de Enfermagem”, desenvolvida de forma ininterrupta, a cada primeiro período anual, com o objetivo principal de promover a consciência crítica por meio de leituras, reflexões e análise crítica, realizadas pelos alunos inscritos nos cursos de mestrado e de doutorado da EEAN/UFRJ⁽⁴⁾.

No período de 1984 a 1988 essa disciplina foi ministrada também na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da UNIRIO, e no Departamento de Enfermagem e Nutrição - DEN, da Universidade Federal de Goiás – UFG, no ano de 1989. Significativa também sua colaboração no Curso de Mestrado da Universidade Federal da Bahia – UFBA, em 1982, quando ministrou, em duas semanas, a disciplina “Elementos do Currículo de Enfermagem”⁽⁴⁾.

Com mais destaque, nota-se a integração de Vilma de Carvalho à equipe de docentes de várias disciplinas do Curso de Mestrado da EEAN, tais como: Tópicos Especiais em Enfermagem, Seminário de Tese de Mestrado, Prática de Estágio Curricular e Correntes do Pensamento Contemporâneo I⁽⁴⁾.

Outro ponto a ser ressaltado foi sua participação na criação do Curso de Doutorado na EEAN, em 1989, quando ocupava o cargo de diretora da Escola, o que representou a concretização de um dos grandes desafios assumidos durante sua gestão.

Com a experiência acumulada na pós-graduação stricto sensu, investiu intensamente no âmbito da UFRJ para assegurar a implantação do curso de doutorado e, nesse sentido, conhecer o universo político acadêmico foi fundamental para o êxito obtido. Inicialmente, as negociações envolveram as poucas docentes de enfermagem com qualificação equivalente à de Doutor. Porém, afirma a docente, a batalha foi mais difícil na Câmara de Pós-Graduação do CCS, principalmente na Comissão Especial CEG/CEPG/CPD, onde as críticas residiam no questionamento enfático: Por que e para que um doutorado em enfermagem na UFRJ? As reuniões eram muito tensas e, na última, Vilma precisou invocar a situação histórica da Enfermagem Moderna no mundo, no Brasil e, particularmente, na EEAN, o que fez na presença de outras duas ilustres professoras desta Escola: Teresa de Jesus Sena e Elvira De Felice Souza. Finalmente, foi obtida autorização da UFRJ para a criação do curso de doutorado na EEAN, mesmo porque a seleção das candidatas já estava efetivada, com base na homologação pela Congregação da EEAN, em explícito apoio à deliberação da então diretora, Vilma de

Carvalho. O processo seletivo ocorreu em 12 de maio de 1989, enquanto o Curso teve início em 16 de agosto do mesmo ano⁽³⁾.

Durante sua fase de implantação (1989 – 1990), contou com o apoio de uma Comissão Especial de Avaliação e Acompanhamento do Curso, composta por Darci Fontoura (IBCCF/UFRJ), Marlene Carvalho (FE/UFRJ) e Creusa Capalbo (IFCS/UFRJ)⁽³⁾. Muito também contribuiu o auxílio acadêmico do digníssimo professor Carlos Chagas Filho.

Em sua gestão como coordenadora geral dos cursos de pós-graduação e pesquisa da EEAN, e também presidente da Comissão de Qualificação, realizou-se a segunda seleção para o processo de doutorado em enfermagem⁽⁴⁾.

Com o objetivo de promover estudos avançados sobre possibilidades e limitações da enfermagem na área científica, a docente, no ano de 1990, programou e implantou a disciplina intitulada “Para uma Epistemologia da Enfermagem” e incentivou a realização de estágios de treinamento para docentes doutores da EEAN e de outras Instituições de ensino superior, com o intuito de subsidiar a ótica de pesquisadores com aplicação de conhecimentos pertinentes à produção científica e à pesquisa em enfermagem. Neste período, qualificaram-se sete professores doutores da EEAN/UFRJ, duas professoras doutoras da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO e uma professora doutora, por recomendação de sua orientadora de tese do Departamento de Enfermagem/UNICAMP⁽⁴⁾.

Cabe também ressaltar a integração de Vilma de Carvalho às equipes de docentes das disciplinas “Tópicos Especiais em Enfermagem” e “Tópicos Avançados em Enfermagem”, com o propósito principal de orientar trabalhos individuais relacionados a temas e/ou questões associados ao desenvolvimento dos projetos de tese, em decorrência de sua condição de orientadora e coorientadora de teses. A fim de apresentar os projetos de tese de doutorandas para discussão e análise, criou-se a disciplina Seminário de Tese de Doutorado⁽⁴⁾.

Para registrar a relevante contribuição da docente, que vem se desincumbindo de outras atividades acadêmicas, cabe destacar algumas dessas contribuições: a de responsável pela disciplina “Analítica das Situações de Enfermagem”, antes considerada disciplina obrigatória, passando a opcional, com dois créditos; e integrante da equipe docente da disciplina “Correntes do Pensamento Contemporâneo II”, disciplina obrigatória de quatro créditos, para turma de dez a dezesseis alunos, anualmente; responsável pela disciplina “Fundamentos para uma Filosofia de Enfermagem”, eletiva, com quatro créditos, para turma com mínimo de dez e máximo de dezesseis alunos, também anualmente; responsável pela disciplina “Para uma Epistemologia da Enfermagem”, eletiva, com quatro créditos, para turma de doutorandos, uma vez por ano; e orientadora de bolsistas de Iniciação Científica do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (IC/CNPq), e de bolsista de Apoio Técnico e doutorandas⁽⁴⁾.

Atividades de Ensino de Nível Médio/Programa de Extensão

Nas décadas de 1960 e 1970, a docente exerceu atividades de magistério no ensino em nível médio (1º e 2º graus), no curso de Auxiliar de Enfermagem na

própria EEAN, ministrando as disciplinas “Enfermagem Médica” e “Enfermagem em Doenças Transmissíveis” e, para o Curso Técnico de Enfermagem, a disciplina “Noções de Filosofia Geral”⁽⁴⁾.

Constata-se ainda que, por mais de cinco décadas, dedicou-se ao ensino de graduação e pós-graduação (lato sensu e stricto sensu). Ocupou, também, o cargo de coordenadora de extensão do Centro de Ciências da Saúde, de 1995 a 1999, e, como coordenadora de extensão e presidente da Comissão e assessora da Coordenação de Extensão, teve a oportunidade de analisar diferentes situações e de colher informações envolvendo as distintas categorias que integram a UFRJ, quais sejam: docentes, discentes e servidores técnicos administrativos. Desse modo, pôde discutir com representantes dessas categorias profissionais a possibilidade de melhor efetivar a participação do CCS no que se refere às atividades de extensão⁽⁴⁾.

Nessa perspectiva, elaborou e apresentou o Plano Geral de Trabalho, em 1995, com a finalidade de organizar e desenvolver as ações de extensão, no âmbito do CCS, que incluíam atividades científicas, artísticas e culturais com a participação de conferencistas, debatedores e especialistas. Com efeito, tentou acatar as sugestões e pleito de todos os membros do corpo social da Universidade. Houve ainda uma tentativa de implantar o coral do CCS, chegando a dispor de um maestro bolsista, professor José Maria Braga, em 1995 e 1996/1⁽⁴⁾.

Durante sua atuação nessa Coordenação, foi também discutido e aprovado no Conselho de Centro um plano de melhorias na estrutura do edifício do CCS, merecendo destaque a recuperação de um espaço inaugurado e conhecido como sala de vídeo. Devido à recessão econômica e ao corte de verbas não foi possível dar continuidade ao programa proposto dessa forma, o que culminou com a reorientação das atividades acadêmicas, reduzindo as ações de assessoria e apoio às Unidades e aos Departamentos de ensino, além de afetar as programações específicas de eventos científicos, artísticos e culturais. Entretanto, deixou em andamento um curso para servidores técnico-administrativos (Telecurso 2000), ministrado sob orientações de duas técnicas em assuntos educacionais da Coordenação de Integração Acadêmica do CCS⁽⁴⁾.

Em julho de 1995 a docente auxiliou profissionais do Hospital-Escola São Francisco de Assis (HESFA)/UFRJ, no sentido de rever a situação do Programa de Assistência Integral às Pessoas Idosas (PAIPI), Unidade da Terceira Idade (UnTi). Assim, reelaborou-se o projeto de extensão PAIPI/UnTI/HESFA que fora aprovado quando apresentado, em janeiro de 1996, à Sub-reitoria de Desenvolvimento e Extensão (SR5- UFRJ). Tais reformulações visavam à Assistência à Clientela de Terceira Idade no Trabalho Interdisciplinar, estreitando operacionalmente as relações institucionais entre a EEAN e o HESFA. Na oportunidade, cogitou-se uma coordenação em equipe envolvendo docentes da EEAN, Walcy de Oliveira Barros e Maria José Souza, e profissionais do HESFA, com previsão de estágio para alunos de graduação e bolsistas de extensão da EEAN⁽⁴⁾.

Durante os últimos dois anos em que esteve à frente da Coordenação de Extensão, Vilma de Carvalho acompanhou atividades do PAIPI, com participação em reuniões e ações comemorativas e de lazer. No Plano Geral de Trabalho da Coordenação de Extensão, também orientou bolsistas de extensão e participou das atividades de um regente de coral (bolsista de aperfeiçoamento) e de seis estudantes de graduação. Em 1997, as atividades de extensão tiveram um período difícil, em decorrência da suspensão das bolsas (inclusive a de aperfeiçoamento), da ausência de provisão orçamentária e do entendimento da Sub-Reitoria 5/UFRJ (SR5/UFRJ), responsável pela coordenação da

política de extensão da UFRJ, de que deveria restringir seu apoio financeiro à implantação das atividades de extensão no âmbito do CCS.

Neste mesmo ano a docente foi convidada, foi convidada, na condição de coordenadora de extensão do CCS/UFRJ, a participar da Comissão Organizadora do evento de extensão, cujo tema principal foi “Ensinar e Cuidar” Desafios e perspectivas da Enfermagem em Cancerologia”, realizado nos dias 22 e 23 de setembro de 1997⁽⁴⁾.

Produção Científica

A produção científica da docente pode ser dividida em três (03) modalidades principais: 1) estudos e proposições sobre enfermagem, 2) estudos e contribuições sobre o ensino de enfermagem e a formação de enfermeiros, e 3) ensaios de natureza crítico-especulativa, com intenções gnosiológicas/epistemológicas⁽⁴⁾.

A partir dos anos 1970, constam de sua produção algumas monografias e documentos básicos abrangendo perspectivas seriamente questionadoras e procedentes, além da tese de docência livre e dissertação de mestrado.

Entre suas produções, registra-se o estudo “Reflexões sobre a prática da Enfermagem”, documento básico apresentado no 31º Congresso Brasileiro de Enfermagem, na cidade de Fortaleza - CE, em 1970. Este estudo foi produzido em coautoria com a então presidente da Associação Brasileira de Enfermagem, Dra. Ieda Barreira e Castro⁽⁴⁾.

Ressalta-se também o estudo “Um Projeto de Mudança Curricular no Ensino de Enfermagem em nível de Graduação favorecendo os propósitos emergentes da prática profissional”, documento-base do Projeto Novas Metodologias do Ensino Superior de Enfermagem da EEAN/UFRJ, apresentado no “Simpósio sobre Inovações do Ensino Superior de Enfermagem”, durante o Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado na cidade de Belém- PA, em 1978⁽⁴⁾.

Outro estudo que merece destaque é “A Relação de Ajuda e Totalidade da Prática da Enfermagem”, apresentado no 32º Congresso Brasileiro de Enfermagem, Brasília – DF, em 1980⁴, tema pertinente à teoria sobre a arte de cuidar na área da enfermagem. Outros trabalhos desenvolvidos foram: “Tangenciando o pensamento de Pedro Demo e suas alegações por uma prática crítica - comentários filosóficos e implicações para a Enfermagem”, apresentado no I Simpósio Brasileiro de Teorias de Enfermagem, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis - SC, no ano de 1985⁽⁴⁾.

Também foi autora dos trabalhos “O Ensino de Graduação na Área da Enfermagem: considerações essenciais e críticas”, apresentado no Seminário de Ensino Superior de Enfermagem Norte-Nordeste, promovido pela Comissão de Especialistas de Enfermagem (SESU/MEC), na cidade de Recife – PE, em 1986; e “Da Assistência de Enfermagem Hoje”, apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Enfermagem, em Belém - PA, em 1988⁽⁴⁾.

A produção intelectual da docente ao longo de sua trajetória profissional é bastante extensa e igualmente densa, caracterizando-se por suas participações em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, nos quais muitos trabalhos de sua autoria e coautoria foram apresentados, sob diversas modalidades e naturezas,

na qualidade de conferencista, palestrante, painelista, relatora e outros. Essa produção pode ser classificada em seis temáticas fundamentais: (1) trabalhos científicos produzidos e divulgados; (2) publicação de livros e capítulos de livros; (3) artigos publicados em periódicos; (4) projetos integrados e individuais de pesquisa; (5) trabalhos apresentados (resumos publicados), sob forma de pôsteres; e (6) participação em núcleos de pesquisa em enfermagem.

Atividades na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn)

Vale dizer que a criação da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), inicialmente nomeada como *Annaes de Enfermagem*, representou um evento significativo para o progresso da Enfermagem Brasileira. Tal investimento significava, concretamente, que a Enfermagem Brasileira já contava com um contingente de experiências e reflexões, enunciadas por suas porta-vozes, consideradas personalidades competentes para se manifestar no espaço público reconhecido pelos meios científicos. Acresce-se que a Escola de Enfermagem Anna Nery, por ocasião da criação da Revista, já havia graduado aproximadamente cento e vinte enfermeiras segundo o modelo anglo-americano, o que representava um público-alvo privilegiado para leitura da referida revista⁽⁷⁾.

No ano de 2014, a REBEn, já completando 82 anos de relevantes serviços à Enfermagem Brasileira, comporta acervo de publicações de várias gerações de enfermeiras, ao qual se incluem os de autoria de enfermeiras em diferentes áreas de atuação. Vilma de Carvalho também teve participação direta a partir do ano 1970, pois atuou como editora da Revista no período de 1970 a 1972. Nesse momento, o periódico estava sob a gestão de Amália Corrêa de Carvalho, presidente da ABEn, Haydée Guanais Dourado, diretora e redatora-chefe, e Irmã Tereza Notaricola, na qualidade de gerente.

No plano geral de vida associativa, a professora Vilma participou e contribuiu em mais de vinte Congressos Brasileiros de Enfermagem, de 1958 aos dias atuais, sempre com participação relevante, inclusive nas coordenações de sessões e recomendações.

Cumprir acrescentar que ela também participou de alguns eventos internacionais de alta relevância no âmbito da enfermagem, a exemplo do 15º Congresso Internacional Quadrienal, promovido pelo International Council of Nurses CIE/ICN, na cidade do México, em 1973, no qual representou a doutora Glete de Alcântara, então presidente da ABEn-Nacional. Na ocasião, Glete de Alcântara não pôde comparecer por motivo de doença e sua indicação recebeu aprovação da Diretoria Central da ABEn. Esteve em três eventos, também promovidos pelo CIE/ICN, para aquilatar a organização administrativa das entidades associativas afiliadas ao crivo internacional: Quito-Ecuador, São José de Porto Rico e Cidade do México. Nesses três eventos, atuou como coordenadora da Comissão de Especialistas de Enfermagem - SESu/MEC e, com efeito, participou das discussões juntamente com a vice-presidente da ABEn Nacional, enfermeira Stella Maria Pereira Fernandes Barros.

Uma visão geral da enfermagem

A trajetória de vida pessoal e acadêmica de Vilma de Carvalho a credencia como detentora de discurso autorizado, legitimado pela experiência acumulada, produto de um investimento incansável que não lhe permitiu viver acomodada em uma “zona de conforto”. Capaz de testemunhar as dificuldades para se manter em uma posição qualificada, coerente com a vida na Universidade, tem destacadas suas inestimáveis contribuições à sociedade brasileira como parte do corpo docente da Escola de Enfermagem Anna Nery, mesmo decorridas nove décadas de sua criação, em 1923.

Na análise da professora, em uma sociedade democrática “não se deve aceitar preconceitos ou discriminações que impeçam acesso a patamares mais elevados e a viabilização de processos sociais compatíveis com os direitos de ser, de haver, e de estar”. Entende já ser tempo de “colher os louros”, de reconhecer que, como enfermeiros, merecemos o devido respeito, seja pela demonstração de “evidências”, seja pela experiência histórica e patrimônio intelectual e cultural acumulados. Com sabedoria, acrescentou:

Que nos permitam, pois, levar a bom termo as pesquisas no interesse da área da enfermagem. Se nossos resultados não atendem, ainda, a todos os requisitos da ‘ciência’, certamente servem às necessidades do ensino para formar profissionais qualificados e, de todo modo, servem à consistência da Enfermagem – seu Saber e sua História⁽³⁾.

Vilma de Carvalho norteia-se, ao longo de sua vida profissional, por algumas premissas que lhe servem de base para a atitude e a conduta de enfermeira e professora. Em seu discurso na sessão de posse de professora emérita da UFRJ⁽³⁾ mencionou algumas delas:

O quanto mais e melhor aprende-se a cuidar é cuidando. Na enfermagem, o cuidado ao cliente é central, é o pressuposto primeiro e último a justificar a presença da enfermeira, no âmbito da arte de enfermagem...

A prática de cuidar, na assistência à saúde, em qualquer instituição ou no domicílio, é demarcada pelos cuidados de enfermagem. A enfermeira não pode por lei nem por dever moral abrir mão de sua responsabilidade de cuidar e de ensinar a cuidar...

As necessidades dos clientes é que determinam os cuidados de enfermagem de que carecem...

A sabedoria é antes de tudo; mas sabedoria sem prudência e humildade pode significar a mera arrogância...

Em defesa da posição de enfermeira e de seu papel social, valem todos os riscos para manter elevados e fazer respeitados os ideais da profissão de enfermagem⁽³⁾.

Vilma de Carvalho enfatiza, em seu discurso de emergência, ter o dever de reiterar tais premissas, ou, como prefere, “princípios fundamentais” da pedagogia da EEAN, como apoio ao conhecimento que nos cabe transmitir aos jovens herdeiros da profissão, pois, nelas (regras) assentou a atitude de *ser enfermeira* e a condição de *estar* na UFRJ⁽³⁾.

Ao ser entrevistada para comentar a sua visão acerca da enfermagem na atualidade, destacou a crise de identidade como parte de um processo importante para o crescimento da profissão e acrescentou que muitas conquistas se deram no bojo de alguma crise, tal como ilustra o trecho de seu depoimento:

[...] para mim o que está em crise mesmo é a identidade profissional da enfermagem, no exercício da própria função de enfermeira. Continua em crise e eu não posso dizer que isto é mau, porque as mudanças no mundo, a totalidade abrangente das coisas, são sempre políticas, sociais, econômicas, literárias, científicas e tecnológicas. E se dão sempre em âmbito de mudanças em plano de crises. É no âmago das crises que as coisas mudam e às vezes se consagram. Então, não posso dizer que é de todo mau⁽⁸⁾.

Para Vilma de Carvalho, essa crise atual é parte de um contexto mundial e destaca a importância do Sistema Nightingale enquanto alicerce para a enfermagem:

A enfermagem, no exercício de uma profissão, está em crise, porque o mundo está em crise. De todo modo, no mundo inteiro, o que ainda vale de maior, mais elevado, para a enfermagem é o Sistema Nightingale. Não surgiu ainda outro sistema e os modelos educacionais vão se ajustando aqui e ali conforme suas necessidades. Eu sei que tem havido mudanças, pequenas mudanças, são ajustamentos na formação de enfermeiro para dar conta de uma crise ou de um desafio tal e qual, aqui ou ali. Eu digo, tudo que surgiu de inovação no plano geral das coisas, surgiu em meio a uma crise, crise da função de enfermeiro. Por exemplo, o processo de enfermagem surgiu em meio à crise da função [do enfermeiro] de diagnosticar problemas de enfermagem. A necessidade de pesquisar e produzir conhecimento também foi surgindo em meio às pressões que, às vezes, são do mundo ou do contexto, são contextuais⁽⁸⁾.

Em artigo publicado em 2013, na edição especial dos 80 anos da REBEn, registrou que “não se pode negar o quanto se deve à pesquisa e aos fatores influentes correlatos, na formação profissional de enfermeiras/os”⁽⁹⁾. Para tanto, acrescentou:

Basta ter em conta os qualitativos e quantitativos da produção e divulgação do Saber/Conhecimento Profissional e no modo como vem se modificando a atuação profissional, afetando também estratégias assistenciais e pedagógicas, mormente em que pesem os próprios esforços em prol da formação universitária⁽⁹⁾.

Na visão de Vilma de Carvalho, não há como negar a importância da pesquisa e dos fatores influentes correlatos na formação profissional de enfermeiras/os, conforme evidenciam os dados qualitativos e quantitativos da produção e divulgação do Saber/Conhecimento Profissional e o modo como vem se modificando a atuação profissional. Tal fenômeno afeta também estratégias assistenciais e pedagógicas, a par dos esforços em prol da formação universitária. Afinal,

exemplifica Vilma de Carvalho, na EEAN/UFRJ toda a questão, tal como colocada, vem culminando, no âmbito dos Núcleos e Linhas de Pesquisa, mais decisivamente a partir de 1993⁽⁹⁾.

Vilma de Carvalho registrou ainda que:

[...] as distorções de ótica são comuns em épocas de crises relacionadas a grandes mudanças, como a atual, apelando à globalização e à competitividade nas ações do viver, do conviver e do trabalhar⁽³⁾.

Cumpra aos enfermeiros, na opinião da professora e pesquisadora, assumir os ditames do “dever ético e obrigações legais”, socialmente comprometidos com a prática assistencial na saúde e enfermagem. Segundo ela, todos precisam esclarecer e assumir suas justas posições de cuidar e nas atitudes de ajudar aos clientes”, enquanto responsáveis por suas atividades e atuação face às situações propiciadoras ou adversas, em âmbito da prática assistencial. E, de toda forma, que se envolvam com as necessidades fundamentais dos seres humanos e tenham preocupação em atender⁽⁹⁾.



Fotografia 3. Ato Acadêmico com a participação de Vilma de Carvalho e Elvira De Felice Souza
Fonte: CEDOC da EEAN/UFRJ.

Diante do exposto, Vilma de Carvalho tem legitimada sua contribuição para o desenvolvimento da Enfermagem Brasileira e Sul-Americana. Seu compromisso e dedicação com a formação de enfermeiros, com a pesquisa e com a criação e consolidação de entidades representativas da profissão sempre foram reconhecidos por diversas autoridades das esferas de educação e da saúde no país, em especial da enfermagem.

Incansável na luta por uma enfermagem compreendida enquanto prática social, prossegue, continuamente, inquietando alunos dos cursos de mestrado e de doutorado da EEAN/UFRJ, por meio da discussão de temas de elevada densidade. O mesmo ocorre quando compartilha suas conferências e produções literárias com expectadores e leitores de distintos graus de formação acadêmica.

Convictos de que muito ainda contribuirá com a História da Enfermagem e de que esta breve análise de sua trajetória consagra todos os feitos de Vilma de Carvalho, concluímos este texto biográfico.

Referências

1. Loyola CMD. Vilma de Carvalho: uma história de vida. Esc Anna Nery [Internet]. 2004[cited 2015 Jul 30];8(1):123-8. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/1277/127717725017.pdf>
2. Carvalho V. Memorial de Professor Emérito. Rio de Janeiro (RJ): Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2001.
3. Carvalho V. Discurso de Emerência. Rio de Janeiro (RJ): Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2003.
4. Carvalho V. Memorial de Professor Titular. Rio de Janeiro (RJ): Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1994.
5. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Processo de Concessão de Título de Professor Emérito 01720/2002. Rio de Janeiro (RJ): UFRJ; 2002.
6. Ministério da Educação e Cultura (Brasil), Conselho Federal de Educação. MEC/CFE – Parecer nº 657/73. Rio de Janeiro (RJ): MEC; [Internet]. 1973 [cited 2014 Jun 10]. Available from: <http://www.pr2.ufrj.br/site/public/suporte/de/legislacao/1726-73.pdf>
7. Santos TCF, Oliveira ST. Rachel Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn. Rev Bras Enferm [Internet]. 2002 Jan-Feb[cited 2014 Jun 10]; 55(3): 264-8 Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v55n3/v55n3a04.pdf>
8. Vilma de Carvalho. Entrevista concedida ao CEDOC. Rio de Janeiro (RJ) : CEDOC EEAN/UFRJ; 2014.
9. Carvalho V. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. Rev Bras Enferm [Internet]. 2013[cited 2014 Jun 10]; 66(esp): 24-32. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea03.pdf>

Posfácio

Histórias de vida como um convite a ser uma
pessoa especial, sendo enfermeira!

Eliete Maria Silva

A Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) acatou mais uma relevante missão em parceria com a Associação Latino-Americana de Escola e Faculdades de Enfermagem (Asociación Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Enfermería - ALADEFE) e desenvolveu este livro de biografias de seis enfermeiras brasileiras, formadas nas décadas de 1940 e 1950, todas vivas, influentes ao longo de sua trajetória profissional até a atualidade, com relevantes trabalhos para a Enfermagem brasileira.

Esta tarefa foi executada por enfermeiras e enfermeiro, parceiros da ABEn, vinculados às escolas de enfermagem e aos grupos de pesquisa em História, prestando assim novas contribuições à História da Enfermagem Brasileira.

A relação entre história e biografias nos é familiar desde a infância. A humanidade conta sua história pelo culto e preservação das memórias de feitos, fatos e pessoas que imprimiram marcas no passado, em nossos passados e em nós. Mais que contar e relembrar o ofício de historiar, implica buscar entender por que as coisas foram como foram e por que são como são, ou seja, alargar o escopo da história para compreender as grandes e longas transformações sociais e econômicas. Entretanto, historiar também contempla outras possibilidades.

A história crítica, delineada a partir dos anos vinte do século passado na França, também estendeu o olhar para a “história dos vencidos”, ampliando o número daqueles a serem ouvidos. Novos objetos de estudo foram incorporados e, então, significativa importância tiveram as biografias, as análises de fotos e manifestações artísticas. Por considerarem a história uma ciência em construção, os adeptos desta perspectiva não impuseram uma teoria, mas propuseram novos métodos e convidaram seus pares à interdisciplinaridade⁽¹⁾.

Novos métodos de pesquisa foram desenvolvidos, como as histórias de vida gravadas, e os depoimentos puderam ser, além de gravados em áudio, registrados em vídeo, ampliando, inclusive, a preservação e a fidelidade de registros de culturas de povos sem letramento.

Thompson⁽²⁾ assinala que certas áreas do conhecimento permaneceram predominantemente orais, mesmo em sociedades avançadas, tais como a história das famílias e as habilidades profissionais. Ainda que as pessoas realizem cursos para assumir um novo ofício, o mais importante é aprender fazendo. Assim, “praticamos o trabalho e imitamos o que outras pessoas estão fazendo. Toda essa área do conhecimento não está nos livros, temos que aprendê-la observando, escutando, imitando”⁽²⁾.

Este autor acrescenta que a memória individual, do que nos aconteceu, qual a nossa relação com os pais, irmãos, filhos e amigos e o que nós vivemos, constitui parte central da consciência humana ativa, que pode ser auxiliada “por documentos escritos, mas grande parte depende só de nossa memória oral. Sem a memória pessoal, não podemos viver, não podemos ser seres humanos”⁽²⁾.

A preservação da memória não é um processo simples, seja em termos sociais e humanitários, seja no aspecto pessoal. Com o envelhecimento populacional e por meio de novas pesquisas clínicas, que envolvem a memória e a criação de hábitos, foi possível evidenciar que os mecanismos subconscientes que impactam as escolhas e parecem resultar de pensamentos racionais são influenciados por impulsos que a maioria de nós mal reconhece ou compreende. As pesquisas assinalam ser possível aprender e fazer escolhas inconscientes sem qualquer lembrança de tomada de decisão. Hábitos, memória e razão constituem as bases dos nossos comportamentos, mesmo que não reconheçamos como os construímos⁽³⁾.

Ao mesmo tempo, há processos coletivos essenciais para a preservação da memória e, neste sentido, os centros de memória e os grupos de pesquisa em História da Enfermagem e a ABEn têm assumido papel vital, como é possível identificar na produção da presente coletânea.

A história oral é reconhecida como patrimônio cultural e pode contribuir para estabelecer conexões inovadoras entre pessoas de mundos sociais e geográficos distantes, novas solidariedades e entendimentos, a partir da habilidade fundamental de “aprender a escutar”, de conectar os processos de pesquisa quantitativa, de trabalho com os dados e informações estatísticas, e de pesquisa qualitativa, em profundidade. Temos documentações abundantes sobre os processos produtivos das coisas, mas pouca comprovação e análise “sobre a produção de pessoas, e esse é o tipo de questão no qual a história oral pode ajudar bastante”⁽²⁾.

A história oral sobrepõe subjetividades e objetividades, pois, mesmo buscando informações fatuais, traz em seu bojo a reformatação da história passada, sinaliza para as relações entre família e trabalho, habitualmente documentadas separadamente, e abre espaço para leituras inovadoras da história pessoal, familiar e coletiva, com vistas a responder, por exemplo, de que forma a infância e a juventude se relacionam com o que a pessoa veio (ou venha) a ser e a fazer na vida adulta, incluindo o trabalho, a qualidade de vida e as condições de saúde e cuidado.

Neste livro, após reunião do Conselho Nacional da ABEn (CONABEn), a ABEn Nacional, acatando o chamado da ALADEFÉ e considerando a amplitude do nosso país, optou por contemplar expoentes da enfermagem brasileira de diversas localidades e distintos perfis profissionais, sem privilegiar as acadêmicas, mas claramente escolhendo aquelas que contribuíram para o fortalecimento da entidade, em seus diversos âmbitos, e pelo desenvolvimento da formação e prática qualificada em todo o país.

A memória coletiva possibilita a tomada de consciência do que somos enquanto produto e construtores da história. Enquanto construímos nossa identidade

profissional, tanto nas práticas cotidianas quanto nas pesquisas históricas, psicológicas e sociais, podemos desenvolver autoestima, empoderamento e instigar ao envolvimento com processos de mudança e transformação, militância associativa e científica.

Azambuja e cols.⁽⁴⁾, em estudo sobre a construção de espaços saudáveis na prática profissional da enfermagem, referem que tanto o trabalhador, pessoa e profissional, quanto a organização do trabalho e social são parte da produção da saúde. Assinalam que:

O trabalhador é um ser humano único que assume diferentes papéis sociais. No trabalho, ele é o que é em sua totalidade e não apenas trabalhador. Através do seu agir no trabalho e das relações que estabelece é capaz de, individualmente e por meio da ação coletiva, interferir na lógica da organização do trabalho produzindo as mudanças necessárias para o ser saudável.

O trabalhador, inserido no processo de trabalho e como um sujeito livre, capaz de expressar sua subjetividade, pode acomodar-se ao instituído, ao prescrito, à subjetividade moldada, como pode fazer a escolha por mudanças⁽²⁾.

A partir dos resultados de suas pesquisas, os autores mencionam que as condições de trabalho, os problemas nas relações interpessoais e modelos de gestão pouco participativos contribuem para o desgaste profissional. Por outro lado, maior identificação com os resultados do trabalho contribuem para a maior satisfação e produção da saúde. Assinalam ainda que no cenário da produção dos serviços de saúde:

não existem os derrotados e os vencedores. Existe uma luta constante pela qualidade de vida, pela produção da saúde do sujeito do cuidado e, igualmente, do sujeito trabalhador, combatendo o que provoca sofrimento, desgaste, alienação e insatisfação. É esta luta que pode motivar, estimular os sonhos, o prazer e a saúde no trabalho⁽⁴⁾.

Nesta perspectiva crítica sobre o trabalho da enfermagem, agregamos que, ao mesmo tempo em que se caracteriza por ser focado nas necessidades humanas e sociais de cuidado, mantém forte vinculação com o trabalho de mulheres. Assim, a condição feminina também foi elemento fundamental na trajetória das biografadas, nas relações de poder que estabeleceram, bem como nas posições políticas assumidas.

Partimos da posição adotada pelas professoras Ieda Barreira e Suely Baptista⁽⁵⁾, de que há:

possibilidade de melhor compreendermos os nexos entre história pessoal, experiência geracional e produção intelectual, em relação à situação atual de nossa profissão. Embora as relações entre biografia e história sejam ambíguas e sujeitas a contravérsias, no caso da história das profissões, parece pertinente o estudo de algumas figuras que atuaram direta e continuamente em certas questões ou que exerceram influência considerável no delineamento de diretrizes e tendências⁽⁵⁾.

Mesmo considerando a diversidade quanto às opções metodológicas na construção dos capítulos, todos se basearam na contribuição pessoal da biografada, tanto por meio do próprio relato, com características autobiográficas, quanto pela realização de

entrevistas com cessão e/ou garimpagem de fotos e documentos comprobatórios e mesmo a autobiografia.

Em todos os capítulos, detalhes de suas histórias de vida foram assinalados e, considerando que diferentes grupos construíram o material, mesmo com a adoção de um roteiro norteador comum, o resultado de cada um retrata produções completamente ímpares, denotando tanto especificidades de cada personalidade quanto do grupo autoral.

Uma característica sobre a origem das biografadas que destacamos é a própria brasilidade. Apenas a primeira delas menciona a descendência alemã, todas as demais ressaltam as origens nordestinas, de diferentes situações sociais, e com uma mobilidade por nosso território cujo domínio espacial-geográfico-humano e territorial denota um notável impulso para se movimentar, não característico da época. Duas delas (Anayde e Vilma) realizaram estudos pós-graduados nos Estados Unidos da América. Ieda e Nalva tiveram vivências na América Latina e Central. Todas transitaram pelo país, de Norte ao Sul, com destaque para o eixo Rio-São Paulo, no período de formação profissional.

Como característica das famílias das gerações brasileiras dos anos 1916 a 1938, as biografadas mencionaram a existência de vários irmãos: terceira de sete (Anayde, nascida em 1916), segunda de quatro (Lygia, nascida em 1938), primogênita de onze (Nalva, nascida em 1931), segunda de oito (Neide, de parto com parteira domiciliar em 1934, sendo que, com a morte da irmã, assumiu as tarefas de ser primogênita) e primogênita de doze (Vilma, nascida em 1931). O cuidado dos irmãos e sobrinhos fez parte da aprendizagem ou reconhecimento da vocação pela enfermagem.

Também a vivência com parentes cuidadoras (Neide teve a avó-madrasta que era parteira, Ieda, a mãe enfermeira, Lygia, a mãe cuidadora na comunidade), bem como a própria formação e prática como visitadora sanitária da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (Neide) foi relevante. Assim como a vivência política no Partido Comunista Brasileiro e a formação evangélica presbiteriana foram destacadas por Lygia e esta segunda também por Nalva. Dos relatos, emergiu ainda o convívio com pessoas organizadas e disciplinadas, tais como militares (pai militar de Vilma, pai comerciante e marido militar da Marinha, de Nalva), que foram conformando as histórias de vida das enfermeiras biografadas.

Destacam-se momentos inequívocos de envolvimento e participação em situações peculiares de vida profissional, pelos desafios enfrentados, pelo impacto de suas realizações ou ainda pelos desdobramentos benfazejos de seus feitos.

Considerando que não há muita distinção entre experiências pessoais, coletivas e sociais e que é relevante a comunicação efetiva das mesmas, desejamos contribuir para “alargar a vista”⁽⁶⁾, como parte da aprendizagem sobre estas ricas histórias aqui apresentadas. E, após estudar todo este material histórico, fica o questionamento: quais características são marcantes neste conjunto de enfermeiras que as tornam referências para a enfermagem brasileira e latino-americana?

Uma das possibilidades para enfrentar o desafio de responder a esta questão encontramos nos estudos sobre formação interprofissional^(7,8). É consenso que o principal desafio na atualidade dos serviços de saúde reside em contar com profissionais detentores de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que sejam resolutivos diante das necessidades de saúde dos pacientes, famílias e comunidades. Os comportamentos e atitudes dos profissionais que desenvolvem práticas colaborativas têm relação com associação, cooperação e coordenação e assinalam

as competências de: 1) comunicação interprofissional, 2) cuidado centrado no paciente/usuário/família/comunidade, 3) “*role socialization*” - clareza quanto às suas próprias competências específicas e aquelas comuns ao trabalho em equipe, 4) relações de poder compartilhado que caracteriza liderança colaborativa e 5) capacidade de resolução de conflitos interprofissionais⁽⁸⁾.

Pois então, vejamos cada um desses tópicos no conjunto dos capítulos sobre as enfermeiras que compuseram esta coletânea.

Identificamos a questão da **comunicação** como aspecto presente em todas as histórias, seja na organização da documentação da própria categoria profissional, seja na colaboração para a visibilidade sobre a profissão em distintos cenários, desde o espaço do Ministério da Saúde, da Educação, diversos fóruns acadêmicos interprofissionais e também nos cenários da prática, com médicos, parteiras, leigos, cientistas sociais, pedagogos, psicólogas, bibliotecárias, entre outros. A comunicação também envolveu a divulgação no campo científico do potencial da enfermagem para respaldar a criação dos cursos de pós-graduação.

Quanto ao **cuidado com foco nas necessidades identificadas dos pacientes, suas famílias, ou mesmo coletividades**, como no exemplo feliz e significativo dos bebês na maternidade cuja mortalidade infantil neonatal caiu drasticamente graças a todo o envolvimento e qualificação das práticas de gestão, pesquisa e cuidados de enfermagem que Neide Ferraz implementou, principalmente pela formação do pessoal de enfermagem. Além disso, fez gestões fundamentadas em informações coletadas e estudos com análises epidemiológicas, o que gerou credibilidade e respaldo para promover mudanças favoráveis à redução das mortes evitáveis.

Outro aspecto analisado, correlato ao cuidado dirigido às pessoas sob cuidados, é o **ensino com foco no estudante**. Nesse sentido, várias biografadas destacaram ter vivenciado este enfoque durante a formação na Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante os anos 1948-50 (Vilma), 1952-56 (Ieda) e 1957-60 (Lygia); na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1949, (Anayde), na Escola de Enfermagem Rackel Haddock Lobo, em 1952, (Nalva) e também na Escola de Enfermagem do Recife, em 1958, (Neide). Considerando que todas atuaram como professoras, não perderam de vista o paciente/família/comunidade, o cuidado humano, expresso também no envolvimento com as atividades de extensão acadêmica, e também se preocuparam em manter o foco no estudante.

Em relação à “*role socialization*”, esta inclui, além da clareza dos papéis profissionais, as competências específicas e compartilhadas para o desenvolvimento do trabalho em equipe. Inclui também uma busca, pela maioria delas, em expandir esses papéis por parte da enfermagem e das enfermeiras. Assim, foi possível identificar, em todos os depoimentos, um “status” profissional em expansão. Nos relatos acerca do pai que incentiva a filha a ser enfermeira desde a juventude, da mãe que apoiou e organizou para que pudesse viajar tranquila para o processo de seleção, das irmãs e amigas que solidariamente sustentam as tarefas e lutas, parcerias e enfrentamentos a serem realizados no cotidiano que foi sendo tecido por cada uma e, de maneira comum a todas elas, nas pesquisas, no ensino colaborativo, nos serviços de saúde, nos espaços acadêmicos e científicos.

Quanto à **liderança colaborativa** caracterizada por relações de poder compartilhado, não é muito difícil imaginar que algumas delas tiveram vivências nesta direção. É possível destacar o grupo formado na EEAN, cuja história traz

consigo um forte associativismo e compromisso com o desenvolvimento da categoria profissional como um todo, bem como a Profa. Neide Ferraz que, com sua trajetória pessoal e de ascensão social, manteve respeito pela história de cada pessoa, suas origens, seu ambiente. Quando coordenou projeto de integração docente-assistencial entre várias universidades, no espírito da integração universidade - serviços de saúde - comunidade, envolvia-se com prazer em compartilhar as tomadas de decisões e incluir a todos neste processo.

E, por último, mas não menos relevante, quanto à **capacidade de resolução de conflitos interprofissionais**, destacamos que eles não foram assinalados nos capítulos de Anayde e Nalva, enquanto as demais os vivenciaram de modo intenso e, ao mesmo tempo, denotando tranquilidade e respeito à diversidade de pontos de vista, como é exemplar nas histórias de vida de Ieda, Lygia, Neide e Vilma. Neide viveu diferenças sociais, pelo fato de vir do interior e, por deter conhecimentos da prática profissional desde a graduação, foi pressionada pelas colegas da Faculdade a ministrar aulas teóricas no momento em que estava envolvida com a organização da maternidade. Fez concessões, negociações... Vilma destaca que a crise de identidade profissional não é ruim, por fazer parte de processos que desencadeiam mudanças, por que demandam novas perspectivas, novas posturas e novas pesquisas.

Assim, cabe a quem chegou até aqui, perseverar no desafio de, sendo enfermeira ou enfermeiro, sentir-se ainda mais honrado por ter sido antecedido por pessoas tão especiais e instigadoras. Assim, cabe também a nós que nos superemos e sejamos o melhor que possamos como pessoas, cientistas, artistas e profissionais, sendo parte desta profissão com tantos desafios, tão singular e especial que é a Enfermagem!

Referências

1. Barreira, IA. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 1999 Jul[cited 2015 jan 05]; 7(3): 87-93. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n3/13480>
2. Thompson, P. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: Worcman K, Pereira JV. Editors. *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2006. p.16-43.
3. Duhigg, C. O poder do hábito: por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios. Rafael Mantovani tradutor. Rio de Janeiro: Objetiva; 2012.
4. Azambuja EP, Pires DEP, Vaz MRC; Marziale MH. É possível produzir saúde no trabalho da enfermagem? *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2010 Oct-Dec[cited 2015 jan 05]; 19(4). Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n4/08.pdf>
5. Barreira IA, Baptista SS. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2002[cited 2015 jan 05];55(3):275-92. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v55n3/v55n3a07.pdf>
6. Pires, H. A vista que se abre. In: Worcman, Karen; Pereira, Jesus V. (editors.) *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 56-62.
7. Peduzzi M; Norman IJ, Germani ACCG, Silva JAM, Souza GC. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2013 [cited 2015 jan 05], 47(4):977-983. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n4/0080-6234-reeusp-47-4-0977.pdf>.
8. Orchard CA, King GA, Khalili H, Bezzina MB. Assessment of Interprofessional Team Collaboration Scale (AITCS): Development and testing of the instrument. *Journal of Continuing Education in the Health Professions* [Internet]. 2012[cited 2015 jan 05];32(1): 58-67. Available from: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/chp.21123/epdf>

Este não é um livro sobre a Enfermagem Brasileira da década de 1960, 1970 ou 1980. A Associação Brasileira de Enfermagem, em parceria com a Red Iberoamericana de História de Enfermería coloca à disposição do público uma primorosa obra que com certeza emocionará a todos, pela grandiosidade das pessoas retratadas. Enfermeiras que mostram visão à frente do seu tempo e narram a saga de realizações que contribuíram para a Enfermagem de hoje e do futuro.



Associação Brasileira de Enfermagem

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-87582-57-7



9 788587 582577